

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

RENAN VIDAL MINA

O *CIRCOLO ITALIANI UNITI*: uma leitura sociológica sobre identidade, mutualismo e elite étnica em Campinas-SP, 1881-1920

SÃO CARLOS-SP

2022

RENAN VIDAL MINA

O *CIRCOLO ITALIANI UNITI*: uma leitura sociológica sobre identidade, mutualismo e elite étnica em Campinas-SP, 1881-1920

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos como requisito para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Mário Serra Truzzi

Financiamento: CAPES

SÃO CARLOS-SP

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Renan Vidal Mina, realizada em 09/12/2022.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Oswaldo Mario Serra Truzzi (UFSCar)

Profa. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva (UFSCar)

Profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos (PUC-SP)

Profa. Dra. Maria Alice Rosa Ribeiro (UNICAMP)

Profa. Dra. Maria Aparecida Chaves Jardim (UNESP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

À Rosana, minha mãe (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Esta tese nasce depois de alguns anos marcados por acontecimentos inesquecíveis e capazes de despertar sensações diametralmente opostas. Às angústias derivadas de uma avassaladora pandemia ou à imensurável tristeza pela repentina perda de minha mãe, sobrepuseram-se momentos de felicidade extrema, como a oportunidade de realizar um Doutorado Sanduíche junto à *Columbia University* e, acima de tudo, a celebração do meu próprio casamento.

Ao meu lado, em qualquer uma dessas circunstâncias, lá estava Mariana, minha amada esposa. Por isso, inicio a série de agradecimentos retribuindo justamente aquela que, com amor, incentivo, compreensão e afeto, fez de uma extensa e sinuosa jornada um caminho mais leve e possível de ser percorrido. Sua importância está contida da primeira à última linha deste trabalho. Ou melhor, felizmente, faz-se presente em minha vida desde 25 de abril de 2010.

Agradeço, sem sombra de dúvidas, ao professor Oswaldo Truzzi, que, através do seu notável conhecimento, da vasta experiência acumulada e de sua impressionante presteza, tão bem orientou a produção desta tese. A rigor, esse sentimento de gratidão remonta a agosto de 2017, período em que, mesmo sem estar ainda vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), encontrei abertas as portas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) para participar de um seminário internacional sobre migrações organizado pelo próprio docente.

Estendo igualmente os agradecimentos ao professor José Moya, responsável por me receber durante seis meses no *Institute of Latin American Studies* (ILAS), da *Columbia University*. A estadia em Nova Iorque foi bastante profícua em termos de contato com uma nova literatura sobre migrações, uma vez que pude me familiarizar com as perspectivas dos autores norte-americanos acerca dos deslocamentos de italianos em direção à América entre fins do século XIX e início do XX.

Não tenho dúvidas de que embarquei para os Estados Unidos com um repertório teórico-metodológico previamente aprimorado graças às disciplinas, discussões, trocas e cursos proporcionados pelos docentes do PPGS. Aos integrantes do Departamento de Sociologia o meu sincero agradecimento.

Do mesmo modo, saúdo os colegas dos grupos de pesquisa “História Social das Migrações” e “InterMob – Grupo Interdisciplinar de Estudos das Migrações e Mobilidades”,

cujos encontros representaram espaços primorosos de interlocução que contribuíram para o amadurecimento de *insights* e análises incluídos nesta tese.

Evidentemente, não podia faltar aqui, em hipótese nenhuma, um gesto de deferência à minha avó, Anna, e à minha tia, Hercília, netas de imigrantes italianos. Pessoas que sempre depositaram confiança e me apoiaram ao longo desta trajetória de dedicação à ciência. Espero que minha avó, em particular, que outrora me confidenciara ter sonhado em ser uma pesquisadora, sintá-se, mesmo que indiretamente, realizada. Devo a ambas o máximo respeito.

Tenho ainda o dever (e o prazer) de agradecer à minha sogra, Joana D’Arc, e ao meu sogro, Sebastião, por me acolherem calorosamente como um filho e vibrarem com cada conquista alcançada.

Agradeço também ao meu irmão, Guilherme, e à minha irmã, Isabella, pela torcida e carinho demonstrados.

Externo o meu agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa no Brasil ao longo de 37 meses, além do apoio concedido para a realização do já mencionado Doutorado Sanduíche.

Por fim, mas não menos importante, agradeço às instituições e arquivos listados abaixo pela autorização do uso de fontes documentais e imagens, e pelo atendimento atencioso de seus integrantes.

Hospital Vera Cruz Casa de Saúde Campinas
Centro de Memória da Unicamp
Centro de Ciências, Letras e Artes
Arquivo da Câmara Municipal de Campinas
Arquivo Público do Estado de São Paulo

Quanto ao meu enterro, quero que seja o mais simples possível, sendo apenas acompanhado de algumas flores, e bem assim desejaria receber uma coroa do Circolo Italiani Uniti, associação esta a que pertenço há muitos anos e a que consagro certo amor.

(Macchi, 1919, p. 2)

Resumo

Esta pesquisa traz à luz a experiência associativa de uma primeira geração de imigrantes italianos radicada em Campinas. Diferentemente da massa de humildes patrícios que ali desembarcaram a partir de 1888 mediante subsídios do estado para substituir a mão-de-obra escrava nas lavouras de café, os *oriundi* aqui examinados estabeleceram-se prévia e majoritariamente no meio urbano. Assim, a presente tese analisa as relações, os projetos, as estratégias e representações de um específico grupo de italianos (comerciantes, artesãos, profissionais liberais e industriais) que se institucionalizou via *Circolo Italiani Uniti*, a primeira associação italiana de mútuo socorro fundada em Campinas (1881). Através de um diálogo entre memória e história, delineado a partir da combinação de uma variedade de fontes (documentos da entidade, jornais, almanaques, processos judiciais, inquéritos, etc.), argumenta-se que, ao contrário do que a literatura nacional sobre associativismo étnico italiano aponta em relação à generalidade dos municípios do interior paulista, cujos sodalícios mais tradicionais, circunscritos amiúde a uma elite imigrante, refletiam o resultado de um processo acumulativo de experiências associativas progressas, as quais, provavelmente, apresentavam *a priori* um caráter mutualista menos restrito, o *Circolo*, por sua vez, já nascera com uma feição elitizada, consistindo em uma instância onde seus integrantes mobilizavam interpretações de uma italianidade recém-percebida em conformidade com o *habitus* de classe que compartilhavam. Tratava-se, em suma, de uma configuração social que, ao invés de priorizar a assistência à colônia em geral, proporcionava a uma emergente elite étnica italiana reaproximar-se – ainda que de maneira mitificada – dos valores e costumes da terra natal, bem como tecer laços com a camada dominante local ou autoridades consulares com vistas a extrair ganhos materiais e simbólicos para si.

Palavras-chave: *Circolo Italiani Uniti*; Imigrantes italianos; Associação; Elite étnica; Campinas

Abstract

This research brings to light the associative experience of Italian immigrants' first generation settled in Campinas. Differently from the mass of humble patricians who disembarked there from 1888 upon state subsidies to replace slave labor on the coffee plantations, the *oriundi* examined here settled themselves precociously and mainly in the urban environment. Thus, the present thesis analyzes the relations, projects, strategies, and representations of a specific group of Italians (merchants, artisans, liberal professionals, and industrialists) which institutionalized itself via *Circolo Italiani Uniti*, the first Italian mutual aid association founded in Campinas (1881). Through a dialogue between memory and history, delineated from the combination of a variety of sources (entity's documents, newspapers, almanacs, judicial proceedings, inquiries, etc.), it is argued that, unlike what the national literature on Italian ethnic associationism points out in relation to the generality of the municipalities in the interior of São Paulo state, whose more traditional sodalities, often limited to an immigrant elite, reflected the result of an accumulative process of previous associative experiences, the *Circolo*, in turn, was born with an elitist feature, consisting itself in an instance where its members mobilized interpretations of a newly perceived Italianness in accordance with the class *habitus* they shared. It was, in short, a social configuration that, instead of prioritizing assistance to the colony in general, allowed to an emerging Italian ethnic elite to reconnect – though in a mythologized way – with the values and customs of the homeland, as well as to forge ties with the local dominant class or consular authorities to extract material and symbolic profits for itself.

Keywords: *Circolo Italiani Uniti*; Italian immigrants; Association; Ethnic elite; Campinas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Registro do Conde Pietro Antonelli durante sua visita à sede do <i>Circolo Italiani Uniti</i>	39
Figura 2- Apresentação do <i>Circolo Italiani Uniti</i> como configuração social	53
Figura 3 - Anúncio comercial de Leon Rodde sobre o telefone e outros aparelhos elétricos ..	63
Figura 4 - Bonde a tração animal em Campinas, 1910-1911	66
Figura 5 - Teatro São Carlos, 1850.....	68
Figura 6 - Fachada do teatro São Carlos após a reforma de 1867	69
Figura 7 - Anúncio de evento no teatro São Carlos utilizando o cinematógrafo.....	72
Figura 8 - Repercussões acerca da utilização do cinematógrafo no teatro São Carlos	73
Figura 9 - Detalhes sobre a inauguração do hipódromo campineiro.....	77
Figura 10 - Hipódromo de Campinas, 1878	78
Figura 11 - Retorno do recém-graduado Ramos de Azevedo à cidade de Campinas	81
Figura 12 - Anúncios de estabelecimentos geridos por imigrantes portugueses (à esq.) e alemães (à dir.) em Campinas.....	92
Figura 13 - Anúncios de estabelecimentos geridos por imigrantes italianos em Campinas.....	97
Figura 14 - Inauguração da ferrovia em Campinas, 1872	99
Figura 15 - Convite aos imigrantes italianos estabelecidos em Campinas em razão da morte do rei Vittorio Emanuele II.....	109
Figura 16 - Mobilização de imigrantes italianos em Campinas em razão da morte do rei Vittorio Emanuele II.....	110
Figura 17 - Anúncio referente à Sociedade Italiana de Canto	112
Figura 18 - Anúncio das aulas particulares do professor Atílio Bucci na cidade de São Paulo	117
Figura 19 - Participação do médico Ernesto Lancia nas homenagens em memória ao rei da Itália, Vittorio Emanuele II, realizadas em Campinas, 1878.....	119
Figura 20 - Anúncio das aulas particulares de italiano do professor Fernando Carina na cidade de Campinas, 1874	120
Figura 21 - Presença de Giulio Macchi na lista de imigrantes italianos que colaboraram com as homenagens em memória ao rei Vittorio Emanuele II, 1878	122
Figura 22 - Requerimento de Macchi & Mazzuchelli para construir um edifício em favor do barão Geraldo de Resende	123
Figura 23 - Anúncio da fundição de Bartolomeu Maragaliano	126

Figura 24 - Diploma de um antigo sócio do <i>Circolo Italiani Uniti</i> , 1934.....	139
Figura 25 - Anúncio profissional do doutor Ataliba Florence.....	142
Figura 26 - Anúncio profissional do doutor Thomaz Alves Filho	143
Figura 27 - Anúncios profissionais de Clemente de Toffoli em São Roque-SP (à esq.) e Campinas-SP (à dir.)	145
Figura 28 - Doutor Mário Gatti	145
Figura 29 - Anúncio da primeira solenidade oficial em comemoração à fundação do <i>Circolo Italiani Uniti</i>	148
Figura 30 - Agradecimentos do presidente do <i>Circolo Italiani Uniti</i> aos convidados presentes na primeira solenidade oficial em comemoração à fundação da sociedade	150
Figura 31 - Membros do <i>Circolo Italiani Uniti</i> perfilados à frente do estandarte da associação, 1915	154
Figura 32 - Anúncios da concorrência pública aberta pelo <i>Circolo Italiani Uniti</i> para a construção de sua sede.....	156
Figura 33 - Fachada inicial da sede do <i>Circolo Italiani Uniti</i>	157
Figura 34 - Anúncio da colocação da primeira pedra do edifício lateral construído por Ercole Bonetti	158
Figura 35 - Festa de 20 de setembro: tradicional celebração do <i>Circolo Italiani Uniti</i>	159
Figura 36 - Reunião que deu origem à <i>Società Artística Italiana Confederata</i>	160
Figura 37 - Carta do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Itália ao <i>Circolo Italiani Uniti</i>	165
Figura 38 - Criação do <i>Comitato Pro Patria</i> em Campinas	167
Figura 39 - Escola da Sociedade Italiana Confederata em funcionamento, 1885	168
Figura 40 - Notícia sobre o subsídio remetido pelo governo italiano à escola do <i>Circolo Italiani Uniti</i>	172
Figura 41 - Atividades aplicadas em sala de aula para estimular o senso de italianidade entre alunas (à esq.) e alunos (à dir.) do <i>Circolo Italiani Uniti</i> , 1911	174
Figura 42 - Abertura de concursos destinados à contratação de professores para a escola do <i>Circolo Italiani Uniti</i>	176
Figura 43 - Professora Elvira Pannoni.....	180
Figura 44 - Anúncio em italiano sobre a abertura da enfermaria do <i>Circolo</i> durante a epidemia de febre amarela, 1889.....	187
Figura 45 - Inauguração da enfermaria do <i>Circolo Italiani Uniti</i> destinada aos amareletos, 1889	188

Figura 46 - Detalhes da assistência providenciada pelo <i>Circolo Italiani Uniti</i> aos seus associados durante a epidemia de febre amarela de 1892	190
Figura 47 - Inauguração do hospital do <i>Circolo Italiani Uniti</i>	201
Figura 48 - Emílio Giorgetti (ao centro), professoras e alunas do Colégio Florence.....	205
Figura 49 - Diretoria da Companhia Melhoramentos de São Carlos do Pinhal	208
Figura 50 - Remuneração de Samuel Malfatti pelas galerias de drenagem implantadas na bacia do Arouche	208
Figura 51 - Escola dirigida por Horácio Scrosoppi em Campinas	217
Figura 52 - Escola dirigida por Horácio Scrosoppi em São Paulo	217
Figura 53 - Rocco de Marco	218
Figura 54 - Sobrado de Rocco de Marco: residência e negócios na Rua 13 de Maio	220
Figura 55 - Recibos da Sociedade Comercial Bolongaro, R. de Marco & Cardoso	225
Figura 56 - Serviços de câmbio de Giuseppe Breviglieri	227
Figura 57 - Recibos da casa bancária de Giuseppe Breviglieri: remessa de valores (à esq.) e venda de passagens (à dir.) à Itália	228
Figura 58 - Estabelecimento comercial de Pascoal Alberti.....	229
Figura 59 - Recibo da alfaiataria de Giuseppe Grosso	232
Figura 60 - Alfaiataria de Vítor Zaccara, Campinas	235
Figura 61 - Alfaiatarias de Vítor Zaccara em São Paulo e Campinas	235
Figura 62 - Irineu Checchia	237
Figura 63 - Recibo da alfaiataria de Irineu Checchia	238
Figura 64 - Ângelo Franceschini	239
Figura 65 - Recibo da fábrica de bebidas de Ângelo Franceschini, 1890	240
Figura 66 - Telegrama remetido a Ângelo Franceschini tratando sobre a importação de cevada da Alemanha.....	242
Figura 67 - Domenico Barsotti	244
Figura 68 - Bellino Ongaro.....	245
Figura 69 - Recibo da primeira funilaria de Antônio Finelli, 1903.....	249
Figura 70 - Ateliê de costura de Angelina Finelli, 1915	249

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Temas discutidos nas assembleias gerais e reuniões de diretoria do <i>Circolo Italiani Uniti</i> , 1881-1890.....	33
Tabela 2 - Temas discutidos nas assembleias gerais e reuniões de diretoria do <i>Circolo Italiani Uniti</i> , 1891-1900.....	37
Tabela 3 - Temas discutidos nas assembleias gerais e reuniões de diretoria do <i>Circolo Italiani Uniti</i> , 1901-1910.....	41
Tabela 4 - Temas discutidos nas assembleias gerais e reuniões de diretoria do <i>Circolo Italiani Uniti</i> , 1911-1920.....	45
Tabela 5 - População masculina livre segundo a profissão, Campinas (1872)	90
Tabela 6 - População feminina livre segundo a profissão, Campinas (1872)	91
Tabela 7 - Nomes, ocupações profissionais e origens regionais dos fundadores do <i>Circolo Italiani Uniti</i> , 1881	114
Tabela 8 - Estimativa do quadro associativo do <i>Circolo Italiani Uniti</i>	133
Tabela 9 - Frequência de médicos italianos por regiões cafeeiras no estado de São Paulo, 1899-1919.....	143
Tabela 10 - Professoras da escola do <i>Circolo Italiani Uniti</i> , 1886-1920	177
Tabela 11 - Casos notificados de gripe, óbitos por gripe e total de óbitos, Campinas-SP (1918-1919).....	198
Tabela 12 - Óbitos por gripe espanhola conforme a nacionalidade, Campinas-SP (1918-1919)	199
Tabela 13 - Nomes, ocupações profissionais e origens regionais dos presidentes do <i>Circolo Italiani Uniti</i>	202
Tabela 14 - Laços matrimoniais dos presidentes do <i>Circolo Italiani Uniti</i> (1881-1920).....	251

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Movimento imigratório europeu segundo nacionalidade e tipo de imigração em Campinas, 1882-1886.....	108
Quadro 2 - Movimento imigratório europeu segundo nacionalidade e tipo de imigração em Campinas, 1887-1900.....	135

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. A BELLE ÉPOQUE CAMPINEIRA	20
1.1 História e memórias de uma configuração	20
1.2 Uma princesa e seus estrangeirismos.....	60
1.3 Nem lusa, nem germânica: uma cidade que se italianiza.....	83
2. UMA ITALIANIDADE EM CONSTRUÇÃO: ORIGENS, REDES E AÇÕES DO CIRCOLO ITALIANI UNITI	107
2.1 Os fundadores	107
2.2 Um mutualismo restrito	129
2.3 Nasce a sede social	147
2.3.1 Uma escola para <i>bambinos</i>	168
2.3.2 De enfermaria a hospital	181
3. TRAJETÓRIAS E COTIDIANO: OS PRESIDENTES DO CIRCOLO ITALIANI UNITI.....	202
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	252
FONTES	255
BIBLIOGRAFIA	262

INTRODUÇÃO

A epígrafe aqui inserida constitui um prenúncio das discussões com as quais o(a) leitor(a) irá se deparar nas páginas seguintes. Trata-se de um pequeno trecho retirado do testamento de Giulio Macchi, um conhecido construtor milanês que se estabelecera em Campinas em meados da década de 1870, e que integra um extenso rol de papéis amarelecidos pelo tempo que serviram como faróis para iluminar a reconstrução das interações, interesses, estratégias, sentimentos e circunstâncias enfrentadas pela primeira geração de imigrantes italianos que se radicara em Campinas. Por meio de memórias como essa, muitas delas, aliás, escritas com uma caneta tinteiro integralmente na língua italiana, foi possível redigir este trabalho como se estivesse escutando os mortos com os olhos.¹ À medida que suas interpretações e representações do passado vinham à tona através de vestígios e fragmentos, misturando-se aos fatos objetivos que confrontavam no cotidiano, o instrumental teórico-metodológico de Pierre Bourdieu provara-se precioso para ajudar a decifrar as dinâmicas das situações vividas, os significados das ações, de suas subjetividades, do que se encontrava implícito, desnudando o capital social que foram acumulando, isto é, a rede de relacionamentos por eles tecida, e suas lutas pelo capital simbólico, o capital de respeito ou reconhecimento social.

Como se sabe, é sobejamente tratado pela literatura nacional o massivo desembarque de italianos no estado de São Paulo a partir de 1888 mediante a política de migração subvencionada que visava a atender às demandas das elites rurais, àquela altura em busca de uma solução para o problema da substituição da mão de obra cativa para a lavoura do café, cuja área cultivada estava em constante expansão. Por isso, sem a pretensão de repetir ou reforçar o que já está dito, o presente trabalho, ainda que igualmente contemple os peninsulares, focaliza a experiência associativa de uma fração de imigrantes que optaram por se radicar precoce e majoritariamente no meio urbano. A espinha dorsal deste estudo consiste no *Circolo Italiani Uniti*, a primeira associação mutualista italiana fundada em Campinas e embrião do atual *Hospital Vera Cruz Casa de Saúde Campinas*.² Mutualista, pois suas contribuições provinham essencialmente dos sócios e era para eles que o amparo ofertado (atendimento médico e farmacêutico, auxílio funerário, escola para os filhos, etc.) devia funcionar. O recorte temporal aqui delimitado abrange desde o seu ato de criação (17 de abril de 1881) até o final de 1920, ano em que se concretizou o principal objetivo dos seus

¹ CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 69, 2010, p. 29.

² Entre meados de 2018 e 2019, a gestão do Hospital Casa de Saúde Campinas (antigo *Circolo Italiani Uniti*) foi transferida para o Hospital Vera Cruz.

entusiastas, isto é, a inauguração de um hospital próprio. Foi através dela, conforme o aludido Giulio Macchi, um dos seus sócios fundadores, fizera questão de documentar, que uma parcela da primeira leva de italianos ali estabelecidos acalentava práticas e valores que os reconectava parcialmente à terra natal, ao mesmo tempo em que travava disputas para aproximar-se das elites locais e do próprio governo da mãe-pátria, visando a lograr recursos e apoios para projetos do sodalício, bem como credibilidade.

Com notável argúcia, Moya³ pontua que a “migração é um fenômeno universal e, em certa medida, transhistórico”, uma vez que representa “um dos quatro mecanismos de evolução biológica (juntamente com mutações, deriva genética e seleção natural)”, configurando-se, pois, como parte do surgimento de nossa espécie e da maioria das demais. No caso dos italianos, em específico, o ato de migrar era constante desde o período medieval. Em decorrência da unificação tardia do país, Gabaccia⁴ explica que, embora não existisse à época um povo identificado oficialmente como italiano, a própria geografia da península que hoje constitui a Itália favorecia que marinheiros, artesãos e comerciantes de origem genovesa, veneziana, calabresa, entre outras recorressem à migração, incluindo a de longa distância. Primeiro, porque as terras italianas, situadas na bacia do Mediterrâneo, deixam a maioria das cidades e agrupamentos humanos a pouca distância do mar. Segundo, pelo fato de uma grande porção do território ser coberta por montanhas que dificultavam a obtenção *in loco* de recursos necessários para o sustento. É bem verdade, porém, que esses deslocamentos foram assumir proporções mais significativas a partir das décadas de 1860 e 1870. Na medida em que arruinava milhares de trabalhadores autônomos, colocando-os em condições desfavoráveis no mercado frente à oferta de alimentos e produtos manufaturados melhores e mais baratos, o emergente processo de industrialização na Itália, incentivado pelas elites locais que acabavam de conseguir criar um Estado independente (movimento este conhecido como *Risorgimento*),⁵ oferecia como “contrapartida” a possibilidade de se converterem em operários ou de embarcarem em um moderno navio a vapor que os permitiria tentar a vida em outro lugar em uma travessia mais rápida que a de um barco à vela.⁶

³ MOYA, José. Migração e formação histórica da América Latina em perspectiva global. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 20, n. 49, 2005, p. 25.

⁴ GABACCIA, Donna R. *Italy's many diásporas*. Seattle: University of Washington Press, 2000, p. 14-18.

⁵ De acordo com Bertonha (2016), o Estado italiano fora, do ponto de vista formal, constituído em 1860 (tendo sido publicado oficialmente em 1861). No entanto, alguns trechos do território que hoje é italiano seriam incorporados mais adiante, como o Vêneto (anexado em 1866, a partir dos problemas austríacos com a Prússia), Roma (1870), o Trento e a Venezia-Giulia (ocupados apenas em 1918).

⁶ BAILY, Samuel L. *Immigrants in the lands of promise: Italians in Buenos Aires and New York City, 1870 to 1914*. Ithaca: Cornell University Press, 1999, p. 32.

Face às adversidades e incertezas que rondavam um país recém-unificado, comerciantes, artesãos, profissionais liberais e até mesmo alguns agricultores partiram para a América já no período anterior à grande migração. Campinas, que experimentava a transição do ciclo do açúcar para o do café, foi um dos destinos escolhidos. Sua privilegiada localização como um importante elo comercial entre a produção do interior da província e o porto de Santos passava a demandar uma diversificação de funções e atividades capazes de conferir suporte à relevância político-econômica adquirida a nível nacional. Assim, valendo-se de uma experiência profissional acumulada ainda na península, de alguma instrução técnica diretamente trazida de lá, ou simplesmente demonstrando uma aguçada visão para negócios, os primeiros italianos a fixar-se na cidade dedicaram-se à comercialização ou à confecção de bens de consumo popular, atuaram como empreiteiros ou prestaram outros tipos de serviços especializados. Priorizaram, em suma, vias de inserção social que lhes permitiram encurtar empecilhos para prosperar além-mar. Alguns, inclusive, à medida que se tornavam conhecidos mediante o exercício de seus ofícios, beneficiaram-se adicionalmente de enlances com moças que pertenciam a famílias previamente reconhecidas na cidade.

Vale lembrar, contudo, que, junto às práticas e habilidades importadas, esses indivíduos, pelo fato de procederem de um país recém-instituído, também carregavam consigo, antes de mais nada, estreitas identificações com suas respectivas vilas, províncias ou regiões de origem. Logo, foi justamente na sociedade de acolhimento, interagindo com “nativos” e outras coletividades imigradas, que eles começaram a enxergar a si próprios como italianos, a valorizar uma identidade étnica específica, ou seja, uma italianidade. Esta última, aliás, é entendida nesta pesquisa como uma fronteira social interposta entre um determinado grupo e os demais.⁷ Convivendo e reconhecendo gradualmente os compatriotas, parte dessa primeira geração de imigrantes italianos que se sobressaía em meio às emergentes lides urbanas empenhou-se em instituir uma configuração social através da qual fosse possível forjar um sentimento de pertencimento a uma nacionalidade e estabelecer mediações com autoridades locais ou consulares a fim de viabilizar interesses vinculados à posição que o grupo ocupava no cotidiano campineiro.

Argumenta-se, nesse sentido, que, ao contrário do que a literatura nacional sobre associativismo étnico italiano aponta em relação à generalidade dos municípios do interior

⁷ BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIF-FENART, Jocelyne (orgs.). *Teorias da etnicidade*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 194-196.

paulista (São Carlos, Ribeirão Preto, Araraquara, entre outros),⁸ cujos sodalícios mais tradicionais, circunscritos amiúde a uma elite imigrante, refletiam o resultado de um processo acumulativo de experiências associativas progressas, as quais, provavelmente, apresentavam *a priori* um caráter mutualista menos restrito, o *Circolo*, por sua vez, já nascera com uma feição elitizada, consistindo em uma instância onde seus integrantes mobilizavam interpretações e representações da italianidade de acordo com o *habitus* de classe que compartilhavam, isto é, em sintonia com suas experiências, necessidades e disposições em meio aos condicionantes sociais em que estavam envolvidos.

Os imigrantes italianos, portanto, não são tratados nesta tese como uma massa amorfa, homogênea. Pelo contrário, eles são entendidos como uma relação de proximidades e distâncias.⁹ Essa elite étnica que se institucionalizou via *Circolo Italiani Uniti* estava mais focada em travar uma luta para acercar-se dos estratos privilegiados e extrair benefícios (materiais e simbólicos) para si do que propriamente assistir a colônia em geral, o que, por sinal, acontecia de forma bastante esporádica. Assim, tal elite é aqui compreendida como um grupo minoritário de peninsulares que, em função de sua posição na sociedade receptora, dos seus capitais e/ou de suas aptidões, arrogava o direito de colocar-se como representante legítimo de uma italianidade em escala local.¹⁰

O texto a seguir está estruturado em três capítulos. No primeiro, intitulado “*A belle époque* campineira”, expõe-se o referencial teórico-metodológico que orienta esta pesquisa. Autores e conceitos centrais à formulação da tese, bem como o grosso das fontes utilizadas são apresentados de modo entrelaçado à historicização do contexto social em que o *Circolo Italiani Uniti* surgiu. Essa forma de organização, aparentemente microscópica em princípio, abarcava, em realidade, relações mais densas e complexas. As agências dos seus partícipes eram marcadas pelo processamento gradual de transformações profundas que se sucediam tanto na sociedade de origem quanto no lugar de destino. Eles partiam de um instável e

⁸ Cf. CONCEIÇÃO, Carla Fernandes da. *A Società Dante Alighieri: um estudo de caso sobre o associativismo étnico italiano em São Carlos/SP – 1902 a 1938*. 2020. 261f. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia, UFSCar, São Carlos, 2020; FURLANETTO, Patrícia Gomes. *O associativismo como estratégia de inserção social: as práticas sócio-culturais do mutualismo imigrante italiano em Ribeirão Preto (1895-1920)*. 2007. 305f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2007; TEIXEIRA, Rosane Siqueira. *Associações italianas no interior paulista num espaço partilhado. Nacionalismo e identidade sob a perspectiva da história local*. 2011. 266f. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia, UFSCar, São Carlos, 2011; TRUZZI, Oswaldo. *Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)*. São Paulo: Editora Unesp, 2016;

⁹ SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: FILHO, Evaristo de Moraes Filho. (org.). *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 182-183.

¹⁰ BUSINO, Giovanni. *Elites e élitisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992, p. 4, apud HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: HEINZ, Flávio M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 7.

recém-constituído Estado-nação, onde os habitantes, em geral, eram ainda muito apegados às suas respectivas identidades locais ou regionais, e desembacavam numa promitente localidade cuja aristocracia, entusiasmada com o *boom* da economia cafeeira, aspirava à modernidade em distintas dimensões, seja no tocante aos serviços urbanos, seja no âmbito cultural. Assim, à medida que se inseriam no comércio e na incipiente indústria, ou mesmo quando executavam atividades como profissionais liberais, esses primeiros imigrantes que provinham de diferentes cantos da península e foram se identificando enquanto italianos em Campinas também perceberam que, caso estivessem articulados ao redor de uma associação, poderiam acumular força para reivindicar ou viabilizar benefícios ao grupo e, principalmente, lutar por visibilidade e respeito ante a sociedade de acolhimento. No segundo capítulo, por seu turno, denominado “Uma italianidade em construção: origens, redes e ações do *Circolo Italiani Uniti*”, perscrutam-se, inicialmente, as origens sociais dos fundadores da entidade. Busca-se desvelar as regiões onde nasceram, seus atributos e estratégias para lograr uma trajetória ascendente. Ademais, procura-se trazer à luz as dinâmicas internas da instituição, os relacionamentos com outros agentes – sobretudo com membros das elites locais –, os pontos de vista e as disputas em torno de uma *italianità*, os projetos constituídos – inclusive com a contribuição direta de mulheres imigrantes – e as teias de interdependência acionadas. Por fim, no derradeiro capítulo, é a vez de dissecar os perfis de quem presidiu a agremiação dentro do intervalo ora estipulado, ou seja, daqueles que receberam dos seus pares a autorização e o poder para representá-los. Paralelamente às procedências, interessa descortinar os mecanismos empregados para alcançar prosperidade ou até evitar um declínio, bem como evidenciar as horizontalidades que conferiam concretude às suas vidas.

1. A BELLE ÉPOQUE CAMPINEIRA

1.1 História e memórias de uma configuração

No início dos anos de 1920, Maurice Halbwachs¹¹ dizia ser impossível conceber a memória sem contextos e tampouco um panorama histórico sem memória. E o que seriam memória e história em sua concepção? Bem, em primeiro lugar, é preciso ter em conta que a memória não é algo dado. Ela é construída, forjada, reforçada, ressignificada, enfim, suscetível às influências das múltiplas relações sociais. Por isso ele preferia falar até mesmo em memórias (no plural). Estas, segundo o autor, correspondem a uma corrente de pensamento contínuo, portanto, nunca estão inteiramente fechadas ou isoladas. Para evocar o próprio passado, o indivíduo, em geral, frequentemente recorre às lembranças dos outros, transportando-se a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Dito de outro modo, Halbwachs considerava que o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado do ambiente. Assim, caberia à história compilar os fatos “que ocuparam maior lugar na memória dos homens”,¹² isto é, lançar uma ponte entre o passado e o presente a fim de recuperar e esclarecer minuciosamente as lembranças que se dispersaram ou se perderam perante o desenvolvimento de novas sociedades.

Inspirado nas considerações de Durkheim sobre sociedade e consciência,¹³ Halbwachs¹⁴ trabalha com o termo memória coletiva. Não que ele a encare essencialmente como uma coisa que existe acima dos sujeitos, separada dos mesmos. Na verdade, o que se enfatiza é que os indivíduos só conseguem se lembrar mediante a encruzilhada de redes de solidariedades em que estão envolvidos. A memória coletiva, segundo Halbwachs, “é o grupo visto de dentro”.¹⁵ As semelhanças passam para o primeiro plano, ou seja, no instante em que examina seu passado, “o grupo nota que continua o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo”.¹⁶

Cabe sopesar, porém, que as reflexões de Halbwachs não deixaram de suscitar algumas críticas. A título de exemplo, Portelli¹⁷ aponta uma suposta sobrevalorização da

¹¹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003, p. 7-8.

¹² *Ibidem*, p. 100.

¹³ Cf. DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007; e DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

¹⁴ *Ibidem*, p. 12.

¹⁵ HALBWACHS, Maurice. (2003). *Op. cit.*, p. 109.

¹⁶ *Ibidem*, p. 108.

¹⁷ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 127.

memória coletiva em detrimento das lembranças individuais. Embora o intelectual italiano não desconsidere que a memória constitui um fenômeno social compartilhado, afirma que a sua elaboração e o próprio ato de lembrar são sempre particulares. Para ele, a memória somente pode se tornar coletiva

[...] no mito e no folclore (uma história para muitas pessoas: o “bom alemão”), na delegação (uma pessoa para muitas histórias: Ida Balò) ou nas instituições (escola, Igreja, Estado, partido que organizam memórias e rituais num todo diferente da soma de suas partes).¹⁸

Em que pesem suas pontuais divergências, convém sublinhar que o presente texto é o registro de uma análise de fora acerca de um grupo específico de imigrantes italianos que partilhava condições de existência razoavelmente similares e se reunia para afinar as memórias com o intento de fomentar um sentimento de pertencimento, traçar fronteiras, definir o seu respectivo lugar na sociedade de destino e alcançar interesses correlatos a essa posição.

Halbwachs utiliza um simples, porém, interessante exemplo que ajuda a lançar luz sobre o fenômeno que esta tese busca examinar. Nas palavras do autor, quando encontramos um amigo de quem a vida nos separou, inicialmente temos de fazer um relativo esforço para retomar o contato com ele. Contudo, à medida que evocamos juntos diversas circunstâncias lembradas por cada um de nós – e que não são propriamente as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos –, conseguimos pensar, recordar em comum. Os fatos passados passam a assumir importância maior e acreditamos revivê-los com mais intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Não os vemos agora como víamos outrora.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que só nós vimos. Isso acontece porque os indivíduos jamais estão sós [...]. Outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo [...], pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas das suas ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas.¹⁹

Os sujeitos mobilizam suas lembranças e recordações em meio aos próprios grupos que integram – sejam estes sociais, étnicos, políticos ou religiosos.²⁰ Logo, elas apresentam limites irregulares e incertos, afinal, a memória se estende até onde pode, quer dizer, até onde o grupo confere suporte a ela.²¹ Em realidade, opera-se, coletiva e seletivamente,

¹⁸ Idem.

¹⁹ Ibidem, p. 30-31.

²⁰ Ibidem, p. 109.

²¹ HALBWACHS, Maurice. (2003). *Op. cit.*, p. 100-105.

interpretações dos fatos ou do passado que se deseja salvaguardar, de forma que os membros do clã se reconheçam nesses pontos de vista e consigam, em alguma medida, extrair benefícios para si.²² Ao contrário da história, a memória não estabelece esquematizações ou uma criteriosa delimitação entre presente e pretérito.²³ Sua construção e o seu enquadramento no transcorrer da vida social cotidiana acabam se alimentando dos acontecimentos, das mudanças e até mesmo dos dados registrados pela história.²⁴

Por falar em cotidiano, vale frisar que este não se restringe apenas à rotina, ao íntimo, ao repetitivo. Como discute Lefebvre,²⁵ ele é ao mesmo tempo concreto e abstrato. Ao trazer à luz o *locus* de análise, observa-se que o dia a dia de Campinas às vésperas da Primeira República era abraçado por transformações mais amplas, objetivado por estratégias de Estado, o qual passava a ser gerido por um estrato que concebia diretamente as novas demandas do comércio internacional: os grandes produtores de café.

Não custa lembrar, conforme salienta Furtado,²⁶ que o Brasil estava imerso em uma complexa estagnação econômica na primeira metade do século XIX. O rudimentar sistema administrativo, a escassa penetração de técnicas criadas pela Revolução Industrial britânica, a ausência de capitais que pudessem ser desviados para outras atividades e os impasses da expansão da força de trabalho em virtude do estancamento da tradicional fonte africana²⁷ colocavam o país diante de uma só saída: o comércio exterior. Tendo a terra como único fator de produção abundante, cabia encontrar, portanto, produtos de exportação com rentabilidade. Enquanto os mercados do açúcar – Europa, Cuba e as colônias antilhanas se sobressaindo – e do algodão – controlado pelos EUA – tonavam-se cada vez menos promissores, o café – introduzido no Brasil desde o início do século XVIII – assumia considerável importância comercial em virtude da alta de preços ocasionada pela desorganização do principal produtor que era a colônia francesa do Haiti.²⁸

Com o advento do “ouro vermelho”, o cotidiano campineiro, até então pautado na produção açucareira, passava a ser concebido a partir de uma estratégia dirigida à sustentação

²² POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 7.

²³ HALBWACHS, Maurice. (2003). *Op. cit.*, p. 105.

²⁴ *Ibidem*, p. 8.

²⁵ LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne*. Paris: L’Arche, 1981, p. 157.

²⁶ FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 34 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 164-165.

²⁷ Segundo Furtado (2007, p. 168), “a mão de obra era basicamente constituída por um estoque de pouco mais de 2 milhões de escravos, parte substancial dos quais permanecia imobilizada na indústria açucareira ou prestando serviços domésticos”. Fora isso, cumpre destacar que o governo britânico, em meio ao pujante processo de revolução industrial, intensificava a campanha internacional pelo fim da escravidão, interessado em ampliar a conquista de mercados para os novos produtos e tecnologias que passava a fabricar.

²⁸ FURTADO, Celso. (2007). *Op. cit.*, p. 168.

do produto que permitiria ao país se reintegrar ao âmbito das trocas internacionais. Enquanto a cidade de São Paulo, nas palavras de Sevcenko,²⁹ convertia-se no principal centro articulador – técnico, financeiro, mercantil –, vinculando os sertões interiores às coordenadas do mercado externo, Campinas assumia a condição de “capital agrícola” da província. E não só isso: conseqüentemente o seu potencial urbano também fora impulsionado, chegando a ser equivalente ao da própria capital paulista – 31.397 habitantes contra 31.385, segundo o censo de 1872.³⁰

Em meio à crescente pressão internacional pelo fim da escravidão,³¹ Campinas, como será discutido adiante, se depara com a ascensão de uma aristocracia preocupada em se desvencilhar da imagem de senhores de escravos, em se descolar da herança cultural haurida dos séculos passados. Seus expoentes começam a visitar a Europa com regularidade, financiam os estudos de seus filhos em Paris ou lhes incentivam a se tornarem bacharéis pela Faculdade de Direito de São Paulo. Abrem-se as “porteiras” do interior para a *belle époque*,³² para a penetração de uma racionalidade burguesa que se estenderia pelo social, pelo político, pelo econômico e pelo cultural, atingindo as mentalidades, os hábitos e a criação estética. E a França, de fato, se constituirá como a principal referência. Afinal de contas, segundo Ortiz,³³ esse é o período em que ela “mergulha” na modernidade. Consolida sua imprensa de massa, uma literatura popular e uma cultura de entretenimento que se materializa no cinema, nos cafés-concertos e no *show business*. O termo modernidade, a propósito, será lançado pela primeira vez, em 1863, pelo poeta francês Charles Baudelaire, constituindo-se, pois, num novo imperativo a ser seguido.

As longas permanências das famílias paulistas em Paris não serviam somente para tratar de política e negócios [...]. Nas estadias parisienses, as necessidades pessoais e os prazeres estavam em primeiro plano para a maioria dos viajantes. Aproveitavam o tempo livre para cuidar da saúde e dos estudos, também para as diversões nos parques, hipódromos, cassinos, teatros, museus, livrarias, cafés e restaurante, tidos como os melhores da Europa.³⁴

²⁹ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 108.

³⁰ BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. *São Paulo do passado*: dados demográficos, 1872. Campinas: NEPO, 1998, p. 101-103.

³¹ Apesar do apelo, salienta-se que a extinção da escravidão no Brasil ocorreu de maneira gradual, enfrentando críticas e resistências por parte dos fazendeiros. Até a promulgação definitiva da Lei Áurea (1888), estabeleceram-se leis de cunho protelatário: Lei Eusébio de Queirós (1850), Lei do Ventre Livre (1871) e Lei dos Sexagenários (1885).

³² ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*: a França no século XIX. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p. 52.

³³ *Ibidem*, p. 53.

³⁴ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou*: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol 1895-1916. São Paulo: SESI-SP, 2015, p. 40.

Na vanguarda desse movimento, encontravam-se indivíduos abonados que se articulavam e se contrapunham expressamente à centralização monárquica. Reconhecendo-se como adeptos do republicanismo, assinaram um manifesto em 1870 e organizaram a Convenção de Itu em 1873, instituindo o Partido Republicano Paulista (PRP). Simpatizantes de uma agenda a nível provincial, segundo Galdino,³⁵ apoiavam a construção de ferrovias, o abolicionismo, o mercado de trabalho livre via imigração e a descentralização administrativa. Grosso modo, na visão desses sujeitos, ser moderno implicava manter-se sintonizado com aquilo que estava em voga na Europa e nos Estados Unidos, considerados modelares a serem transplantados.³⁶

Isso não significa, porém, que essa “emergente” linhagem de fazendeiros irá se distanciar por completo dos monarquistas. Pelo contrário. As fronteiras, de caráter essencialmente político, seriam minadas pelos laços de família e outros. Na vida cotidiana, saberão como administrar suas divergências e atuarão em consonância, permeados pela solidariedade do parentesco, pela consanguinidade, pelas alianças casuísticas e matrimoniais, e pelas afinidades de interesses econômicos. Conheciam bem a cidade de Campinas e não hesitarão em nela complementar os seus investimentos.³⁷

Esse “novo” tão aspirado, importado e assimilado pela elite campineira, convém ponderar, também não deixará de produzir contrastes e contradições. Conforme discute Hobsbawm,³⁸ à medida que a ferrovia se consolidava no Velho Mundo como um marco na revolução dos transportes, ficava cada vez mais patente a decrepitude e, sobretudo, a inviabilidade econômica de escoar o café da dita “capital agrícola” em direção ao porto de Santos através dos lombos das mulas. Não por acaso, essa camada atrelada às propriedades fundiárias e profundamente afinada com os modismos europeus não hesitará em investir na criação de companhias ferroviárias. A instalação dos trilhos da Paulista e da Mogiana no decorrer da década de 1870 irá afetar direta e indiretamente a vida rural e urbana.³⁹ Favorece-se o deslocamento e a introdução dos trabalhadores livres (migrantes e estrangeiros), o trânsito de viajantes e negociantes, de escravos, forros ou livres, de profissionais liberais

³⁵ GALDINO, Antonio Carlos. *Campinas, uma cidade republicana: política e eleições no Oeste Paulista (1870-1889)*. 2006. 335f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2006, p. 34-40.

³⁶ LAPA, José Roberto do Amaral. *A cidade: os cantos e os antros, Campinas 1850-1900*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 19.

³⁷ *Ibidem*, p. 111-112.

³⁸ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 19.

³⁹ A Companhia Paulista de Estradas de Ferro inaugurou seu primeiro trecho em 1872, conectando Campinas a Jundiá. Três anos depois, seria a vez da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro inaugurar sua primeira linha, de Campinas a Jaguariúna.

(advogados, jornalistas, médicos, engenheiros), enfim, sujeitos que “costuram sua sobrevivência econômica e social enquanto comerciam produtos agrícolas e animais, abastecem a casa senhorial de gêneros ou se envolvem no setor de serviços ou de artesanato”.⁴⁰

Note-se: a modernidade não consiste somente no moderno. Nas palavras de Lapa,⁴¹ emerge um “sentido de certo rompimento com certo passado, mas não com todo o passado”, isto é, apesar da ânsia da elite cafeeira pela inovação, por aquilo que estava em voga, o cotidiano se definia em meio à justaposição de temporalidades pregressas e do presente. Uma coexistência de abastados, trabalhadores europeus, escravos e ex-escravos. Tanto que, na visão de Lefebvre,⁴² para além do concebido, esse processo de urbanização avançará ainda sobre a esfera do vivido, das imediatidades, das particularidades, sobre o lugar das carências, dos desejos, dos comportamentos, das esperanças e desesperanças daqueles indivíduos que se radicavam na Campinas de fins do século XIX. E não parará por aí. Afinal, o mesmo Lefebvre⁴³ ressalta que, entre o concebido e o vivido, existe uma “zona de penumbra”, que corresponde a algum nível de entendimento do mundo, funda atos, relações, conceitos, valores, mensagens. Em outras palavras, enquanto os segmentos mais opulentos, outrora meros frequentadores de missas e festas religiosas, expandiam seus padrões de sociabilidade, aderindo a teatros, bailes e saraus, os diferentes imigrantes que ali se estabeleciam também incrementavam o cotidiano mediante seus próprios rituais e costumes.

São múltiplos processos históricos que irão caracterizar a urbanização campineira. Até porque, à medida que os jovens descendentes de famílias de base fundiária eram inicialmente estimulados por seus pais a exercerem profissões liberais – juristas, em particular – do que a se meterem no comércio ou na indústria, imigrantes portugueses, alemães e alguns poucos italianos começam a circular pelas ruas que se delineiam, atuando como mascates, caixeiros, praticando ofícios diversos em fundos de quintal, etc.

Digo “poucos”, pois, de acordo com o censo de 1872,⁴⁴ os italianos ali presentes constituíam minoria em relação aos lusos e germânicos: 107 indivíduos ante 700 e 334, respectivamente.⁴⁵ A prevalência desses dois últimos grupos, é claro, não era uma obra do acaso. Entretanto, visando manter o encadeamento do texto, tais razões serão abordadas mais

⁴⁰ FREHSE, Fraya. *O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império*. São Paulo: Edusp, 2005, p. 90.

⁴¹ LAPA, José Roberto do Amaral. (1996). *Op. cit.*, p. 19.

⁴² LEFEBVRE, Henri. (1981). *Op. cit.*, p. 16.

⁴³ Idem.

⁴⁴ BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. (1998). *Op. cit.*, p. 510.

⁴⁵ Dentre os 31.397 habitantes de Campinas, 1.551 eram estrangeiros livres, isto é, 4,9% da população do município. Portugueses, alemães e italianos constituíam aproximadamente 73,6% dos imigrantes ali radicados.

adiante. Por enquanto, cabe recuperar o clássico estudo de Dean,⁴⁶ em que o autor revela que, desde meados dos anos 1840, portugueses, alemães e alguns suíços já transitavam nos arredores de Campinas.

O que se busca frisar, em realidade, é que justamente a emergência do processo civilizatório ora retratado, fundamental para a vigência da experiência que no jargão sociológico recebe o nome de “modernidade”, e em cujo decurso submetera a vida de todo dia, conferiu subsistência ao nascimento do microcosmo que esta pesquisa focaliza: o *Circolo Italiani Uniti*.

Mesmo que os peninsulares não tenham sido de fato os imigrantes pioneiros, a origem prematura do *Circolo*, em comparação com outras associações italianas igualmente fundadas pelo interior paulista afora, chama a atenção. As bases dessa precocidade serão devidamente tratadas na terceira parte deste capítulo. O que se destaca agora é que o círculo ítalo-campineiro refletia a combinação de representações mobilizadas por uma parcela específica dos *oriundi* ali estabelecidos, os quais estavam percebendo o mundo socialmente.

É às vezes um fato ou fenômeno da consciência, individual e social, que acompanha em uma sociedade determinada (e um idioma) tal palavra ou tal série de palavras, por um lado, e por outro objeto ou constelação de objetos. Outras vezes, é uma coisa ou um conjunto de coisas correspondentes a relações que essas coisas incorporam contendo ou ocultando-as [...]. As representações circulam, mas em torno de fixações: instituições, símbolos e arquétipos. Interpretam a vivência e a prática; intervêm nelas [...]. Fazem parte delas [...].⁴⁷

As representações, conforme observa Bourdieu,⁴⁸ correspondem a “enunciados performativos que pretendem que aconteça aquilo que enunciam”, ou seja, consistem em estratégias acionadas por determinados grupos, quer sejam sociais, étnicos, regionais ou nacionais, com o intento de estabelecer uma visão de sua identidade, de sua unidade ou até mesmo de lograr interesses vinculados às suas condições econômico-sociais. No caso dos integrantes do *Circolo*, será possível observar que elas eram constantemente mobilizadas em seus relacionamentos na sociedade campineira, ora associadas à construção de uma pretensa italianidade, mas, sobretudo, derivadas da posição e do *habitus* de classe que compartilhavam.

Vale lembrar que, para além da condição de forasteiros, esses sujeitos provinham de um país há pouco unificado, historicamente marcado por fragmentações político-culturais. Aglutinar-se, pois, com os recém-oficializados compatriotas era uma forma não apenas de amortecer os impactos do deslocamento e da consequente inserção numa terra estranha, mas

⁴⁶ DEAN, Warren. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 95-100.

⁴⁷ LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1983, p. 23-28.

⁴⁸ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 118. .

também de se fazer ver e de se fazer crer, de se dar a conhecer e de se fazer reconhecer. Tal articulação, porém, não fora tecida com quaisquer conterrâneos. Havia, antes de mais nada, uma afinidade de estilos de vida, ou melhor, de *habitus*. A busca por visibilidade e legitimidade social da respectiva associação implicava igualmente no desejo de seus membros, principalmente de seus dirigentes, de serem percebidos como singulares, como distintos em relação à massa de miseráveis patrícios que, não raramente, era estigmatizada pelos nativistas como desordeira e violenta.

As representações enquadram-se naquilo que se define como sistemas simbólicos.⁴⁹ São instrumentos de conhecimento e comunicação capazes de exercer um poder estruturante porque são justamente estruturados. Poder este que é simbólico, quase mágico, que incide sobre a realidade, que constitui o fato mediante a enunciação, a evocação, proporcionando que o grupo se torne visível, manifesto, para os outros grupos e para si mesmo, “atestando assim a sua existência como grupo conhecido e reconhecido, que aspira à institucionalização”.⁵⁰

A exigência por parte dos diretores do sodalício acerca do uso da língua italiana em suas reuniões, nas transcrições das atas e no dia a dia da escola mantida pela entidade, a própria adoção do termo *Italiani Uniti* na denominação oficial – tentando superar contrastes regionais e ideológicos –, a publicação de anúncios na imprensa dirigidos à colônia, a confecção e distribuição de adereços aos filiados nas cores que aludiam à mãe-pátria, bem como a promoção de eventos, passeatas, homenagens e discursos exaltando a italianidade eram contrabalanceadas com mecanismos de seleção de associados e critérios destinados a regulamentar o acesso ao socorro mútuo, o que acabava por expressar uma certa lógica por trás da elaboração de todo esse universo simbólico. Ao mesmo tempo, tais elementos eram dotados de potencialidades para desempenhar uma função *gnoseológica*, isto é, ajudar a imprimir um sentido imediato do mundo, a construir uma concepção mais ou menos homogênea da causa, de modo a propiciar a concordância entre seus membros e, em consequência, reforçar sua integração, forjar uma identidade.

[...] a busca de critérios “objetivos” da identidade “regional” ou “étnica” não deve fazer esquecer que, na prática social, tais critérios (por exemplo, a língua, o dialeto ou o sotaque) constituem o objeto de representações mentais - vale dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento, em que os agentes investem seus interesses e pressupostos - e de representações objetivas, coisas (emblemas, bandeiras, insígnias etc.) ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendentes a determinar a representação (mental) que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores [...] as propriedades simbólicas, mesmo as mais negativas, podem ser utilizadas

⁴⁹ Ibidem, p. 9-10.

⁵⁰ Ibidem, p. 118.

estrategicamente em função tanto dos interesses materiais como dos interesses simbólicos de seu portador.⁵¹

A exteriorização e a durabilidade dessas representações e práticas eram justamente viabilizadas pelo *habitus*, isto é, por um conjunto de esquemas e disposições previamente incorporados e partilhados pelos integrantes da mútua. São princípios, competências e conhecimentos que, engendrados pelas bases econômicas de uma formação social relativamente correlata, cimentam a associação e regem o seu funcionamento, trazendo à luz pensamentos, percepções e ações.⁵² O *habitus* opera como um mediador entre as estruturas objetivas que abarcavam esses imigrantes – sujeitos com experiências passadas, procedentes de um país em processo de unificação e que se inscreviam numa Campinas que se urbanizava – e as situações conjunturais com as quais lidavam no cotidiano, como, por exemplo, as necessidades e interesses comuns de estabelecer, ampliar e preservar capital social, isto é, um complexo de recursos ligados à posse de uma rede útil e durável de relações aptas a lhes proporcionar lucros materiais – todas as espécies de serviços – e simbólicos – reconhecimento e prestígio.⁵³

[...] o *habitus* constitui um princípio gerador que impõe um esquema durável e, não obstante, suficientemente flexível a ponto de possibilitar improvisações reguladas. Em outras palavras, tende, ao mesmo tempo, a reproduzir as regularidades inscritas nas condições objetivas e estruturais que presidem a seu princípio gerador, e a permitir ajustamentos e inovações às exigências postas pelas situações concretas que põem à prova sua eficácia. A mediação operada pelo *habitus* entre, de um lado, as estruturas e suas condições objetivas, e de outro, as situações conjunturais com as práticas por elas exigidas, acabam por conferir à *práxis* social um espaço de liberdade que, embora restrito e mensurável porque obedece aos limites impostos pelas condições objetivas a partir das quais se constitui e se expressa, encerra as potencialidades objetivas de inovação e transformações sociais. O *habitus* vem a ser, portanto, um princípio operador que leva a cabo a interação entre dois sistemas de relações, as estruturas objetivas e práticas. O *habitus* completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas.⁵⁴

Nesse sentido, recorrer a uma ferramenta como a prosopografia, particularmente no segundo e terceiro capítulos, torna-se pertinente, uma vez que ela pode contribuir com uma descrição mais acurada acerca de um conjunto de questões referentes aos principais atores do *Circolo Italiani Uniti*. Não se trata de promover uma narrativa de vida sobre os indivíduos em si, como se cada um tivesse trilhado um caminho linear, unidirecional. Mas sim de focar

⁵¹ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 107-108.

⁵² BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. XL-XLIII.

⁵³ BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: RICHARDSON, John G. (org.). *Handbook of theory and research for the Sociology of Education*. Westport: Greenwood, 1986, p. 21-22.

⁵⁴ BOURDIEU, Pierre. (2007). *Op. cit.*, p. XLI.

suas trajetórias, isto é, suas alocações e deslocamentos em meio à matriz de relações objetivas em que se inscreveram, quer na sociedade de origem, quer na sociedade de destino.

Para viabilizar a utilização dessa técnica, foi preciso, em primeiro lugar, afinar o universo a ser estudado, com fins de delimitar as variáveis a serem analisadas e evitar uma ampliação desmedida das amostras que pudesse obstar a execução do trabalho temporalmente ou acarretar conclusões superficiais sobre os dados colhidos.⁵⁵ Se o rastreamento das trajetórias dos fundadores da agremiação constitui um ponto de partida para captar os princípios da iniciativa, as redes e os campos sociais primitivos em que tais imigrantes foram se inserindo, estender o mapeamento em direção às origens e conexões daqueles que atuaram como presidentes faz-se igualmente necessário não apenas para conferir maior densidade ao exame das afiliações e mobilidades dos associados, mas, sobretudo, por conta da relevância do respectivo cargo, visto que, nas reuniões ou negociações para tratar de interesses do sodalício, fossem elas intra ou extramuros, eram eles os principais depositários da autoridade delegada pela coletividade. Nas palavras de Codato,⁵⁶ a vantagem de focalizar aqueles que preenchem posições formais de mando no interior de um grupo se dá pela possibilidade de identificar “o maior número possível de indivíduos influentes com segurança”.

O segundo passo foi, mediante a justaposição e cruzamento dos dados sobre os indivíduos que compõem o aludido universo, filtrar os elementos mais significativos de suas trajetórias. Os registros paroquiais (batismo, casamento e óbito) disponibilizados na plataforma *FamilySearch*, bem como os registros civis (nascimento, batismo, casamento e óbito) correspondentes aos cartórios de Campinas, ou, então, armazenados no *Portale Antenati* – site vinculado ao Ministério da Cultura da Itália – serviram de base para a montagem e compreensão dos perfis sociais e das conexões interpessoais desses imigrantes. Ainda a respeito dos vínculos estabelecidos, os inquéritos e processos judiciais (inventários, testamentos, etc.) do Tribunal de Justiça da Comarca de Campinas, que se encontram devidamente acondicionados no Centro de Memória da Unicamp (CMU), foram fontes igualmente imprescindíveis para mapear laços de parentesco, consanguinidade e até mesmo associações de natureza profissional. Afinal, não era incomum que os italianos inaugurassem negócios ou exercessem seus respectivos ofícios a partir de sociedades firmadas com compatriotas. Nesse sentido, os almanaques locais e também aqueles que abrangiam o estado

⁵⁵ CHARLE, Christophe. *Homo historicus*: reflexões sobre a história, os historiadores e as ciências sociais. Tradução de Ângela Xavier de Brito. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Rio de Janeiro: FGV, 2018, p. 132-133.

⁵⁶ CODATO, Adriano. Metodologias para a identificação de elites: três exemplos clássicos. In: PERISSINOTTO, Renato; CODATO, Adriano (orgs.). *Como estudar elites*. Curitiba: Editora UFPR, 2015, p. 16.

de São Paulo renderam algumas evidências adicionais acerca das ocupações profissionais desses sujeitos e eventualmente de experiências associativas. Todavia, em termos de descrição e riqueza de detalhes, os inquéritos e processos acabam levando vantagem, já que descortinam uma série de interações cotidianas relativas ao âmbito do trabalho ou à vida doméstica dos peninsulares.

Complementarmente, mesmo não fazendo parte da amostra central em escrutínio, buscou-se rastrear, na medida do possível, as trajetórias das professoras que lecionaram na escola do *Circolo*, com o intento de desvelar a face feminina do associativismo étnico italiano em Campinas. Uma vez constatado junto à documentação do sodalício que a sala de aula foi uma dos espaços desbravados pelas mulheres imigrantes e por meio do qual elas desempenharam um papel bastante ativo, nada mais adequado do que considerá-las agentes de transformação que, graças à dedicação, criatividade, competência e versatilidade, tornaram-se fundamentais não apenas por auxiliar as suas respectivas famílias a lograr uma melhor condição de vida no exterior, mas por colaborar com o desenvolvimento de um projeto de mútuo socorro exclusivamente destinado a membros da colônia.⁵⁷ Sendo assim, registros de nascimento e casamento também formaram o esteio desses perfis aqui reconstituídos.

Reitera-se, porém, que tal conjunto de trajetórias será detidamente tratado mais adiante. Sublinham-se por ora duas questões a não perder de vista. Primeiro, a fundação do *Circolo* denota que o associativismo italiano em Campinas emerge sem atravessar uma etapa prévia de prestação mais ampla de auxílios aos compatriotas. Segundo, ao fazer uso do termo *oriundi*, sinaliza-se que os imigrantes em tela advinham de um contexto político, econômico e social singular, ou seja, eles carregavam como *backgrounds* outras referências históricas.

É por isso que, quando do contato preliminar com a direção do então *Hospital Vera Cruz Casa de Saúde Campinas*, o objetivo era verificar a existência dos antigos livros de atas da entidade, dado que estes documentos podiam constituir vestígios de uma memória coletiva.⁵⁸ Para minha surpresa, descobri, paralelamente, a existência de alguns livros de cartas do *Circolo*, muito embora o seu avançado estado de deterioração tenha dificultado um exame mais extenso, e de duas apostilas aplicadas na escola que era mantida pela mútua. Nos primeiros, estavam contidas cópias de correspondências escritas e remetidas por ex-dirigentes do sodalício, revestidas, pois, de um teor bastante protocolar. Já os cadernos abarcavam

⁵⁷ MATOS, Maria Izilda Santos de; TRUZZI, Oswaldo; CONCEIÇÃO, Carla Fernandes. Experiências e cotidiano de mulheres imigrantes no interior paulista (1880-1950). In: TRUZZI, Oswaldo. (org.). *Migrações internacionais no interior paulista: contextos, trajetórias e associativismo*. São Carlos: EdUFSCar, 2021, p. 143-159.

⁵⁸ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200.

atividades de ensino voltadas aos filhos dos imigrantes, empenhados em transmitir aos seus descendentes uma cultura italiana. Tanto as atas, que totalizam aproximadamente 2.880 páginas, como as danificadas cartas e os livros didáticos constituem registros que, por conta de gravarem acontecimentos que permeavam o cotidiano dos associados, possibilitam uma apreensão sobre quem eram os imigrantes italianos em interação, seus interesses, as relações tecidas, os sentidos que atribuíam ao passado da mãe-pátria, os personagens e locais mobilizados para o forjamento de uma identidade étnica, as disputas e os conflitos desencadeados, enfim, uma memória que se constituía no interior de um grupo orientada por certas balizas sociais.

Sabe-se, entretanto, que nem toda informação passava por essa documentação. Primeiro, porque a memória do passado, isto é, das experiências sociais passadas e dos antepassados também “se inscreve nos gestos, nos gostos, na audição, nos sotaques, no paladar, no olfato, nos cheiros”.⁵⁹ Remete a “relações e concepções sociais antigas” que não se limitam apenas às folhas escritas. E, segundo, em razão de que a própria memória em si mais oculta do que revela, uma vez que revela omitindo e deformando.⁶⁰

Em defesa desta tese, contudo, argumenta-se que, pelo fato do interesse estar assentado na primeira geração de peninsulares desembarcados em Campinas, uma pesquisa histórico-sociológica mais convencional não significa necessariamente ser menos fecunda. Afinal de contas, como bem contrapesa Martins,⁶¹ o que está dito nas atas não deixa de constituir um legítimo meio de afirmação daqueles que se declaravam enquanto sujeitos de suas ideias e de suas lembranças. Eram imigrantes italianos com nome, firmando-se como protagonistas à medida que documentavam os seus modos de pensar as coisas de todos os dias ante as mudanças sociais que impactaram e/ou impactavam suas localidades de saída e de destino. Por intermédio da memória conferiam aos pequenos fatos as dimensões dos acontecimentos. E por aí, no fim, afirmaram nexos e desencontros com a história, sua própria história.⁶²

Enquanto realizava a leitura dessa documentação institucional, tive ainda o cuidado de cruzá-la com registros pontuais da Câmara Municipal de Campinas e, sobretudo, com publicações da imprensa da época. Quando situações ou eventos aparentemente relevantes vinham à tona nas assembleias ou reuniões diretivas do *Circolo*, um dos caminhos para

⁵⁹ MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história da modernidade anômala*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2020, p. 129-130.

⁶⁰ MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2002, p. 19.

⁶¹ Idem.

⁶² Idem.

reconstituí-los do ponto de vista histórico e sociológico era justamente por meio de evidências e fragmentos contidos nas páginas dos jornais. O rol de periódicos aqui utilizados é composto principalmente por edições do *Diário de Campinas*, *Gazeta de Campinas* e *Cidade de Campinas*, obtidas diretamente no Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA); do *Diário do Povo* e *Commercio de Campinas*, acondicionadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo; do *Correio Paulistano*, *O Pharol*, *O Globo*, *L'Italia* e *L'Unione*, disponibilizadas na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional; d'*A Província de São Paulo* e d'*O Estado de São Paulo*, cujo acervo encontra-se no site do Estadão; e do *Fanfulla*, digitalizadas pelo Centro de Documentação e Memória (CEDEM), da Unesp. Via de regra, fontes que igualmente proporcionaram uma compreensão sobre o cotidiano dos membros da entidade, suas práticas e interações.

Até porque, na condição de pesquisador, não podia também ignorar o fato de que as atas do *Circolo* remontam por si só a justificações dos próprios agentes que o conduziam e o frequentavam. Isto é, dado que o sodalício representava uma estratégia de luta política, tais escritos não deixam de estar permeados por vieses e interesses. Os integrantes da associação, em particular seus dirigentes, manifestavam uma luta pela inserção junto à sociedade hospedeira, pela obtenção de prestígio perante a colônia, pelo estabelecimento de vínculos com outros grupos imigrados ali presentes, pelo reconhecimento em meio às elites oligárquicas locais, pela manutenção de diálogos com o país de origem, com outras associações italianas, pela primazia de seu projeto ideológico, enfim, pela posse de um capital simbólico. Em outras palavras, essas atas não são inocentes.⁶³ Seus significados precisam ser interpretados, suas condições de produção minuciosamente estudadas, as estruturas de poder à época analisadas, bem como as disputas em torno da construção de uma memória e de uma identidade italiana. Afinal, eram essas interações, conforme será apresentado no decorrer do texto, que conferiam vida e dinamismo à configuração social em questão. Como dizia Le Goff,⁶⁴

[...] uma narrativa histórica é sempre uma armadilha: poderíamos acreditar com facilidade que o seu objeto lhe dá um sentido, que não ultrapassa aquilo que conta, enquanto na realidade “a lição da história oculta outra, política ou ética, que, digamos, assim, está por fazer” [...]. É necessário com a ajuda de uma sociologia da produção narrativa, estudar as “condições de historicização”. Por um lado, deve-se conhecer o estatuto dos “contadores” da história (esta observação é válida para os vários tipos de produção de documentos e para os próprios historiadores nos diversos tipos de sociedade) e, por outro, reconhecer os sinais de poder [...].

⁶³ LE GOFF, Jacques. *História & memória*. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 108.

⁶⁴ Idem.

Com base no estudo desenvolvido por Conceição⁶⁵ acerca da *Società Dante Alighieri*, de São Carlos, as atas trazidas aqui foram sistematizadas a partir dos seis principais temas (“*Circolo Italiani Uniti*”; “Serviços de saúde”; “País de origem”; “Escola”; “Relações com a sociedade hospedeira”; “Relações com outras associações étnicas”) que se repetiam ao longo das assembleias gerais e reuniões dos dirigentes do *Circolo*. Nesse sentido, a fim de torná-los inteligíveis, elaboraram-se quatro tabelas (1, 2, 3 e 4) que sintetizam os assuntos mais elementares tratados pelos sócios conforme o recorte temporal da pesquisa, isto é, cada uma dessas tabelas contempla uma década de discussões examinadas.

É importante esclarecer ainda que, embora representassem ocasiões distintas, assembleias gerais e reuniões de diretoria mantinham uma interdependência. Isso porque as últimas, não obstante restritas à participação dos membros diretivos, tratavam de questões passíveis de serem levadas à deliberação nas assembleias. Por outro lado, os encontros da alta cúpula também podiam ser pautados por demandas suscitadas em assembleias precedentes.

Sendo assim, a tabela abaixo remete à primeira década de existência do *Circolo*, abrangendo temas explorados por seus integrantes entre os anos de 1881 e 1890.

Tabela 1 - Temas discutidos nas assembleias gerais e reuniões de diretoria do *Circolo Italiani Uniti*, 1881-1890

Circolo Italiani Uniti	Serviços de saúde	País de origem	Escola	Relações com a sociedade hospedeira	Relações com outras associações étnicas
Criação do sodalício	Acordos com médicos para prestação de atendimento aos sócios enfermos	Celebrações em alusão à unificação da Itália (festividades de 20 de setembro)	Inauguração/Início das aulas (turmas masculina e feminina)	Convites às personalidades locais para participarem da solenidade de oficialização do sodalício	Convite para participar da cerimônia de lançamento da “pedra fundamental” do hospital da <i>Società Italiana di Beneficenza</i> , de São Paulo
Elaboração, organização e aprovação do estatuto social	Acordos com farmácias para o fornecimento de medicamentos com desconto aos sócios adoecidos	Presença dos vice-cônsules da Itália em eventos promovidos pela entidade	Crítérios/Condições para frequentar a escola da instituição	Projeto de construção da sede social assinado por Ramos de Azevedo	Celebração da unificação da Itália junto com o <i>Club Famigliare XX de Settembre</i> , de Campinas
Reformas do estatuto social	Crítérios/Condições para usufruir dos atendimentos médico e farmacêutico	Intermediações com o vice-consulado da Itália para libertar um compatriota preso	Nomeação e demissão de professores e professoras	Doação de um terreno por parte da Câmara Municipal de Campinas para a edificação da sede do sodalício	Aluguel do salão da sede social para um baile do <i>Club Famigliare XX de Settembre</i>
Eleições de membros diretivos	Supostas irregularidades de associados no acesso a atendimento médico e/ou farmacêutico	Donativos remetidos aos compatriotas atingidos por desastres naturais na Itália (beneficência)	Salários dos professores e professoras	Participação de Francisco Quirino dos Santos (advogado/jornalista) no projeto de edificação da sede social	Participação em evento promovido pela <i>Société Française 14 Juillet</i> , de Campinas
Valores das mensalidades e taxas de filiação (aumento/redução)	Concessão de subsídios a sócios doentes	Carta do Ministro de Negócios Estrangeiros da Itália agradecendo os donativos enviados	Nomeação e demissão de inspetores escolares	Doações recebidas do imperador Dom Pedro II e da imperatriz Teresa Cristina em visita à sede do sodalício	Conflitos com a <i>Societade Artistica Italiana Confederata</i> , de Campinas

⁶⁵ CONCEIÇÃO, Carla Fernandes da. (2020). *Op. cit.*, p. 71-75.

Festa oficial de inauguração da entidade	Contribuição com os funerais de sócios	Decoração da sede social com quadros homenageando personalidades italianas	Salários dos inspetores escolares	Convites às personalidades locais para prestigiar a inauguração da escola do sodalício	Comício em São Paulo em prol da criação de uma federação das sociedades italianas existentes no Brasil
Aluguel de salas para a realização de reuniões dos associados	Instalação de enfermarias para atender os imigrantes italianos infectados pela febre amarela	-	Subsídios do governo italiano para aquisição de materiais/livros escolares	Francisco Quirino dos Santos, deputado provincial, pleiteando subsídios para a associação	Participação da banda italiana dos irmãos di Tullio em eventos promovidos pelo sodalício
Projeto de construção de uma sede própria	Projeto de construção do hospital da entidade	-	Doações de associados para aquisição de materiais/livros escolares	Concessão de títulos simbólicos (sócio honorário, benemérito, etc.) a personalidades locais	-
Terreno para a edificação da sede	-	-	Total de alunos	Convites às personalidades locais para comparecerem no lançamento da “pedra fundamental” da sede da agremiação	-
Cerimônia de lançamento da “pedra fundamental” do edifício social	-	-	Exames finais	Homenagens a personalidades locais com a colocação de seus respectivos retratos na sede social	-
Obras relativas à edificação da sede	-	-	Atritos entre sócios e professores	Convites às personalidades locais para participarem das celebrações alusivas à unificação da Itália (20 de setembro)	-
Contribuições de patrícios (em dinheiro e em material) para a construção da sede	-	-	Suspensão parcial das aulas por conta da epidemia de febre amarela	-	-
Bandeira e distintivos sociais	-	-	-	-	-
Concessão de títulos simbólicos (sócio honorário, benemérito, etc.) a compatriotas	-	-	-	-	-
Sócios com mensalidades em dia/em atraso	-	-	-	-	-
Desfiliação de membros por falta de pagamento de mensalidades	-	-	-	-	-
Admissão de novos associados	-	-	-	-	-
Expulsão de membros	-	-	-	-	-
Atritos entre filiados	-	-	-	-	-
Eventos (bailes, quermesses, espetáculos, etc.) em prol do caixa social	-	-	-	-	-
Possibilidade de filiação de mulheres	-	-	-	-	-
Suspensão das atividades habituais em meio à epidemia de febre amarela	-	-	-	-	-
Retomada das atividades pós-	-	-	-	-	-

epidemia				
----------	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Trata-se do período em que uma fração específica dos peninsulares ali radicados dedicava-se, em especial, à institucionalização do próprio grupo, à obtenção de conhecimento e reconhecimento não apenas por parte da colônia, mas para além dela. Uma iniciativa que constituía simultaneamente “um certificado de realismo e um veredito de utopismo”,⁶⁶ dado que tais indivíduos, dispostos a construir uma teia de relações singulares e a lograr definitivamente uma legitimação a partir da materialização de uma entidade social, mobilizavam ações objetivas e subjetivas orientadas a produzir uma unidade entre si ou ao menos uma crença na unidade, tanto no bojo da agremiação recém-fundada como nos demais grupos que ali existiam.

Não é por acaso que a italianidade passa a ser constantemente acionada por esses imigrantes em meio à realidade social campineira. Como bem lembra Bourdieu,⁶⁷ a questão nacional tem a potencialidade de dividir o mundo com base em propriedades ditas “objetivas” (ascendência, território, língua) e “subjetivas” (sentimento de pertença), influenciando os agentes sociais a colocarem em prática representações que eles próprios têm das divisões da realidade e que por sua vez também colaboram para a realidade das divisões.

A solenidade regada à música e adereços típicos no teatro São Carlos formalizando a criação da associação, a organização de um estatuto social visando regulamentar o seu funcionamento e selecionar a “*buona gente*” da colônia, a viabilização de serviços de saúde aos filiados, as celebrações alusivas à unificação da Itália, os laços – nem sempre amistosos, é verdade – com congêneres de Campinas e São Paulo, a inauguração de uma escola para os filhos dos peninsulares, a contratação de professores e professoras no seio da própria coletividade, e os decorrentes subsídios advindos do governo da mãe-pátria são alguns dos principais elementos que traduzem o repertório de percepções, interpretações e expedientes de uma porção singular de imigrantes que se inscrevia em um jogo em que também se disputava “o poder de reger as fronteiras sagradas”.⁶⁸

No entanto, convém ressaltar que a busca pela posse de uma identidade legítima, bem como sobre os seus princípios de construção e avaliação era apenas um dos componentes dessa luta político-simbólica. Os italianos à frente do *Circolo* partilhavam, antes de mais nada, um *habitus* de classe, ocupavam na sociedade receptora uma posição diferenciada em relação à massa de compatriotas que se deslocou para trabalhar nas fazendas de café.

⁶⁶ BOURDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 119.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 120

⁶⁸ *Ibidem*, p. 123.

As negociações junto à Câmara Municipal a fim de lograr um terreno para erigir a sede oficial da instituição, somadas à elaboração do respectivo projeto são indicativos das prévias e distintas redes de sociabilidade que esse grupo particular de italianos tecia externamente à própria comunidade. De um lado, as mediações com Amador Bueno Machado Florence, presidente do órgão legislativo local, tendiam a ser facilitadas, já que uma de suas irmãs unilaterais (por parte de pai), a professora Augusta Florence, era justamente casada com Emilio Giorgetti, um professor de música oriundo de Lucca e, àquela altura, presidente da mútua. Por outro lado, o esboço referente à construção do edifício, apresentado aos associados em 17 de abril de 1884, era assinado por ninguém menos do que o engenheiro-arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, filho do então tesoureiro do Tesouro Provincial, major João Martins de Azevedo, em parceria com o vice-presidente do *Circolo*, Samuel Malfatti, um engenheiro também proveniente de Lucca que, antes mesmo da fundação da entidade, mantinha interlocuções com seu companheiro de ofício. Dois imigrantes, portanto, que transitavam precocemente por campos sociais singulares, isto é, por lugares constituídos por agentes dotados de diferentes espécies de capital aos quais se vinculavam objetivamente.⁶⁹

Uma vez erigida, circularam pelos corredores da aludida sede nada mais nada menos do que o imperador Dom Pedro II e sua esposa Teresa Cristina. O casal imperial, em viagem realizada à Campinas em 22 de outubro de 1886, incluiu em seu roteiro uma visita à instituição italiana. É bem possível que o fato da imperatriz proceder de Nápoles tenha influenciado na escolha, haja vista, conforme discute Avella,⁷⁰ que ela intercedera diretamente junto ao marido para facilitar a entrada de seus conterrâneos pelo Rio de Janeiro a partir de 1875. De qualquer modo, a visitação era mais um reflexo do capital coletivo que a associação já acumulava, tributário do trabalho de sociabilidade de seus condutores, de uma série contínua de trocas onde buscavam afirmar e reafirmar incessantemente o reconhecimento do grupo, e que demandava, além de uma competência específica (conhecimento das relações genealógicas e das ligações reais e arte de utilizá-las), uma disposição adquirida para obter e manter essa competência, um dispêndio constante de tempo e esforços.⁷¹

Salas de aula, recintos para reuniões e festas, e um hospital para cuidar dos sócios enfermos. Eram essas as funcionalidades que o edifício visitado pelos monarcas devia contemplar. Tanto que, embora o objetivo de inaugurar uma unidade hospitalar tenha se concretizado somente na segunda década do século seguinte, a infraestrutura projetada

⁶⁹ BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 11 ed. Campinas: Papyrus, 2011, p. 82.

⁷⁰ AVELLA, Aniello Angelo. Teresa Cristina Bourbon, uma imperatriz silenciada. *ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA*, 20, 2010, Franca. *Anais...* Franca: Unesp, 2010, p. 9.

⁷¹ BOURDIEU, Pierre. (1986). *Op. cit.*, p. 22-23.

possibilitou a improvisação de enfermarias destinadas a atender os conterrâneos infectados em meio ao primeiro surto de febre amarela que aterrorizou o município a partir de fevereiro de 1889, interrompendo, conseqüentemente, a regularidade das atividades do sodalício até meados de agosto.

A propósito, essa instável conjuntura sanitária continuaria a produzir preocupantes desdobramentos ao longo do tempo. Conforme assinalado na tabela 2, os documentos consultados sugerem que a escola mantida pela agremiação só veio a ser reaberta dois anos depois, dado que uma segunda onda de febre amarela eclodira em janeiro de 1890, atemorizando novamente a população local. Mesmo que dessa vez a sede do *Circolo* não tenha sido adaptada para acolher os amareletos, cabe destacar que, em se tratando de uma mútua no formato clássico, ou seja, orientada principalmente para viabilizar assistência médica e farmacêutica aos filiados, seus dirigentes lograram construir desde a sua fundação vias de articulação com profissionais de ambas as áreas que ali residiam. À medida que tais vínculos eram formalizados, esses prestadores de serviço adquiriam a alcunha de médicos ou farmacêuticos “sociais”, uma vez que proporcionavam aos integrantes do seletto *club* italiano a realização de consultas e a aquisição de medicamentos em condições mais acessíveis.

Tabela 2 - Temas discutidos nas assembleias gerais e reuniões de diretoria do *Circolo Italiani Uniti*, 1891-1900

Circolo Italiani Uniti	Serviços de saúde	País de origem	Escola	Relações com a sociedade hospedeira	Relações com outras associações étnicas
Saldo em caixa	Acordos com médicos para prestação de atendimento aos sócios enfermos	Celebrações em alusão à unificação da Itália (festividades de 20 de setembro)	Retomada das aulas após o primeiro surto de febre amarela	Doação recebida da <i>Societade Beneficente Lidgerwood</i>	Participação na cerimônia de inauguração das novas alas do hospital da <i>Societade Portuguesa de Beneficência</i> , de Campinas
Instalação de um bar na sede social	Acordos com farmácias para o fornecimento de medicamentos com desconto aos sócios adoecidos	Presença dos vice-cônsules da Itália em eventos promovidos pela entidade	Fechamento da escola feminina em função das dificuldades financeiras derivadas do surto de febre amarela	Convite da <i>Societade Grêmio Luiz de Camões</i> para a solenidade em memória ao rei da França, Marie François Sadi Carnot	Adesão às homenagens da <i>Societade Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução</i> , de Campinas, em memória ao falecimento do ministro espanhol Antonio Cánovas del Castillo
Reformas do estatuto social	Critérios/Condições para usufruir dos atendimentos médico e farmacêutico	Donativos remetidos aos compatriotas atingidos por desastres naturais na Itália (beneficência)	Critérios/Condições para frequentar a escola da instituição	Adesão à cerimônia de recebimento dos restos mortais do maestro e compositor Carlos Gomes	Convite para participar das festividades do <i>Club Famigliare XX de Setembro</i> , de Campinas
Eleições de membros diretivos	Supostas irregularidades de associados no acesso a atendimento médico e/ou farmacêutico	Carta do Ministro de Negócios Estrangeiros da Itália agradecendo os donativos enviados	Nomeação e demissão de professores e professoras	Adesão à missa em homenagem aos soldados que morreram durante a Guerra de Canudos	<i>Societade Italiana de Beneficência e Mútuo Socorro Umberto I</i> , de Juiz de Fora, solicitando informações sobre um ex-integrante do círculo ítalo-

					campineiro
Alteração do tempo de mandato da diretoria (dois anos)	Concessão de subsídios a sócios doentes	Visita do Ministro Plenipotenciário da Itália à sede social	Salários dos professores e professoras	Concessão de títulos simbólicos (sócio honorário, benemérito, etc.) a personalidades locais	Estandarte do Clube Familiar Regina Margherita, de Campinas, guardado na sede do <i>Circolo</i>
Valores das mensalidades e taxas de filiação (aumento/redução)	Contribuição com os funerais de sócios	Decoração da sede social com um busto do rei Umberto I	Nomeação e demissão de inspetores escolares	Convite para comparecer à cerimônia de um ano da morte do maestro e compositor Carlos Gomes	Tratativas com a <i>Società Italiana di Beneficenza</i> , do Rio de Janeiro, a respeito da criação de uma federação das sociedades italianas existentes no Brasil
Suspensão das atividades habituais em meio a um novo surto de febre amarela	Enfermarias para atender os imigrantes italianos infectados em meio ao novo surto de febre amarela	Visita à residência do vice-cônsul da Itália	Salários dos inspetores escolares	Convites às personalidades locais para participarem das celebrações alusivas à unificação da Itália (20 de setembro)	Participação da banda Ítalo-Brasileira em eventos promovidos pelo sodalício
Sócios falecidos em decorrência de um novo surto de febre amarela	Despesas com medicamentos e consultas médicas usufruídas pelos filiados (inclusive durante a epidemia de febre amarela)	Atritos com o vice-cônsul da Itália	Subsídios do governo italiano para aquisição de materiais/livros escolares	Participação de representantes do Centro de Ciências, Letras e Artes, de Campinas, na festa de 25 anos do <i>Circolo</i>	-
Retomada das atividades pós-epidemia	Projeto de construção do hospital da entidade	Celebrações em homenagem aos aniversários dos monarcas da Itália	Subsídios do governo do estado de São Paulo para aquisição de materiais/livros escolares	Participação na festa de aniversário do <i>Clube Athletico</i> , de Campinas	-
Concessão de títulos simbólicos (sócio honorário, benemérito, etc.) a compatriotas	-	Cancelamento da comemoração de 20 de setembro por conta de acontecimentos anti-italianos	Total de alunos	-	-
Sócios com mensalidades em dia/em atraso	-	Organização de homenagens em Campinas por conta da morte do rei Umberto I	Exames finais e premiações aos alunos	-	-
Desfiliação de membros por falta de pagamento de mensalidades	-	Homenagens de imigrantes italianos na cidade de São Paulo em memória ao rei Umberto I	Atritos entre sócios e professores	-	-
Admissão de novos associados	-	Donativos remetidos às vítimas da erupção do Vesúvio, em Nápoles	Suspensão parcial das aulas por conta da epidemia de febre amarela	-	-
Bandeira e distintivos sociais	-	Pequena biblioteca doada pela <i>Società Dante Alighieri</i> , de Roma	Retomada das aulas	-	-
Expulsão de membros	-	-	Relatórios sobre o andamento das atividades escolares	-	-
Atritos entre filiados	-	-	-	-	-
Eventos (bailes, quermesses, espetáculos, etc.)	-	-	-	-	-

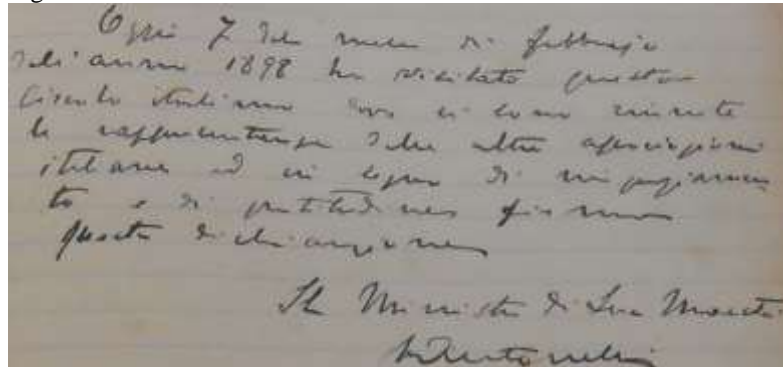
em prol do caixa social					
-------------------------	--	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Eventualmente, porém, vinham à tona acusações e denúncias de irregularidades cometidas pelos próprios sócios no que diz respeito ao acesso aos benefícios ofertados. Indivíduos que agendavam consultas médicas sem prévia autorização da direção, recebimento de contas relativas à obtenção por parte de alguns membros de remédios em farmácias não vinculadas à associação, entre outras controvérsias. De toda forma, como será discutido no decorrer do texto, esse modelo de socorro mútuo foi um expediente útil para amparar os peninsulares – ou ao menos parte deles – em meio à deflagração de outros três surtos de febre amarela: em 1892, 1896 e 1897.

É também nessa última década do século XIX, mais especificamente em 7 de fevereiro de 1898, que a fina flor da colônia italiana que ali se conformava recebia pela primeira vez nas dependências do *Circolo* a visita de uma autoridade da península com *status* de ministro. Tratava-se do Conde Pietro Antonelli, Ministro Plenipotenciário no Rio de Janeiro, o qual até deixou registrado de próprio punho uma mensagem de agradecimento à sua recepção (figura 1).⁷²

Figura 1 - Registro do Conde Pietro Antonelli durante sua visita à sede do *Circolo Italiani Uniti*



Fonte: Circolo Italiani Uniti

O que se observa é o traçado de uma espécie de território circulatório,⁷³ isto é, embora fizessem parte de um fluxo de indivíduos que decidiram “abandonar” a terra de origem deslocando-se em direção à Campinas, esses italianos que aí se radicaram não deixaram de manter conexões com a sociedade de qual procediam. Uma copresença que reflete os meios e as práticas adotadas pelos imigrantes que se vincularam ao *Circolo* no decurso dos espaços percorridos. Ou melhor, não só por eles. Por mais que essa fração de *oriundi* mobilizasse um afinado *habitus* de classe que paralelamente se entrelaçava a um modo particular de

⁷² ANTONELLI, Pietro. [sem título]. Livro de Atas das Reuniões de Diretoria do *Circolo Italiani Uniti*, 18 jul. 1891 a 23 set. 1898. Campinas, 14 set. 1895, p. 211.

⁷³ TARRIUS, Alain. Territoires circulatoires et espaces urbains: différenciation des groupes migrants. *Les Annales de la Recherche Urbaine*, Paris, n. 59-60, 1996, p. 52-55.

interpretar e avaliar o que significava “ser um italiano”, havia ainda certos interesses da própria monarquia do país de origem em relação aos expatriados, de tal maneira que interlocuções como essa com o Conde Antonelli, ou, então, com o vice-consulado da Itália na cidade também derivavam de projetos específicos das autoridades que se situavam além-mar.

Como bem detalha Bertonha,⁷⁴ dado o atraso do processo histórico de unificação da Itália, coube ao governo da península, em que pesem certas precariedades, se lançar na empreitada de “criar italianos”, dentro e fora do território. Em outras palavras, o Estado basicamente investiu num tripé de elementos protonacionais de identificação, como a língua, a cultura e a literatura, visando produzir a “massa” necessária para a constituição de uma nação italiana.

Assim, em consonância com o Exército e a História, a escola primária foi um ingrediente fundamental para que a referida “massa” pudesse dar “liga”, ou seja, para que ela fosse além de uma fina camada e realmente conferisse sustentação ao emergente Estado-nação. Afinal, é apenas por intermédio da escola que a “língua nacional” podia se transformar na língua escrita e falada pela maioria da população, prevalecendo, pois, sobre os tradicionais dialetos e a habitual fidelidade dos habitantes de distintas regiões às chamadas “pequenas pátrias”.⁷⁵

Conforme é aqui discutido, se por um lado associações erigidas no exterior como o *Circolo Italiani Uniti* serviam como instâncias de concentração de capital social e simbólico por uma pequena parcela de imigrantes estabelecida no meio urbano, de outro as escolas por elas criadas eram pensadas não só como espaços de aprendizagem dos saberes elementares de ler, escrever e calcular, mas, sobretudo, de estímulo à italianidade entre as crianças descendentes dos peninsulares, mesmo que nascidas no Brasil.

É, portanto, no bojo desse território circulatório que práticas de troca entre o governo italiano e o *Circolo* se configuravam. O que se observa ao longo do último decênio do século XIX é que, enquanto autoridades da península remetiam uma subvenção anual para o funcionamento da escola da entidade, ou, então, à medida que a *Società Dante Alighieri*,⁷⁶ de Roma, doava livros ao sodalício, os dirigentes deste último, por sua vez, entregavam via vice-cônsules relatórios que detalhavam as condições e o andamento das atividades escolares.

⁷⁴ BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 57.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Fundada em Roma, em 1889, por Giacomo Venezian, tal associação consistia no “baluarte da preservação e difusão da língua italiana” (OTTO, 2006, p. 113). Sua política de atuação pautava-se na perspectiva de que a educação correspondia a um recurso indispensável para os emigrados manterem os vínculos com a Itália e também a identidade italiana no exterior. Assim, ela instituiu e subsidiava escolas, cooperava com a fundação de bibliotecas populares, distribuía livros e publicações, e promovia conferências.

Os próprios condutores da mútua, implicados em uma luta política em que buscavam combinar práticas atinentes à sua condição socioeconômica e expedientes orientados à obtenção de uma espécie de vanguarda local no tocante à construção de uma italianidade, pareciam ter a dimensão de como a manutenção de uma escola possuía a potencialidade de operar como um instrumento que contemplasse ambos os fins. De um lado, passavam a articular redes de relacionamentos com agentes do campo político paulista, como, por exemplo, as mediações com deputados do Congresso Legislativo do estado e o consequente recebimento de auxílios do referido governo. De outro, incluíam os alunos em representações que enalteciam o sentimento pátrio, tal qual fora feito na ocasião das homenagens à morte do rei Umberto I,⁷⁷ e ainda concediam premiações aos *bambinos* que se destacavam ao longo de um ano letivo caracterizado por atividades que procuravam forjar laços culturais com a Itália.

Nota-se, assim, que de uma pequena trama de interações circunscrita a uma parcela específica de imigrantes italianos radicada em Campinas vai se delineando um campo social que extrapola as fronteiras desse grupo, os muros da instituição a que deram origem, os limites da localidade, evidenciando seus diferentes modos de incorporação à sociedade de acolhimento. E a tabela 3 ajuda a ilustrar um pouco mais esses processos.

Tabela 3 - Temas discutidos nas assembleias gerais e reuniões de diretoria do *Circolo Italiani Uniti*, 1901-1910

Circolo Italiani Uniti	Serviços de saúde	País de origem	Escola	Relações com a sociedade hospedeira	Relações com outras associações étnicas
Saldo em caixa	Despesas com medicamentos e consultas médicas usufruídas pelos filiados	Celebrações em alusão à unificação da Itália (festividades de 20 de setembro)	Preparação de alunos para ingressarem nas escolas secundárias brasileiras	Aluguel do salão da sede social para bailes da Sociedade Dançante Recreativa da Ponte Preta	Participação na cerimônia de inauguração do estandarte da <i>Società Vittorio Emanuele III</i> , de Joaquim Egídio
Nomeação de compatriotas como conselheiros mordomos	Contribuição com os funerais de sócios	Presença dos vice-cônsules da Itália em eventos promovidos pela entidade	Critérios/Condições para frequentar a escola da instituição	Aluguel do salão da sede social para bailes da Sociedade Recreativa Familiar XV de Novembro	Participação nos festejos da <i>Società de Mutuo Soccorso Regina Margherita</i> , da "Rocinha"
Aluguel do bar social	Critérios/Condições para usufruir dos atendimentos médico e farmacêutico	Visita do cônsul geral da Itália à sede social	Nomeação e demissão de professores e professoras	Nomeação de personalidades locais como conselheiros mordomos	Participação nos festejos da <i>Società de Mutuo Soccorso Umberto Primo</i> , de Jundiá
Eleições de membros diretivos	Supostas irregularidades de associados no acesso a atendimento médico e/ou farmacêutico	Donativos remetidos aos compatriotas atingidos por desastres naturais na Itália (beneficência)	Salários dos professores e professoras	Donativos remetidos à Sociedade Amiga dos Pobres, de Campinas	Participação na solenidade da <i>Società Italiana de Mutuo Soccorso Galileo Galilei</i> , de São Paulo, em homenagem à memória de Giuseppe Garibaldi
Total de associados	Concessão de subsídios a sócios doentes	Atritos com o vice-cônsul da Itália	Nomeação e demissão de inspetores escolares	Convites às personalidades locais para participarem das celebrações alusivas à unificação da Itália (20 de	Participação na festividade da Escola Alemã, de Campinas

⁷⁷ HUMBERTO I: HOMENAGENS DE HONTEM. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 1, 30 ago. 1900.

				setembro)	
Valores das mensalidades e taxas de filiação (aumento/redução)	Concessão de subsídios à família de sócios falecidos	Doação do vice-cônsul de quadros alusivos à monarquia italiana	Salários dos inspetores escolares	Convites às personalidades locais para participarem da cerimônia de colocação da “pedra fundamental” da nova ala do edifício social	Convite para participar dos festejos da <i>Società Principe di Napoli</i> , de Joaquim Egídio
Obras na sede social	Descontos da farmácia social	Decoração da sede social com quadros homenageando personalidades italianas	Relatórios dos inspetores sobre o andamento da escola	Participação na cerimônia de inauguração do estandarte da Sociedade Humanitária Operária	Visita do presidente da associação à <i>Società Dante Alighieri</i> , de São Carlos
Obtenção de empréstimo para viabilizar obras na sede social	-	Vice-cônsul da Itália requisitando relatórios referentes às atividades escolares	Subsídios do governo italiano para aquisição de materiais/livros escolares	Participação no baile da Sociedade Grêmio Luiz de Camões	Convites à Escola Alemã e às sociedades <i>União Luzitana</i> , <i>Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução</i> , <i>Espanhola Gasto Mendez Nuñez</i> e <i>Centro Espanhol</i> para participarem das celebrações em alusão à unificação da Itália (20 de setembro)
Lançamento da pedra fundamental da nova ala do edifício social	-	Solicitação do vice-cônsul da Itália para viabilizar o funcionamento de um patronato na sede do sodalício	Taxa de matrícula	Participação no baile da Sociedade Recreativa Familiar XV de Novembro	Participação no baile da Sociedade Centro Espanhol, de Campinas
Concessão de títulos simbólicos (sócio honorário, benemérito, etc.) a compatriotas	-	Vice-cônsul da Itália enviando os trabalhos dos alunos da entidade para uma exposição em Milão	Total de alunos	Concessão de títulos simbólicos (sócio honorário, benemérito, etc.) a personalidades locais	Donativos em prol do hospital <i>Umberto I</i> , mantido pela <i>Società Italiana di Beneficenza</i> , de São Paulo
Sócios com mensalidades em dia/em atraso	-	Solenidade em homenagem ao falecimento do poeta italiano Giosuè Carducci	Exames semestrais e finais	Convite da Câmara Municipal de Campinas para prestigiar a chegada de Elihu Root, secretário de Estado norte-americano	Donativos remetidos às vítimas da inundação ocorrida em Málaga a pedidos da <i>Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução</i>
Desfiliação de membros por falta de pagamento de mensalidades	-	Recepção ao historiador italiano Guglielmo Ferrero na estação ferroviária de Campinas	Prêmios aos alunos	Convites para participar de eventos do Centro de Ciências, Letras e Artes	Participação na solenidade em memória aos monarcas de Portugal promovidas pela Sociedade Portuguesa de Beneficência, de Campinas
Admissão de novos associados	-	Decoração da sede social com um retrato do escritor italiano Edmundo De Amicis	Atritos entre sócios e professores	Convite da Sociedade Beneficente União dos Padeiros para comparecer à cerimônia de lançamento de seu estandarte	Convite da <i>Società Dante Alighieri</i> , de São Carlos, para participar da inauguração do seu prédio escolar
Normas/Regras de filiação	-	Cerimônia em homenagem ao centenário do	Atritos entre professores e alunos	Participação em comemoração à abolição da	Colaboração financeira à loteria da <i>Società Italiana</i>

		nascimento de Giuseppe Garibaldi		escravidão	<i>di Beneficenza</i> , de Rio Claro
Expulsão de membros	-	Concessão de título simbólicos (sócio honorário) ao vice-cônsul da Itália	Regulamento escolar	Participação em eventos do <i>Clube Athletico</i>	Participação da banda Ítalo-Brasileira em eventos promovidos pelo sodalício
Atritos entre filiados	-	-	Suspensão/Punição de alunos	Aluguel do salão da sede social para a Associação Protetora da Classe Operária	-
Eventos (bailes, quermesses, espetáculos, etc.) em prol do caixa social	-	-	Suspensão/Punição de professor	Donativos ao Centro de Ciências, Letras e Artes em prol da construção de um busto em homenagem a Cesar Bierrenbach	-
Fixação de retrato de um presidente da entidade na sede social	-	-	Horário das aulas	Participação em cerimônia de homenagem ao finado maestro Sant'Anna Gomes	-
Admissão de mulheres como associadas	-	-	Uniformes dos alunos	-	-
-	-	-	Recepção dos alunos à chegada do cônsul geral da Itália na estação ferroviária de Campinas	-	-
-	-	-	Recepção dos alunos à chegada do secretário de Estado norte-americano, Elihu Root, na estação ferroviária de Campinas	-	-
-	-	-	Recebimento de um diploma pelos trabalhos escolares enviados a uma exposição em Milão	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor

É na primeira década do século XX que a direção do *Circolo Italiani Uniti* abre as portas de sua sede para que outras agremiações recreativas de Campinas pudessem alugar o salão social para a promoção de bailes. Era uma forma, evidentemente, de angariar recursos para a mútua, mas também de concentrar capital coletivo perante a população local, na medida em que se veiculava a instituição como acolhedora, de fino trato, “aberta” inclusive aos não italianos. Outra manobra orientada a fomentar a sua reputação e, por conseguinte, de seus membros dizia respeito à prática de doações, sendo estas remetidas a entidades beneficentes, como a Sociedade Amiga dos Pobres, destinada a abrigar os indivíduos desprovidos de um teto para dormir, ou a associações envolvidas com a organização de tributos a personalidades locais, tal qual a subscrição lançada pelos diretores do Centro de

Ciências, Letras e Artes em favor da construção de um monumento em memória ao advogado, professor e escritor campineiro Cesar Bierrenbach.⁷⁸

Trata-se de uma fração de imigrantes italianos que, ao aglutinar-se em torno de uma instituição social, ia além da disposição de adquirir um capital simbólico para tentar impor aos demais patrícios, ou melhor, aos seus consócios uma determinada visão de mundo, uma perspectiva sobre o que era e como devia se portar um verdadeiro italiano. Dito de outro modo, seus dirigentes visavam, sim, a posse de um poder simbólico, um poder de construir e consagrar o grupo, de estabelecer um sentido e um consenso sobre a sua identidade e unidade.⁷⁹ No entanto, tal pretensão vinha paralelamente acompanhada de interações que transpunham a fronteira étnica, atravessavam espaços, teciam o campo social.

O aceite em relação ao convite do senhor Antônio Alves da Costa Carvalho, à época presidente da Câmara Municipal de Campinas, para que os membros do sodalício comparecessem à estação ferroviária, em 5 de agosto de 1906, com fins de recepcionar o então secretário de Estado norte-americano, Elihu Root,⁸⁰ de passagem pelo Estado de São Paulo após participar da III Conferência Pan-Americana⁸¹ sediada no Rio de Janeiro, bem como a presença em solenidades promovidas pela *Escola Alemã*, pela *Sociedade Centro Espanhol* ou pela *Sociedade Portuguesa de Beneficência* denotam outras vias de incorporação à sociedade de destino exploradas pelos aludidos peninsulares. Ocasões, claro, para ostentarem o estandarte da associação, eventualmente incluírem os alunos da escola mantida pela mesma, aclimatá-los aos símbolos de italianidade, enfim, para que seus filiados fossem vistos e reconhecidos como porta-vozes e/ou representantes legítimos da colônia ali radicada, em que pesem as clivagens existentes em seu bojo. E não só: ao mesmo tempo serviam também para expressar o respeito e a adesão desse grupo a eventos valorizados pelos próprios “nativos” e outras coletividades de imigrados.

⁷⁸ Neto de imigrantes alemães, Cesar Bierrenbach, um dos fundadores do CCLA, cometeu suicídio em 2 de julho de 1907, no Rio de Janeiro. Graduado pela Faculdade de Direito de São Paulo, atuou como docente do Colégio Culto à Ciência. Seu pai, João Antonio Bierrenbach, em sociedade com seu tio, João Bierrenbach, figuram entre os primeiros industriais de Campinas. Em 1857, ambos transferiram para a cidade do interior paulista a fábrica de chapéus que possuíam em São Paulo. Em 1865, expandiram suas atividades ao inaugurar uma fábrica de descarçar e enfardar algodão, chegando inclusive a exportar o produto para os Estados Unidos. Em 1869, montaram uma oficina mecânica e, no ano seguinte, uma fundição de ferro e bronze. Além disso, em 1875, inauguraram uma nova fábrica de chapéus na capital paulista (CAMILLO, 1998).

⁷⁹ BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 166-167.

⁸⁰ ELIHU ROOT. *Cidade de Campinas*, Campinas, p. 1, 7 ago. 1906.

⁸¹ Segundo Dulci (2008), essa foi a primeira vez que um secretário de Estado norte-americano participou de uma edição da conferência fora dos Estados Unidos. O encontro cujas sessões foram inauguradas em 23 de julho de 1906 reuniu diplomatas e autoridades de diversos países do continente e teve como eixo as discussões referentes a questões comerciais.

A propósito, por falar da integração dos *oriundi* à sociedade receptora, convém lançar luz sobre a aparente atenção que os integrantes do *Circolo* começaram a dispender em relação à preparação de seus filhos para um eventual ingresso no ensino secundário⁸² brasileiro. Como é discutido ao longo deste trabalho, se a oferta de instrução primária por parte dos imigrantes italianos pode ser vista como uma forma de driblar a defasagem do quadro educacional brasileiro, caracterizado inicialmente pela exiguidade de vagas nas escolas públicas ou particulares, a inauguração de um curso elementar superior – também denominado à época de 4ª série –, em 3 de maio de 1904, com enfoque no ensino da língua portuguesa, ia além de uma mera iniciativa orientada à habilitação dos alunos para que pudessem se matricular num nível mais avançado.⁸³ Ela refletia, na verdade, um movimento duplo e combinado, cuja fonte atendia pelo nome de Gherardo Pio de Savoia, cônsul geral da Itália em São Paulo. Por um lado, operava-se preventivamente uma espécie de acondicionamento em meio à crescente pressão de inspetores escolares do estado para que o governo paulista interviesse no funcionamento das escolas italianas, sob a alegação de que estas transformavam em cidadãos italianos as crianças brasileiras que as frequentavam. De outro lado, ao sinalizar com um ajuste dessa natureza, mantinha-se de pé um projeto que interessava ao próprio consulado, que era o de conservar o poder de interferir na vida escolar, inspecioná-la, fiscalizá-la, determinar o programa a ser seguido.⁸⁴

Na tabela 4, é possível visualizar outros recursos que contribuíam para conferir densidade ao já mencionado território circulatório que se delineava, permeado por articulações tecidas no seio da colônia ali radicada, com os patrícios situados além-mar e por estratégias adaptadas à condição de imigrante e às especificidades das relações sociais mantidas na sociedade de destino.

Tabela 4 - Temas discutidos nas assembleias gerais e reuniões de diretoria do *Circolo Italiani Uniti*, 1911-1920

Circolo Italiani Uniti	Serviços de saúde	País de origem	Escola	Relações com a sociedade hospedeira	Relações com outras associações étnicas
------------------------	-------------------	----------------	--------	-------------------------------------	---

⁸² Enquanto o ensino primário contemplava as escolas de primeiras letras, isto é, aquelas destinadas ao ensino dos rudimentos da leitura, da escrita e do cálculo, o ensino secundário tendia a focar os estudos de Humanidades necessários ao ingresso nos cursos superiores. Cf. MOREIRA, Kênia Hilda. História do Brasil para o ensino secundário: legislação e programas (1889-1950). *Interfaces da Educação*, Paranaíba, v. 8, n. 23, 2017, p. 112.

⁸³ O *Circolo Italiani Uniti* parece ter seguido, em partes, o modelo da então denominada *Associação dos professores italianos de São Paulo*, que, no ano de 1901, como mecanismo de proteção e apoio mútuo, além de almejar uma melhor organização para o seu funcionamento, publicara o documento intitulado “Programas das escolas da Associação dos professores italianos de São Paulo”, o qual previa um ensino elementar dividido em dois cursos. Um inferior, com 1ª, 2ª e 3ª séries, e um superior, com 4ª e 5ª séries, sendo cada série equivalente a um ano escolar. Conforme explica Panizzolo (2018, p. 167), “algumas escolas ofereciam somente o elementar inferior, outras até a 4ª série e muitas o ensino elementar completo”.

⁸⁴ PANIZZOLO, Cláudia. A escola étnica na cidade de São Paulo e os primeiros tons de uma identidade italiana (1887-1912). *Revista História da Educação*, Santa Maria, v. 24, 2020, p. 18.

Saldo em caixa	Acordos com médicos para prestação de atendimento aos sócios enfermos	Celebrações em alusão à unificação da Itália (festividades de 20 de setembro)	Suspensão parcial das aulas em razão do falecimento do barão de Rio Branco	Aluguel do salão da sede social para bailes da Sociedade Dançante Recreativa da Ponte Preta	Recepção à chegada da Banda Colonial Portuguesa, de Santos, na estação ferroviária de Campinas
Nomeação de compatriotas como conselheiros mordomos	Acordos com farmácias para o fornecimento de medicamentos com desconto aos sócios adoecidos	Presença dos vice-cônsules da Itália em eventos promovidos pela entidade	Livros doados pelo comitê da Dante Alighieri, de São Paulo	Aluguel do salão da sede social para bailes da Sociedade Recreativa Familiar XV de Novembro	Participação na festividade da <i>Società di Mutuo Soccorso Fratellanza Italiana</i> , de Leme
Festa de aniversário da entidade	Despesas com medicamentos e consultas médicas usufruídas pelos filiados	Visita do cônsul geral da Itália à sede social	Critérios/Condições para frequentar a escola da instituição	Nomeação de personalidades locais como conselheiros mordomos	Participação na festa de inauguração da sede da <i>Società Italiana de Mutuo Soccorso Regina Margherita</i> , da "Rocinha"
Eleições de membros diretivos	Contribuição com os funerais de sócios	Atritos com o vice-cônsul da Itália	Nomeação e demissão de professores e professoras	Participação na festa de aniversário do <i>Clube Athletico</i>	Participação na missa em homenagem às vítimas do naufrágio do navio <i>Príncipe de las Asturias</i> a convite da <i>Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução</i>
Total de associados	Critérios/Condições para usufruir dos atendimentos médico e farmacêutico	Visita do embaixador da Itália no Brasil à sede social	Salários dos professores e professoras	Convites às personalidades locais para participarem das celebrações alusivas à unificação da Itália (20 de setembro)	Participação no protesto da <i>Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução</i> em razão do assassinato do Primeiro-ministro espanhol José Canalejas y Méndez
Valores das mensalidades e taxas de filiação (aumento/redução)	Supostas irregularidades de associados no acesso a atendimento médico e/ou farmacêutico	Donativos remetidos aos compatriotas atingidos por um terremoto em Abruzzo (beneficência)	Nomeação e demissão de inspetores escolares	Participação numa solenidade do Centro de Ciências, Letras e Artes em homenagem ao falecimento do jornalista Henrique de Barcellos	Participação na festa de inauguração da <i>Società Italiana di Mutuo Soccorso Umberto I</i> , de Valinhos
Obras de construção do hospital	Concessão de subsídios a sócios doentes	Recepção do ator italiano Gastone Monaldi na estação ferroviária	Salários dos inspetores escolares	Donativos às vítimas das inundações em Santa Catarina	Internação de sócios da <i>Società di Mutuo Soccorso Fratellanza e Lavoro</i> , de Pedreira, no hospital do <i>Circolo</i>
Concessão de títulos simbólicos (sócio honorário, benemérito, etc.) a compatriotas	Concessão de subsídios à família de sócios falecidos	Donativos remetidos aos compatriotas envolvidos na Guerra da Líbia	Relatórios dos inspetores sobre o andamento da escola	Participação numa solenidade do Centro de Ciências, Letras e Artes em homenagem ao centenário de nascimento do médico e político Ricardo Gumbleton Daunt	Solicitação de auxílio financeiro da <i>Società Italiana di Mutuo Soccorso Lavoro e Fratellanza</i> , de Cravinhos, em prol de um patricio preso em Ribeirão Preto
Sócios com mensalidades em	Descontos da farmácia social	Manifestação contra o atentado sofrido	Subsídios do governo italiano	Participação nas comemorações do	Recebimento de doação do <i>Circolo</i>

dia/em atraso		pelo rei italiano Vittorio Emanuele III	para aquisição de materiais/livros escolares	Centro de Ciências, Letras e Artes em homenagem a Francisco Glicério	<i>Italiano</i> , de Ribeirão Preto, em prol do hospital do sodalício
Desfiliação de membros por falta de pagamento de mensalidades	Instalação de enfermarias para atender os infectados pela gripe espanhola	Participação na celebração do fim da Guerra da Líbia	Taxa de matrícula	Participação nos festejos da Independência do Brasil	Participação da banda Ítalo-Brasileira em eventos promovidos pelo sodalício
Admissão de novos associados	Hospital	Inscrição como sócia da <i>Società Dante Alighieri</i> , de Roma	Total de alunos	Participação numa festividade do Colégio Culto à Ciência	-
Normas/Regras de filiação	-	<i>Comitato Pro Patria</i> masculino (Primeira Guerra Mundial)	Exames semestrais e finais	Participação na festa de aniversário do Centro de Ciências, Letras e Artes	-
Expulsão de membros	-	<i>Comitato Pro Patria</i> feminino (Primeira Guerra Mundial)	Prêmios aos alunos	Participação na festa do Dia da Bandeira	-
Atritos entre filiados	-	Empréstimo Nacional (Primeira Guerra Mundial)	Atritos entre sócios e professores	Participação em reunião da Loja Maçonica Independência	-
Eventos (bailes, quermesses, espetáculos, etc.) em prol do caixa e do hospital da entidade	-	Adesão às reivindicações do governo italiano junto à Conferência de Paz de Paris	Atritos entre professores e alunos	Concessão de um terreno por parte da Câmara Municipal de Campinas	-
Lançamento do novo estandarte da entidade	-	Donativos à Cruz Vermelha Italiana	Regulamento escolar	Presença no funeral do médico Thomaz Alves	-
Admissão de mulheres como associadas	-	Donativos ao exército italiano para a aquisição de um avião	Suspensão/Punição de alunos	Disponibilização de enfermarias à população local durante a pandemia de gripe espanhola	-
Homenagens ao presidente honorário da associação	-	Donativos em prol da construção de um monumento em homenagem ao compositor italiano Giuseppe Verdi, em São Paulo	Horário das aulas	Obtenção de subsídios junto aos governos estadual e federal em prol do hospital do sodalício	-
Donativos de compatriotas	-	Visita do político italiano Vittorio Emanuele Orlando à sede social	Suspensão parcial das aulas por conta da pandemia de gripe espanhola	-	-
Presença no funeral de Ermelino Matarazzo	-	Concessão de título simbólico ao vice-cônsul da Itália	Recebimento de um diploma pelos trabalhos escolares enviados a uma exposição em Turim	-	-
Suspensão das atividades habituais em meio à pandemia de gripe espanhola	-	Importação de roupa branca para o hospital do sodalício	-	-	-
Retomada das atividades pós-pandemia	-	Participação na conferência do político italiano Innocenzo Cappa	-	-	-
Nomeação do diretor e vice-	-	Intermediação do vice-cônsul junto ao governo italiano	-	-	-

diretor do hospital da entidade		para a obtenção de auxílio em prol do hospital do sodalício			
Nomeação do hospital	-	-	-	-	-
Total de internados no hospital	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor

Ao examinar as atas do *Circolo* alusivas à segunda década do século XX com fins de sintetizar os acontecimentos que mais repercutiram em meio às memórias registradas pelos diretores da época, torna-se possível trazer à luz quatro episódios principais que evidenciam por parte dos associados a mobilização de um capital social que transpõe os limites da coletividade estabelecida em Campinas, bem como a luta político-simbólica em que estavam inseridos na sociedade hospedeira. O envolvimento da Itália na Guerra da Líbia⁸⁵ (1911-1912) e na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a chegada da gripe espanhola ao interior paulista e a finalização das obras relativas ao hospital do sodalício servem como potenciais eixos de análise, uma vez que traduzem as percepções, representações e os expedientes adotados por uma parcela específica de imigrantes que compartilhava um *habitus* de classe aliado à disposição em legitimar uma pretensa identidade étnica.

Em primeiro lugar, a postura dos membros da mútua frente às duas guerras mencionadas denota novamente que, mesmo depois de completarem uma longa travessia no oceano, a acomodação no distante e desconhecido destino não significava o rompimento com o local de origem. Pelo contrário. Como frisou Sayad,⁸⁶ o ato migratório mantém atadas ambas as localizações. Convém pontuar que, à medida que transcorriam tais conflitos, esse grupo de imigrantes aqui analisado foi deixando alguns rastros que são reveladores de suas iniciativas em prol da mãe-pátria e de como procuravam manter-se sintonizados com esta. Dentre esses fragmentos, a formação de uma comissão destinada a angariar recursos junto à colônia a fim de remetê-los aos conterrâneos que lutavam na Líbia, conforme requisição da *Società Dante Alighieri*, de Roma;⁸⁷ a criação de uma versão local do *Comitato Pro-Patria*,

⁸⁵ Também conhecido como Guerra Ítalo-Turca, o respectivo conflito, que perdurou de 29 de setembro de 1911 a 18 de outubro de 1912, marcou a disputa entre a Itália e o Império Turco pela posse da Líbia. Vale lembrar que não se tratava da primeira incursão do exército italiano em território africano. A largada dessa corrida colonial se deu em 1896, quando mais de 15 mil homens foram enviados à Abissínia. No entanto, mal comandados e subestimando tanto o inimigo quanto as dificuldades climáticas e logísticas, acabaram derrotados pelos abissínios na Batalha de Adua. O ressentimento decorrente dessa malfadada e humilhante experiência, aliado, é claro, ao persistente atraso em relação a outros estados da Europa no que concerne à expansão territorial, fez com que o governo italiano voltasse à carga com seu projeto imperialista na segunda década do século XX, logrando ao final do conflito assumir o controle sobre a Líbia.

⁸⁶ SAYAD, Abdelmalek. *The suffering of the immigrant*. Cambridge: Polity Press, 2004, p. 63.

⁸⁷ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 3 dez. 1914 a 20 out. 1920*. Campinas, 19 nov. 1915, p. 54.

inspirado nos moldes daquele já existente em São Paulo⁸⁸ e, portanto, voltado a coordenar os esforços financeiros da coletividade em favor dos soldados, bem como assistir suas famílias; e, por fim, a contribuição com os empréstimos nacionais lançados pelo governo da península a partir da metade de 1915, os quais visavam financiar suas atividades durante a guerra.⁸⁹

Pavimentava-se, assim, uma via de mão dupla. De um lado, a despeito da debilidade econômica e política se comparado a outras nações europeias, o Estado italiano nutria um profundo interesse em se autoafirmar como potência. Logo, enxergava na exploração do nacionalismo um meio capaz de mobilizar não apenas os que residiam na península, mas também os emigrados, de modo a tentar ampliar a acumulação de fundos para viabilizar um imperialismo que em grande medida não passava de artificial.⁹⁰ Por outro lado, como bem destacado por Trento,⁹¹ a adesão às respectivas subscrições funcionava como uma vitrine para os seus colaboradores. Através delas esses indivíduos podiam ganhar visibilidade na imprensa, expressar uma italianidade “intrínseca”, a virtude do patriotismo, enfim, granjear um capital social.

Iniciativas como essas não deixavam de constituir investimentos sociais, ou seja, eram ações dotadas de potencialidades para desencadear ou até mesmo fortalecer outras redes de ligações passíveis de serem utilizadas a curto ou longo prazo.⁹² Desses laços podiam emergir uma série de trocas calcadas no conhecimento e reconhecimento mútuos, capazes, portanto, de assegurar lucros materiais e simbólicos ao *Circolo*.

Nesse sentido, não é demais recordar que, dentro desse mesmo interim, os integrantes da agremiação ainda teriam de se mobilizar para enfrentar um novo “inimigo”: o vírus influenza, responsável pela disseminação de uma terrível doença que ficou conhecida como gripe espanhola.⁹³ Schwarcz e Starling⁹⁴ lembram que, após surgir nos Estados Unidos em princípios de 1918 e alastrar-se pelos continentes europeu e africano ao longo da Primeira Guerra, a moléstia irrompeu no Brasil através das zonas litorâneas (Recife, Salvador, Rio de

⁸⁸ Fundado em 26 de maio de 1915.

⁸⁹ TRENTO, Angelo. A Itália em guerra: coletividade imigrada e o Fanfulla de São Paulo durante o primeiro conflito mundial. *Escritos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 9, 2015, p. 109-113.

⁹⁰ BERTONHA, João Fábio. (2016). *Op. cit.*, p. 157.

⁹¹ TRENTO, Angelo. (2015). *Op. cit.*, p. 113.

⁹² BOURDIEU, Pierre. (1986). *Op. cit.*, p. 22.

⁹³ A denominação da moléstia está diretamente relacionada à geopolítica internacional da época. O fato de a Espanha ter optado pela neutralidade durante a Primeira Guerra Mundial permitiu que a imprensa do país noticiasse, sem disfarces ou meias-palavras, a chegada da estranha virose em seu território. Não havia, pois, “razão de Estado” para deixar de veicular ou mesmo temporizar o surto de gripe que paralisara o esforço de guerra das diversas nações envolvidas no conflito, tanto por conta de seus impactos na economia e na capacidade de mobilização da sociedade, como por sua ação perniciososa nos campos de batalha, enfraquecendo as tropas e abatendo psicologicamente os soldados (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

⁹⁴ SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 42-69.

Janeiro e Santos), chegando oficialmente à cidade de São Paulo e ao interior paulista em meados de outubro. Se já não bastassem o aumento de preços e a escassez de gêneros alimentícios básicos em função do conflito mundial, a veiculação de notícias acerca de uma emergente e devastadora epidemia intensificava a preocupação da sociedade campineira, reacendendo traumas deixados pelos surtos prévios de febre amarela.⁹⁵

Eis que os italianos se mobilizaram novamente com fins de improvisar um “hospital” na sede do *Circolo* destinado a atender os gripados da vez. Embora, evidentemente, as atas alusivas à associação não contemplem as minúcias do que era exatamente dito e/ou discutido por seus filiados nos encontros, é interessante notar que na reunião de diretoria realizada em 18 de outubro de 1918, ademais do respeito às determinações da prefeitura no que concerne à suspensão de suas atividades habituais e da disposição em garantir assistência aos patrícios em meio a mais uma crise sanitária, registrava-se, inclusive, o interesse em acomodar nas enfermarias instaladas os brasileiros infectados, visando angariar “admiração” e “gratidão” para além da colônia.⁹⁶

É bem verdade que a gripe espanhola, conforme será tratado no decorrer deste texto, acabou sendo menos letal para a população de Campinas do que febre amarela, possivelmente por conta de uma maior instrução adquirida a partir dos terríveis períodos epidêmicos anteriormente vividos e também devido à atenção dispensada em relação ao que estava ocorrendo em outras cidades, principalmente São Paulo.⁹⁷ De qualquer maneira, o que se busca ressaltar por ora são os granjeios advindos das estratégias adotadas, das interlocuções estabelecidas e do reconhecimento gradativamente conquistado. Os anos providenciando socorro mútuo aos sócios e seus respectivos familiares, somados, sobretudo, às iniciativas junto à sociedade hospedeira para auxiliar no combate às graves epidemias mencionadas foram conferindo ao *club* italiano um capital simbólico. Não é à toa que o acúmulo dessas – e de outras – experiências, ou melhor, as teias de relacionamentos derivadas delas contribuíram quase dois anos depois do surto de influenza com a viabilização de um dos pressupostos fundantes do sodalício, isto é, a inauguração de um hospital particular. Afora a promoção de eventos para arrecadar recursos e as doações provenientes de membros da própria comunidade étnica, os documentos do *Circolo* sinalizam por parte de seus condutores a

⁹⁵ BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. Aprendendo com o passado. Campinas e a gripe de 1918. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. *Anais...* Londrina: Associação Nacional de História, 2005. p. 1.

⁹⁶ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 3 dez. 1914 a 20 out. 1920*. Campinas, 18 out. 1918, p. 198.

⁹⁷ BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. (2005). *Op. cit.*, p. 5.

mobilização de outras fontes de custeio que proporcionaram o referido empreendimento. Em outras palavras, auxílios recebidos dos governos estadual e federal.

Assim, para verticalizar a análise sobre o *Circolo Italiani Uniti* e, por conseguinte, sobre a formação de uma elite étnica em meio à coletividade de imigrantes italianos, não se pode ignorar as historicidades das relações sociais.⁹⁸ O cotidiano da agremiação, ou seja, suas particularidades e as experiências ali vividas pelos sócios eram todas determinadas por processos mais amplos e significativos, que atingiam tanto Campinas como a Itália. Como bem lembra Simmel,⁹⁹ a pessoa “não termina com os limites de seu corpo ou a área que compreende sua atividade imediata”. Seu âmbito é, antes de mais nada, “constituído pela soma de efeitos que emana dela temporal e espacialmente”.

Isto é, o cotidiano não é o meramente residual, como pensavam os filósofos, mas sim a mediação que edifica as grandes construções históricas, que levam adiante a humanização do homem. A História é vivida e, em primeira instância, decifrada no cotidiano.¹⁰⁰

Simmel,¹⁰¹ na obra “Filosofia do dinheiro”, foi um dos primeiros teóricos a lançar luz sobre as relações entre os fragmentos e o macro, o cotidiano e os grandes processos históricos. Empenhado em compreender como uma miríade de interações sociais acabou desencadeando o capitalismo e, ao mesmo tempo, como tais relações foram mudando a partir de sua constituição, o intelectual alemão assinala que, em meio à divisão do trabalho, ou ainda, em meio à modernidade, à medida que se intensificam as dependências mútuas e infindáveis, a própria vida de todo dia impele os sujeitos a agir, os impulsionam a ir além, perseguindo sempre finalidades específicas, sobretudo a posse do dinheiro.

Em outras palavras, a construção social é mediada pelas subjetividades dos indivíduos, ou seja, o mundo é caracterizado por uma miríade de ações e relações que os sujeitos estabelecem entre si, as quais podem provocar o estreitamento dos laços ou até mesmo tensões.¹⁰² E tais interações surgem sempre em decorrência de determinadas motivações, interesses, sentimentos, enfim, tudo o que existe nos agentes: os denominados conteúdos. Mas estes por si só não têm natureza social. Os conteúdos só se tornam fatores de sociação quando transformam a mera agregação isolada dos indivíduos em certas formas de estar com o outro e de ser para o outro. A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras

⁹⁸ Ibidem p. 12.

⁹⁹ SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. (org.). *O fenômeno urbano*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, p. 21.

¹⁰⁰ MARTINS, José de Souza. (2020). *Op. cit.*, p. 125.

¹⁰¹ SIMMEL, Georg. *Filosofia del dinero*. Berlin: Duncker & Humblot, 1958, p. 40-41.

¹⁰² SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 60-61.

distintas) na qual os sujeitos, em razão de seus interesses (sensoriais, momentâneos, duradouros, conscientes e inconscientes), se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Dito de outra maneira, a teoria simmeliana visa captar o desenvolvimento dos processos de interação, aqueles em que os fluxos da experiência vivida ganham forma e persistem para além dos conteúdos íntimos originais.¹⁰³

Segundo Cohn,¹⁰⁴ o exame dessas relações específicas que se estabelecem entre formas e conteúdos enseja a ideia de configuração social. Considera-se o *Circolo Italiani Uniti* uma configuração, pois, ao mesmo tempo em que se constituiu em virtude dos múltiplos conteúdos mobilizados por alguns imigrantes italianos, na prática ele se materializava no dia a dia através de um leque de ações (formas) de seus integrantes exatamente balizadas por este conjunto de pressupostos. Ou seja, apresenta-se a respectiva associação como o entrelaçamento entre conteúdo e forma. Até porque, em qualquer fenômeno social dado, conteúdo e forma sociais constituem uma realidade unitária. Logo, uma forma social desconectada de todo conteúdo não pode ter existência. Tais são justamente os elementos, inseparáveis na realidade, de cada ser e acontecer sociais: um interesse, uma finalidade, um motivo e uma forma ou maneira de interação entre os indivíduos, pelo qual ou em cuja figura aquele conteúdo alcança realidade social.¹⁰⁵

O que faz com que a “sociedade”, em qualquer dos sentidos válidos da palavra, seja sociedade, são evidentemente as diversas maneiras de interação a que nos referimos. Um aglomerado de homens não constitui uma sociedade só porque exista em cada um deles em separado um conteúdo vital objetivamente determinado ou que o mova subjetivamente. Somente quando a vida desses conteúdos adquire forma da influência recíproca, só quando se produz a ação de uns sobre os outros - imediatamente ou por intermédio de um terceiro - é que a nova coexistência social, ou também a sucessão no tempo, dos homens, se converte numa sociedade.¹⁰⁶

Onde se situaria a vida do *Circolo* senão nessa condição de configuração social (figura 2)? O que lhe conferia concretude eram os valores e as relações tecidas pelos sócios, as tais formas de ação, as interações, formais e informais, internas e externas à agremiação, que existiam em constante processo. Nas palavras de Martins,¹⁰⁷ um “vivido com significado”, sempre envolto por contextos que balizavam sua realidade.

¹⁰³ COHN, Gabriel. As diferenças finas: de Simmel a Luhmann. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 38, 1998, p. 1-10.

¹⁰⁴ COHN, Gabriel. *Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, p. 47.

¹⁰⁵ SIMMEL, Georg. O problema da sociologia. In: FILHO, Evaristo de Moraes Filho. (org.). *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 60-61.

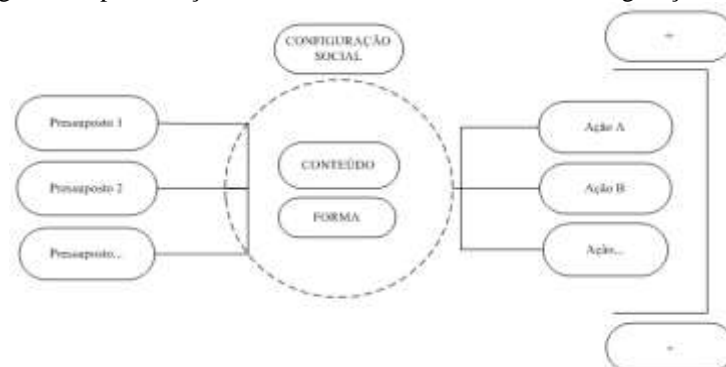
¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ MARTINS, José de Souza. (2020). *Op. cit.*, p. 125.

É perante o despertar de uma confusa modernidade, em que coexistem a circulação, a mobilidade, o novo, o tradicional, as angústias e incertezas, que “mistifica desmistificando”,¹⁰⁸ ou seja, que insere no cotidiano um catálogo de concepções e alternativas de vida, mas que cada indivíduo ou coletividade precisará se desdobrar para obter os recursos para acessá-los, que os integrantes do círculo ítalo-campineiro são aqui examinados. À medida que interagem entre si, que se relacionam com outros, que percebem o mundo socialmente, imprimem ações que estarão sempre contidas entre duas fronteiras de valoração: abundância e determinação, isto é, uma para mais, outra para menos. Conseqüentemente, a socialização firmada pelos componentes do *Circolo* em seu cotidiano era passível de se atar e desatar, e se atar de novo num contínuo fluir e pulsar que encadeava os indivíduos.

A posição do homem no mundo é definida pelo fato de que em cada dimensão do seu ser e do seu comportamento ele se encontra, em cada momento, entre duas fronteiras. Essa condição aparece como a estrutura formal de nossa existência, sempre preenchida com diferentes conteúdos nas diferentes províncias, atividades e destinos da vida. Sentimos que cada conteúdo e o valor de cada hora estão entre um mais alto e um mais baixo; cada pensamento entre um mais sábio ou um mais tolo; cada posse entre uma maior e uma menor; cada ato entre uma maior ou menor medida de sentido, adequação e moralidade. Estamos continuamente nos orientando, mesmo quando não empregamos conceitos abstratos, para um “acima de nós” e um “abaixo de nós”, para a direita ou à esquerda, para mais ou para menos, algo mais estrito ou mais frouxo, melhor ou pior. A fronteira, acima e abaixo, é nosso meio de encontrar direção no espaço infinito dos nossos mundos. Junto do fato de que nós temos fronteiras sempre em toda parte, nós também somos fronteiras. Pois, na medida em que todo conteúdo da vida - cada sentimento, experiência, ato ou pensamento - possui uma intensidade específica, uma tonalidade específica, uma quantidade específica, e uma posição específica em alguma ordem das coisas, procede de cada conteúdo um *continuum* em duas direções, em direção a seus dois polos; o conteúdo em si mesmo então participa de cada um desses dois *continua*, que nele colidem e se delimitam.¹⁰⁹

Figura 2- Apresentação do *Circolo Italiani Uniti* como configuração social



Fonte: Mina; Lima¹¹⁰

¹⁰⁸ Ibidem, p. 19.

¹⁰⁹ SIMMEL, Georg. La trascendencia de la vida. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, Madri, v. 89, 2000, p. 297-298.

¹¹⁰ MINA, Renan Vidal; LIMA, José Rodolfo Tenório. A “cordialidade” do povo brasileiro frente à imigração de venezuelanos em Roraima: uma discussão sobre a xenofobia. *Revista del CESLA*, Varsóvia, v. 22, p. 327-346, 2018.

Não se trata aqui da elaboração de um modelo de tipo weberiano. É, na verdade, a partir da perspectiva de Simmel, uma tentativa de trazer à tona os pressupostos e as ações vinculadas ao objeto *Circolo Italiani Uniti*, de modo que possa ficar um pouco mais visível o desenvolvimento das interações dos sócios italianos, em especial daqueles que passavam a compor uma elite étnica local. A unidade que o círculo representa detém, em realidade, uma multiplicidade de práticas, que transcorrem basicamente entre duas dimensões: uma positiva e outra negativa.

Apesar do caráter meramente ilustrativo da estrutura formal anterior, salienta-se que, mais próximas ao polo superior, situam-se as ações de perfis afáveis, aqueles laços aparentemente amistosos tecidos pelos procedentes da península com membros da própria colônia, da sociedade hospedeira, com imigrantes de outras nacionalidades, com os governos de São Paulo e da Itália. Por outro lado, em direção ao polo oposto, têm-se as ações permeadas por tensionamentos, interna e externamente à entidade. Esses extremos, cumpre destacar, são limites temporários que podem ser transpostos ou reconfigurados dependendo da dinâmica da sociação.

Dada essa plasticidade do cotidiano, a mobilização da memória por parte dos integrantes de uma determinada coletividade se coloca como uma das formas de atenuar a emergência de eventuais imprevisibilidades. Ou seja, a atribuição de sentidos ao passado se inscreve em tentativas de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras étnico-sociais.¹¹¹

A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso dos Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência.¹¹²

É no dia a dia, entre o concebido e o vivido, que os membros do *Circolo* travavam disputas “na direção e com o sentido de firmarem-se como diferença”.¹¹³ Um conjunto de ações visando conferir uma identidade particular ao grupo, que o distinguiu, na prática, não apenas dos escravos e ex-escravos, da população já “nativa” ou de outras coletividades de imigrados, mas, inclusive, da própria generalidade dos compatriotas radicados em Campinas.

¹¹¹ POLLAK, Michael. (1989). *Op. cit.*, p. 7.

¹¹² Idem.

¹¹³ SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A insurreição do uso. In: MARTINS, José de Souza. (org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996, p. 77.

Disputas que podem ser encaradas como lutas simbólicas.¹¹⁴ Afinal, à medida que essa pretensa identidade é forjada, os membros do sodalício buscam extrair as vantagens simbólicas que a ela se atrelavam, ou seja, estava em jogo também a apropriação sobre os princípios de avaliação dessa própria identidade. Não à toa, o uso de emblemas ligados ao lugar de origem e, sobretudo nos episódios de conflitos internos à colônia, a mobilização de estigmas, reproduzindo uma luta de classificações, procurando impor uma visão específica do mundo social, de modo a estabelecer os fundamentos necessários para a unidade e as decorrentes práticas do grupo.

Mas as lutas simbólicas, convém frisar, não deixam de fazer parte de uma luta mais ampla, uma luta política. Nota-se que as estratégias dos condutores do *Circolo* destinadas a incrementar o volume de capital social, fosse de si mesmos ou da própria associação que integravam, entrelaçavam-se àquelas iniciativas voltadas à idealização de uma memória relativamente homogênea entre os filiados. Afinal, como destaca Pollak,¹¹⁵ a memória se organiza em função das preocupações e interesses dos indivíduos numa determinada circunstância. Assim como certos expoentes da coletividade, previamente dotados de bom trânsito entre as elites locais, podiam por si só ajudar a conferir prestígio à agremiação, o inverso era igualmente possível de se concretizar. Nas palavras de Bourdieu,¹¹⁶ grupos instituídos também podem delegar seu capital social a alguns de seus membros, legitimando determinados sujeitos a atuarem como representantes e a exercerem poder sobre seus consócios.

Essa memória que vai se delineando em meio às redes de ligações tecidas pelos integrantes do círculo ítalo-campineiro consiste num fenômeno construído. Logo, ela é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. Como salienta Halbwachs,¹¹⁷ a memória coletiva retrocede no tempo até certo limite, conforme a extensão das perspectivas que os componentes de um grupo apresentam em relação ao passado. E não só isso: ela se concretiza, de fato, mediante a presença de outro aspecto: o contexto espacial. Afinal de contas, “o espaço é uma realidade que dura”.¹¹⁸ Quando fechamos os olhos, ao regressarmos no tempo o mais longe possível, até onde nosso pensamento consegue se fixar em cenas ou pessoas cujas lembranças conservamos, jamais saímos do espaço. Não voltamos a nos encontrar num espaço indeterminado, mas em regiões que conhecemos ou que sabemos muito

¹¹⁴ BORDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 161-163.

¹¹⁵ POLLAK, Michael. (1992). *Op. cit.*, p. 204.

¹¹⁶ BOURDIEU, Pierre. (1986). *Op. cit.*, p. 23.

¹¹⁷ HALBWACHS, Maurice. (2003). *Op. cit.*, p. 133-155.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 170.

bem que poderíamos localizar, pois sempre fizeram parte do ambiente material que nos circunda.

Sensações, reflexões e quaisquer fatos, devem ser postos num local onde já residi ou pelo qual passei nesse momento e continua existindo. Procuremos ir mais longe. Quando tocamos na época em que já não conseguimos imaginar os lugares, nem mesmo confusamente, chegamos também a regiões do passado que nossa memória não atinge. Portanto, não é exato dizer que, para lembrar, é preciso que nos transportemos em pensamento fora do espaço, pois ao contrário é justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar o passado no presente - mas é exatamente assim que podemos definir a memória e somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes.¹¹⁹

É por isso que Pollak¹²⁰ sublinha os lugares como um dos critérios essenciais no processo de constituição da memória. Lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, ou lugares atrelados a uma dimensão mais pública – às vezes até mesmo fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa –, os chamados lugares de comemoração. Um exemplo, segundo o sociólogo austríaco, seriam os monumentos aos mortos, que podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma ou de um período vivido por tabela, isto é, não necessariamente experienciado por ela em si, mas, sim, pelo grupo ou pela coletividade à qual se sente pertencer.

Em relação aos italianos aqui abordados, observar-se-á o culto à terra natal, o forjamento de um sentimento pátrio, acalentando-se lembranças de um lugar mítico, farto, civilizado e abençoado. Na prática, uma completa invenção, já que os principais responsáveis pela fundação do círculo ítalo-campineiro imigraram justamente na esteira do processo de unificação da Itália, o denominado *Risorgimento*.¹²¹ Significa dizer que os respectivos *oriundi* pouco ou praticamente nada vivenciariam da Itália enquanto Estado independente. Foi, na verdade, ante uma Campinas que se urbanizava que eles passaram a se reconhecer de fato como italianos, e não somente como toscanos, piemonteses, vênnetos, lombardos, etc.

Vale recordar que, até a primeira metade do século XIX, aquilo que é concebido hoje como Itália não passava de uma simples expressão geográfica ou cultural. Conforme destaca Bertonha,¹²² enquanto Inglaterra, Rússia, Espanha ou França tinham uma longa história como Estados unificados, a península encontrava-se fragmentada, dividida em ducados, pequenas repúblicas ou em reinos precários, inclusive com muitas terras sob o controle do Império

¹¹⁹ Ibidem, p. 188-189.

¹²⁰ POLLAK, Michael. (1992). *Op. cit.*, p. 202.

¹²¹ De acordo com Bertonha (2016), o Estado italiano fora, do ponto de vista formal, constituído em 1860 (tendo sido publicado oficialmente em 1861). No entanto, alguns trechos do território que hoje é italiano seriam incorporados mais adiante, como o Vêneto (anexado em 1866, a partir dos problemas austríacos com a Prússia), Roma (1870), o Trento e a Venezia-Giulia (só ocupados em 1918).

¹²² BERTONHA, João Fábio. (2016). *Op. cit.*, p. 48.

Austríaco. Eis que, inconformados com a opressão e o atraso econômico, poetas, escritores e demais populares começam a se articular em prol da unidade italiana.

Mas os peninsulares, é importante ressaltar, não eram os únicos insatisfeitos. Em meados de 1848, boa parte da Europa fora acometida por uma série de revoltas, cujo motor era um sentimento nacionalista atrelado ao conceito de cidadania, típico do período. Burgueses, intelectuais, profissionais liberais e mesmo trabalhadores pobres italianos engajaram-se nessas rebeliões.

Eles lutavam por valores já presentes no Iluminismo italiano do século XVIII e potencializados pela agitação social e política do período da Revolução Francesa e de Napoleão, como uma Itália livre e independente, a democracia, uma constituição e autorrepresentação e governo. Os inimigos não eram tanto os nacionais austríacos (inexistentes, na verdade, naquele Império multinacional), mas o ultraconservadorismo dos Habsburgo, a falta de liberdade política e cultural e o autoritarismo. O Império era malvisto, assim, não apenas por um problema nacional, mas porque, ao estrangeiro, eram associadas todas as forças do atraso que, pelo pensamento da época, impediriam a liberdade e o progresso da península.¹²³

Apesar dos embates travados, o movimento não conseguiu prosperar. O modo de enxergar a luta pela nacionalidade associada à defesa da democracia e dos direitos sociais e políticos acabara sucumbindo perante o avanço de um nacionalismo de caráter conservador, vinculado à conquista militar e à negociação diplomática. No caso da península, havia uma elite liberal, representada pela figura de Camilo Benso, também conhecido como conde de Cavour, um nobre e homem de negócios do Piemonte, refratária às pretensões republicanas veiculadas tanto por Giuseppe Mazzini como por Giuseppe Garibaldi.¹²⁴ E foi justamente esse estrato, avesso às propostas de ampliação da participação popular, o responsável por articular a unificação da Itália em torno da monarquia Savoia. Como resultado, essa vertente triunfante do nacionalismo esteve na base de uma emergente política oficial de fomento à italianidade. A preocupação, a partir de então, fora criar, por intermédio da língua, da cultura e da literatura, verdadeiros italianos, dentro e fora do território. Consequentemente, os emigrantes foram impactados.¹²⁵

Salienta-se que as reverências ao mitológico Estado-nação de qual procediam constituíram apenas um dos componentes da memória construída pelos integrantes do

¹²³ Ibidem, p. 48.

¹²⁴ Ainda que considerasse a insurreição uma via legítima para a constituição de uma Itália unificada e republicana, Mazzini era um moderado em termos sociais, defendendo a propriedade privada e posicionando-se contra o socialismo. Garibaldi, por sua vez, embora não demonstrasse uma estrita coerência ideológica, gozava de grande prestígio perante as classes mais populares, dizendo que cabia a elas escolher a forma de governo da nova Itália. Cf. GABACCIA, Donna R. (2000). *Op. cit.*, p. 41-51.

¹²⁵ Ibidem, p. 51-53.

Circolo. Conforme enfatiza Pollak,¹²⁶ esta é formada ainda por outros dois elementos. Os acontecimentos, vividos pessoalmente ou “por tabela”. E as pessoas, os personagens, sejam aqueles realmente encontrados no decorrer da vida, sejam aqueles frequentados por tabela, indiretamente, enfim, que de alguma maneira se transformaram em “conhecidos”, mesmo que na prática não tivessem pertencido de fato ao espaço-tempo do indivíduo.

Junto às habituais comemorações alusivas ao *Risorgimento* – sobretudo a data referente à incorporação de Roma à Itália, ocorrida em 20 de setembro de 1870 – e à conseqüente exaltação de seus expoentes – os reis Vittorio Emanuele II e Umberto I, a rainha Margherita, o ex-primeiro ministro Camilo Benso, o ativista Giuseppe Mazzini e o combatente Giuseppe Garibaldi –, nota-se que os sócios da entidade também enalteciam renomados contrerrâneos que se sobressaíram no âmbito das artes, tais como Michelangelo e Dante Alighieri.

À medida que circulavam pelas ruas de Campinas, que compravam, fabricavam e comercializavam produtos, encontrando escravos e ex-escravos, imigrantes portugueses, alemães e “nativos” abastados, os criadores do *Circolo* começaram a se perceber como um grupo distinto, específico, ou seja, como italianos. Como dizia Pollak,¹²⁷ a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros. Não à toa, é entendida neste texto no seu sentido mais superficial, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros.

Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.¹²⁸

É em meio à objetivação de uma configuração social como o *Circolo Italiani Uniti* que os peninsulares aqui analisados procuraram definitivamente forjar sua identidade. E a memória foi um elemento constituinte desse processo, afinal, ela auxilia no engendramento de um sentimento de continuidade e de coerência de uma coletividade que busca estabelecer uma construção de si.¹²⁹ A sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, convém reiterar, são produzidas ou até revigoradas no transcorrer das relações do indivíduo com o seu ambiente coletivo. Um entrelaçamento entre unidade e multiplicidade, nas palavras de Halbwachs.¹³⁰

¹²⁶ POLLAK, Michael. (1992). *Op. cit.*, p. 201.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 204.

¹²⁸ *Idem*.

¹²⁹ *Idem*.

¹³⁰ HALBWACHS, Maurice. (2003). *Op. cit.*, p. 69.

Mas para formalizar e, por conseguinte, sustentar essa identidade, essa autoimagem de um grupo que se percebe agora como italiano, necessita-se de um processo de negociação que concilie memórias individuais e memória coletiva. Conforme pondera Halbwachs,¹³¹ para que a nossa memória se beneficie da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos. Precisa-se igualmente “que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum”.

Ora, no caso dos imigrantes italianos em questão, que provinham de um país recentemente unificado, permeado por regionalismos e histórias várias, o desafio era muito mais complexo do que reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. O que existia era uma memória dividida, uma multiplicidade de memórias fragmentadas, “todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas”.¹³² Nesse sentido, a invenção de uma memória nacional “implica um trabalho muito árduo, que toma tempo, e que consiste na valorização e hierarquização das datas, das personagens e dos acontecimentos”.¹³³ Não por acaso, como será demonstrado ao longo da tese, a interferência do próprio governo da mãe-pátria nessa reconstrução, inclusive junto às associações italianas beneficentes e mutualistas erigidas no exterior, uma vez que o seu funcionamento dependia de dados ou de mínimas noções comuns que estivessem no espírito de um imigrante e também no dos demais compatriotas, porque elas acabam passando destes para aquele e vice-versa, o que seria possível somente se fizessem parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Só assim poderiam “compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída”.¹³⁴

Esse processo, evidentemente, não estava imune a instabilidades. Pelo contrário, as memórias, como se nota, são, em parte, herdadas, não se referem apenas à vida física dos indivíduos.¹³⁵ Logo, estão sujeitas a flutuações, entram em disputa, ainda mais em se tratando da Itália, um país bastante jovem à época. Nas palavras de Pollak,¹³⁶ a memória nacional é um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar quais datas e acontecimentos vão ser gravados na memória daqueles compartilham uma nacionalidade análoga.

¹³¹ *Ibidem*, p. 39.

¹³² PORTELLI, Alessandro. (2005). *Op. cit.*, p. 106.

¹³³ POLLAK, Michael. (1992). *Op. cit.*, p. 205.

¹³⁴ HALBWACHS, Maurice. (2003). *Op. cit.*, p. 39.

¹³⁵ POLLAK, Michael. (1992). *Op. cit.*, p. 204.

¹³⁶ *Idem*.

Conforme se organizava o *Circolo*, as datas, os eventos e os personagens cultivados em seu dia a dia eram estruturados a partir de um ponto de vista político. O uso de uma denominação “isenta” como *Italiani Uniti*, a escolha de quem integrava o sodalício, com quem eram estabelecidas interações, as finalidades da entidade, as homenagens, representações e os símbolos mobilizados, enfim, tudo isso denotava uma luta política. Consistiam em iniciativas que se apoiavam na manipulação de memórias com o intento de constituir uma identidade capaz de lhes proporcionar um sentimento de partilha e servir como base para ações coordenadas visando angariar cacife suficiente para serem reconhecidos e valorizados pelos outros, ou seja, dentro e fora da colônia arraigada em Campinas.

O referido sodalício é aqui abordado *in status nascens*. Por mais que os relacionamentos e as ações micrológicas dos imigrantes italianos que o integravam constituíssem “o verdadeiro acontecer”, elas se materializavam devido às impressionantes transformações sociais e políticas pelas quais a cidade de Campinas passava. Da transição do ciclo do açúcar ao apogeu cafeeiro, ela se convertera indubitavelmente em um privilegiado *locus* de inovações que se estendiam dos aconchegantes lares das camadas mais abastadas às vias públicas. Estrangeirismos incorporados pela aristocracia rural que se manifestavam na arquitetura, na mobília, nos serviços urbanos e até em valores culturais que se solidificavam enquanto estilos de vida à medida que eram repetidamente praticados. A seguir, discorre-se a respeito desse efervescente ambiente social, econômico e político que os criadores do *Circolo* encontraram ao desembarcar na localidade que se configurava como o principal centro do interior paulista.

1.2 Uma princesa e seus estrangeirismos

Se por um lado, a expansão e consolidação do quadro urbano de Campinas estão ligadas ao avanço da cultura do café, de outro convém sopesar que os seus primeiros ares de cidade, na verdade, são sentidos um pouco antes, ainda sob uma economia regida pela produção açucareira.¹³⁷ Isso pode ser verificado junto aos registros publicados pelo viajante português Augusto Emílio Zaluar, que, no limiar dos anos 1860, ao circular pelo interior paulista afora, fizera algumas observações a respeito das localidades em que desembarcara. Em sua estadia de dois meses em Campinas, as atividades de dimensão artesanal e comercial que ali existiam não lhe passaram despercebidas.

¹³⁷ BAENINGER, Rosana. *Espaço e tempo em Campinas: migrantes e expansão do polo industrial paulista*. 1992. 214f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1992, p. 23.

[...] Há na cidade sessenta e quatro lojas de fazendas e ferragens, vinte armazéns de gêneros de fora, e cento e dez tavernas [...]. Além destas, há três fábricas de licores, duas de cerveja, uma de velas de cera, uma de chapéus, três hotéis, duas casas de bilhares, diversas lojas de alfaiates, sapateiros, latoeiros, caldeireiros, torneiros, marceneiros, seleiros, armadores, quatro padarias, uma fábrica de charutos, três relojoeiros, três ourives, três retratistas em darregueótipo e um a óleo, três pintores hábeis, e uma tipografia [...]. Além das casas de comércio já declaras, existem três de comissões de importação [...].¹³⁸

Apesar de incipientes, a precocidade de tais atividades, segundo Zaluar,¹³⁹ também estava condicionada à localização estratégica de Campinas. Afinal, esta última constituía um entreposto de Goiás, Uberaba, Franca e outras povoações interioranas. Mesmo com as esperanças renovadas diante da possibilidade de sucesso da lavoura cafeeira, o viajante luso destacava que a fabricação de açúcar e de aguardente mantinha-se ativa. O “ouro vermelho”, conforme assinala Baeninger,¹⁴⁰ fora gradativamente inserido em meio às plantações canavieiras.

Além do café, o cultivo da cana, a fabricação do açúcar e da aguardente continuam ainda a ser explorados [...]. As vinte fazendas de cana com seus respectivos engenhos dão por ano sessenta mil arrobas de açúcar, que não só serve para o consumo local, como se vende para outros municípios, e ainda para a província de Minas [...].¹⁴¹

Zaluar¹⁴² atribui, inclusive, ao fazendeiro Francisco Egídio de Souza Aranha o pioneirismo pela introdução da cultura do café em Campinas. Evidentemente, não cabe aqui discutir e tampouco delimitar a “paternidade” do “ouro vermelho” no aludido local. O que este texto sublinha, em realidade, é que justamente os proprietários de terras que aderiram à cafeicultura e suas respectivas descendências de bacharéis se tornaram a vanguarda do salto que o município dera em direção à modernização urbana. Campinas, ou melhor, a “Princesa do Oeste” fora dotada das virtudes, do porte e das indumentárias alusivas à nobreza. É como essa elite, gradativamente sintonizada com os estilos europeizados, sentia, cortejava e desejava a sua própria cidade. Uma concepção que, de acordo com Lapa,¹⁴³ permanecera por mais de duas décadas.

Não é demais recordar que o século XIX é um século da mudança: “mudanças em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do litoral do Atlântico norte, que

¹³⁸ ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)*. São Paulo: Livraria Martins, 1976, p. 137.

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ BAENINGER, Rosana. (1992). Op. cit., p. 24.

¹⁴¹ ZALUAR, Augusto Emílio. (1976). Op. cit., p. 136.

¹⁴² Idem.

¹⁴³ LAPA, José Roberto do Amaral. (1996). Op. cit., p. 110.

eram, à época, o núcleo do capitalismo”.¹⁴⁴ Com algumas exceções marginais, “todos os países, mesmo os até então mais isolados, estavam, ao menos periféricamente, presos pelos tentáculos da transformação mundial”.¹⁴⁵ Grosso modo, o mundo estava dividido numa parte menor, onde a modernidade nascera, e noutra muito maior, em que chegara como uma espécie de conquistador estrangeiro, ajudada por colaboradores locais. Berço do industrialismo e, conseqüentemente, o maior exportador de capital e serviços, a Grã-Bretanha, pautada no comércio livre e irrestrito, orientava sua economia cada vez mais à exportação de produtos industrializados e à importação de alimentos. Tal comércio era visto como fundamental, pois permitia que os “fornecedores ultramarinos de produtos primários trocassem suas mercadorias por manufaturados britânicos, reforçando assim a simbiose entre o Reino Unido e o mundo subdesenvolvido, base essencial do poderio econômico britânico”.¹⁴⁶

Como bem ressalta Hobsbawm,¹⁴⁷ uma das principais tecnologias exportadas era exatamente aquela que possibilitaria até mesmo a incorporação de países atrasados à economia mundial: a estrada de ferro. Símbolo máximo da ultramodernidade, é por meio dela que outras inovações também chegaram ao conhecimento da população campineira. A cidade tornara-se um ponto de parada obrigatório aos caixeiros-viajantes, cientes de que ali se constituía um potencial mercado consumidor nutrido pelo acúmulo de fortunas propiciado pelo café.

Em fins dos anos 1870, o norte-americano Leon Rodde, sócio de Ferdinand Rodde, proprietário do estabelecimento “Ao grande mágico”, situado na cidade do Rio de Janeiro, anunciava a respectiva loja nas páginas do jornal *A Província de São Paulo*¹⁴⁸ como a única representante no Brasil do inventor do telefone, o inglês Alexander Graham Bell (figura 3). À convite de Eugenio Roso, sobrinho do cafeicultor e conservador¹⁴⁹ Joaquim Quirino dos Santos, Leon Rodde viajara a Campinas a fim de aproveitar a oportunidade para expandir os negócios para além dos limites da corte. Tanto que a matéria veiculada pela imprensa paulistana fora integralmente reproduzida pela *Gazeta de Campinas*,¹⁵⁰ cujo fundador e redator era o advogado republicano Francisco Quirino dos Santos, irmão unilateral de Joaquim. Através desses anúncios, Rodde divulgava os modernos aparelhos elétricos que

¹⁴⁴ HOBBSAWM, Eric. (2002). *Op. cit.*, p. 46.

¹⁴⁵ *Idem*.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 65.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 96.

¹⁴⁸ O TELEPHONO: AO GRANDE MAGICO. *A Província de São Paulo*, São Paulo, p. 3, 18 ago. 1878.

¹⁴⁹ Era um dos expoentes do Partido Conservador, agremiação alinhada à centralização monárquica.

¹⁵⁰ O TELEPHONO: AO GRANDE MAGICO. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 2, 22 ago. 1878.

possuía, proclamando-se como pioneiro e vendedor de produtos científicos na América do Sul.

Figura 3 - Anúncio comercial de Leon Rodde sobre o telefone e outros aparelhos elétricos



Fonte: Gazeta de Campinas¹⁵¹

O caso do telefone é emblemático por três razões. Primeiro, porque Campinas foi uma das primeiras cidades do mundo a introduzir o seu uso. Em segundo lugar, por tal fato ajudar a ilustrar a compressão espaço-tempo gerada pela revolução nos transportes, facilitando as conexões de pessoas e lugares outrora distantes. Em terceiro lugar, porque a sua adoção pela elite cafeeira evidencia o quanto esta estava atenta aos estrangeirismos. É significativo imaginar que tanto o telefone, um invento iniciado na oficina do senhor Graham Bell, em 2 de junho de 1875, como o fonógrafo, desenvolvido pelo norte-americano Thomas Edison em 1877, estivessem sendo expostos no interior paulista logo em 1878.

Conforme tínhamos *anunciado*, fez *hontem* *aquelle* senhor a sua experiência de *telephone* e *phonographo*, no recinto do *Rink*. Muitas pessoas estiveram presentes, senhoras e cavalheiros, e a todos satisfizeram plenamente os resultados da experiência. Especialmente do *phonographo* foi muitíssimo satisfatório o êxito, reproduzindo o instrumento todas as palavras que o sr. Rodde pronunciava no respectivo bocal. Não daremos aqui uma descrição minuciosa do *phonographo*, já pela hora adiantada em que escrevemos, já porque essa descrição tem sido publicada por vários *jornaes*. O que é certo é que todos *comprehendem* que a descoberta *scientífica* pertence realmente ao número das quais mais admiração despertam. Além disto, é reconhecida a utilidade do *phonographo*. Hoje deve realizar-se outra experiência no mesmo lugar.¹⁵²

Os contatos intermediados por Leon Rodde junto à elite oligárquica de Campinas não foram em vão. Isso porque em janeiro de 1884, concedia-se à firma *Ferdinand Rodde & Cia.* a exploração dos serviços telefônicos na “Princesa do Oeste”. Surgiria a partir daí a *Empresa Telefônica Campineira*, cujas linhas foram oficialmente inauguradas em 4 de abril do aludido

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² O SR. LEON RODDE. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 2, 24 ago. 1878.

ano. A princípio, 56 assinantes aderiram à novidade, com destaque para comerciantes, profissionais liberais e sujeitos vinculados a parentelas de base fundiária.¹⁵³ Na década seguinte, esse número chegaria a 330.¹⁵⁴ Em suas páginas, a *Gazeta de Campinas* exaltava a tecnologia como sinônimo de progresso e como um meio de comunicação característico de “cidades importantes”.

*Effectuou-se, ante-hontem, a inauguração definitiva dos trabalhos das linhas da Empresa Telephonica Campineira. Às 8 horas da noite foi servido, na casa de onde funciona o escriptorio central, um ligeiro copo d'agua, em que tomaram parte todas as pessoas presentes. Foram erguidas várias saudações, sendo a primeira do sr. M. Segismundo, em nome da empresa à cidade de Campinas e à respectiva imprensa, alli representada. O sr. Antonio Sarmiento, em nome do Diário, agradeceu aquelle brinde e saudou a Empresa Telephonica. Por parte desta folha foi agradecida a saudação à imprensa, por um dos nossos colegas, brindando os representantes da empresa. Foi saudado pelo sr. H. de Barcellos, o sr. Alexandre Mendes, gerente da empresa. Durante a reunião tocou uma banda de música, e o edificio foi visitado por famílias e grande número de cavalheiros. Nessa ocasião fizeram-se ligações com todos os assignantes, que são em número de 56, podendo desse modo ouvirem a música que então se executava alli. A frente do edificio, achava-se brilhantemente illuminada. A concurrencia de pessoas, que claramente demonstravam a sua satisfação pelo grande melhoramento, foi avultada e dirse-hia que todas tomavam interesse pela prosperidade da empresa, que sem duvida trouxe para esta cidade esse valioso meio de comunicação adoptado hoje nas cidades importantes.*¹⁵⁵

Conforme discute Ortiz,¹⁵⁶ o telefone incidiu na reorganização da sociabilidade dos indivíduos. Da mesma forma que servia aos homens de negócio como um instrumento de trabalho, sua função não se limitava propriamente ao universo das transações comerciais. Ele colocou as pessoas em contato, modificando as noções de proximidade e distância. Surge, nas palavras do autor, como um intruso, uma vez que sua campainha deve soar num espaço comum sem que necessariamente signifique “chamar os criados”. Ao mesmo tempo, a separação entre casa e trabalho, a qual pressupõe uma especialização entre as esferas privada e pública, começa a esvanecer. Pelo telefone, o mundo dos negócios aos poucos se acerca das residências burguesas.

Mas esse ingresso à *belle époque*, evidentemente, não se limitou às inovações adotadas no interior das casas comerciais e residências. Pelo contrário. Também começou a ficar mais visível no espaço público. Vale frisar que, para quem se aventurasse a sair de casa à noite, a realidade era um tanto quanto desoladora: atoleiros, valas e buracos, imundícies a cada espaço, sem contar as eventuais colisões de pessoas e a insegurança com assaltos.¹⁵⁷ Assim

¹⁵³ EMPRESA TELEPHONICA CAMPINEIRA: INAUGURAÇÃO DO ESCRIPTORIO CENTRAL. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 3, 4 abr. 1884.

¹⁵⁴ AMARAL, Leopoldo. *A cidade de Campinas em 1901*. Campinas: Typographia da Casa Livro Azul, 1900, p. 277.

¹⁵⁵ INAUGURAÇÃO. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 2, 6 abr. 1884.

¹⁵⁶ ORTIZ, Renato. (1991). *Op. cit.*, p. 28-29.

¹⁵⁷ LAPA, José Roberto do Amaral. (1996). *Op. cit.*, p. 32.

como na vida privada, em que se recorria às lamparinas de azeite e aos castiçais com velas, a iluminação das ruas igualmente deixava a desejar. Por iniciativa própria, algumas famílias até chegavam a colocar lampiões de querosene defronte aos seus lares. No entanto, era uma luminosidade muito reduzida e de pouca duração.

Esse quadro começaria a mudar partir de 1875, com a inauguração dos serviços de iluminação a gás. Três anos antes, um grupo liderado por Joaquim Quirino dos Santos obteve junto à Câmara Municipal a concessão para aplicar tal tecnologia. Ao criar a *Companhia Campineira de Iluminação a Gás*, o referido cafeicultor contratava o engenheiro Robert Normanton para construir o Gasômetro.¹⁵⁸

Inglês, nascido em Bedford, Robert e seus dois irmãos, John e Benjamim, estabeleceram-se no interior paulista por volta de 1857. Com a experiência de quem já havia trabalhado no ramo ferroviário, colaboraram diretamente com a implementação dos trilhos da Companhia Paulista.¹⁵⁹ Robert, como se observa, tinha credenciais de sobra para assumir a empreitada almejada por uma elite que ansiava por inovações. Foi incumbido de adquirir todo o material necessário à obra na Europa, tais como encanamentos e máquinas.¹⁶⁰ Sob a sua direção, promoveu-se a instalação de tubos de canalização de ferro fundido até os combustores colocados em vários pontos da cidade.

Notam-se, a propósito, diferentes nomes ligados à cafeicultura integrando o quadro diretivo da primeira empresa de iluminação de Campinas. O republicano Bento Quirino dos Santos (filho de Joaquim), Custódio Manoel Alves, o monarquista Joaquim Ferreira de Camargo (o barão de Ibitinga), entre outros. Ademais, claro, de se constituírem enquanto capitalistas interessados em ampliar seus recursos, parece plausível considerar que, por trás dessa iniciativa, também existia o desejo de desfrutar de uma extensão da sociabilidade. Conforme discute Sevcenko,¹⁶¹ permanecer estritamente confinado às fazendas ou até mesmo em seus recentes aposentos no meio urbano tornava-se um sinal de decrepitude, de passadismo. Ser moderno implicava agora numa alteração dos costumes. A filosofia da moda é se movimentar, interagir, aproveitar melhor o tempo livre.

O antigo hábito de repousar [...] se tornou um despropósito ridículo. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolescência, uma caduquice. Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando

¹⁵⁸ AMARAL, Leopoldo. (1900). *Op. cit.*, p. 272.

¹⁵⁹ RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado; BONI, Marcela. *Pontes da memória: história da nossa gente*. São Paulo: Museu Histórico e Cultural de Jundiá, 2013, p. 82.

¹⁶⁰ AMARAL, Leopoldo. *Campinas Recordações*. São Paulo: Seção de obras do Estado de São Paulo, 1927, p. 510.

¹⁶¹ SEVCENKO, Nicolau. (2009). *Op. cit.*, p. 34.

as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito [...].¹⁶²

Para viabilizar essa pretensa circulação, nada melhor do que recorrer a mais uma modernidade britânica: os bondes.¹⁶³ Puxados inicialmente por burros, esses veículos, então existentes em importantes cidades como Rio de Janeiro (1859), Salvador (1866) e São Paulo (1872), foram implantados pela *Companhia Campineira de Carris de Ferro*, fundada em 1878 por Bento Quirino dos Santos e Carlos Manoel Aranha (o barão de Anhumas). A despeito de apresentar alguns problemas de atraso e casos de descarrilamento, a inauguração do serviço de bondes em 1879 revolucionou o transporte urbano. Composto por quatro fileiras de assentos e conduzido por uma parilha de animais, o bonde corria sobre trilhos em ruas pavimentadas, ligava um arrabalde ao centro da cidade e à estação da Companhia Paulista, encurtando distâncias, coletivizando e acelerando o deslocamento (figura 4).¹⁶⁴

Figura 4 - Bonde a tração animal em Campinas, 1910-1911



Fonte: Lapa¹⁶⁵

Sob o epíteto do “prazer”, da “diversão”, do “sair de casa”, novos hábitos, físicos, sensoriais e mentais passaram a ser exercitados, incorporados em doses metódicas como práticas indispensáveis do cotidiano.¹⁶⁶ A vida noturna estava em vias de se agitar. E a iluminação a gás, sem dúvida nenhuma, dera sua contribuição à promoção de saraus, eventos dançantes e peças teatrais, viabilizando o desenvolvimento da cultura de “salão”.¹⁶⁷ Nas

¹⁶² Ibidem, p. 33.

¹⁶³ WEIRD, Elisabeth von der. *O bonde como elemento de expansão urbana no Rio de Janeiro*. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro. s.d. Disponível em: <<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/890/1/WEID%2c%20E.%20-%20O%20bonde%20como%20elemento%20de%20expans%2c%20a3o%20urbana.pdf>>. Acesso em 5 mai. 2020.

¹⁶⁴ LAPA, José Roberto do Amaral. (1996). *Op. cit.*, p. 129.

¹⁶⁵ Ibidem, p. 132

¹⁶⁶ Ibidem, p. 129.

¹⁶⁷ NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*.

palavras de Amélia de Rezende Martins, filha do reconhecido barão Geraldo de Resende, a chegada da luz à “Princesa do Oeste” “fizera desaparecer, para sempre, [...] a tristeza de suas noites tenebrosas”.¹⁶⁸

A iluminação a *gaz*! Na minha mais *longinqua* infância, [...] parecia-me uma iluminação de contos de fadas! E o *gazometro*, com seus grandes e negros balões circulares, por onde *passavamos* sempre, - porquanto ficava em nosso caminho, bem na terminação da antiga rua do *commercio* e começo da estrada Guanabara, o *gazometro* dava, à minha imaginação de *creança*, a impressão fantástica de uma forja amedrontadora, onde se trabalhava às escondidas em *cousas* que ninguém devia *comprender*. Os bicos de *gaz*, pela cidade, eram plantados *enviezadamente* nas calçadas, e, à noitinha, um homem com uma vara comprida terminada por uma *tócha*, talvez embebida em *kerozene*, passava correndo, de um para outro, e dando um salto para a calçada, e parando menos que nada em cada poste, ia *accendendo* os bicos de *gaz*, partindo de novo a correr... e ficávamos à *janella*, à *tardesinha*, espreitando a passagem do homem *mysterioso* [...].¹⁶⁹

É bem verdade que o primeiro teatro erigido em Campinas advém até mesmo antes de sua própria *belle époque*. Graças à iniciativa de um seletto grupo de sujeitos abastados – dentre eles o fazendeiro José Franco de Andrade –, criou-se, em 1846, uma sociedade por ações destinada a cumprir tal objetivo: a *Associação Campineira do Theatro S. Carlos*.¹⁷⁰ O prédio, cujas obras foram concluídas em fins de 1847, chegou a ser considerado pelo viajante português Augusto Emílio Zaluar superior ao então teatro da capital paulista (figura 5).¹⁷¹ Com 62 camarotes e 250 lugares na plateia, ali se exibiram, de forma inédita, orquestras, espetáculos de variedades, companhias dramáticas, líricas, zarzuelas espanholas, operetas, “bouffos” parisienses, etc.¹⁷² Porém, por mais que o empreendimento possa ter constituído um indicativo prévio da reprodução dos padrões de socialização da aristocracia europeia, não cabe aqui exagerar sua infraestrutura. Afinal, o teatro denotava uma coexistência do novo e do arcaico, isto é, não possuía mobiliário próprio, obrigando seus frequentadores a levarem bancos e cadeiras aos camarotes, geralmente carregados por escravos. Sem contar que, por mais de duas décadas, o recinto dependeu dos lampiões de querosene, os quais, conforme mencionado, ofereciam uma iluminação precária aos expectadores.¹⁷³

São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 106-142.

¹⁶⁸ MARTINS, Amélia de Rezende. *Um idealista realizador*: barão Geraldo de Resende. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas Almanak Laemmert, 1939, p. 128, apud LAPA, José Roberto do Amaral. (1996). *Op. cit.*, p. 32.

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ Os demais capitalistas que compunham a sociedade eram: Francisco de Paula Antunes, o comendador Manoel Cardodo de Almeida e Silva, e Sebastião José Xavier de Brito.

¹⁷¹ ZALUAR, Augusto Emílio. (1976). *Op. cit.*, p. 139.

¹⁷² LAPA, José Roberto do Amaral. (1996). *Op. cit.*, p. 154.

¹⁷³ Idem.

Figura 5 - Teatro São Carlos, 1850



Fonte: Mendes¹⁷⁴

Nos anos seguintes, o teatro São Carlos passou por algumas reformas sucessivas. Em 1867, a fim de responder às exigências de certos espetáculos, contratou-se o mestre de obras lusitano Manoel Gonçalves da Silva Cantarino. Radicado inicialmente no Rio de Janeiro e depois de, provavelmente, passar por cidades do Vale do Paraíba, o construtor português desembarcou em Campinas, trazendo consigo os princípios do estilo neoclássico carioca.¹⁷⁵ Cantarino não apenas restaurou a fachada do edifício, mas também reorganizou seus camarotes em três ordens. A primeira e a segunda contavam com 41 deles, ao passo que a terceira apresentava uma varanda reduzida, conservando a forma exterior das demais ordens. No pavimento de tais camarotes, havia ainda um salão com suas saletas ao lado, enquanto no andar térreo existia um saguão amplo e duas saletas para botequins (figura 6).¹⁷⁶

¹⁷⁴ MENDES, José de Castro. Retratos da Velha Campinas. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. 139, p. 117-279, abr./mai. 1951.

¹⁷⁵ CAMPOS, Eudes. *Arquitetura paulistana sob o Império*: aspectos da formação da cultura burguesa em São Paulo. 1997. 814f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 1997, p. 181-182.

¹⁷⁶ LISBOA, José Maria. *Almanak de Campinas para 1871*. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1870, p. 25.

Figura 6 - Fachada do teatro São Carlos após a reforma de 1867



Fonte: Mendes¹⁷⁷

Posteriormente, entre 1886 e 1887, o edifício sofreu outra modificação. Dessa vez, mais radical. Isso porque a primeira reforma seguiu sem prover os camarotes de cadeiras e tampouco remodelou os assentos destinados à plateia. A diretoria do teatro, composta, em 1870, por fazendeiros como Joaquim Quirino dos Santos e o monarquista liberal¹⁷⁸ Joaquim Bonifácio do Amaral (o visconde de Indaiatuba), manifestava o desejo por novas pinturas e pela instalação de lustres no recinto, de modo que o mesmo adquirisse contornos mais elegantes.¹⁷⁹ Afinal de contas, segundo Amaral,¹⁸⁰ por ali passariam renomados artistas nacionais e estrangeiros.

[...] Carlos Gomes, regendo a *orchestra* em um concerto a 4 de fevereiro de 1871; Joaquim Augusto (o velho); Sarah Bernhardt (*La Dame aux Camelias* a 4 de julho de 1886); Lucina Simões, Emilia Adelaide, Adelaide Tessero, Ernesto Rossi, Giovanne Emmanuel, Furtado Coelho, Brazão, irmãos Rosas e a companhia *lyrica* Ferrari em setembro de 1893, da qual faziam parte os artistas Eva Tetrzinni, Judice Costa, Ferrani e Rapini, Scotti (*harytono*), Cremonini (tenor), Cromberg (baixo) e outros, bem como a respectiva *orchestra* de 60 professores. Nessa ocasião foram ouvidas as operas *Falstaff*, de Verdi, e *Favoritta*, de Donizetti.¹⁸¹

Bailes, concertos, saraus e espetáculos eram também promovidos pela elite fundiária no interior dos chamados *clubs* recreativos. Como bem destaca Melo,¹⁸² o hábito de

¹⁷⁷ MENDES, José de Castro. (1951). *Op. cit.*, p. 117-279.

¹⁷⁸ O Partido Liberal, embora não representasse de fato uma oposição à monarquia, defendia uma maior autonomia das províncias.

¹⁷⁹ *Idem.*

¹⁸⁰ AMARAL, Leopoldo. (1900). *Op. cit.*, p. 274.

¹⁸¹ *Idem.*

¹⁸² MELO, Victor Andrade de Melo. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 45.

organizar-se em torno de agremiações foi mais um modismo europeu incorporado por esses abastados sujeitos. A fundação e os decorrentes eventos proporcionados pelo *Semanal* (1857), pelo *Campineiro* (1865), pela *União e Progresso* (1868), pela *Carnavalesca Campineira* ou pela *Bohemia Dramática* (1877) simbolizavam uma disposição pelo forjamento de uma identidade que estivesse em sintonia com os padrões do “mundo civilizado”.

As conversas de outrora regadas a xícaras de chá, café e chocolate nos aconchegos das residências cediam espaço igualmente para reuniões e oportunidades externas dedicadas à troca e ao acúmulo de conhecimento. O Gabinete de Leitura (1861) e, mais tarde, o CCLA (1901) emergiram como expressões de um movimento cultural e científico que tomava forma em Campinas. Afora as últimas novidades diretamente trazidas pelos bacharéis pertencentes às famílias fazendeiras, a condição de entroncamento ferroviário da cidade atraía a chegada de jornais e revistas provenientes da capital. Esses se misturavam ao pulular de periódicos locais, produzidos por “nativos” e imigrantes ali radicados, sobretudo italianos. Aos poucos ia se constituindo um público de jovens e adultos ávidos por informação e saber.

Lugar de mediação de uma cultura letrada, o gabinete representava a institucionalização de uma prática surgida na Inglaterra no século XVII e posteriormente incorporada pelos franceses ao longo dos séculos XVIII e XIX: a locação de livros.¹⁸³ Vale lembrar que, durante o governo de Luís Napoleão, bibliotecas e exposições tornaram-se locais permanentes de educação e enriquecimento intelectual.¹⁸⁴ Os “*cabinets de lecture*”, em particular, ademais de proporcionar o aluguel de livros, funcionavam como recintos de sociabilidade, locais de encontros políticos e discussões literárias. A França, conforme citado, servia de espelho à nata da “Princesa do Oeste”. Não é surpresa, portanto, que alguns de seus representantes, sedentos pelo progresso, tenham aderido à originalidade. O gabinete de leitura campineiro funcionava à base do sistema de assinaturas pagas, que podia ser anual, semestral ou mensal. Ao se filiar, o indivíduo passava a ter o direito de levar algum livro para casa. O acervo, em 1873, possuía cerca de mil volumes, saltando para 2.500 em 1893. Predominava uma literatura estrangeira de ficção romântica, folhetinesca, embora contasse ainda com títulos e autores mais rebuscados.

[...] Neste caso, estão grandes autores românticos como Chateaubriand, Georg Sand, Victor Hugo, Jean-Jacques Rousseau, até escritores, cuja dimensão política e/ou filosófica da obra, como no caso de Voltaire e La Fontaine, por exemplo, faça-nos reconhecer o alcance do gosto de leitura dos campineiros, embora se notem nesse sentido sensíveis ausências. Não faltam também clássicos portugueses como Frei

¹⁸³ SOARES, Maria Angélica Lau Pereira. *Visão da modernidade: a presença britânica no gabinete de leitura (1837-1838)*. 2006. 208f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2006, p. 22.

¹⁸⁴ ORTIZ, Renato. (1991). *Op. cit.*, p. 81.

Luiz de Souza, Almeida Garrett, Camilo Castello Branco, Alexandre Herculano, A. F. de Castilho, Filinto Elísio, Bocage e outros [...].¹⁸⁵

Esses modernos postulados da educação e das artes também estiveram presentes nas raízes do CCLA. A diferença, porém, é que, no bojo deste último, junto aos bacharéis, detentores de um discurso mais romântico e adeptos do tratamento das questões nacionais como eminentemente políticas, somavam-se os cientificistas, dispostos, mediante o saber técnico, a fornecer instrumentos de explicação e a intervir efetivamente na realidade, civilizá-la, aperfeiçoá-la.¹⁸⁶ É interessante notar que, apesar de sensíveis contraposições entre si, ambas as perspectivas compunham a base da referida associação. Seus fundadores procuravam aglutinar em escala micro uma espécie de vanguarda intelectual, de modo que ela se projetasse enquanto autora e divulgadora dos saberes necessários para o progresso da sociedade campineira. À sua frente, advogados, médicos, engenheiros, fazendeiros, políticos e demais profissionais liberais incrementavam o cotidiano da agremiação, promovendo conferências, produzindo uma revista exclusiva e adquirindo periódicos especializados em ciências, literatura e artes, os quais passavam a figurar como leitura obrigatória para uma elite que se dispunha a cultivar hábitos e comportamentos urbanos distintos, isto é, importados das capitais europeias.

Percebe-se, contudo, que, em se tratando do desfrute do prazer, o teatro São Carlos seguia ostentando a condição de espaço social predileto da fina flor local. Era nesse prestigioso *locus* de reprodução das relações que opulentas parentelas se acomodavam em meio a fileiras e camarotes, exteriorizando não apenas suas proximidades, mas, sobretudo, a afinidade de capitais e de *habitus*.¹⁸⁷ Se a prática de assistir peças ou espetáculos musicais já constituía um exemplo de sofisticação e refinamento, é de se imaginar a ansiedade e o frenesi desses endinheirados indivíduos quando confirmado que o respectivo teatro serviria de palco para a apresentação de outra novidade cultural: as projeções cinematográficas. Cabe lembrar que, em 1895, na cidade de Paris, os irmãos franceses Luis e Augusto Lumiere exibiam pela primeira vez o cinematógrafo, aparelho que despertaria dali em diante grande fascínio nas pessoas. Dois anos após a sua aparição, o invento e suas devidas potencialidades já estavam sendo expostos a alguns curiosos e abastados campineiros. O responsável por esse contato foi o também francês, Fauré Nicolay, mágico e diretor de uma companhia de variedades. Nas

¹⁸⁵ LAPA, José Roberto do Amaral. (1996). *Op. cit.*, p. 144.

¹⁸⁶ ALONSO, Ângela Maria. *Positivismo: uso tópico, o projeto civilizatório de Luís Pereira Barreto*. 1995. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1995.

¹⁸⁷ BOURDIEU, Pierre. (2011). *Op. cit.*, p. 18-21.

páginas do jornal *Cidade de Campinas*,¹⁸⁸ a invenção era retratada como uma das “maravilhas do fim do século”, capaz de reproduzir os “movimentos da vida” (figura 7).

Figura 7 - Anúncio de evento no teatro São Carlos utilizando o cinematógrafo



Fonte: Cidade de Campinas¹⁸⁹

O *Diário de Campinas*, em sua edição de 5 de outubro de 1897, igualmente denotava admiração pela recente tecnologia, exaltando, em particular, a vivacidade conferida pelas imagens (figura 8). Essa nova expressão da modernidade, como discute Rago,¹⁹⁰ influiria diretamente sobre o comportamento dos sujeitos. A nata campineira aprendia a disciplina do silêncio, podendo escutar o som das orquestras antes que o ambiente escurecesse e as cortinas se abrissem. Era inevitável o deslumbre ao ver a rápida sequência das ilustrações em movimento nas telas, projetando corpos sedutores, cenas de beijo, violência ou paisagens desconhecidas.

Com bastante *concurrência*, realizou a “Companhia Franceza de Variedades”, no domingo, o segundo *espectaculo* no S. Carlos. Os trabalhos de prestidigitação foram bastante aplaudidos bem como os de *illusão*, alguns *quaes* são novidades para Campinas. As combinações do *diaphanorama* e *cynematorama*, combinações esplendidas *applicadas* às vistas de algumas cidades importantes, e à *photographia*

¹⁸⁸ THEATRO S. CARLOS. *Cidade de Campinas*, Campinas, p. 3, 3 out. 1897.

¹⁸⁹ Idem.

¹⁹⁰ RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula. (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 395.

dando-lhe vida, são, na realidade, trabalhos de grande valor. A companhia, com o *espectaculo* de domingo, despediu-se do *publico* desta cidade.¹⁹¹

Figura 8 - Repercussões acerca da utilização do cinematógrafo no teatro São Carlos

THEATRO S. CARLOS

Com bastante concurrença, realizou a «Companhia Françoza do Variedades», no domingo, o segundo espectáculo no S. Carlos.

Os trabalhos de prestidigitação foram bastante aplaudidos bom como os de *illusão*, alguns dos quaes são novidades para Campinas.

As combinações do diaphanorama e cynematorama, combinações esplendidas applicadas as vistas de algumas cidades importantes, e a photographia dando-lhe vida, são, na realidade, trabalhos de grande valor.

A companhia, com o espectáculo de domingo, despediu-se do publico desta cidade.

Fonte: Diário de Campinas¹⁹²

Vale ressaltar ainda que, em meio à agitação referente ao teatro São Carlos, surgiria mais uma casa de espetáculos: o *Rink Campineiro*. Inaugurado em 22 de abril de 1878 e concebido, sobretudo, para a prática da patinação, o edifício tinha como um de seus proprietários o jovem e futuro republicano Antonio Alvaro de Souza Camargo, nada mais nada menos do que neto de Francisco Egídio de Souza Aranha e Maria Luzia de Souza Aranha (a viscondessa de Campinas), grandes expoentes da economia cafeeira.¹⁹³ O *Rink* reunia em torno de si diversos aspectos atinentes à modernidade. Ao mesmo tempo em que possibilitava a busca do prazer e do adestramento físico através de outro modismo, o esporte, o prédio possuía um vasto salão que abrigava bailes, óperas, operetas, apresentações teatrais e, posteriormente, o cinema.¹⁹⁴

¹⁹¹ THEATRO S. CARLOS. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 1, 5 out. 1897.

¹⁹² Idem.

¹⁹³ FERREIRA, Carlos; SILVA, Hypolito da. *Almanach popular de Campinas para o anno de 1879*. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1878, p. 96.

¹⁹⁴ LAPA, José Roberto do Amaral. (1996). Op. cit., p. 153.

Por falar em modalidades esportivas, seu desenvolvimento tornara-se evidente nas principais cidades brasileiras no final do século XIX. De origem inglesa, a palavra *sport* foi importada e assimilada pelas respectivas elites oligárquicas não apenas como sinônimo de proeza física, mas, antes de tudo, como um estilo de vida a ser seguido, um novo elemento de coesão e interação social, afinal, era essa a conotação semeada pelo *gentleman* britânico burguês.¹⁹⁵

No que concerne às abonadas parentelas de base fundiária do estado de São Paulo, o esporte igualmente ajudara a alargar o universo social para fora das células domésticas auto-abrangentes. E as corridas de cavalos, que consistiam em uma tradição europeia de longa data, foram uma das primeiras atrações a despertar o entusiasmo das famílias paulistas. Desde 1711 o hipódromo real de Ascot, um vilarejo próximo a Londres, reunia as disputas da nobreza em eventos festivos. O turfe, assim como a caça, o tiro, a pesca, a equitação, o arco e flecha, e a esgrima, estavam entre as práticas ao ar livre que os ingleses chamavam de *sport*. Essa antiga diversão de raízes campestres fora aburguesada no início do século XIX à medida que os clubes de galopes a converteram numa atividade de lazer regular nos bosques periféricos das cidades. Era um divertimento bastante apreciado por sujeitos vinculados às classes opulentas, ou melhor, pelos denominados *sportsmen*. Indivíduos que, ademais de promover o desporto, entendiam a propagação do gosto pelo mesmo como mais uma via para se projetarem como pessoas produtivas, honradas e respeitadas perante os concidadãos.¹⁹⁶

Dada sua popularidade entre os abastados, as corridas equestres se estenderam para além das fronteiras britânicas. De acordo com Vigarello,¹⁹⁷ atravessaram o Canal da Mancha e foram igualmente adotadas na França, tornando-se uma paixão nacional. Lá, o termo *sportsman*, inexistente antes dos anos 1840, também acabou incorporado pela nobreza. Foi descrito pela primeira vez por Rodolphe d'Ornano em *Les Français peints par eux-mêmes*, em 1841, quase exclusivamente como um amador da equitação.

A sua paixão é a das corridas, a sua curiosidade a dos *pedigrees*. Lê as genealogias dos cavalos [...]. Aposta, compra puros-sangues, constrói caudelarias, vigia o peso dos seus jóqueis [...], diverte-se com as precauções extremas que ele toma na escolha das aveias ou no aquecimento da *box*, sublinha mesmo uma certa obsessão na arte de conter os ganhões e de conservar as linhagens. Insiste em diversos sinais de reconhecimento elitista, o vestuário, a referência inglesa, a carruagem [...].¹⁹⁸

¹⁹⁵ HOBBSAWM, Eric. (2002). *Op. cit.*, p. 256.

¹⁹⁶ VIGARELLO, Georges. O tempo do desporto. In: CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 1995, p. 234.

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 231.

¹⁹⁸ *Ibidem*, p. 232.

O *Jockey Club* de Paris foi criado em 1833. O hipódromo parisiense de Longchamp, anexo ao *Bois de Boulogne*, inaugurado em 1857. À época, era pouco mais do que um conjunto de pistas elípticas com diferentes metragens. Tratava-se de um grande espaço aberto em que as famílias parisienses se agrupavam nos limites das raias, nas gerais (*pelouse*) e nas colinas próximas para torcer e apostar. Alguns sentados nas próprias carruagens, outros nas arquibancadas, a maioria caminhava pela relva. Longchamp cresceu aos poucos. De início, as arquibancadas acomodavam uma pequena parte do público - elas foram ampliadas com o passar dos anos. Em 1873, outro hipódromo, chamado Auteuil, foi erguido no Bois de Boulogne para a realização de corridas com obstáculos (*steeplechase*), e um outro no parque de Vincennes para o trote. No pequeno e sofisticado balneário de Deauville, na costa da Normandia, a apenas três horas de Paris por trem, foi inaugurado um hipódromo mais restritivo, em 1864. Por muitos anos o Prado de Deauville foi frequentado, em larga medida, pela aristocracia e pela alta burguesia.¹⁹⁹

Assim como em outras áreas da cultura, o esporte brasileiro foi influenciado pela moda parisiense. Graças às viagens regulares e longas permanências das famílias fazendeiras paulistas em Paris, o esporte moderno, oriundo da ideologia liberal britânica, desembarcara por aqui não apenas com certo sotaque francês, mas praticamente visto pelas elites nacionais como sinônimo de *turf*.²⁰⁰

Na “Princesa do Oeste”, as primeiras notícias acerca de uma associação destinada à prática dos galopes em cavalos vieram à luz em 1871. Tais reportagens faziam alusão ao *Club de Corridas Campineiro*, cuja fundação contara com alguns importantes nomes ligados a parentelas cafeicultoras: Francisco de Camargo Penteado, Joaquim Paulino Barbosa Aranha, o liberal Joaquim Alves de Almeida Salles e o médico republicano Joaquim de Paula Souza.

Seria um equívoco, no entanto, afirmar que as referidas corridas tiveram início diretamente via um seletor *club*. Como assinalam Montenegro e Soares,²⁰¹ as disputas em forma de parelha, isto é, com dois cavalos competindo, já existiam em 1870. Improvisadas em raias de ruas, pautadas em apostas e, conseqüentemente, sujeitas a subornos, chegavam a reunir de 3 a 4 mil espectadores.

Não demorou muito para que a elite fundiária, em nome de uma suposta contraposição à vulgaridade e à corrupção, interviesse junto ao divertimento. Visando regulamentá-lo, Joaquim Paula de Souza, então presidente do *Club de Corridas Campineiro*, propôs a criação

¹⁹⁹ GAMBETA, Wilson Roberto. (2015). *Op. cit.*, p. 42-43.

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ MONTENEGRO, Nara Romero; SOARES, Carmen Lúcia. Corridas de cavalos em Campinas: das ruas e dos quilombos ao hipódromo (1870-1898). *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 424, abr./jun. 2018.

de um hipódromo mediante a concessão gratuita de um terreno por parte da Câmara Municipal. Insinuava, nas páginas da *Gazeta de Campinas*,²⁰² que os corredores, predominantemente caboclos e negros, desmoralizavam as corridas devido às muitas trapaças que praticavam. Por vezes, segundo ele, cavalos mais lentos e vulgares ganhavam as competições pelo fato dos cavaleiros favoritos receberem dinheiro para perder. Citando como exemplos as corridas promovidas na Inglaterra, França e no Rio de Janeiro, o doutor Joaquim argumentava que uma cidade tão “bela”, “rica” e com “gente de bom gosto” como Campinas carecia de um “melhoramento” como um Prado cercado, de modo que o estabelecimento da cobrança de entradas atrairia pessoas civilizadas e, por conseguinte, afastaria “os tratantes que só procuram um meio de ganhar dinheiro deslealmente”. Até mesmo as mulheres, sem a eventual presença de vadios grosseiros, poderiam, assim como as cariocas, aderir à plateia, refinando o ambiente de socialização.

Estavam bem nítidos os motivos para defender a construção de um Prado de corridas cercado. O espetáculo continuaria a céu aberto, mas as regras seriam impostas por indivíduos que concentravam capitais e faziam parte de uma agremiação singular. Dias após a veiculação do referido artigo, Joaquim de Paula Souza voltara às páginas da imprensa, insistindo a respeito da viabilidade e legitimidade de um Prado cercado. Agradecia, inclusive, o apoio do dono da *Gazeta de Campinas*, o republicano Francisco Quirino dos Santos, evidenciando ainda mais como a ideia de “europeizar” Campinas via *sport* angariava a simpatia dos membros das classes opulentas. Em um texto publicado no dia de 31 de agosto, o aludido médico seguia se queixando da falta de estrutura das corridas de rua, ou melhor, dos seus frequentadores. Considerava inadmissível ter de compartilhar a diversão com pessoas embriagadas, rasteiras e rudes. Estas, segundo ele, infelizmente contribuía para desabonar um prazer requintado e afastar indivíduos pacíficos e sofisticados. Realçava, ainda, que o próprio modelo de corrida adotado pelos caboclos estava em desacordo com o que era praticado nos “lugares civilizados”,²⁰³ onde os cavaleiros, ao expressarem habilidades específicas no tocante ao controle dos animais, proporcionavam galopes mais coordenados e sincronizados.

A pressão pela edificação de um hipódromo rendera seus frutos alguns anos depois. Em 4 de outubro de 1877, a Câmara Municipal enfim cedera o terreno para tal objetivo. De acordo com Ferreira e Silva,²⁰⁴ ademais do encanto pelos costumes franceses, àquela altura o

²⁰² AS CORRIDAS. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 1, 20 ago. 1871.

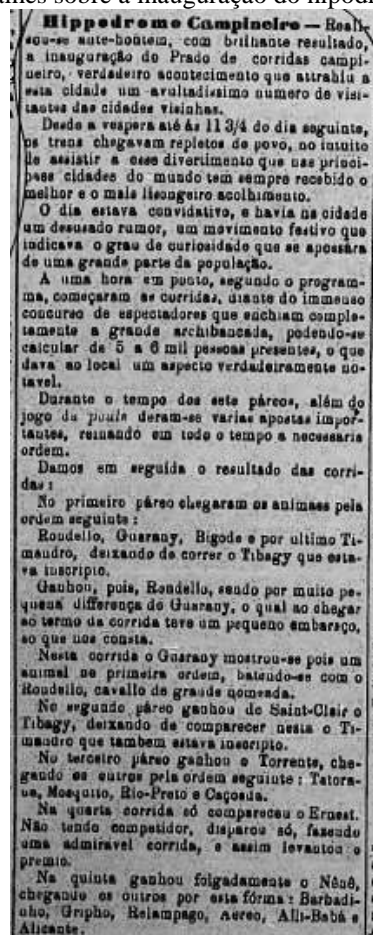
²⁰³ CORRIDAS. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 1-2, 31 ago. 1871.

²⁰⁴ FERREIRA, Carlos; SILVA, Hypolito da. (1878). *Op. cit.*, p. 95.

entusiasmo da elite fundiária se fortalecia a partir das repercussões em torno dos desafios de parselhas promovidos tanto no prado do Engenho Novo, utilizado pelos sócios do *Jockey Club* do Rio de Janeiro (1868), como no hipódromo da Mooca, frequentado pelos membros do *Club Paulistano de Corridas*²⁰⁵ (1875).

Vale destacar que o hipódromo campineiro foi construído onde hoje se encontram a Avenida Andrade Neves e a Rua Francisco Teodoro. Inaugurado em 29 de setembro de 1878 e composto por 12 quadras, o prado em nada perdia para o da capital paulista. Situava-se em um dos lugares mais altos da cidade, sendo possível desfrutar dali um “belíssimo panorama”.²⁰⁶ A *Gazeta de Campinas*, em sua edição de 1º de outubro, estimara a presença de um público “de 5 a 6 mil pessoas”²⁰⁷ no dia da inauguração. O jornal destacava o intenso afluxo de trens transportando inúmeros curiosos e simpatizantes de localidades vizinhas a fim de acompanharem de perto o moderno turfe (figura 9).

Figura 9 - Detalhes sobre a inauguração do hipódromo campineiro



Fonte: *Gazeta de Campinas*²⁰⁸

²⁰⁵ Em 1881, o nome da associação foi mudado para *Jockey Club de São Paulo*.

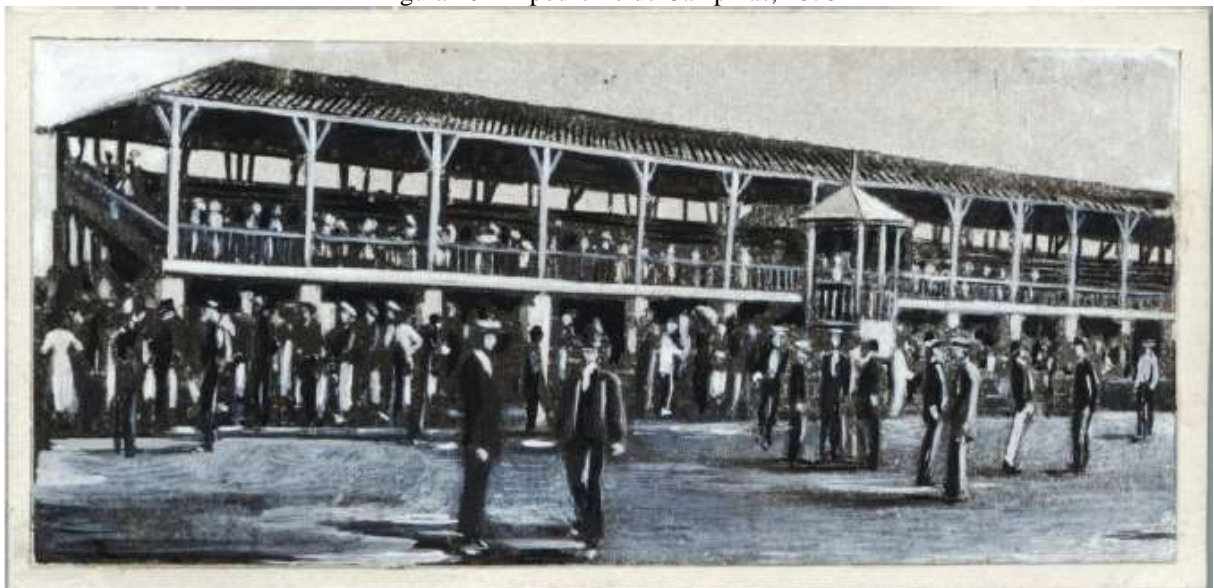
²⁰⁶ FERREIRA, Carlos; SILVA, Hypolito da. (1878). *Op. cit.*, p. 95.

²⁰⁷ HIPPODROMO CAMPINEIRO. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 2, 1 out. 1878.

²⁰⁸ Idem.

O hipódromo era mais um local a reproduzir rigorosamente a condição de espaço social, constituído à base de “princípios de diferenciação e distribuição”²⁰⁹ que traduziam o conjunto de capitais, os gostos e as posições de seus frequentadores em meio à sociedade mais ampla (figura 10). A começar pelo esquema de comercialização dos bilhetes de apostas, as denominadas pules. Outrora negociadas de modo espontâneo e sem muita regulação, essas passaram para as mãos de particulares que bancavam o jogo no interior do Prado, ou então o próprio clube de corridas podia se encarregar diretamente da operação. Enquanto isso, à espera do seu divertimento, o *sportsman*, um renomado fazendeiro dono de cavalos parceiros, em geral de raças ibéricas, francesas ou inglesas, se acomodava na tribuna de honra para acompanhar o desempenho do jóquei que estava ao seu serviço. De origem humilde, reconhecido por um pseudônimo, o cavaliço era pago para representar as cores do *stud*, claramente identificadas em sua camisa de seda e eventualmente similares à do brasão familiar do proprietário do animal. O cavalo corria, o jóquei recebia pelo trabalho, o *sportsman* patrocinava e se exibia no Prado diante de populares acantonados em uma parte das arquibancadas e nas gerais (*pelouse*).

Figura 10 - Hipódromo de Campinas, 1878



Fonte: Montenegro; Soares²¹⁰

O que se observa é uma elite oligárquica que ia se despidendo do extemporâneo, do obsoleto, do antiaquado e aderindo aos símbolos da modernidade. À medida que os seus anseios, práticas e interações adquiriam outros sentidos, outras dimensões e se expandiam em um ritmo distinto, sua fluidez e acomodação passaram a demandar uma remodelação da urbe. Iluminação, bondes, casas de espetáculos e de locação de livros, hipódromo, enfim,

²⁰⁹ BOURDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 133.

²¹⁰ MONTENEGRO, Nara Romero; SOARES, Carmen Lúcia. (2018). *Op. cit.*, p. 424.

investimentos em objetos técnicos capazes de viabilizar pretensas e modernas formas de socialização e entretenimento. Porém, como discute Sevcenko,²¹¹ o refinamento do gosto, ou ainda, essa busca pela satisfação de novas subjetividades, processadas na esteira do crescente apreço pelos parâmetros da sociedade europeia, também se consorcia intimamente com os termos estéticos. Não é toa que o logradouro público será devidamente “civilizado”, “modernizado”. Ruas alinhadas, calçamentos, jardins gramados e bem-comportados. Desejava-se, afinal de contas, uma paisagem mais aformoseada, simétrica, à altura do epicentro da riqueza cafeeira.

Cabe lembrar que Campinas chegara até a segunda metade do século XIX contendo uma malha viária mal definida não apenas na hesitação do seu traçado, mas também em sua própria identificação pelos moradores. Na verdade, a proximidade espacial, o conhecimento comunitário, as curtas extensões e largas das ruas e caminhos acabavam tornando desnecessário conferir-lhes nomes particulares. As denominações, em geral, aludiam às funções do espaço representado pela respectiva via, a evocações paradisíacas ou infernais, à integração com o campo, a um toque de paisagem com que se apresenta no caminho, à vegetação, aos insetos ou até mesmo ao estado de espírito que inspirava. As pessoas transitavam pela Rua Alegre, Formosa, Deserta, do Teatro, do Comércio, da Boa Vista, do Chafariz, da Matriz Nova, das Flores, da Formiga, do Campo, do Alecrim, pelo Beco do Inferno, pela Rua das Casinhas, entre outras.²¹²

Mas essa cidade colonial estava com os dias contados. Ela dará lugar a uma cidade de perfil diverso, em que as vias passam a ser nomeadas de acordo com os “heróis nacionais” – ruas General Osório e Duque de Caxias –, homenageando diretores das estradas de ferro – ruas Saldanha Marinho e Visconde de Paranaíba – ou personalidades vinculadas a tradicionais parentelas de base fundiária – ruas Dr. Moraes Salles, Dr. Quirino, Barão de Jaguará, Francisco Glicério, etc. Elas serão ainda emplacadas, as residências numeradas, enfim, um ordenamento que vai se justapondo àquele anacrônico “à vontade senhorial” até então predominante.

Capinzais, charcos e alagadiços começaram a ser substituídos por praças arborizadas e espaços de convívio ao livre. Em 1876, por iniciativa de alguns cafeicultores locais como Augusto Cesar do Nascimento e Antonio Benedito de Cerqueira Leite, surgia o Passeio Público (atual Praça Imprensa Fluminense), uma área idealizada mediante a colaboração do botânico Joaquim Corrêa de Mello, com lago artificial, gruta, pau-brasil, pontes de ferro,

²¹¹ SEVCENKO, Nicolau. (2009). *Op. cit.*, p. 115.

²¹² LAPA, José Roberto do Amaral. (1996). *Op. cit.*, p. 41.

bancos e um botequim – o *Chalet Quiosque*.²¹³ Seis anos depois, a acumulação cafeeira financiava a ornamentação da Praça Carlos Gomes com aproximadamente 100 pés de palmeiras imperiais. Sem contar a arborização nas praças do Pará, Bento Quirino e Visconde do Indaiatuba.²¹⁴

Um outro tipo de paisagem [...] vinha desafiando [...] essa empatia da cidade e dos seus habitantes com o meio natural. Mais do que uma penetração insidiosa, essa paisagem inovativa e perfunctória se ia impondo com arrogância [...]. Feita no seu íntimo de impressões fragmentárias, de sensações fortes mas vagas, de símbolos irresolutos, inconsonantes com aspirações de anuência comunitária, dispersivos na orientação, vários no alcance, essa paisagem amalgamaria seus elementos numa presença inconsútil através dos novos padrões arquitetônicos, da figuração urbanística e das hierarquias dos circuitos de exibição que iam sendo imprimidos à cidade em diferentes direções e por diferentes agentes. Essa paisagem aparece em plena vitalidade e com toda sua heroica fluência artificial [...].²¹⁵

Um dos personagens centrais na condução desse planejamento urbanístico fora o já citado engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo. Embora fosse paulistano de nascimento, Ramos de Azevedo passara toda a infância e juventude em Campinas, onde o seu pai, além de exercer o posto de major, mantinha uma loja de fazendas e armazéns localizada na Rua Barreto Leme.²¹⁶ Em 1875, então com 23 anos de idade, partiu em direção à Bélgica com o propósito de desenvolver seus estudos na Universidade de Gante. Uma vez graduado, decidira regressar ao interior paulista em princípios de 1879 instalando seu escritório no mesmo endereço comercial de seu pai. A opção parecia bastante lógica: a experiência internacional acumulada, aliada ao reconhecido nome da própria família podiam escancarar as portas para um jovem recém-formado em uma cidade cujo *boom* da economia cafeeira vinha financiando os caprichos estéticos de uma elite sedenta por *glamour* e requinte. De um lado, Ramos de Azevedo despontava como alguém provido dos predicados profissionais que tanto interessavam à classe dominante da época. Em posse de um diploma, ou ainda, de um capital cultural em estado institucionalizado,²¹⁷ tornava-se aos olhos dessa um agente comprovadamente competente para imprimir as digitais do “mundo civilizado” em escala micro. Por outro lado, o fato de três de suas irmãs – Olímpia, Maria Emília e Eliza – serem respectivamente casadas com os irmãos e membros da tradicional parentela fazendeira Cerqueira Leite – Elói Cerqueira, Antônio Benedito e o advogado e vereador Jorge Miranda – , somado à amizade pessoal que mantinha com outro herdeiro da mesma – o solicitador e

²¹³ MENDES, José de Castro. *Efemérides Campineiras (1739-1960)*. Campinas: Editora Gráfica Palmeiras, 1963, n.p.

²¹⁴ AMARAL, Leopoldo. (1927). *Op. cit.*, p. 441-443.

²¹⁵ SEVCENKO, Nicolau. (2009). *Op. cit.*, p. 112.

²¹⁶ DUTRA, José Hypolito da Silva. (1877). *Op. cit.*, p. 53.

²¹⁷ BOURDIEU, Pierre. (1986). *Op. cit.*, p. 22.

então diretor da empresa de bondes de tração animal, Francisco Glicério – colocava-o dentro de uma privilegiada rede de ligações potencialmente habilitadas a proporcionar-lhe uma concentração de capital social e, em consequência, a indicação e contratação de seus serviços (figura 11).

Figura 11 - Retorno do recém-graduado Ramos de Azevedo à cidade de Campinas

Chegada—Chegou hontem da Europa o estimado moço campineiro dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo, filho do respeitavel cidadão major João Martins de Azevedo.

Veio formado em engenharia e architectura, tendo feito os seus estudos em Gand.

Grande numero de amigos foi espectral-o á festação, dirigindo-se em seguida á casa do sr. major Azevedo, onde foi servido um lauto jantar, fazendo-se por essa occasião diversos brindes.

Por nossa parte cumprimentamos o distincto campineiro, e dirigimos á sua familia as nossas sinceras felicitações.

Gazeta de Campinas²¹⁸

Já em 1879, Ramos participava “de comissões diversas interessadas em melhoramentos públicos”,²¹⁹ algumas delas nomeadas pela própria Câmara Municipal. Nesse mesmo ano, coube a ele projetar a *Escola Ferreira Penteadó*, bem como acompanhar as obras de conclusão da fachada da *Igreja Matriz*, cujos detalhes serão tratados no próximo capítulo. Como bem descreve Lemos,²²⁰ o jovem engenheiro-arquiteto foi rapidamente abraçado pela elite oligárquica como um talentoso conterrâneo revestido da capacidade de introduzir um ecletismo moderno em substituição à tradição arquitetônica de uma “sociedade que, por quase 300 anos, depurou soluções ibéricas, adaptando-as às condições dos trópicos, aos programas de necessidades peculiares e, antes de tudo, aos materiais disponíveis no meio ambiente”. Face o anseio dos barões do café em dissociar-se da estética pombalina, símbolo de um passado alheio às vantagens advindas da Revolução Industrial, Ramos aproveitou a crescente tendência para tocar outros projetos. Em 1880, contribuía com o adorno do Bosque dos Jequitibás, uma extensa área de mata nativa que o fazendeiro Francisco Bueno de Miranda, seu proprietário, desejava converter em lugar de recreação à população. Com a sensibilidade e os toques de Ramos de Azevedo, delineou-se um parque em estilo inglês, dotado de chalé e

²¹⁸ CHEGADA. *Gazeta de Campinas*. Campinas, p. 2, 17 mai. 1879.

²¹⁹ LEMOS, Carlos A. C. *Ramos de Azevedo e seu escritório*. São Paulo: Pini, 1993, p. 9.

²²⁰ *Ibidem*, p. 8-9.

restaurante, que revelava o bucólico, o pitoresco, o irregular, “aonde a cada canto do caminho” encontrava-se algo diferente, no intento de possibilitar o desfrute de emoções diversas.²²¹ No ano seguinte, era a vez de Ramos confeccionar a planta e dirigir a construção do novo Matadouro Campineiro. Daí em diante, as obras acumular-se-iam em seu portfólio: colégios, templos, infraestrutura para a ferrovia, melhorias no Passeio Público e luxuosas residências para capitalistas.

Conforme discutido, o processo de modernização da cidade realmente se configura com a estruturação do ciclo produtivo do café. À medida que o Brasil, especialmente o estado de São Paulo, se projetava enquanto um potencial exportador no comércio internacional, e Campinas adquiria o *status* de epicentro do produto, é claro que a elite local, até então centrada em um decadente cultivo canavieiro, não podia permanecer indiferente a essas transformações. A necessidade de responder às novas demandas era patente, de modo que o complexo de serviços e instituições de que dispunha não podia seguir o mesmo.

A despeito das diferenças ideológicas entre conservadores e liberais, e, *a posteriori*, incrementadas com a emergência dos republicanos, cabe ressaltar que, em meio à política oligárquica, o público e o privado não se separavam. Em nome do progresso, ou ainda, da conveniência em conferir ares de sofisticação e civilidade à recente “capital agrícola”, componentes de extensas e opulentas parentelas procuravam relativizar certas discrepâncias para que pudessem atuar em conjunto ao prover aperfeiçoamentos nos sistemas de transporte, na iluminação, nos arruamentos, nas opções de sociabilidade, etc.

É esse o quadro que os imigrantes em tela encontraram ao desembarcar na então “Princesa do Oeste”. Um cotidiano poroso à modernidade. Guardadas as devidas proporções, Campinas vai assumindo uma silhueta que a aproxima – ao menos é o que desejava sua elite dominante – das cidades europeias da época. Evidentemente, essa imagem não se apagará nos primeiros anos do século XX. Afinal, graças ao estabelecimento da *Cavalcante, Byington & Cia.*,²²² uma empresa de capital norte-americano e brasileiro, chegava ainda à urbe a

²²¹ AMOROSO, Maria Rita Silveira de Paula. *Arquitetura campestre na obra de Ramos de Azevedo. A arquitetura rural campineira: a Fazenda São Vicente em Campinas*. 295f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, PUC, Campinas, 2009, p. 57-58.

²²² De acordo com Freire (2013), em meados de 1893, Albert Jackson Byington, oriundo de Elmira, interior do estado de Nova Iorque, trabalhava no ramo elétrico na cidade de Chicago. Na sequência, foi contratado para laborar em Buenos Aires. Em 1895, migrou novamente, desta vez para o Rio de Janeiro, onde auxiliaria na instalação do bonde elétrico. Em seguida, mudou-se para São Paulo, tornando-se funcionário da *Light & Power*. Casado na capital paulista com uma filha de compatriotas, a jovem Pearl Ellis MacIntyre, decidiu se deslocar com a companheira para o interior. Primeiro, estabeleceram-se em Sorocaba, onde Albert adquiriu uma empresa elétrica que possuía uma pequena usina térmica. Dali, partiram em direção à Campinas, a segunda cidade mais populosa do estado àquela altura. Albert, associando-se a capitalistas ligados ao café, organizou então, em 1904, a *Cavalcante, Byington & Cia.*. Dois anos depois, esta última confirmaria a compra da companhia de gás,

eletricidade e, por conseguinte, os bondes movidos por tal fonte de energia, agregando não apenas velocidade ao transporte local, mas também um aspecto mais higiênico.²²³ De toda maneira, o que se busca reiterar é que justamente o período aqui denominado de *belle époque* delimita a transição da cidade da taipa de pilão para a de tijolos, contexto este que igualmente atraiu e abrangeu a mais expressiva afluência de trabalhadores estrangeiros em direção ao interior paulista.

1.3 Nem lusa, nem germânica: uma cidade que se italianiza

Os primeiros imigrantes italianos começaram a desembarcar em Campinas em meados da década de 1860. O que significa, como mencionado anteriormente, que eles não constituíram a vanguarda dos brancos europeus que ali se estabeleceram. Relatos de outrora já apontavam portugueses e germânicos não somente dentre os colonos, mas também iniciando ofícios de caráter urbano, uma vez que, além da necessidade de complementar as demandas advindas do meio rural, a localidade operava como uma espécie de nó econômico para comarcas mais longínquas, tanto da Província como de Minas Gerais e Goiás.

[...] Campinas se firmou como importante centro comercial de algumas comarcas distantes [...], que para ela enviam seus produtos, tais como algodão, toucinho, feijão, queijo, etc., recebendo, em troca, sal, ferramentas, artigos importados da Europa. Só da comarca de Franca chegam anualmente de 500 a 700 vagões, que são enviados da cidade para Santos e Rio de Janeiro em carretas e tropas de mulas [...].²²⁴

No caso dos lusitanos, Martins²²⁵ pondera que a emigração rumo ao Brasil representa um fenômeno estrutural da história de Portugal. Pode ser encarada como resultado do baixo nível de vida da generalidade da população, que, por sua vez, decorre de um crescimento econômico lento, evidenciado pela incipiente industrialização portuguesa do século XIX. Nas

detentora do monopólio da iluminação urbana. Surgia, com isso, a *Companhia Campineira Luz e Força*. Porém, como o contrato entre a empresa de gás e a Câmara Municipal não previa a iluminação elétrica, gerou-se uma arrastada negociação para que ajustes burocráticos fossem efetivados. Nesse intervalo, Byington passou a fornecer eletricidade para a cidade de Itatiba e ao distrito de Sousas, que não estava incluído na concessão do gás. E também foi estendendo a fiação pelos bairros mais afastados do centro campineiro, muitas vezes de forma irregular. Em 1910, a fim de explorar paralelamente o serviço de bondes elétricos, os acionistas alteraram o nome da empresa para *Companhia Campineira de Tração, Luz & Força*. Finalmente, no ano seguinte, a aludida companhia assinaria contrato com a prefeitura de Campinas, confirmando a concessão de energia e a oferta de bondes elétricos. Ambos os serviços foram inaugurados a partir de 1912, sendo que, no caso do transporte, a empresa ainda aproveitou o material da antiga *Companhia Campineira de Carris de Ferro*.

²²³ FREIRE, Rafael de Luna. Da geração de eletricidade aos divertimentos elétricos: a trajetória empresarial de Alberto Byington Jr. antes da produção de filmes. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 51, jan./jun. 2013, p. 113-131.

²²⁴ VON TSCHUDI, João Tiago. *Viagens às Províncias do Rio de Janeiro e S. Paulo*. São Paulo: Livraria Martins, 1953, p. 173-174.

²²⁵ MARTINS, Joana. A emigração do Norte de Portugal para o Brasil. In: ARRUDA, José Jobson de Andrade. et al. (orgs.). *De colonos a imigrantes: i(e)migração para o Brasil*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 241.

palavras da autora, “o Brasil foi, desde sempre, antes e depois da sua independência, o destino preferencial dos emigrantes portugueses”, estimulados, em boa medida, por uma noção que se tonara recorrente de que aqui se encontravam oportunidades raras de enriquecimento fácil, rápido e incomparável.

A quantidade de lusitanos se avoluma nos arredores de Campinas a partir de 1841. À época, o proprietário rural, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, dono da fazenda Ibicaba, localizada então no município de Limeira, parecia já antever o gradual declínio da força cativa à medida que as pressões pela proibição do tráfico negreiro se intensificavam. Inicialmente, o fazendeiro recrutou cerca de 70 famílias lusitanas. Uma parte desses imigrantes era composta por jornaleiros, alojados em dormitórios precários e se alimentando da mesma comida que os escravos. Pagavam suas despesas de viagem e a manutenção no primeiro ano com seu salário total: 12 mil réis por mês, aproximadamente três quartos do que se pagava normalmente a um jornaleiro. Os demais constituíam uma espécie de rendeiros, ou seja, parentelas que eram instaladas em casas separadas, cuidando dos seus próprios lotes de subsistência pelos quais pagavam aluguel. Trabalhavam no campo, em eitos, como escravos, sob a supervisão de feitores.²²⁶

Esse sistema, no entanto, não iria longe. Dean²²⁷ especula que, com a eclosão da Revolução Liberal,²²⁸ em 1842, na qual Vergueiro acabou se envolvendo, muitos portugueses aproveitaram a ocasião para fugir. Aqueles que permaneceram tiveram que se adequar a um novo modelo de contrato oferecido pelo latifundiário: a parceria. O projeto, implantado em 1847, previa que os imigrantes receberiam seus próprios lotes com pés de café, ficando encarregados do cuidado e da apanha. Também estavam incumbidos de levar os frutos até os terreiros e contribuir proporcionalmente com o beneficiamento. Receberiam cotas em pagamento correspondentes à metade dos rendimentos da venda da safra, porém, descontava-

²²⁶ DEAN, Warren. (1977). *Op. cit.*, p. 96.

²²⁷ *Ibidem*, p. 96-97.

²²⁸ Segundo Martins (2019), a dissolução da Câmara dos Deputados pelo Partido Moderador, em 1842, marcou o auge do descontentamento dos liberais, inconformados com tal reacionarismo. A insatisfação estendeu-se para outras regiões, particularmente São Paulo e Minas Gerais. Em Sorocaba, Tobias de Aguiar foi proclamado presidente interino da província, contando com o apoio de Nicolau Vergueiro e do Padre Feijó. Àquela altura, Costa Carvalho, na iminência de ser deposto pelo levante, conseguiu organizar seus partidários nas cidades de São Paulo, Campinas e São Roque, além de negociar a neutralidade por parte do sul do país. As ações dos revoltosos acabaram limitadas à Sorocaba e algumas cidades vizinhas (Itu, Porto Feliz, Itapetininga e Capivari). Tentaram adentrar na capital paulista, mas foram derrotados pelas tropas enviadas pelo governo, lideradas pelo barão de Caxias. As forças de contenção seguiram até Sorocaba, onde detiveram o Padre Feijó. Tobias de Aguiar, embora tivesse conseguido fugir, acabaria preso no Rio Grande do Sul. Os liberais ainda foram reprimidos no Vale do Paraíba e em Minas Gerais. Nas palavras do autor, Caxias representava a unidade nacional, a ordem e o conservadorismo nela implícito. Nesse cerco, teimava invisível a nostalgia do vínculo com Portugal. No lado oposto, o Partido Liberal, com gente relativamente progressista. Desse liberalismo de província, a propósito, nascia o oligarquismo brasileiro. Liberal na forma, fisiológico no conteúdo.

se desse montante, os custos de transporte, impostos e comissão. Além disso, se o trabalhador, em seu lote de subsistência, produzisse mais do que a família pudesse consumir, a metade do excedente caberia igualmente ao dono da propriedade.²²⁹

Embora não tenha descartado por completo os portugueses, Vergueiro, mediante esse segundo modelo de contratação de trabalhadores europeus, passou a privilegiar o recrutamento de imigrantes germânicos. Fora as famílias lusas fixadas em Ibicaba, Freitas²³⁰ identifica, em 1857, outras 82 distribuídas entre as zonas rurais de Limeira, Pirassununga e Campinas.²³¹ Sem contar a colônia Nova Louzã, então situada no atual município de Espírito Santo do Pinhal. Adquirida, em 1867, pelo abonado português João Elisário de Carvalho Monte-Negro, a propriedade acolhia principalmente famílias oriundas de Coimbra, as quais eram contratadas para trabalhar em condições distintas do modelo de parceria. Um sistema de salário mensal que, na visão do fazendeiro, deixava de “produzir descontentamentos nos colonos, causar ou dar azo a queixas e até sérios motins”.²³²

Os empregados são todos *naturaes* da comarca de *villa* de Louzã, em Portugal. Vencem jornal mensal os homens a 14\$000 rs. durante o primeiro *anno*, e *d’ahi* em diante a 18\$000 rs. por *mez*. Os menores ganham segundo suas habilitações, e as mulheres a 8\$000 rs. por *mez* [...].²³³

De acordo com Freitas,²³⁴ para além dos portugueses confinados em núcleos coloniais, houve também aqueles que se estabeleceram diretamente no ambiente urbano ou, então, que, em razão das agruras vivenciadas no meio rural, optaram em realizar tal mudança. Afinal de contas, o *status* de Campinas como um entreposto que atendia diferentes províncias, somado, sobretudo, ao desenvolvimento de sua infraestrutura graças à riqueza gerada pelo café constituía uma via potencial para que esses imigrantes pudessem se projetar como comerciantes, operários, artífices e até mesmo como proprietários de pequenas fábricas.

A ilusão propagada, principalmente pelos agentes recrutadores na Europa, de que aqui os lusitanos teriam uma vida digna nas fazendas e que facilmente obteriam recursos para comprar suas próprias terras, igualmente se disseminou perante os sujeitos provenientes das

²²⁹ DEAN, Warren. (1977). *Op. cit.*, p. 97.

²³⁰ FREITAS, Sônia Maria de. *Presença portuguesa em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006, p. 25.

²³¹ Em Campinas, a fazenda de Floriana de Camargo Penteado abrigava a colônia Boa Vista, composta por 4 parentelas portuguesas, as quais totalizavam 18 indivíduos.

²³² MONTE-NEGRO, João Elisário de Carvalho. *Opúsculo sobre a colônia Nova-Louzã, fundada por João Elisário de Carvalho Monte-Negro em 1867*. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1872, p. 2.

²³³ MONTE-NEGRO, João Elisário de Carvalho. *Colônias Nova-Louzã e Nova Colombia: relatório apresentado ao exmo. sr. dr. presidente da Província de São Paulo, em 6 de fevereiro de 1875*. São Paulo: Typographia de São Paulo, 1875, p. 15.

²³⁴ FREITAS, Sônia Maria de. (2006). *Op. cit.*, p. 41-59.

distintas regiões²³⁵ que deram origem à Alemanha.²³⁶ Atraídos, desde logo, pelas supostas vantagens do “inovador” contrato de parceria, algumas famílias resolveram cruzar o oceano para se fixar em alojamentos no meio rural. Em um relatório de sua autoria, o visconde de Indaiatuba demonstrara ter sido um dos pioneiros em Campinas a experimentar o modelo recém-lançado. Segundo ele, os primeiros imigrantes alemães foram alocados em sua propriedade, a Fazenda Sete Quedas, em 1852.²³⁷ Ainda sem um único pé de café plantado, o fazendeiro indicava, àquela altura, estar atento à rentabilidade do “ouro vermelho” e, claro, ao possível fim da escravidão.

Embora tenha alegado algumas adversidades no início, como uma suposta “falta” de empenho dos colonos e a exigência de coisas “inatendíveis”,²³⁸ o visconde argumentava que, com o passar da desconfiança dos forasteiros, “todos” se adaptaram à realidade. Afirmava desconhecer alguém que saíra dali “sem um, dois, três e quatro conto de réis”.²³⁹ Com esses recursos, dizia, muitos colonos conseguiram se tornar lavradores, proprietários e negociantes.²⁴⁰

Apesar de sua descrição idílica, é possível identificar certas contradições no bojo do referido relatório. O próprio visconde afirmava que a partir de 1873 passou a encontrar problemas para recrutar os trabalhadores estrangeiros. Porém, ao invés de reconhecer irregularidades inerentes ao modelo de contratação, preferia culpabilizar os “obstáculos” e as “medidas violentas” do governo alemão, que, supostamente influenciado por inúmeras e “mentirosas” denúncias de maus tratos forjadas por seus respectivos cônsules e agentes consulares, chegava “ao ponto de fazer voltar para suas casas os emigrantes já embarcados nas estradas de ferro”.²⁴¹

[...] Em 1874, a minha colônia Sete Quedas foi diversas vezes perturbada por Nicolau Rheder, aliciando seus trabalhadores. Além dele, seu *alter-ego* Mateus Blumer, promovera casamento entre um seu colono e uma colona minha. Por ter oposto barreiras às pretensas insólitas que manifestou em meu prejuízo, Rheder, que o protegia e queria cevar despeito contra mim, levava os fatos, inteiramente adulterados, ao conhecimento do Dr. Schentcke, um dos adversários à colonização, e este disse de mim o que só a propaganda contra a emigração podia sugerir. Seu único fito era desacreditar minha colônia. Para conseguir tal intento, com o fim de dificultar a emigração, no estrangeiro, para o Brasil como país de destino, publicou aquele fato para significar a selvageria brasileira nos maus tratos aos estrangeiros

²³⁵ Dean (1977) cita a Baviera, Holstein, Turíngia e Pomerânia. Com a Unificação Alemã (1871), tais regiões acabaram anexadas ao novo Estado.

²³⁶ O país unificou-se oficialmente em 1871.

²³⁷ AMARAL, Joaquim Bonifácio. Introdução do trabalho livre em Campinas. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (org.). *Monografia histórica do município de Campinas*. Rio de Janeiro: IBGE, 1952, p. 243.

²³⁸ Idem.

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ Ibidem, p. 244.

²⁴¹ Idem.

[...]. Em junho de 1876 [...], 8 famílias de colonos alemães vieram a esta cidade, onde me procuraram, querendo contratar seus serviços. Logo que soube disso, e que elas dispunham-se a voltar por falta (!) de tomadores de seus serviços, providenciei de modo que encontrassem emprego na minha colônia do Amparo, onde tinha necessidade delas. Esses colonos, informados por seus compatriotas das minhas colônias daqui, e depois pelos chefes, voltaram do Amparo, onde está a colônia, para que iam contentes e plenamente resolvidos a contratarem-se e a regressarem para a dita colônia do Salto Grande, cujos cafezais e terras não são inferiores aos que possuem neste município. Inopinadamente, porém, esses colonos mostraram-se inteiramente de outro acordo, declarando que, a todo transe, queriam ser repatriados. Surpreso por essa tão súbita e estranha resolução, pude, por imediata sindicância a que procedi, verificar que tudo era devido à intervenção do agente consular de então, o sr. Frederico Kufa, hoje finado, o qual atemorizou-os por todos os meios, indo até o ponto de declarar-lhes que a polícia alemã devia corrê-los a chicote quando lembravam-se de vir ao Brasil [...]. Antes a emigração era combatida no seio da Europa. Hoje, porém, que lá já não podem impedir com eficácia, porque as enormes vantagens oferecidas pelo governo brasileiro nas colônias do Estado atraem os imigrantes, a despeito da vigilância das autoridades europeias e das calúnias de que somos vítimas, resolveram os governos estrangeiros entorpecer a emigração, combatendo-a seus agentes dentro do Brasil e junto das colônias. Eis a razão explicativa do açodamento com que chegam a levar a desordem nas colônias [...]. No ano passado, 11 chefes de famílias alemãs, vindos de Blumenau, colônia de Santa Catarina, desertaram dos seus trabalhos, em perfeita “greve” promovida pelo cônsul alemão, o sr. Francisco Krug, e, quando retiravam-se da colônia, foram presos [...]. Este cônsul, durante duas audiências presididas pelo Juiz de Paz - que tanto duraram as tentativas reconciliatórias - em vez de cooperar, como lhe cumpria, para um acordo, instigava os colonos à revolta, pois dizia-lhes: “A lei brasileira é bárbara; os contratos são escrituras de escravidão” [...]. Pois bem: o fazendeiro passa por tais reveses, a colonização é assim tão cruelmente guerreada pela intervenção dos cônsules e de outros estrangeiros e ainda são eles tolerados e “condecorados”, como foi, há anos, o sr. Haupt, antigo cônsul, residente na Corte, distinto pela audaciosa guerra feita à emigração [...].²⁴²

Conforme esclarece Dean,²⁴³ o contrato de parceria era repleto de imperfeições e, não raramente, os fazendeiros transgrediam diversas cláusulas, cobrando, por exemplo, as despesas referentes ao deslocamento do imigrante, impedindo o mesmo de se ausentar ou de receber convidados sem prévia permissão e acrescentando juros sobre o adiantamento que concediam para a sua manutenção no primeiro ano. Praticamente transformados em “servos”, os trabalhadores começam a se incomodar com as discrepâncias entre as promessas dos agenciadores no exterior e a realidade que de fato vivenciavam. Tanto que, em dezembro de 1856, justamente na Fazenda Ibicaba, o colono suíço Thomas Davatz, apoiado por compatriotas e imigrantes alemães, rebelou-se contra as arbitrariedades cometidas pelo patrão. Demitido após expor suas acusações, retornou à terra natal e publicou um livro em que é possível visualizar algumas das decepções daqueles que cruzavam o oceano à procura de melhores oportunidades.

É fato notório que desde alguns anos a questão da emigração entrou na ordem do dia e transformou-se em um problema vital para as populações pobres de muito *país*

²⁴² Ibidem, p. 246-249.

²⁴³ DEAN, Warren. (1977). *Op. cit.*, p. 97-101.

européu [...]. Muitos ousaram dar o passo decisivo, buscando melhores dias em terras distantes, ultramarinas. E o resultado é que aquela opinião tão generalizada, por justificável que fosse até certo ponto, acabou esvaindo-se como um sonho. Lindas descrições, relatos atraentes dos países que a imaginação entreviu; quadros pintados de modo parcial e inexato, em que a realidade é por vezes deliberadamente falseada, cartas ou informes sedutores e fascinantes de amigos, de parentes; a eficácia de tantos prospectos de propaganda e também, sobretudo, a atividade infatigável dos agentes de emigração, mais empenhados em recheiar os próprios bolsos do que em suavizar a existência do pobre... - tudo isto e mais alguma coisa contribuiu para que a questão da emigração atingisse um grau verdadeiramente doentio, tornando-se uma legítima febre de emigração que já contaminou muita gente. E assim como na febre física dissipa-se a reflexão tranquila, o juízo claro, coisa parecida ocorre nas febres de emigração. Aquele a quem ela contagiou, sonha com o país idealizado durante o sono e durante a vigília, no trabalho e no descanso; agarra-se a prospectos e folhetos que tratam do seu tema favorito, dando-lhe maior crédito [...]. Ao mesmo passo, no entanto, desprezam geralmente as advertências e conselhos dos homens sensatos e, logo que se ofereça oportunidade, decidem com frequência a realizar os seus projetos até o dia em que - quantas vezes! - nada restará senão confessar o triste engano. “Fui ludibriado!”, ou: “Desta vez estou perdido!” [...]. “Arrependo-me amargamente do dia em que resolvi embarcar, mas agora é suportar tudo em silêncio” [...]. Eu próprio fui vítima, em dado momento, da febre de emigrar. Por longo tempo cogitei, mas sem resultado, em dirigir-me aos Estados Unidos da América do Norte. Por fim certas circunstâncias vieram facilitar uma colocação nas colônias da província brasileira de São Paulo. Em companhia de numerosos outros emigrantes embarquei na primavera de 1855 para essa terra, mas não tardei em chegar às convicções que de tantos outros arrancaram aqueles lamentos.²⁴⁴

A despeito de aludirem a episódios distintos, tanto o relato do visconde de Indaiatuba, acusando as autoridades germânicas de agitarem greves, deserções e revoltas dos colonos, como o de Davatz, expondo os dissabores dos forasteiros braçais, indicam motivos para a falência do sistema de parceria. Fazendeiros que descumpriam acordos, manifestações de indignação por parte dos imigrantes e pressões dos governos estrangeiros foram minando o entusiasmo acerca da iniciativa. Frustrados, os proprietários rurais abriram mão dos respectivos contratos e seguiram insistindo, sobretudo, na exploração de escravos.²⁴⁵

Seria um equívoco, contudo, enxergar a imigração germânica apenas por essa lente. Isso porque, segundo Seyferth,²⁴⁶ somado àqueles que, em virtude das agruras encontradas nas lavouras, decidiram se aventurar *a posteriori* numa incipiente vida cidadina, houve, em paralelo, um deslocamento espontâneo que produziu outras formas de inserção, isto é, imigrantes que optaram diretamente pelo estabelecimento fora dos limites das fazendas. Processo esse, nas palavras da antropóloga, ocorrido em Campinas, São Paulo, Rio de Janeiro e nas capitais sulinas (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba).

²⁴⁴ DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil (1850)*. São Paulo: Livraria Martins, 1941, p. 36-37.

²⁴⁵ *Ibidem*, p. 102.

²⁴⁶ SEYFERTH, Giralda. Socialização e etnicidade: a questão escolar teuto-brasileira (1850-1937), *Mana*, v. 23, n. 3, 2017, p. 582.

O próprio Davatz reconhecia em sua publicação que nem todos os imigrantes recrutados tinham experiência em lidar com a agricultura.²⁴⁷ Pensar os territórios germânicos, ainda que antes da unificação, implica abordar uma indústria que vinha ganhando fôlego em meio à formação de centros urbanos que passavam a atrair uma massa de mão-de-obra que se deslocava em busca de oportunidades, uma vez que a agricultura igualmente enfrentava um processo de modernização, reduzindo as ofertas de trabalho.²⁴⁸ Não por acaso, uma parte razoável dos que desembarcaram no interior paulista àquele momento traziam consigo conhecimentos sobre carpintaria, marcenaria, tanoaria, ferraria, olaria, etc.

Como mencionado, Campinas contabilizava, de acordo com o censo de 1872, pouco mais de 31 mil habitantes, dos quais 1.972 eram estrangeiros livres, isto é, 6,3% da população do município. Esse mesmo censo também apresenta informações razoavelmente consistentes sobre as profissões exercidas pelos imigrantes na localidade, muito embora não estabeleça uma categorização por nacionalidade. De qualquer maneira, cabe reiterar que 58% dos estrangeiros livres ali radicados dividiam-se em três nacionalidades: 700 portugueses (35,5%), 334 alemães (16,9%) e 107 italianos (5,4%).²⁴⁹

Na tabela 5,²⁵⁰ afora a expressividade de homens livres dentre os imigrantes lavradores (42,5%) – infelizmente não há uma classificação entre proprietários de terra e não proprietários –, destaca-se uma parcela considerável ocupada com atividades artesanais (17,8%), inclusive se sobrepondo aos trabalhadores nacionais no tocante à construção de canteiros, calçadas, bem como nos serviços executados em minas e carvoarias: 129 (79,6%) ante 33 (20,4%). O segmento de estrangeiros especializados em metais também não é desprezível. Embora não fosse majoritário, representava quase 40% em relação aos “nativos”: 58 (38,4%) *versus* 93 (61,6%). Um pouco abaixo, mas ainda assim constituindo mais de 1/3 do total de profissionais vinculados às respectivas ocupações, vinham os imigrantes farmacêuticos (35%) e aqueles que lidavam com couros e peles (33,3%), ao passo que, no comércio, perfaziam 25% se comparados aos nacionais (102 indivíduos ante 265). A quantidade de homens desprovidos de um ofício particular (13,7%) é outro dado que chama a atenção no bojo dos forasteiros, indicando talvez sujeitos que recorriam a “bicos” ou que estavam suscetíveis a abraçar quaisquer funções capazes de lhes render algum dinheiro. A fração masculina de imigrantes também se sobressaía em relação aos brasileiros no que se

²⁴⁷ DAVATZ, Thomas. (1941). *Op. cit.*, p. 7.

²⁴⁸ LIEBEL, Vinícius. *Os alemães*. São Paulo: Contexto, 2018, p. 300.

²⁴⁹ BASSANEZI, Maria Sílvia Casagrande Beozzo. (1998). *Op. cit.*, p. 510.

²⁵⁰ Foram contabilizadas as categorias profissionais que compreendiam simultaneamente mulheres nacionais e estrangeiras.

refere especificamente às atividades fabris: 95 (82,6%) ante 20 (17,4%). Já entre a porção de estrangeiros que desempenhava exclusivamente profissões liberais, a maior parte era identificada como artista (40,8%), provavelmente englobando artesãos qualificados e indivíduos dedicados à construção civil.

Tabela 5 - População masculina livre segundo a profissão, Campinas (1872)

OCUPAÇÃO	HOMENS LIVRES ESTRANGEIROS	NACIONAIS
PROFISSÕES LIBERAIS		
Líder religioso	1	10
Médico	4	12
Cirurgião	1	10
Farmacêutico	13	24
Professor	23	55
Artista	44	96
Capitalista e proprietário	22	77
PROFISSÕES COMERCIAIS E INDUSTRIAIS		
Manufatura/Fábrica	95	20
Comércio/Guarda-livro/Caixeiro	102	265
PROFISSÕES MANUAIS E MECÂNICAS		
Canteiro/Calceteiro/Mineiro/Carvoeiro	129	33
Operário em metais	58	93
Operário em madeiras	2	136
Operário em tecidos	21	176
Operário em edificações	21	59
Operário em couros e peles	20	40
Vestuário	12	44
Chapéus	4	25
Calçados	9	38
PROFISSÕES AGRÍCOLAS		
Lavrador	659	2.385
PESSOAL ASSALARIADO		
Criado e jornaleiro	55	369
SERVIÇO DOMÉSTICO	34	778
SEM PROFISSÃO	213	3.287
TOTAL	1.552	8.032

Fonte: Bassanezi²⁵¹

Quanto às mulheres livres estrangeiras, nota-se, conforme demonstrado pela tabela 6,²⁵² que elas estavam alocadas numa quantidade menos diversificada de ocupações. A maioria não detinha um ofício específico (24%), o que sugere, de modo geral, um nível de instrução inferior à população masculina de imigrantes. Aproximadamente 22% delas eram lavradoras, enquanto outras 20% dedicavam-se, possivelmente de maneira exclusiva, aos serviços domésticos. Ao contrário dos forasteiros analisados, não se sobressaíam em nenhuma ocupação se comparadas às mulheres nacionais. Tinham um pouco mais de relevo no comércio (25%) e, principalmente, atuando como professoras (30,8%).

²⁵¹ BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. (1998). *Op. cit.*

²⁵² Foram contabilizadas as categorias profissionais que compreendiam simultaneamente mulheres nacionais e estrangeiras.

Tabela 6 - População feminina livre segundo a profissão, Campinas (1872)

OCUPAÇÃO	MULHERES LIVRES ESTRANGEIRAS	NACIONAIS
PROFISSÕES LIBERAIS		
Professor	4	9
Capitalista e proprietário	6	21
PROFISSÕES COMERCIAIS E INDUSTRIAIS		
Comércio/Guarda Livro/Caixeiro	10	30
PROFISSÕES MANUAIS E MECÂNICAS		
Costureira	75	504
Operário em tecidos	45	286
PROFISSÕES AGRÍCOLAS		
Lavrador	91	1.790
PESSOAL ASSALARIADO		
Criado e jornaleiro	5	39
SERVIÇO DOMÉSTICO	84	749
SEM PROFISSÃO	101	4.096
TOTAL	421	7.576

Fonte: Bassanezi²⁵³

Outras fontes que oferecem pistas sobre a inserção de imigrantes europeus em Campinas, principalmente em meio às emergentes atividades urbano-industriais, são os almanaques locais produzidos no limiar da década de 1870.²⁵⁴ Apesar de suas limitações por conta de não cobrirem a totalidade da população ativa, é possível identificar nomes de origem germânica e, sobretudo, portuguesa distribuindo-se entre diferentes setores da vida econômica campineira, seguidos, de longe, por alguns poucos imigrantes italianos, espanhóis e franceses. Os portugueses pareciam imbatíveis na arte de negociar. Concentrando-se inicialmente na chamada *Rua de Baixo*, figuravam à frente de armazéns de secos e molhados, lojas de fazendas e armarinhos, casas de comissões e de depósitos de açúcar e sal. Tal primazia acarretou, inclusive, na mudança do nome da respectiva via, a qual passou a ser oficialmente reconhecida como *Rua Lusitana*. Os alemães, por seu turno, aparentavam possuir habilidades singulares no tocante à produção de chapéus e objetos à base de madeira, bem como na fabricação de máquinas e na fundição de ferro e bronze (figura 12).

²⁵³ Idem.²⁵⁴ LISBOA, José Maria. (1870). *Op. cit.*; LISBOA, José Maria. *Almanak de Campinas para 1872*. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1871; LISBOA, José Maria. *Almanak de Campinas para 1873*. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1872.

Figura 12 - Anúncios de estabelecimentos geridos por imigrantes portugueses (à esq.) e alemães (à dir.) em Campinas



Fonte: Gazeta de Campinas²⁵⁵

Junto à configuração do comércio, oficinas e fábricas, os almanaques igualmente trazem à luz alguns elementos adicionais que denotam como os imigrantes europeus vinham adquirindo expressividade no nascente cotidiano urbano da “Princesa do Oeste”. À medida que determinados semblantes, vestuários, produtos e linguagens acumulavam-se e misturavam-se perante as ruas, cultiva-se um terreno propício para a reprodução de novos interesses, demandas, desejos, angústias. É aí que se multiplicavam sociabilidades, estratégias e práticas voltadas a atender os anseios de distintos grupos e a manter e/ou fomentar suas respectivas identidades mesmo fora da mãe-pátria. Aspirações sociais, econômicas, políticas, culturais, enfim, uma dinamicidade de relações que os impulsionava a agir, se articular, se resguardar, a se organizar.

Não é à toa que, nos primórdios dos anos de 1870, a cidade passava a abrigar uma escola e um cemitério alemães – ambos vinculados à Sociedade Alemã de Instrução e Leitura –,²⁵⁶ a associação de canto germânica *Liederfatel Concordia*,²⁵⁷ a *Sociedade Portuguesa de Beneficência*,²⁵⁸ bem como os vice-consulados de Portugal, Alemanha e Suíça.²⁵⁹ Criações estas que refletiam coletividades étnicas que se estabeleceram antes, que tiveram condições prévias de desenvolver recursos de poder, fontes de coesão e integração.²⁶⁰

Um *status*, portanto, discrepante em relação ao da colônia italiana à época. Embora a emigração não fosse necessariamente uma novidade para os *oriundi* ao longo dos anos 1860,

²⁵⁵ CASA DO SOL. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 4, 17 mar. 1872; AO CHAPÉU VERMELHO. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 3, 24 abr. 1873.

²⁵⁶ LISBOA, José Maria. (1870). *Op. cit.*, p. 18-19.

²⁵⁷ *Ibidem*, p. 24-25.

²⁵⁸ DUTRA, José Hypolito da Silva. *Almanach Popular para o anno de 1878*. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1877, p. 43.

²⁵⁹ *Ibidem*, p. 50.

²⁶⁰ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 24.

cabe lembrar que ela só se converteu em um fenômeno de massa a partir de 1888, estimulada, em larga medida, por dois processos que se entrecruzavam. Segundo Bertonha,²⁶¹ o avanço da industrialização na península e a penetração de métodos capitalistas no campo começaram a impactar drasticamente a vida de uma população majoritariamente constituída por camponeses, incapazes de enfrentar a concorrência de grandes produtores e também a entrada do trigo norte-americano e russo. Ao mesmo tempo, agenciadores do governo brasileiro, atendendo às recomendações da Sociedade Promotora da Imigração (SPI), entidade fundada em 1886 por importantes fazendeiros paulistas interessados em solucionar a substituição do braço escravo – seja em função da crescente rebeldia dos cativos diante da exploração a que eram submetidos, seja em função da expansão das áreas cultivadas de café – e em “desenvolver” a população nacional mediante seu branqueamento, veiculavam maravilhas na Itália sobre as oportunidades de trabalho no Oeste Paulista, especialmente nas lavouras.²⁶² De acordo com Hall:²⁶³

Os fazendeiros tiveram sorte quanto à coincidência da crise de mão-de-obra com um período crítico da economia italiana [...]. Durante os últimos anos da década de 1880, agentes do Brasil pululavam em Veneza e outras partes do Vale do Pó, estimulando uma espécie de febre que levaria inúmeros trabalhadores agrícolas a partirem para o Brasil, na esperança de lá encontrarem a terra prometida, como escreveram os funcionários italianos em Treviso. Alguns desses candidatos à emigração, até viajaram à pé, cruzando a maior parte do norte da Itália sob um rigoroso inverno, para tomar os navios que em Gênova prometiam passagens grátis para Santos.

Uma das características notáveis desse projeto era a preferência pelo recrutamento de famílias de estrangeiros, as quais, em virtude da baixíssima qualificação e desesperadas em garantir sua mera sobrevivência física, transformavam-se, na prática, em um farto e barato estoque de mão-de-obra à elite rural.²⁶⁴ As companhias de navegação, pagas pelo erário público, garantiam o transporte dos passageiros até os portos de Santos e do Rio de Janeiro. Ao desembarcarem, os trabalhadores tomavam os trens e se dirigiam à cidade de São Paulo, especificamente ao bairro do Brás, onde se situava o prédio da Hospedaria dos Imigrantes.²⁶⁵

²⁶¹ BERTONHA, João Fábio. (2016). *Op. cit.*, p. 84.

²⁶² *Ibidem*, p. 94-97.

²⁶³ HALL, Michael. Trabalhadores imigrantes. *Revista Trabalhadores*, Campinas, n. 3, Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, 1989, p. 5.

²⁶⁴ ALVIM, Zuleika. *Brava gente! Os italianos em São Paulo, 1870-1920*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 22.

²⁶⁵ De 1878 a 1880, funcionava outra hospedaria: a de Sant’Ana. Segundo Freitas (2006), como já não estava dando conta de atender ao crescente número de imigrantes que vinha, sobretudo, para a cafeicultura, o governo da Província autorizou, via Lei nº 36, de 21 de fevereiro de 1881, a construção de uma nova hospedaria para os estrangeiros. Surgia, assim, o prédio no bairro do Bom Retiro, concluído em 1882 e com capacidade para 500 imigrantes. Contudo, devido a graves problemas de epidemias, o local logo começou a mostrar-se inadequado para a recepção dos europeus. Então, de acordo com Holloway (1984), em junho de 1886, teve início a construção da nova hospedaria no bairro do Brás. Em julho de 1887, ainda incabada, começou a receber os

Dali, após descansarem e se alimentarem, as parentelas seriam conduzidas até o interior e distribuídas junto às fazendas.

[...] recebiam duas refeições principais, às 11 horas e às 16 horas, além do café com pão pela manhã e à noite. Os dormitórios eram controlados por guardas, iluminados, providos de camas de ferro, com colchões, travesseiros e cobertores, privadas, lavatórios e água potável. Em 1916, por exemplo, os imigrantes podiam permanecer seis dias na Hospedaria, mas geralmente não se demoravam mais de quatro [...]. Em caso extraordinário, podiam permanecer mais que o prazo legal ou, em se tratando de doença, recebiam alojamento e tratamento médico enquanto durasse a enfermidade. Os fazendeiros de café eram os que mais frequentavam a Hospedaria, a fim de contratar os trabalhadores. Inscreviam seus pedidos na Agência Oficial de Colocação, anexa à hospedaria, e eram autorizados a tratar diretamente com os imigrantes, recebendo o auxílio de intérpretes oficiais para discutir as condições de contratos, no caso de pessoas de outras nacionalidades. Na Agência, firmavam o contrato, quando então o trabalhador recebia uma caderneta rubricada, destinado ao registro de salário e despesa. Esse era o único documento que o imigrante possuía como prova para cobrança de salários se necessitasse recorrer à assistência judiciária do Patronato Agrícola.²⁶⁶

Entre os anos de 1888 e 1914, os mais expressivos em termos da chegada de italianos, ingressaram aproximadamente em São Paulo 1,7 milhão de estrangeiros.²⁶⁷ E a imigração subsidiada, segundo Truzzi,²⁶⁸ representara cerca de 60% dessas entradas. No entanto, como bem salienta Bertonha,²⁶⁹ devido às condições particulares, às instabilidades e incertezas em que a Itália se inscrevia, partiram igualmente em direção ao Brasil, inclusive antes da grande emigração, contingentes de comerciantes, artesãos e profissionais liberais.

Os *oriundi* desembarcados em São Paulo procediam de regiões bastante diversas. A maior parte, porém, era do norte da Itália, mais precisamente do Vêneto. Lá, “trabalhavam originalmente ora como pequenos proprietários, arrendatários ou meeiros, ora como assalariados (*braccianti*)”.²⁷⁰ Do sul da península, também vieram levas significativas, destacando-se indivíduos da Campânia e da Calábria. Nesse caso, observa Truzzi,²⁷¹ o contingente migratório abrangeu, em maior proporção que o do Vêneto, sujeitos que viajaram sem família, “algumas vezes nos quadros de uma imigração temporária ou pendular (de vindas e retornos) e originária de pequenas vilas”.

Vêneto, Campânia, Calábria e Lombardia foram as quatro regiões que mais contribuíram para o fluxo de italianos ao Brasil (cerca de 60%, entre os anos de 1876 e 1920), mas a emigração pra cá abrangeu também muitas outras regiões da

imigrantes que chegavam. Quando finalizada, em 1888, a hospedaria tinha capacidade para abrigar 4 mil pessoas.

²⁶⁶ FREITAS, Sônia Maria de. (2006). *Op. cit.*, p. 61.

²⁶⁷ BAENINGER, Rosana; BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. São Paulo: transição demográfica e migrações. In: ODALIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. (orgs.). *História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista*. v. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 158.

²⁶⁸ *Ibidem*, p. 29.

²⁶⁹ BERTONHA, João Fábio. (2016). *Op. cit.*, p. 96.

²⁷⁰ TRUZZI, Oswaldo. (2016). *Op. cit.*, p. 33.

²⁷¹ *Ibidem*, p. 34.

Itália. É também interessante notar que no interior de cada uma destas regiões há províncias e, mais especificamente, áreas de emigração que forneceram mais contingentes a determinados municípios paulistas, graças ao fenômeno das cadeias e redes migratórias, que engrossou determinados fluxos pela aglutinação de parentes e conterrâneos [...].²⁷²

Como discutido, é justamente sobre os *oriundi* que se inseriram diretamente no meio urbano que este trabalho versa. Sujeitos que, em sua maioria, se deslocaram individualmente ou, no máximo, acompanhados de suas respectivas companheiras. Uma coletividade que, apesar de suas diferenças internas – sociais, regionais, culturais e ideológicas –, passou a se reconhecer como “italiana” a partir de suas interações no cotidiano campineiro, ou seja, à medida que a população “nativa”, imigrantes de outras nacionalidades e as próprias estatísticas do país de destino assim a rotulava.

Ainda que nos anos 1870 a diminuta colônia italiana de Campinas não exprimisse força suficiente no sentido de congregar os compatriotas em uma instituição essencialmente destinada a viabilizar seus propósitos – a exemplo do que havia sido feito pelos imigrantes portugueses e germânicos ali radicados –, esta não irá tardar a revelar alguns nomes que já logravam uma projeção relativamente rápida.

Um deles era o meridional Rocco di Marco, um indivíduo proveniente de Salerno e que desembarcara em Campinas em meados de 1863, então com 20 anos de idade, para mascatear artigos em folha de flandres, rédeas, chicotes e redes produzidos em sua própria funilaria de “fundo de quintal”. Apesar de penosa, a atividade, conforme detalha Truzzi,²⁷³ tinha várias vantagens e, justamente por isso, constituía um bom começo na nova terra:

[...] Em primeiro lugar, ela dispensava qualquer habilidade ou uma soma significativa de recursos. Os iniciantes começavam carregando caixas e malas enormes [...] e [...] saíam por conta própria. Com ânimo e juventude, sempre esteve aberta a possibilidade de encher um tabuleiro ou mala de bugigangas variadas e vendê-las em bairros [...] do interior ou nas zonas rurais carentes das novidades do comércio [...]. Ela não exigia mais do que um conhecimento rudimentar da língua portuguesa e, ao mesmo tempo, o próprio trabalho treinava-os no novo idioma. Além disso – o mais importante – era relativamente certo que, depois de não muitos anos de trabalho árduo, era possível acumular algum capital, o que nunca foi um dado seguro para colonos e operários da época [...].

Coetâneo a Rocco, o também sulista Próspero Bellinfanti, oriundo de Potenza, cuja dedicação inicial aos serviços de calderaria e funilaria acabara descortinando novas oportunidades de negócios, de tal modo que, em 1871, figurava precocemente ao lado de importantes cafeicultores e capitalistas no rol de acionistas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

²⁷² Idem.

²⁷³ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 54-55.

Como mencionado, a despeito de suas lacunas, os almanaques sinalizam que o período de 1878 a 1886, isto é, antes mesmo da imigração em massa, delimita uma mudança significativa no panorama socioeconômico campineiro. Além de uma quantidade maior de italianos inaugurando novos estabelecimentos comerciais, trabalhando como artesãos e até investindo em pequenas unidades fabris, identifica-se a partir de 1878 o próprio senhor Bellinfanti atuando, de forma inédita, como responsável local pelos serviços consulares da Itália.

A nomeação de um imigrante como representante do governo da península àquele momento não era um mero detalhe. Ao contrário. Denotava, assim como no caso alemão, uma iniciativa preliminar do recém-unificado Estado italiano em tentar forjar uma identidade comum, um sentimento nacional também entre os que haviam se aventurado além-mar. Conforme discutido, quando da unificação, “não mais que 2,5% dos habitantes do novo reino falavam italiano”.²⁷⁴ Quase todos integrantes da elite, e muitos ainda só usavam em certas ocasiões e não no dia a dia. Todos os outros falavam dialetos, incompreensíveis entre si. Nesse sentido, para que a nação italiana pudesse de fato existir, “uma língua, uma cultura e uma história comum tinham de ser recuperadas e/ou criadas do zero, dentro dos novos padrões de nação do final do século XIX”.²⁷⁵ Não à toa, agentes consulares, cônsules e vice-cônsules passaram a ser escolhidos justamente para cumprir este papel, ou seja, incutir a ideia de italianidade, estimular o nacionalismo italiano para além dos limites do próprio território, de modo a alcançar os “semelhantes” que haviam deixado o velho continente para trás. Campinas, evidentemente, constituía um lugar natural para esse tipo de empreendimento. Afinal, na condição de um dos principais polos de desenvolvimento do Brasil, começou a atrair um afluxo cada vez mais relevante de peninsulares, sobretudo depois da instalação das linhas férreas, favorecendo seus deslocamentos pelo interior afora.

Embora continuasse apontando uma prevalência de nomes de origem portuguesa no comércio e de germânicos em meio às fábricas de móveis, cerveja e *trollys*, o almanaque local elaborado em 1878 revela paralelamente o início da ampliação da inserção dos italianos junto a um leque mais diversificado de atividades profissionais. Próspero Bellinfanti, por exemplo, ademais de manter sua calderaria e funilaria, associava-se a engenheiros e ricos cafeicultores dispostos a efetuar obras hidráulicas e de saneamento na cidade. Rocco de Marco igualmente abandonava as funções de funileiro e ambulante para se tornar um empreendedor no varejo e no atacado, inaugurando seu próprio estabelecimento e somando-se a conhecidos lusitanos,

²⁷⁴ BERTONHA, João Fábio. (2016). *Op. cit.*, p. 56.

²⁷⁵ Idem.

como Francisco Gonçalves Ferreira Novo, João Francisco Ferreira Jorge e Francisco Ferreira de Mesquita na venda de alimentos e bebidas. Lourenço Pelosi era mais um compatriota a adentrar no ramo, enquanto Antônio Sbragia, comandando uma loja de fazendas e roupas feitas, os irmãos Domingos e Francisco Donnici, trabalhando como barbeiros e cabeleireiros, e o alfaiate Eugênio Luporini igualmente construía sua popularidade (figura 13). Luiz de Tullio, por sua vez, intrometia-se na “especialidade” dos alemães, a marcenaria, setor em que Francisco Krug se notabilizava. Fora da oficina, Luiz dedicava-se ainda à música, formando uma banda com familiares. O apreço musical também podia ser visto no cotidiano de outro patricio: Emílio Giorgetti, um dos principais professores de piano e canto da cidade.²⁷⁶

Figura 13 - Anúncios de estabelecimentos geridos por imigrantes italianos em Campinas



Fontes: Diário de Campinas²⁷⁷; Gazeta de Campinas²⁷⁸

Em comparação com as demais cidades do interior paulista que igualmente atraíram um número significativo de imigrantes italianos, é possível dizer que aqueles que desembarcaram em Campinas não só ocuparam o “vácuo” das novas lides urbanas de maneira precoce, como também tiveram condições relativamente mais favoráveis para se organizar entre si e adquirir uma mobilidade antecipada. Afinal, à medida que os respectivos estrangeiros chegavam, a “Princesa do Oeste” já contava, há certo tempo, com uma antiga e densa elite fundiária, cujos membros supérfluos predispunham-se muito mais ao exercício de profissões liberais – advogados, jornalistas, engenheiros – do que a se envolverem com o comércio ou a indústria propriamente dita. Mesmo porque inexistiam à época motivos relevantes para que os fazendeiros que monopolizavam a posse das melhores terras disponíveis desviassem suas atenções e recursos para tais setores.²⁷⁹ Nas palavras de

²⁷⁶ FERREIRA, Carlos; SILVA, Hypolito da. (1878). *Op. cit.*, p. 64-147.

²⁷⁷ AO NOVO GANGANELLI: SALÃO DE BARBEIRO E CABELLEIREIRO. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 3, 29 ago. 1877.

²⁷⁸ GRANDE NOVIDADE. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 3, 1 abr. 1879.

²⁷⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 80-92.

Truzzi,²⁸⁰ a percepção de um empreendimento arriscado, especulativo e sujeito a tantas incertezas diferia da prosperidade perene usufruída pela maior parte das famílias cafeicultoras proprietárias de terras desde várias gerações.

A cultura da oligarquia rural, em fins do século XIX, reverenciava, sobretudo, o latifúndio cafeeiro ao identificar nele o *substractum* da riqueza nacional, ao mesmo tempo em que tendia a desdenhar das atividades comerciais e industriais, sobretudo daquelas manufaturas de bens de consumo popular.²⁸¹

Na posição de epicentro do “ouro vermelho”, Campinas experimentou uma ampliação de seu mercado consumidor. E a implantação da ferrovia, conforme ressalta Lapa,²⁸² constituiu um marco inquestionável nesse processo, impactando sua geografia econômica, urbana e cultural. Afinal de contas, além de implicar na construção de um verdadeiro complexo para conferir suporte ao seu funcionamento – edifícios, equipamentos, instalações, oficinas de manutenção, fabricação e montagem, escritórios, pátios de manobras e bilheterias –, há que se destacar, sobretudo, a centralidade adquirida pela estação da Paulista. Esta propiciou diretamente o desembarque de inúmeros forasteiros, o descarregamento de mercadorias, fomentou a construção e o agrupamento de casas no seu entorno, acelerou a dilatação do perímetro urbano, influenciou no surgimento de unidades comerciais e fabris, enfim, na movimentação de numerosa força de trabalho (figura 14).

A lentidão foi abalada na década de 60 do século XIX quando, com surpreendente rapidez, a ferrovia saindo do porto de Santos galgou quase de supetão a íngreme Serra do Mar e inundou o planalto com seu tempo próprio, sua velocidade, sua nova espacialidade, a nova mentalidade que disseminava, a da pressa, a do chegar logo, a do não ter tempo, a de estar no mesmo dia em dois lugares, antes separados por dias de cavalgada. O moderno, que se arrastava ocultamente, se tornou visível, máquina a vapor, equipamento, alterações no espaço, outra linguagem, outro modo de ver e ver-se [...].²⁸³

²⁸⁰ TRUZZI, Oswaldo. *Café e indústria: São Carlos, 1850-1950*. 3. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2007, p. 169.

²⁸¹ *Ibidem*, p. 168.

²⁸² LAPA, José Roberto do Amaral. (1996). *Op. cit.*, p. 24-25.

²⁸³ TEIXEIRA-PETRATTI, Palmira. Trilhos e sonhos: o desenho do interior paulista. In: ODALIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. (orgs.). *História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista*. v. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

Figura 14 - Inauguração da ferrovia em Campinas, 1872



Fonte: Lisboa²⁸⁴

As ruas que se formavam exprimiam uma aproximação física entre os sujeitos, viabilizada através de seus próprios atos de transitar, de desfilar, do deixar-se ficar. Favoreciam-se os encontros, as interações, os negócios, a mistura de gestos e linguagens. As ações, relações, os objetos, as concepções outras que começavam a se fazer presentes nas vias campineiras do período integravam, de fato, o rol de mediações por meio das quais novos padrões de conduta eram introduzidos nesses espaços. São símbolos que acarretavam, gradualmente, alterações nos ritmos do dia a dia dos sujeitos que passavam a ocupar o emergente núcleo urbano. Segundo Frehse,²⁸⁵ uma proximidade que se constituía como um “assunto” com “significação própria”.

A mobilidade ganhava importância crescente. Como consequência, a impessoalidade e a pessoalidade se entremeavam de maneira paradoxal. A cidade tornava-se o local de concentração das pessoas, de estrangeiros que compravam e vendiam, das coisas que eram compradas e vendidas.²⁸⁶ Estabeleciam-se interações entre estranhos, negociações objetivas, pragmáticas, superficiais, ou seja, impessoais. Por outro lado, simultaneamente, abria-se também uma brecha para a fiação de uma trama assentada em vínculos altamente pessoais, com destaque à sociabilidade desenvolvida pelos forasteiros oriundos de um mesmo território,

²⁸⁴ LISBOA, José Maria. (1872). *Op. cit.*

²⁸⁵ FREHSE, Fraya. *Ô da rua: o transeunte e o advento da modernidade em São Paulo*: Edusp, 2011, p. 253-268.

²⁸⁶ SIMMEL, Georg. (1967). *Op. cit.*, p. 13-18.

entre os portadores de uma identidade nacional “comum”. Nas palavras de Simmel,²⁸⁷ o que aparece no estilo urbano como dissociação, “na realidade é apenas uma de suas formas elementares de socialização”. Afinal, junto à racionalidade e à calculabilidade da vida prática, ensejadas pela economia monetária, a cidade igualmente confere aos indivíduos maiores possibilidades de inserção em formações sociais. A cada instante, o habitante citadino, seja o comerciante, o fabricante de bens de consumo, o profissional liberal que se projeta através do diploma obtido ainda na terra de origem, ou, então, aquele que conseguia um matrimônio diferenciado na sociedade hospedeira, dependia de múltiplas ligações, devido a interesses sociais, econômicos, culturais, políticos, sem as quais ele sequer continuaria a existir, como um membro de um ser orgânico do qual se tirasse o sangue de circulação.²⁸⁸

É nesse contexto de intensificação das interações sociais que tais imigrantes se defrontaram com maiores possibilidades de concretizar determinados anseios. Ao contrário da grande leva de compatriotas que chegara, sobretudo, a partir da metade dos anos de 1880 para ficar, em princípio, confinada às lavouras de café, os italianos abordados nesta pesquisa, responsáveis pela iniciativa de fundação do *Circolo Italiani Uniti*, se inseriram fundamentalmente no meio urbano, um ambiente que discrepava da sociabilidade restrita das fazendas. Logo, a realização de suas individualidades tornava-se sujeita a uma miríade de relações que acabavam por levar ao engendramento de laços societários não apenas com quem partilhava um *habitus* de classe específico, mas, paralelamente, com aqueles que passavam a ser reconhecidos no dia a dia como os seus patrícios. A rigor, não obstante as diferenças de natureza socioeconômica expressas no seio da própria colônia que ali se conformava, sustentavam como pano de fundo um *status* comum e mais amplo: o de estrangeiro. Se por um lado, adquiriam gradativamente a posição de membros da sociedade campineira, de outro também não deixavam de estar fora dela.

Por sua natureza, o estrangeiro não é “proprietário de terra” – não apenas no sentido físico de terra, mas também no sentido figurado de uma substância vital que é fixa, se não em um ponto do espaço, ao menos num ponto ideal do ambiente social. Embora em relações mais íntimas possa desenvolver todo tipo de atração e importância, assim que é tido por estrangeiro aos olhos do outro, ele não é um “proprietário de terra”.²⁸⁹

À medida que os “não pertencentes” começam a lograr visibilidade, mostrando nas ruas seus rostos, estaturas, modos e semblantes, os processos de aceitabilidade,

²⁸⁷ Ibidem, p. 18

²⁸⁸ SIMMEL, Georg. *Sociología: estudios sobre las formas de socialización*. Cidade do México: FCE, 2014, p. 102-103.

²⁸⁹ SIMMEL, Georg. (1983). *Op. cit.*, p. 184.

admissibilidade e/ou credibilidade implicam relações e negociações diretas com os demais indivíduos ali já estabelecidos.²⁹⁰ Conforme os peninsulares em tela interagem e passavam a ser tratados, seja pela população “nativa” ou por outros grupos imigrados como “italianos”, o que se configurava era uma emergente – e ainda débil – identidade, um valor, portanto, cujo sentido tornava-se igualmente passível de ser disputado e constituído em meio à medição de forças a ser travada no cotidiano entre os distintos grupos que coexistiam. Assim, independente da mobilidade social e dos capitais acumulados por certos expoentes da coletividade em formação, o simples fato de “ser de fora” ou “chegar depois” podia, inclusive, ser mobilizado como recurso por alguns “nativos” para atribuir aos “forasteiros” eventuais rótulos generalizantes ou expô-los a situações embaraçosas, a fim de demarcar fronteiras étnico-nacionais e hierarquizá-las, revelando os indivíduos supostamente desajustados em relação às regras e padrões do local de destino.²⁹¹

Um primeiro indício público de estranhamento nas relações e, conseqüentemente, de rotulação dos peninsulares por parte dos campineiros pode ser observado junto às páginas do *Diário de Campinas*, precisamente na edição de 2 de abril de 1879. Na coluna intitulada “*Notas cotidianas*”, noticiava-se a circulação de um boato acerca de uma possível revolta a ser deflagrada pelos representantes da colônia italiana ali existente. Ainda que se tratasse da divulgação de um rumor que corria entre populares, o texto, ao adotar toques dramáticos na descrição dos detalhes relativos à suposta “matança” a ser realizada na véspera da Páscoa, acaba por reproduzir um estereótipo que muito provavelmente já acometia os *oriundi* na sociedade receptora: o de serem violentos. A lembrança e conseqüente referência à “*Batalha de Mentana*”, irrompida em 3 de novembro de 1867, quando Garibaldi e sua tropa tentaram assumir o controle de Roma em meio à luta pela unificação da Itália, parecia servir como uma espécie de mecanismo ou quadro sociohistórico para fundamentar tal rotulação.²⁹²

Circulou há dias o boato de que a colônia italiana ou a sua maior parte estava comprometida em uma sublevação profetizada para sábado de aleluia [...]. Os filhos da Itália unida estariam a postos no dia convencionado com o ouvido à escuta, as armas escovadas, prontos à primeira voz [...]. A matança, *oh!* A matança havia de ser horrível. O hino heroico, aquela *Marsellaise* dos italianos que fez seis mil bravos em Mentana resistirem a trinta mil *Chassepots*, tornar-se-ia a música do terror [...]. O boato da revolta dos italianos é um fato que ninguém ignora em Campinas. Há pessoas que ainda batem o dente de medo ao se lembrarem do próximo sábado de aleluia. Diz-se que o negociante F. vendera 200 revólveres, que outro vendeu 65, outro 90, [...] etc.²⁹³

²⁹⁰ POLLAK, Michael. (1992). *Op. cit.*, p. 204.

²⁹¹ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. (2000). *Op. cit.*, p. 26-27.

²⁹² BRANDES, Stanley. Peaceful protest: Spanish Political Humor in a Time of Crisis. *Western Folklore*, Berkeley, v. 36, n. 4, 1977, p. 338-339.

²⁹³ NOTAS QUOTIDIANAS. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 1, 2 abr. 1879.

A sequência da matéria sugere ainda que a difusão do murmúrio e, em particular, a associação dos italianos à imagem de “violentos” gerara desconforto entre os imigrantes. Ainda que não tenham reagido de maneira mais enfática, a publicação sinalizava uma preocupação dos *oriundi* com um eventual adensamento de uma visão negativa na sociedade de destino sobre a sua própria identidade. Se a respectiva fofoca comportava a pretensão de alguns “estabelecidos” de expressar uma forma de poder ou superioridade em relação a um grupo étnico específico, em contrapartida uma fração dos peninsulares, a julgar pelas informações arroladas pelo jornal, não apenas reconhecia as distintas fronteiras, como também já se mostrava disposta a defender e valorizar a sua.

[...] O mais engraçado de tudo isto é que a colônia italiana, a qual se atribui intentos tão maus, ficou mais aterrorizada do que ninguém. Teve receios, não da realização de uma loucura como essa da revolta, mas sim do descrédito que se fazia pesar sobre o seu caráter de homens respeitosos da lei do país em que são hóspedes.²⁹⁴

O que se percebe, pois, no meio urbano campineiro, entre fins da década de 1870 e início da de 1880, é a inédita gestação de uma italianidade junto aos *oriundi* ali radicados. Sujeitos que, em função da experiência praticamente síncrona entre proximidades e distâncias, do convívio e das necessidades do dia a dia, de interesses objetivos, propósitos de defesa, de ganho, auxílio e instrução foram gradualmente conciliando pontos de vista, memórias e viabilizando uma identificação entre si. Não é por acaso que uma parcela desta “*buona gente*”, em particular comerciantes, construtores, professores, artífices e profissionais liberais, percebendo partilhar uma dada condição socioeconômica que se correlacionava tanto às posições que ocupavam em meio às relações de produção quanto ao traço étnico distintivo (ser italiano) que ostentavam na sociedade hospedeira, tomara a iniciativa de costurar uma unidade, formar uma “sociedade”, uma configuração, isto é, o *Circolo Italiani Uniti*.

A matéria das sociações são os “conteúdos” [...], ou seja, as pulsões, interesses, finalidades, tendências, desejos, etc. que se expressam nos indivíduos. Esses conteúdos são atualizados em “formas sociais” que são as sociações concretas [...]. Formas sociais são as interações sociais concretas que se constituem a partir de conteúdos determinados [...].²⁹⁵

Incorporar e, conseqüentemente, alimentar a sensação de compartilhar uma mesma identidade nacional constituiu uma das bases essenciais para a existência da associação. A italianidade operava como uma espécie de amálgama que, aliada à prévia afinidade de capitais e interesses expressa por uma porção específica de peninsulares, ou ainda, a um *habitus* de classe similar, ajudava a viabilizar a coesão do grupo e a sua reprodução. Articular o

²⁹⁴ Idem.

²⁹⁵ SOUZA, Jessé. A crítica do mundo moderno em Georg Simmel. In: SOUZA, Jessé; OELZE, Berthold. (orgs.). *Simmel e a modernidade*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005, p. 17.

sentimento gradativo de pertencer a uma fronteira étnica comum, sobrepondo-se a históricos provincianismos e/ou regionalismos, com a mobilização de memórias também organizadas de acordo com as preocupações, expectativas e o *status* apresentados em uma determinada realidade, ou seja, em função de uma luta política a ser travada por esses imigrantes consistia em um investimento destinado a conferir sentido à criação do sodalício, visando garantir a sua continuidade mediante a construção de um consenso entre os seus integrantes, bem como a concentração de capital social e simbólico.

Àquela altura, a identidade italiana, vale reiterar, era um valor bastante recente, tênue, maleável, permeada por memórias dispersas, confusas, desarrumadas, enfim, sujeitas à seletividade, manipulações, à mercê de disputas. Estabelecer, portanto, uma dimensão positiva, um significado outro à emergente propriedade de “ser um italiano”, em contraposição a eventuais associações à “violência” ou à “desordem”, constituía um elemento importante para quem aspirava por reconhecimento na sociedade de destino. Mais do que meramente percebido, ser respeitado e valorizado como um grupamento distinto era, na verdade, uma pretensa condição que se somava às posições sociais e econômicas relativamente correspondentes entre os idealizadores do *Circolo Italiani Uniti*. Uma vez instituído, este último serviria como um certificado de realismo, um atestado da existência dos peninsulares em Campinas, ou melhor, de trabalhadores especializados italianos que despontavam em meio à respectiva cidade como uma elite étnica.

As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, que dizer, a respeito das propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhe são correlativos [...] são um caso particular da luta de classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer [...].²⁹⁶

Estava em jogo uma luta por projeção, reputação, visibilidade, enfim, por poder.²⁹⁷ À medida que esses italianos, mediante as diferenças que se manifestavam no curso de suas interações com “nativos” e outras coletividades de imigrantes, foram percebendo que integravam uma fronteira étnica específica que ali se delimitava, eles igualmente empenharam-se na produção e conformação desta, interpretando-a, ressignificando-a, selecionando e enquadrando memórias a fim de estimular um sentimento de pertença e distinção. Tudo isso, como bem observado por Bourdieu,²⁹⁸ a partir de critérios vinculados a um *habitus* de classe já compartilhado. Correspondiam a indivíduos que, diante da precoce e privilegiada inserção em um centro que se urbanizava na esteira de uma efervescente

²⁹⁶ BOURDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 113.

²⁹⁷ LE GOFF, Jacques. (2013). *Op. cit.*, p. 35.

²⁹⁸ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011, p. 97.

economia cafeeira, associada à disposição pela obtenção de mobilidade social e legitimidade na sociedade de destino, onde humildes trabalhadores brasileiros e caboclos eram comumente estereotipados como inaptos ou indolentes, tornava-se fundamental não só apresentar uma imagem favorável de si aos não italianos, mas também diferenciar-se de compatriotas eventualmente rotulados como indesejados.²⁹⁹

[...] quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações [...].³⁰⁰

A iniciativa de organizar-se em torno do *Circolo Italiani Uniti* parecia fazer ainda mais sentido para uma fração dos peninsulares arragados no meio urbano campineiro à medida que, oito dias após a criação da respectiva entidade, o semanário *Petiz Jornal*, publicação satírica de estilo parisiense, veiculava, em 25 de abril de 1881, um artigo assinado pelo pseudônimo “Cícero”, no qual se insinuava que os *oriundi* não passavam de um bando de ineptos e larápios: “*que* exporta a Itália para a América, que carece de braços e trabalho? [...] barbeiros sem navalhas, realejos e macacos africanos, relojoeiros que nos colocam o ponteiro da hora do meio dia às seis da tarde, *creados* que precisam de cem para vigiá-los”.³⁰¹ O anônimo autor ia além e ainda destilava alguns versos provocativos que recapitulavam eventos inerentes ao processo de luta dos italianos em prol da unificação da península, ironizando a sua dependência em relação às tropas da França para enfrentar o domínio do Império Austríaco: “come Veneza mariscos, e Milão come polenta [...], o francês rustiu a Itália na Batalha de Magenta”.³⁰²

Conforme esclarece Brandes,³⁰³ o humor étnico consiste em um recurso amiúde mobilizado por grupos já estabelecidos a fim de reiterar a sua condição de superioridade frente aos *outsiders*, ou mesmo por coletividades em posições semelhantes que competem por um capital simbólico, isto é, por um capital de respeito ou importância social. Logo, provocações como estas reproduzidas pelo *Petiz Jornal*, em que a aptidão, a inteligência e a moralidade dos imigrantes italianos eram negativamente essencializadas, serviam, acima de tudo, para categorizá-los como seres inferiores. Tratava-se de um expediente capaz de afetar

²⁹⁹ MONSMA, Karl. Identidades, desigualdade e conflito: imigrantes e negros em um município do interior paulista, 1888-1914. Notas de pesquisa. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 11, n. 1, jan./abr. 2007, p. 114.

³⁰⁰ POLLAK, Michael. (1992). *Op. cit.*, p. 207.

³⁰¹ BRITO, Jolumá. *História da cidade de Campinas*. v. 26. São Paulo: Indústria Gráfica Saraiva, 1969, p. 10.

³⁰² *Ibidem*, p. 11.

³⁰³ BRANDES, Stanley. Jewish-American Dialect Jokes and Jewish-American Identity. *Jewish Social Studies*, Bloomington, v. 45, n. 3/4, 1983, p. 233.

direta e deliberadamente aquilo que Weber³⁰⁴ define como honra étnica. Afinal, os termos usados não diferenciavam os italianos competentes e honestos de eventuais conterrâneos incompetentes e malandros. Pelo contrário, todos aqueles que porventura acreditavam portar uma “honra” específica pelo fato de pertencerem a uma comunidade de origem subjetivamente imaginada – no caso, à Itália – eram estereotipados como desqualificados e velhacos.

Como resultado, no mesmo dia em que os insultos vieram à tona, às seis horas da tarde, na praça do teatro São Carlos, mais de 1.500 italianos reuniram-se para protestar contra o *Petiz Jornal*.³⁰⁵ Sujeitos ligados ao *Circolo* e cujas trajetórias são aqui examinadas, como o engenheiro Samuel Malfatti e o professor Emílio Giorgetti, estavam dentre os organizadores da manifestação. Àqueles que formavam uma emergente classe média urbana de origem italiana, que gradativamente tecia relações singulares em Campinas, interessava, antes de mais nada, deixar evidente a sua distância da arraia-miúda dos compatriotas. Ao som da banda dos irmãos de Tullio e com a bandeira nacional à frente, enunciando uma incipiente italianidade de maneira performática, os manifestantes saíram em passeata em direção ao edifício onde o periódico era impresso, queimando em plena rua alguns dos exemplares que zombavam da coletividade.³⁰⁶

As elites étnicas italianas, como bem observou Monsma,³⁰⁷ empenharam-se em todo o estado de São Paulo para reverter os estereótipos negativos dos peninsulares. E é justamente sobre a fina flor da colônia que este texto versa. Imigrantes, via de regra, que procuraram desbravar as oportunidades e novas demandas por serviços e produtos que floresciam no pulular da *belle époque* campineira. Inauguraram seus próprios negócios, envolveram-se em atividades de caráter urbano-industrial, exerceram profissões liberais, estreitaram laços com membros das oligarquias locais, com representantes do governo da península, enfim, um perfil bastante distinto quando comparado ao dos milhares de patrícios que rumaram diretamente para as fazendas locais em fins do século XIX. À medida que os entusiastas do *Circolo Italiani Uniti* começaram a tomar ciência acerca da partilha de um conjunto singular de princípios, conhecimentos e experiências, ou ainda, de um *habitus* que se consorciava com os seus interesses objetivos parciais ou totalmente idênticos e com a propriedade particular

³⁰⁴ WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. v. 1. 4. ed. Brasília: Editora UnB, 2015, p. 271-272.

³⁰⁵ MANIFESTAÇÃO. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 3, 26 abr. 1881.

³⁰⁶ MANIFESTAÇÃO DOS ITALIANOS EM CAMPINAS. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 2, 29 abr. 1881.

³⁰⁷ MONSMA, Karl. *A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914*. São Carlos: EdUFSCar, 2021, p. 317.

gradualmente percebida de serem italianos, configurara-se uma conjuntura capaz de proporcionar que tal distinção fosse efetivamente convertida em ações coletivas.

É através da referida associação que os *oriundi* aqui focalizados ajustavam, afinavam e (re)atualizavam suas disposições a fim de viabilizar práticas simultaneamente distintas e distintivas. Distintas, pois tendiam a estar em sintonia com a condição social, econômica e étnica experimentada na sociedade hospedeira. Distintivas porque elas também operavam estabelecendo classificações, uma determinada visão de mundo, interpretações e apreciações sobre a identidade que incorporavam, isto é, através de diferenças que eles mesmos buscavam afirmar. Ao invés do vândalo ou *carcamano* e, evidentemente, do “caipira” ou do negro de origem escrava, desejava-se veicular a imagem de uma entidade composta por italianos dotados de qualidades, bem-relacionados, respeitosos à sociedade que os acolhia.

No próximo capítulo, observa-se que os condutores da instituição mobilizavam um trabalho simbólico que caminhava lado a lado às ações concretas destinadas a garantir assistência aos filiados. Para que o mutualismo funcionasse, ou ainda, para que o grupo pudesse manter-se, contornar conflitos e projetar-se era necessário reforçar a “comunhão” entre os seus componentes, supunham-se gestos de conhecimento e reconhecimento, visando com que todos agissem em conformidade com os preceitos que regiam o sodalício. Assim, paralelamente às diferenças objetivas em relação à média de conterrâneos ali radicados, inscritas nas propriedades materiais, na posse de capital social e cultural, e nos lucros diferenciais deles decorrentes, buscava-se forjar no bojo do *Circolo*, mediante representações, signos, códigos e narrativas, um sentimento de pertencimento e identificação com a Itália a ser assimilado por seus membros como um atributo intrínseco. Tratava-se, pois, de uma luta político-simbólica conduzida por uma fração de peninsulares que viu prioritamente no socorro mútuo, e não em um formato mais amplo de beneficência, uma potencial instância para conciliar *habitus* de classe e filiação étnica com vistas a adquirir valorização e prestígio junto à sociedade campineira.

2. UMA ITALIANIDADE EM CONSTRUÇÃO: ORIGENS, REDES E AÇÕES DO *CIRCOLO ITALIANI UNITI*

2.1 Os fundadores

Para deslindar o surgimento do *Circolo Italiani Uniti*, nada mais adequado do que começar falando sobre os agentes responsáveis por tal iniciativa. Afinal, quem eram esses imigrantes? De quais províncias e/ou regiões da Itália vieram? Quais eram suas ocupações profissionais? De que maneiras foram se inserindo na sociedade de destino? Que afiliações socioeconômicas possuíam?

Não se trata aqui de ter a história de vida como finalidade. Pelo contrário. Conforme ressalta Bourdieu,³⁰⁸ falar de história de vida é pelo menos pressupor que a vida é uma história e que uma vida é um conjunto de acontecimentos de uma existência individual, concebida como uma história e a narrativa dessa história. É o que diz o senso comum, a linguagem cotidiana que descreve a vida como um caminho, um percurso, uma estrada – com suas encruzilhadas –, um *cursus*, com um começo e um fim. O que interessa, em realidade, é deter-se à trajetória, ou melhor, às trajetórias, isto é, à série de posições ocupadas pelos agentes que instituíram o círculo ítalo-campineiro.

Por isso a referência, logo no primeiro capítulo, ao uso da prosopografia, técnica com o potencial de ajudar a dar sentido às atitudes dos imigrantes em tela, a identificar a realidade em que estavam circunscritos, as teias de relações objetivas que os vinculavam a outros agentes nos campos por onde transitavam, conferindo-lhes e/ou incrementando seus capitais, e influenciando suas alocações e movimentos no espaço social.

A despeito da relevância econômica de Campinas no final do século XIX, certas lacunas nos antigos recenseamentos dificultam uma leitura mais precisa acerca da quantidade de imigrantes italianos ali radicados. Exceção feita ao primeiro censo realizado a nível nacional (1872), não há informações especificando as nacionalidades dos estrangeiros nos censos gerais de 1890, 1900 e tampouco no levantamento provincial de 1886. Assim, à época da fundação do *Circolo*, o que se possui de estatísticas mais aproximadas são aquelas advindas dos registros da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo. Ainda assim, não contemplam de maneira satisfatória os objetivos deste estudo, pois, em realidade, conforme demonstra Baeninger,³⁰⁹ elas remetem, ao menos oficialmente, a indivíduos que se deslocaram em direção às lavouras de café da “Princesa do Oeste”. De qualquer forma, ao observar que entre 1882 e 1886, dos 2.544 estrangeiros enviados ao município, 1.928 (75,8%)

³⁰⁸ BOURDIEU, Pierre. (2011). *Op. cit.*, p. 74-81.

³⁰⁹ BAENINGER, Rosana. (1992). *Op. cit.*, p. 33.

eram italianos, parece ficar evidente que a colônia de peninsulares ia adquirindo maior relevância no limiar da década de 1880. E mais: 61,51% desses *oriundi* imigraram individualmente, ou seja, desprovidos do rigoroso compromisso de prover o sustento de toda uma família, tinham, em tese, mais maleabilidade e podiam arriscar o exercício de outras atividades profissionais, até mesmo no núcleo urbano (quadro 1).

Quadro 1 - Movimento imigratório europeu segundo nacionalidade e tipo de imigração em Campinas, 1882-1886

Tipo do Movimento Imigratório	NACIONALIDADES					
	Portuguesa	Italiana	Espanhola	Alemã	Outras	TOTAL
1882-1886						
Total	423	1.928	132	41	20	2.544
% Individual	79,43	61,51	91,67	46,34	40,00	65,64
% Familiar	20,57	38,49	8,33	53,66	60,00	34,36

Fonte: Baeninger³¹⁰

Campinas era ela própria uma localidade em devir e submetida a transformações incessantes. À medida que esses sujeitos procedentes da península inauguravam seus armazéns de alimentos e bebidas, fábricas de massa, oficinas de confecção de roupas e sapatos, passavam a ser rotulados indistintamente pelos demais habitantes como “italianos”. Conforme pontua Hall,³¹¹ a identidade étnica não constitui algo *in natura*. Era cruzando e interagindo no dia a dia com “semelhantes” e “dessemelhantes” que esses forasteiros se percebiam como integrantes de um grupo particular, muito embora, cabe frisar, este também não estivesse isento de clivagens, inclusive sociais. Acrescenta-se, ainda, a esse processo espontâneo, iniciativas do próprio governo da Itália, orientadas a forjar perante os emigrados um sentimento nacional, um senso de pertencimento e ligação à pátria, capaz de se sobrepor às identificações mais imediatas desses indivíduos com suas regiões, províncias e/ou vilas de origem.

Como discutido, é, sobretudo, em meio à urbe que os italianos foram se reconhecendo como tais. As vias acercavam, propiciavam trocas, articulações, enfim, uma mediação relacional mais íntima, de modo que uma parcela dos peninsulares começara a congregar interesses, a colocar projetos em prática e a tentar amainar as diferenças regionais e culturais existentes na coletividade. Não é por acaso que, em 15 de janeiro de 1878, veiculava-se na *Gazeta de Campinas* um chamado para que os *oriundi* se encontrassem naquela tarde no teatro São Carlos (figura 15). O motivo de tal convocação era a morte do rei Vittorio Emanuele II, ocorrida no dia 9 daquele mês.

³¹⁰ BAENINGER, Rosana. (1992). *Op. cit.*, p. 33.

³¹¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 50-51.

Os italianos radicados em Campinas e que têm sempre a pátria no coração vestem-se de luto pela morte do seu bom rei Vittorio Emanuele que fez a Itália una e forte. Convida-se a todos os italianos para comparecerem hoje 15 do corrente à uma hora da tarde no salão do *theatro* desta cidade para decidirem o que se deve fazer a fim de dar uma demonstração pela desgraça que *soffre* a nossa pátria com a morte do valoroso cidadão Victor Manuel II.³¹²

Figura 15 - Convite aos imigrantes italianos estabelecidos em Campinas em razão da morte do rei Vittorio Emanuele II



Fonte: Gazeta de Campinas³¹³

Cumprе sublinhar o matiz nacionalista inscrito na publicação. Afinal de contas, remetia ao falecimento de um dos “pais fundadores” da Itália. E é interessante observar, conforme revela um anúncio divulgado dias depois pelo mesmo jornal, a influência do Estado italiano nessa mobilização além-mar (figura 16). Próspero Bellinfanti, à época agente consular em Campinas, era retratado como uma das principais lideranças daquele grupo que se reunira com a finalidade de discutir ações em homenagem ao finado monarca. O artífice fazia parte de uma rede de porta-vozes do governo da península, isto é, era ele o responsável pela mediação entre o titular do consulado e as demandas dos patrícios ali estabelecidos.³¹⁴ Revestido, pois, de uma autoridade delegada, detinha o poder das palavras e estava autorizado a se exprimir oficialmente em situações solenes.³¹⁵ Ao seu lado, também ganhavam destaque alguns nomes que se popularizavam no comércio local de secos e molhados, como Rocco de Marco e Lorenzo Pelosi, além do professor Atílio Bucci, o qual chegou até a publicar um

³¹² ITALIA VICTOR MANUEL II. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 2, 15 jan. 1878.

³¹³ Idem.

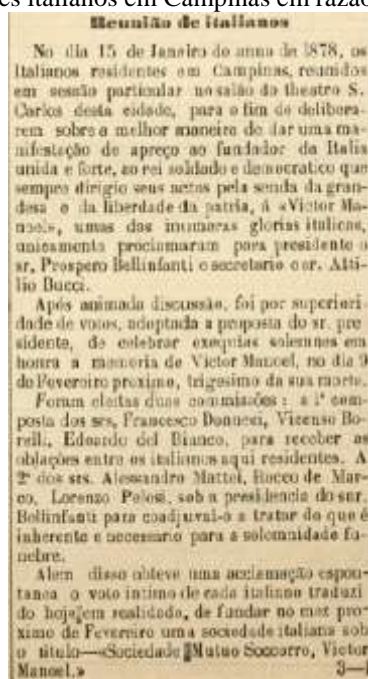
³¹⁴ OTTO, Clarícia. *Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)*. Florianópolis: Insular, 2006, p. 88.

³¹⁵ BOURDIEU, Pierre. (1996). *Op. cit.*, p. 87.

texto de sua autoria no referido periódico em que apelava igualmente à construção de uma narrativa que mitificava a atuação de Vittorio Emanuele II frente à unificação do país de origem.

Victor Manoel II, o primeiro Rei Constitucional perfeito, o *typo* da lealdade [...], o denodado guerreiro, o leão indômito [...] *exhalou* o derradeiro suspiro entre o *pezar* sincero e as bênçãos da nação italiana [...]. Victor Manoel desde ao túmulo entre o luto d'Itália e da democracia universal [...]. Hoje a Itália, uma e forte, [...] potência respeitada entre as primeiras perdeu em Victor Manoel o seu benfeitor, o seu benemérito. A gratidão para o Rei Magnânimo fica gravada [...] no coração dos verdadeiros italianos [...]. Cavour, Victor Manoel... e uma longa série de vultos *illustres* que formaram, ampliaram e honraram a Itália moderna, hoje uma inexorável fatalidade a pátria desditosa lastima e abençoa. O herdeiro da coroa, o Príncipe Umberto, seguirá os vestígios do seu augusto pai? [...].³¹⁶

Figura 16 - Mobilização de imigrantes italianos em Campinas em razão da morte do rei Vittorio Emanuele II



Fonte: Gazeta de Campinas³¹⁷

Não menos visível do que os tentáculos do governo de Roma que se espraiavam a fim de estabelecer laços e nutrir uma pretensa identidade étnica perante os expatriados, era a própria disposição associativa que florescia em meio a uma fração dos imigrantes italianos ali radicados. Tratava-se igualmente do primeiro momento em que se cogitava publicamente a criação de uma entidade mutualista voltada ao grupo étnico. Inclusive, a sugestão para que a mesma eventualmente carregasse o nome do falecido monarca constituía uma maneira, ainda que incipiente, de tentar veicular uma italianidade mediante a mobilização de uma memória em torno de um personagem central à vida política da península.

³¹⁶ SAUDADES: À memória de Victor Manoel. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 2, 16 jan. 1878.

³¹⁷ REUNIÃO DE ITALIANOS. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 2, 19 jan. 1878.

É bem verdade, contudo, que a especulada “Sociedade de Mútuo Socorro Vittorio Emanuele” acabou não saindo do papel. Por outro lado, o discutido tributo ao rei italiano foi realizado na manhã do dia 9 de fevereiro de 1878, na então *Igreja de Santa Cruz*. Nas páginas da *Gazeta de Campinas*,³¹⁸ Próspero Bellinfanti, acompanhado de seu irmão, David,³¹⁹ também oriundo de Potenza, seguia sendo apresentado como o grande responsável pela iniciativa. Na posição de agente consular, ou seja, de propagandista oficial da italianidade na cidade, investira na produção simbólica com fins de estimular o imaginário e o sentimento de nacionalidade italiana dos presentes, providenciando a colocação de um catafalco no centro do templo ornamentado com círios, coroas, emblemas e inscrições como “Rei Cavaleiro” e “Libertador da Itália”.³²⁰

O que se destaca aqui é que foram justamente alguns desses primeiros expoentes locais de uma italianidade ainda embrionária que se engajaram na fundação do *Circolo Italiani Uniti*. Indivíduos que portavam certo capital cultural, dada uma capacidade de comunicação que já transpunha os limites de seus respectivos dialetos regionais, conseguindo, portanto, falar e escrever em italiano, bem como se expressar na sociedade receptora mediante o uso da língua portuguesa. Eram comerciantes, artesãos, donos de oficinas e fabriquetas, profissionais liberais, enfim, agentes que partilhavam um determinado *habitus* de classe aliado a uma pretensão à instituição de uma identidade étnica singular.

Mais do que os instrumentos mobilizados pelo próprio Estado italiano para forjar uma consciência da nacionalidade, dentro e fora de seu território, os peninsulares em tela, à medida que desembarcavam após portugueses, alemães e suíços, passavam a lidar no cotidiano campineiro com classificações que os delimitavam como membros de um novo e exclusivo grupo de imigrados. Grupo este, reitera-se, cujas memórias, ou melhor, cuja identidade era algo difuso, tênue, completamente em aberto. O que não significa, conforme é possível notar, que essa elite de imigrantes que ali despontava tenha ignorado os princípios de construção de uma italianidade. Muito pelo contrário. Seus integrantes não só aderiram a uma luta político-simbólica pela invenção e reconhecimento de sua identidade étnica, como também, dada a privilegiada posição socioeconômica que compartilhavam em relação à média dos conterrâneos que ali se estabeleceram, pelo poder de avaliar e/ou atribuir o que representava ser um italiano.

³¹⁸ EXÉQUIAS A VICTOR MANOEL. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 2, 12 fev. 1878.

³¹⁹ CARTÓRIO DE RIVELLO. Registro de nascimento de David Bellinfanti. Disponível em: <https://www.antenati.san.beniculturali.it/ark:/12657/an_ua19122501/LeRJnZ6>. Acesso em 10 ago. 2021.

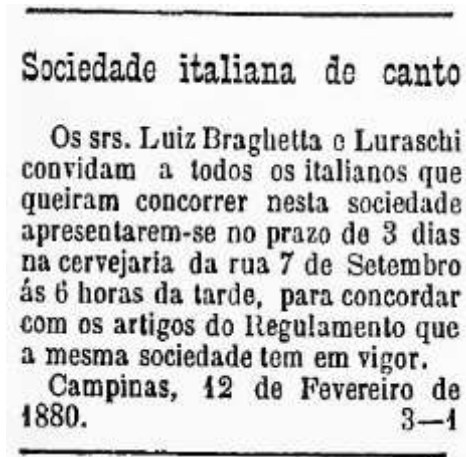
³²⁰ Idem.

Ainda mais em se tratando de uma realidade, tal qual mencionado no capítulo anterior, em que mexericos e insinuações acerca do comportamento dos italianos já começavam a circular pelas ruas.³²¹ Assim, do ponto de vista objetivo, ações de representação por parte desses imigrantes, individuais ou, acima de tudo, coletivas, emergiam revestidas de uma lógica específica, isto é, destinadas a demonstrar coesão, força, a manipular a imagem de si e de sua conduta no espaço social. Afinal, existir socialmente é se perceber e também ser percebido como distinto.

Cumprе sublinhar, nesse sentido, um chamado veiculado no *Diário de Campinas* em 13 de fevereiro de 1880. Nele, Luigi Braghetta e Giuseppe Luraschi, ambos proprietários da *Cervejaria Garibaldi*, faziam questão de anunciar uma sociedade de canto recém-constituída. Mais do que já se reconhecerem enquanto italianos, os dois empreendedores manifestavam o desejo de socializar com os compatriotas, uma vez que a associação era exclusivamente voltada àqueles que procediam da península (figura 17).

Os srs. Luiz Braghetta e Luraschi convidam a todos os italianos que queiram concorrer nesta sociedade apresentarem-se no prazo de 3 dias na cervejaria da rua 7 de Setembro às 6 horas da tarde para concordar com os artigos do Regulamento que a mesma sociedade tem em vigor [...].³²²

Figura 17 - Anúncio referente à Sociedade Italiana de Canto



Fonte: Diário de Campinas³²³

Outra iniciativa de caráter similar viria à luz logo no ano seguinte, mais especificamente em 17 de abril de 1881. Dessa vez, porém, tratava-se de uma retomada da ideia acerca da fundação de uma sociedade de socorro mútuo em Campinas destinada aos peninsulares. Naquele dia, aproximadamente 55 italianos reuniram-se no teatro São Carlos

³²¹ BRITO, Jolumá. (1969). *Op. cit.*, p. 10.

³²² SOCIEDADE ITALIANA DE CANTO. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 3, 12 fev. 1880.

³²³ Idem.

com o propósito de viabilizar um projeto que já se cogitava em meio à colônia.³²⁴ Infelizmente, em razão da ausência das edições da *Gazeta de Campinas* e do *Diário de Campinas* imediatamente anteriores e posteriores à realização do respectivo encontro, não foi possível verificar se tais imigrantes repetiram a estratégia da publicação de manifestos via imprensa. De todo modo, graças ao registro da assembleia em ata, nota-se a presença de alguns nomes que de fato estiveram envolvidos dois anos antes com o debate sobre uma eventual criação de uma mútua italiana na cidade. Indivíduos que, para além de dotados de diferentes tipos de capitais (econômico, social e/ou cultural), mostravam-se dispostos a levar adiante um projeto político-ideológico, a ponto de começarem a lavrar suas próprias memórias no idioma nacional.

Definiu-se, àquela altura, que a associação mutualista em questão seria denominada *Circolo Italiani Uniti*, uma operação social de nomeação revestida de um simbolismo orientado a veicular que a emergente instituição não se pautaria por um regionalismo estrito, isto é, ali seriam acolhidos sujeitos provenientes tanto do norte, do sul e do centro da Itália.

Truzzi³²⁵ argumenta que a identidade nacional consiste numa construção cultural historicamente determinada e iterativamente negociada, por solicitações tanto internas à própria coletividade, quanto externas da sociedade mais ampla. Dito em outros termos, a afirmação de um grupo étnico pressupõe estratégias variadas, sendo uma delas justamente o empreendimento de uma linguagem capaz de forjar um sentimento de pertencimento, uma agregação de pessoas advindas de um mesmo território mediante a suposição de uma história comum.

[...] na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” (Englishness) veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal qual como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade”.³²⁶

Embora as memórias registradas em ata estejam atravessadas por ocultamentos e manipulações derivadas daqueles que as transcreviam, ao mesmo tempo elas não deixam de proporcionar a captação do teor das discussões provavelmente ocorridas naquela circunstância. Menções aos apelos de união e patriotismo por parte dos imigrantes que lá

³²⁴ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Assembleias Gerais, 17 abr. 1881 a 12 abr. 1891*. Campinas, 17 abr. 1881, p. 2-4.

³²⁵ TRUZZI, Oswaldo. (2016). *Op. cit.*, p. 17.

³²⁶ HALL, Stuart. (2006). *Op. cit.*, p. 48-49.

compareceram parecem sinalizar a reprodução de discursos permeados por um nacionalismo com vistas a notificar uma identidade, a congregar aqueles que supostamente partilhavam atributos similares e estimulá-los a incorporarem tal “distinção”.

Ademais, independente das dificuldades em encontrar registros capazes de revelar as minúcias das origens dos criadores do sodalício, ou mesmo das lacunas derivadas da frequente mobilidade espacial dos imigrantes ao longo do território paulista – conceituada por Truzzi e Volante de “percursos migratórios intergeracionais”³²⁷ – em razão do desejo – bastante comum – de se acomodarem no município mais conveniente possível, elas não são suficientes para impedir completamente uma visualização acerca do perfil desses indivíduos que estiveram na vanguarda do mutualismo italiano em Campinas. Conforme indicado na tabela 7, dos 26 fundadores (47%) em que se logrou identificar suas respectivas ocupações profissionais, nota-se como traço comum o fato de serem imigrantes já dotados de certos recursos, viabilizados por titulações previamente obtidas na terra natal, pelo êxito alcançado em negócios inaugurados além-mar ou até pela inserção em parentelas abastadas a partir de matrimônios singulares. Da referida amostra, conseguiu-se mapear ainda as procedências exatas de 12 deles: 4 nascidos no norte, 6 no centro – a maior parte toscanos, particularmente de Lucca (5) – e 2 no sul da Itália, convergindo com a apreciável diversidade de origens regionais já enfatizada por Truzzi.³²⁸ Sujeitos que, ao contrário da maioria dos patrícios que igualmente se deslocara rumo ao estado de São Paulo – uma mão-de-obra pouco qualificada e em larga medida analfabeta –, escaparam às adversidades das lavouras cafeeiras, em especial aos maus tratos cometidos pelos proprietários e ao isolamento imposto pelo regime de trabalho, radicando-se direta e precocemente no emergente meio urbano.

Tabela 7 - Nomes, ocupações profissionais e origens regionais dos fundadores do *Circolo Italiani Uniti*, 1881

Fundadores	Ocupação profissional	Região de origem
Samuel Malfatti	Engenheiro	Toscana (Centro)
Rocco de Marco	Comerciante de secos e molhados, e utensílios domésticos	Campânia (Sul)
Ernesto Lancia	Médico	Piemonte (Norte)
Luigi Malfatti	Alfaiate	Toscana (Centro)
Giovanni Batista Pansini	Construtor	Trento (Norte)
Giulio Macchi	Construtor	Lombardia (Norte)
Domenico Pannoni	Comerciante/Ourives	Calábria (Sul)
Giuseppe Pietro del Porto	Proprietário de uma loja de fazendas e armarinhos	Toscana (Centro)
Pietro Belluomini	Funcionário do comércio	Toscana (Centro)

³²⁷ TRUZZI, Oswaldo; Volante, João Pedro. Percursos migratórios intergeracionais e dinâmicas de implantação de imigrantes estrangeiros no Oeste Paulista (1880-1950). In: TRUZZI, Oswaldo. (org.). *Migrações internacionais no interior paulista: contextos, trajetórias e associativismo*. São Carlos: EdUFSCar, 2021, p. 39-40.

³²⁸ TRUZZI, Oswaldo. (2016). *Op. cit.*, p. 35.

Luigi Morelli	Sapateiro	Toscana (Centro)
Bartomoleu Maragliano	Funcionário de uma fábrica de máquinas agrícolas	Ligúria (Norte)
Giuseppe Marrone	Artesão	Abruzzo (Centro)
Atílio Bucci	Professor	-
Fernando Carina	Professor	-
Ângelo Lembi	Ferreiro/Mecânico de carroças	-
Adamo Lorenzini	Pedreiro	-
Pellegrino Pierucelli	Apontador	-
Carmine Funari	Sapateiro	-
Francesco Donnici	Barbeiro/Cabeleireiro	-
Domenico Argento	Barbeiro	-
Emanuel Mazzuchelli	Construtor	-
Luigi Bottelli	Comerciante de secos e molhados	-
Dario Pisani	Proprietário de restaurante	-
Gregorio Ventura	Proprietário de uma charutaria	-
Giuseppe Beccaria	Proprietário de uma casa de pasto	-
Eugênio Luporini	Alfaiate	-

Fonte: Elaborado pelo autor

Entre os nomes arrolados, nota-se que Samuel Malfatti era retratado como um dos principais condutores do encontro que acarretou na fundação do *Circolo*. O toscano, que havia se estabelecido anteriormente na Argentina, onde trabalhou na construção de ferrovias, desembarcou em Campinas em meados de 1880, período em que um número considerável de artífices e construtores dedicavam-se ao acabamento da nova *Igreja Matriz*.³²⁹ As obras, que se arrastavam desde 1807 devido a diversos problemas construtivos,³³⁰ só vieram a ganhar um fôlego significativo a partir do momento em que o engenheiro-arquiteto Cristoforo Bonini, natural de Brescia, fora contratado para dirigir a empreitada. Formado pela Academia de Belas Artes de Milão e já conhecido no Brasil em virtude de importantes serviços prestados ao governo imperial,³³¹ Bonini não teve dúvidas em arregimentar uma mão-de-obra especializada, capaz de lidar com a técnica de alvenaria de tijolos, “execução de frisos, relevos e acabamentos de madeira”.³³² Partiu dele a iniciativa de recrutar inúmeros trabalhadores da península – quase cinquenta – para acelerar o processo de construção da catedral. Porém, não se sabe se por divergências com o Diretório das Obras ou simplesmente em função do término do seu contrato, Bonini acabou não sendo o responsável pela conclusão

³²⁹ GONÇALVES, Marcos Augusto. 1922: A semana que não terminou. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

³³⁰ Segundo Mendonça (2010, p. 23), “erros técnicos, conflitos políticos e a má qualidade do solo local” atrasaram a conclusão da obra.

³³¹ Bonini chegou ao Brasil em meados de 1848 para trabalhar na construção da estrada da Serra da Estrela, na região de Petrópolis, local bastante apreciado pelo então imperador Dom Pedro II. No entanto, com o falecimento do engenheiro alemão Julius Friedrich Koeler, contratado para edificar o Palácio Imperial, coube a Bonini assumir a liderança da obra.

³³² MENDONÇA, Thaís Carneiro de. *Técnica e construção em Ramos de Azevedo – a construção civil em Campinas*. 281f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos, USP, São Carlos, 2010, p. 94.

do edifício. De qualquer maneira, mesmo quando o então promissor Francisco de Paula Ramos de Azevedo, que à época assessorava “sem contrato a comissão encarregada das obras”,³³³ assumiu definitivamente as rédeas do empreendimento em fins de 1879,³³⁴ muitos dos profissionais italianos previamente contratados foram mantidos em seus postos. Aproveitando-se, pois, da empreitada em curso e do reconhecimento institucional proporcionado por seu diploma de engenharia obtido em Bolonha, Samuel Malfatti buscou se posicionar rapidamente no nascente mercado da construção civil, cabendo a ele, segundo Lemos,³³⁵ o arremate da cúpula da matriz, a qual foi solenemente entregue à população no dia 8 de dezembro de 1883.

Também pertencentes ao quadro de artífices encarregados da edificação da igreja, o ferreiro e mecânico de carroças Ângelo Lembi, bem como o pedreiro Adamo Lorenzini foram outros dois imigrantes italianos a comparecerem à reunião que resultara na criação do *Circolo*. Apesar de suas respectivas naturalidades e trajetórias serem desconhecidas, observa-se que eles figuravam na folha de pagamentos de Bonini desde 1876, o que permite presumir que ambos tenham emigrado com uma oportunidade de trabalho previamente assegurada.

Para além do já mencionado Samuel Malfatti, havia ainda entre os fundadores da mútua um segundo indivíduo que carregava sobrenome semelhante. Tratava-se de Luigi, um alfaiate de aproximadamente 37 anos que, muito embora também procedesse de Lucca, parecia não manter laços de parentesco com Samuel. Luigi desembarcou em Campinas entre 1879 e 1880, acompanhado por sua esposa e compatriota Maria Domingas. Logo após inaugurar uma alfaiataria na Rua da Constituição, Luigi recebia, em maio de 1883, a companhia de um de seus irmãos, o sapateiro Frediano, bem como de sua cunhada, Elisabeth Barsotti, e do seu sobrinho Michele, de dois anos de idade, todos oriundos de Lucca, fixados na Rua General Osório. Luigi manteve-se ligado à alfaiataria até o seu falecimento, ocorrido em 14 de outubro de 1905.³³⁶ Conforme ressalta Oliveira,³³⁷ uma alfaiataria bem montada, com profissionais habilitados, podia render ganhos consideráveis, “visto que ternos e paletós eram usados cotidianamente pelas pessoas mais bem posicionadas, e roupas prontas praticamente inexistiam no mercado”. Não por acaso, com o dinheiro arrecadado, Luigi

³³³ Lemos, Carlos A. C. (1993). *Op. cit.*, p. 11.

³³⁴ O último relatório de pagamento da feria dos trabalhadores assinado por Cristoforo Bonini data de outubro de 1879. A partir do mês seguinte, Ramos de Azevedo tornou-se o responsável pela assinatura.

³³⁵ LEMOS, Carlos A. C. (1993). *Op. cit.*, p. 3.

³³⁶ PARÓQUIA DA CONCEIÇÃO. *Registro paroquial de óbito de Luigi Malfatti*. Campinas, 14 out. 1905, p. 34. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-RZ8S-X?from=lynx1UIV8&treeref=GZ4R-ZVD&i=35>>. Acesso em 8 jun. 2021.

³³⁷ OLIVEIRA, Flávia Arlanck Martins de. *Impasses no novo mundo: imigrantes italianos na conquista de um espaço social na cidade de Jaú (1870-1914)*. São Paulo: Editora Unesp, 2008, p. 141.

chegou a investir paralelamente em um pequeno estabelecimento comercial de bebidas e alimentos, localizado na Rua José de Alencar.³³⁸

Aparentemente, quem dividia as rédeas daquela reunião com Samuel Malfatti era o já citado professor Atilio Bucci. Não obstante a lacuna de detalhes referentes à sua origem, é possível supor uma rápida integração do *oriundi* à sociedade receptora. Isso porque, em abril de 1882, após participar das homenagens ao finado rei Vittorio Emanuele II e de ter sido um dos responsáveis diretos pela fundação do *Circolo*, Bucci mudava-se para a capital paulista, onde se estabelecera inicialmente ministrando aulas particulares de disciplinas variadas. Ao se autopromover em meio às páginas do *Correio Paulistano* enunciando suas “propriedades”, fica patente que o imigrante era dotado de um capital cultural, habilitado a se comunicar em diferentes idiomas (figura 18).

O professor Atilio Bucci, residente há poucos dias nesta capital, dispendo de longa prática de ensino, *lecciona* particularmente Latim, Italiano, Português, Francês, Retórica, Histórica, Geografia, Matemática. Confiando no apoio das exmas. famílias previne que honrado desde já de seus chamados *apromptará scientifica* e praticamente no Italiano, pelo seu *methodo* comparado [...]. Para o ensino rápido e claro e repetições dos preparatórios acima acha-se à disposição dos srs. estudantes [...].³³⁹

Figura 18 - Anúncio das aulas particulares do professor Atilio Bucci na cidade de São Paulo



Fonte: Diário de Campinas³⁴⁰

Chama a atenção, paralelamente, o grau de envolvimento de Atilio Bucci com distintas iniciativas orientadas à construção de uma italianidade além-mar. Se, em Campinas, o docente fora um entusiasta da prática mutualista entre patrícios, em São Paulo, por seu turno, enveredara-se na imprensa étnica, instituindo o jornal *L'Eco d'Italia*, um dos primeiros

³³⁸ AMARAL, Leopoldo. (1900). *Op. cit.*, p. 353.

³³⁹ PROFESSOR. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 4, 6 abr. 1882.

³⁴⁰ Idem.

periódicos em língua italiana da cidade e cuja edição inaugural fora publicada em 2 de julho de 1882.³⁴¹

Companheiros do professor Bucci durante as homenagens prestadas ao rei Vittorio Emanuele II em fevereiro de 1878, Rocco de Marco e Ernesto Lancia eram mais dois personagens conhecidos da coletividade que aderiam ao projeto de criação de uma mútua destinada aos peninsulares radicados em Campinas. À época, ambos já denotavam um capital social acumulado na sociedade de destino. O primeiro, descendente de uma família de pequenos agricultores da comuna de San Giovanni a Piro, não apenas trocara a preliminar funilaria e mascateação por um estabelecimento comercial de alimentos e bebidas (varejo e atacado) na Rua General Osório, como também se casara, em 1875, com a campineira Theodora da Cruz, quase treze anos mais velha, filha do importante cafeicultor Manoel da Cruz de Oliveira. Esses mesmos vínculos com a elite agrária do Oeste Paulista estavam presentes na trajetória de Ernesto. Médico, procedente de Novara, estabelecera-se a princípio em São Carlos, em 1867, sendo o primeiro profissional da categoria a residir na localidade. Àquela altura, a rígida estrutura hospitalar existente na península, com os médicos mais velhos dominando os postos de mando, o manejo das técnicas de cirurgia e os mais jovens limitando-se, durante muito tempo, aos cargos de assistentes, estimulava alguns recém-graduados a buscarem uma ascensão profissional e econômica na América.³⁴² Ao contrário de Rocco de Marco, que progredira através do comércio, Ernesto trazia consigo um “capital social herdado”,³⁴³ simbolizado por um vultoso sobrenome. Filho do jurista Giuseppe Lancia, o médico italiano inserira-se rapidamente em uma das parentelas fazendeiras mais renomadas do estado de São Paulo: os Arruda Botelho. Em 1869, contraía matrimônio com a piracicabana Antonia, vinte anos mais jovem, filha de João Carlos de Arruda Botelho e sobrinha de Antonio Carlos de Arruda Botelho, à época deputado provincial e futuro Conde do Pinhal.³⁴⁴ Originários de Piracicaba, os irmãos João Carlos e Antonio acompanharam o pai e proprietário de terras, Carlos José Botelho, o “Botelhão”, na abertura de fazendas e na plantação dos primeiros pés de café na região de Araraquara e São Carlos.³⁴⁵ Ademais de

³⁴¹ TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989, p. 490.

³⁴² SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. Os médicos italianos em São Paulo (1890-1930) - um projeto de ascensão social. *Revista Brasileira de Estudos da População*, Campinas, v. 13, n. 1, 1996, p. 48-49.

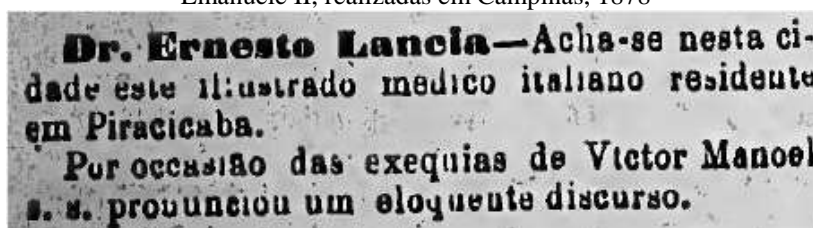
³⁴³ BOURDIEU, Pierre. (1986). *Op. cit.*, p. 23.

³⁴⁴ PARÓQUIA SÃO CARLOS BORROMEU. Registro de casamento de Ernesto Lancia e Antônia Olímpia de Arruda Botelho. São Carlos, 2 mar. 1869, p. 55. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-VW3J-T7?from=lynx1UIV8&treeref=KDMH-W98&i=57>>. Acesso em: 20 out. 2021.

³⁴⁵ TRUZZI, Oswaldo. (2007). *Op. cit.*, p. 96.

participar do episódio de fundação deste último município, o sogro de Lancia ocupara a nível local os cargos de juiz suplente (1865) e de delegado de polícia (1866).³⁴⁶ Assim, embora viesse a residir em Campinas somente no limiar dos anos de 1880, Ernesto estava longe de ser um estranho na cidade. Sua presença na ocasião do tributo a Vittorio Emanuele II já havia merecido um destaque à parte na imprensa campineira (figura 19).³⁴⁷ Não bastasse o prestígio derivado de sua ocupação profissional, bem como dos laços íntimos mantidos com representantes da elite cafeeira, é possível que o médico piemontês ainda ostentasse como signo de distinção o fato de ter servido “na armada” durante a Guerra do Paraguai, conforme ele próprio relatara em um artigo publicado n’*A Província de São Paulo*.³⁴⁸ Justamente por portar esses valores intrínsecos, era reconhecido pelos compatriotas que se mobilizavam como um agente que podia contribuir para que conseguissem transformar relações circunstanciais em ligações duráveis e, inclusive, passíveis de serem legitimadas ante a sociedade hospedeira.

Figura 19 - Participação do médico Ernesto Lancia nas homenagens em memória ao rei da Itália, Vittorio Emanuele II, realizadas em Campinas, 1878



Fonte: Gazeta de Campinas³⁴⁹

Outro imigrante a participar das tratativas referentes à criação do *Circolo* fora o guarda-livros Fernando Carina, nome já conhecido na sociedade campineira desde meados de 1874, quando começara a figurar em meio às páginas da *Gazeta de Campinas* anunciando aulas particulares de língua italiana (figura 20). A forma como se apresentava nesses primeiros anúncios ajuda, inclusive, a revelar privilegiadas vias de inserção social acessadas precocemente por Carina. Afinal, não era qualquer um que lograra ostentar o cargo de docente do prestigioso *Colégio Culto à Ciência*, instituição de ensino destinada aos filhos da elite local, e muito menos uma relação de proximidade com um de seus principais idealizadores, o fazendeiro, advogado e político, Manoel Ferraz de Campos Sales, a ponto de indicá-lo como responsável por referendar seus atributos profissionais. E mesmo que, logo após a fundação da mútua, Carina tenha se mudado em definitivo para a cidade de São Paulo, este parece ter se mantido inscrito em uma diferenciada teia de relacionamentos. O registro paroquial do seu

³⁴⁶ CONCEIÇÃO, Carla Fernandes da. *Configuração das elites política e econômica em São Carlos/SP – 1873 a 1904*. 2015. 169f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Sociologia, UFSCar, São Carlos, 2015, p. 71-72.

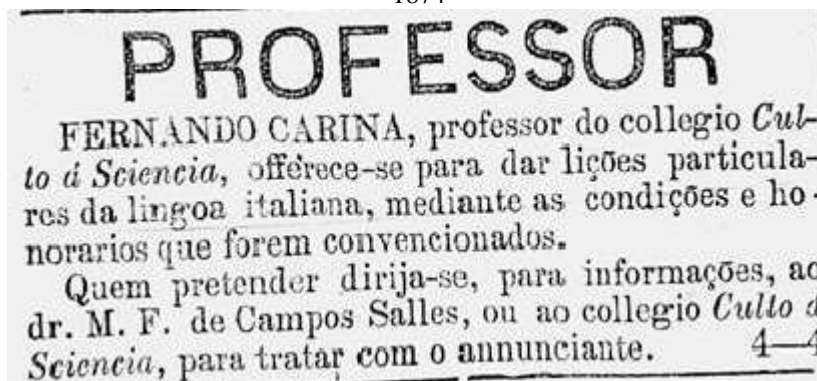
³⁴⁷ DR. ERNESTO LANCIA. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 2, 12 fev. 1878.

³⁴⁸ ITATIBA. *A Província de São Paulo*, São Paulo, p. 1, 10 dez. 1882.

³⁴⁹ Idem.

casamento com a compatriota Lúcia Gandolfo, realizado na capital paulista em 8 de outubro de 1881,³⁵⁰ evidencia como uma das testemunhas da cerimônia o senhor Américo Ferreira de Abreu, procurador fiscal da província e curador geral de órfãos.³⁵¹

Figura 20 - Anúncio das aulas particulares de italiano do professor Fernando Carina na cidade de Campinas, 1874



Fonte: Gazeta de Campinas³⁵²

A fim de retomar imigrantes italianos vinculados ao ramo da construção civil, não se pode deixar de mencionar as presenças de Giovanni Battista Pansini, Giulio Macchi e Emanuel Mazzuchelli na solenidade de instituição do *Circolo*. Por mais que a passagem de Pansini por Campinas tenha sido breve em virtude de sua mudança para Poços de Caldas, onde projetara a estação da Companhia Mogiana (1886) e uma gama de outros edifícios,³⁵³ ela parece ter sido o suficiente para que o trentino acumulasse um considerável capital social. Basta notar que no batizado de seu terceiro filho, Joaquim, celebrado em 21 de novembro de 1880, fruto do seu casamento – oficializado ainda na Itália – com a conterrânea Alaíde Orlandi, figuravam como padrinhos ninguém menos do que Joaquim Policarpo Aranha (barão de Itapura) e sua esposa Libânia de Souza Aranha, dois dos principais representantes da elite cafeeira local.³⁵⁴ Quanto a Macchi, por sua vez, os primeiros registros do construtor milanês em solo campineiro remontam a 28 de dezembro de 1878, ocasião em que construíra

³⁵⁰ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. Registro paroquial de casamento de Fernando Carina e Lúcia Gandolfo. Campinas, 8 out. 1881. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-K2CX-B?from=lynx1UIV8&treeref=MY7K-GY3&i=67>>. Acesso em: 21 out. 2021.

³⁵¹ MARTINS, Antonio Egydio. *São Paulo antigo (1554-1910)*. São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1911, p. 131.

³⁵² PROFESSOR. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 4, 6 ago. 1874.

³⁵³ ANGELINI, Sylvia. *Sob o céu da cidade sustentável: formação e expansão do espaço urbano em Poços de Caldas*. 2001. 331f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, USP, São Carlos, 2001, p. 137.

³⁵⁴ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. *Registro de batismo de Joaquim Pansini*. Campinas, 21 nov. 1880, p. 123. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-VVSZ-Z>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

matrimônio com a também italiana Brígida Vergeri, oriunda de Veneza.³⁵⁵ Junto a Rocco de Marco, seu companheiro de fundação da mútua, Macchi fizera parte anteriormente do seletivo grupo de peninsulares responsável por custear as homenagens prestadas quando do falecimento do rei Vittorio Emanuele II (figura 21). Na década seguinte, em sociedade com o aludido patrício Emanuel Mazzuchelli, ali estabelecido com sua companheira Helena Closel, uma descendente de imigrantes suíços nascida em Campinas, fundava a firma *Macchi & Mazzuchelli*, especializada na edificação e reforma de imóveis urbanos (figura 22). Um tipo de aliança, aliás, bastante comum em meio às trajetórias de imigrantes. De acordo com Truzzi:³⁵⁶

Não havendo laços de parentesco, a solidariedade fundada em etnia ou região de origem comuns passava a prevalecer [...]. O fenômeno é comumente observável entre quaisquer grupos: seja na fazenda de café ou na cidade, o imigrante sempre dará preferência, na medida do possível, à convivência com conacionais.

Na lista de clientes, sobressaíam negociantes (“nativos” e estrangeiros) e membros da elite cafeeira que gradualmente se convertiam em capitalistas à medida que investiam para além das porteiras de suas fazendas. Da popularidade acumulada pela dupla de empreiteiros a partir das obras efetuadas pela cidade derivavam eventualmente relacionamentos de outra ordem, mais estreitos, inclusive com quem não pertencia à colônia. Em seu matrimônio, celebrado em 3 de maio de 1884, Mazzuchelli contara com o reconhecido Ramos de Azevedo como testemunha.³⁵⁷ Em 8 de fevereiro de 1902, quando Antônia, filha caçula de Macchi, casava-se com o ferroviário italiano Giulio Vernacci, prestigiados indivíduos também participavam da cerimônia, como o médico carioca Thomaz Alves Filho e o diretor da companhia local de iluminação a gás, Custódio Manoel Alves.³⁵⁸ A própria relação entre Macchi e Mazzuchelli, de natureza étnico-profissional no início, assumiria contornos familiares com o passar do tempo. Isso porque Gemma, primogênita de Giulio, e Miguel

³⁵⁵ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. *Registro paroquial de casamento de Giulio Macchi e Brígida Vergeri*. Campinas, 28 dez. 1878, p. 150. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-4G92-SL?i=154&cc=2177299>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

³⁵⁶ TRUZZI, Oswaldo. (2007). *Op. cit.*, p. 170-171.

³⁵⁷ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. *Registro paroquial de casamento de Emanuel Mazzuchelli e Helena Closel*. Campinas, 3 mai. 1884, p. 259. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-4G9R-RJ?i=374&cc=2177299>>. Acesso em: 8 jul. 2022.

³⁵⁸ CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DO 1º SUBDISTRITO DE CAMPINAS. *Registro civil de casamento de Giulio Vernacci e Antônia Macchi*. Campinas, 8 fev. 1902; PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. *Registro paroquial de casamento de Giulio Vernacci e Antônia Macchi*. Campinas, 8 fev. 1902, p. 134. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-VJ9M-FT?from=lynx1UIV8&treeref=GZNW-YSJ&i=137>>. Acesso em: 6 jul. 2022.

Alexandre, filho de Emanuel, ambos os nubentes campineiros, selavam o enlace matrimonial na Paróquia Nossa Senhora da Conceição em 4 de fevereiro de 1920.³⁵⁹

Figura 21 - Presença de Giulio Macchi na lista de imigrantes italianos que colaboraram com as homenagens em memória ao rei Vittorio Emanuele II, 1878

Subscrição para os funeraes do rei Victor Manoel, agenciada entre os italianos d'esta cidade.		
Sr.	Prospero Bellinfanti (presidente)	100\$000
»	Alessandro Mattei	50\$000
»	Rocco de Marco	50\$000
»	Ercole Florenza	25\$000
»	Lorenzo Pelosi	20\$000
»	Del Bianco Edoardo	10\$000
»	Francesco Donnici	10\$000
»	Borelli Vincenzo	10\$000
»	David Bellinfanti	20\$000
»	Paolino Caselli	10\$000
»	Giambasteani Petro	10\$000
»	Rossi Carlo	5\$000
»	<u>Macchi Giulio</u>	5\$000
»	Domenico Lauria	10\$000
»	Malfatti Cosino	15\$000
»	Arabia Raffaete	5\$000
»	Loraschi Giuseppe	5\$000
»	Chiacchiere Raffaete	5\$000
»	Massagli Stefano	10\$000
»	Curti Vincenzo	5\$000
»	Argento Domenico	10\$000
»	Precia Carlo	5\$000
»	Oliva Luigi	10\$000
»	Capolupo Francesco	5\$000
»	Sutto Girolamo	5\$000
»	Torroni	5\$000
»	Diversi Giorgio	5\$000
»	Bartolli Luigi	2\$500
»	Gasparin Geremia	2\$500
»	Tomei Gregorio	5\$000
»	Caselli Vincenzo	5\$000
»	Borelli Gennarino	5\$000
	Somma.	445\$000
		(Continúa)

Fonte: Gazeta de Campinas³⁶⁰

³⁵⁹ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. *Registro paroquial de casamento de Miguel Alexandre Mazzuchelli e Gemma Machi*. Campinas, 4 fev. 1920, p. 1. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-RZ3H-Q?from=lynx1UIV8&treeref=G4XD-448&i=1>>. Acesso em: 6 jul. 2022.

³⁶⁰ SUBSCRIÇÃO PARA OS FUNERAES DO REI VICTOR MANOEL, AGENCIADA ENTRE OS ITALIANOS D'ESTA CIDADE. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 2, 17 jan. 1878.

Figura 22 - Requerimento de Macchi & Mazzuchelli para construir um edifício em favor do barão Geraldo de Resende



Fonte: Arquivo Municipal de Campinas³⁶¹

Quem igualmente circulava por Campinas antes mesmo do nascimento do *Circolo* era o comerciante Domenico Pannoni. Nascido na comuna de Diamante, província de Cosenza, fruto do segundo casamento de Emílio Pannoni com a jovem Maria Stella Liserre, Domenico decidira arrumar as malas e cruzar o oceano sozinho, deixando para trás os pais e cinco irmãos – dois unilaterais e três bilaterais. À época da criação do sodalício, Domenico, então com 21 anos de idade, tentava se aclimatar à sociedade de destino desdobrando-se como vendedor de bens de consumo não duráveis e ourives. Tal iniciativa aparenta ter despertado esperanças significativas no calabrês, levando-o, inclusive, a incentivar a vinda de familiares que haviam permanecido na Itália. Em meados de 1885, sua irmã, Hermenegilda, acompanhada respectivamente do esposo, o calabrês Giuseppe Magurno, e da filha pequena do casal, Angelina, optavam por trilhar o mesmo caminho, radicando-se na “Princesa do Oeste”. Em 5 de março de 1887, àquela altura estabelecido com um armazém de secos e molhados na Rua Regente Feijó e uma pequena relojoaria na Rua São José, Domenico contraía matrimônio com a veneziana Helena Ricci, com quem tivera cinco filhos: Emília,

³⁶¹ INTENDÊNCIA DE OBRAS PÚBLICAS DE CAMPINAS. *Alinhamento para construção de prédio para depósito de madeira, Rua 11 de Agosto, 66*. Campinas, 26 fev. 1896. Disponível em: <<https://arq-camp.campinas.sp.gov.br/uploads/r/arquivo-municipal-de-campinas/1/8/18893/102-1896-040-000430.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2022.

Elvira, Olga, Rodolfo e Eugênio.³⁶² Dois anos depois investia em um botequim na Rua São Carlos.³⁶³ Na virada para o século XX, é possível perceber que Domenico priorizara o ramo da ourivesaria, atendendo os fregueses em novo endereço, mais precisamente na Rua 13 de Maio.³⁶⁴ Sua trajetória seria ainda fortemente abalada em novembro de 1920, quando Helena, após uma prévia e fracassada tentativa de suicídio com um revólver, repetiria fatalmente a dose, lançando-se, dessa vez, perante uma locomotiva da Companhia Paulista.³⁶⁵

Também envolvidos com o comércio, Pietro Belluomini, Luigi Morelli e Giuseppe Pietro Del Porto foram mais três personagens a comparecerem em meio às fileiras do teatro São Carlos para se unirem aos patrícios ali presentes. Em comum entre eles o fato de que o trio era procedente de Lucca. Belluomini, que emigrara solteiro, trabalhava com a venda de gêneros alimentícios. Casou-se na paróquia da *Santa Cruz* em 23 de janeiro de 1904.³⁶⁶ Sua esposa, Giuseppina Martini, era igualmente toscana, porém, da província de Pisa.³⁶⁷ Luigi Morelli, por sua vez, natural da comuna de Castiglione di Garfagnana, contraiu matrimônio antes de cruzar o Atlântico, especificamente na comuna de Borgo a Mozzano, terra natal de sua companheira, a lucana Natalina Particelli.³⁶⁸ De lá embarcaram com três filhos. Posteriormente, tiveram outros oito, nascidos em Campinas ou Valinhos. Embora fosse sapateiro de ofício, Morelli envolvera-se na sociedade de destino com segmentos que talvez tenha considerado mais promissores. Dedicou-se a maior parte do tempo à venda de bens de consumo não duráveis. Foi dono de um armazém de secos e molhados na Rua Dr. Costa Aguiar, bem como na Rua Ferreira Penteado.³⁶⁹ Em 24 de janeiro de 1898, tornou-se sócio da *Andreotti & Cia.*, uma casa que comercializava bebidas por atacado em São Paulo.³⁷⁰ Depois, abriu um açougue na Rua Saldanha Marinho e ainda chegou a investir em uma olaria nos

³⁶² PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. *Registro paroquial de casamento de Domenico Pannoni e Helena Ricci*. Campinas, 5 mar. 1887, p. 332. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-4G95-K8?i=449&cc=2177299>>. Acesso em: 6 jul. 2022.

³⁶³ SECKLER, Jorge. *Almanach do Estado de São Paulo para 1890*. São Paulo: Jorge Seckler & Comp., 1889, p. 406.

³⁶⁴ OCTAVIO, Benedicto; MELILO, Vicente. *Almanach Histórico e Estatístico de Campinas (1912)*. Campinas: Casa Mascotte, 1911, p. 182.

³⁶⁵ SUICÍDIO DE UMA SENHORA. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 3, 21 nov. 1920.

³⁶⁶ PARÓQUIA SANTA CRUZ. *Registro paroquial de casamento de Pietro Belluomini e Giuseppina Martini*. Campinas, 23 fev. 1904, p. 193-194. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-VJ9M-6M?from=lynx1UIV8&treeref=M1SH-J21&i=196>>. Acesso em: 6 jul. 2022.

³⁶⁷ CARTÓRIO DAS AMOREIRAS. *Registro civil de óbito de Giuseppina Martini*. Campinas, 17 jan. 1957, p. 28. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CSF7-S9QK-M>>. Acesso em: 6 jul. 2022.

³⁶⁸ CARTÓRIO DE BORGIO A MOZZANO. *Registro civil de casamento de Luigi Morelli e Natalina Particelli*. Borgo a Mozzano, 26 mar. 1876. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/tree/person/memories/KZHR-7BS>>. Acesso em 7 jul. 2022.

³⁶⁹ SECKLER, Jorge. (1889). *Op. cit.*, p. 423.

³⁷⁰ A PRAÇA. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 25 jan. 1898.

arredores da estação da Companhia Paulista em Valinhos.³⁷¹ Em relação a Del Porto, este também já veio ao Brasil acompanhado por sua consorte – no caso, a senhora Maria Rosa Emanuele. Após uma prévia passagem por Mogi das Cruzes, onde nasceram suas duas primeiras filhas, Clementina e Laurinda, e Jundiaí, local onde nasceu Carlos, o casal estabeleceu-se em Campinas, inaugurando uma loja de fazendas e armarinhos. Nesta última, tiveram mais duas crianças: Julieta e Amélia. Pouco tempo depois, em 1883, Giuseppe parecia mudar de atividade, gerindo uma casa de banhos na Rua Regente Feijó.³⁷² O negócio, contudo, não durou muito. Nesse mesmo ano, a família já estava de volta à Jundiaí. Como resultado, Giuseppe novamente dedicava-se à sua especialidade: o ramo de fazendas e armarinhos.³⁷³ Graças ao bem-sucedido negócio mantido na Rua Barão de Jundiaí, Giuseppe ajudou a pavimentar, principalmente, a mobilidade social do seu filho Carlos, que chegou a ocupar os postos de Juiz de Paz e Intendente Municipal. De toda sorte, ainda que a estadia dos Del Porto em Campinas tenha sido relativamente breve, ela foi suficiente para produzir elos singulares. Isso porque, em 15 de abril de 1882, aproximadamente um ano após a fundação do *Circolo*, a jovem Clementina, de 18 anos, primogênita de Giuseppe, casava-se com o campineiro José Thomaz de Paula, onze anos mais velho e herdeiro do proprietário de terras Luis Francisco de Paula.³⁷⁴

Havia ainda entre os partícipes da reunião aqueles imigrantes que se ocupavam essencialmente de atividades vinculadas ao setor fabril. Aparentemente, o mais experiente deles era o genovês Bartolomeu Maragliano, desembarcado no porto de Santos em 10 de junho de 1875.³⁷⁵ Não sabemos se sua esposa, a também italiana Maria Tealdi, bem como Ernestina, à época única filha do casal, chegaram juntas com Bartolomeu. O que se logrou mapear, em realidade, é que da cidade portuária ele seguiu viagem em direção à Campinas, empregando-se como técnico da *Lidgerwood Manufacturing Co. Limited.*, fábrica de capital norte-americano comandada por Guilherme Van Wleck Lidgerwood, especializada na montagem e comercialização de máquinas agrícolas, sobretudo de beneficiamento de café.³⁷⁶ Em 1900, já com quatro filhos – Luiz, Maria Emília e Aida somavam-se a Ernestina – e

³⁷¹ AMARAL, Leopoldo. (1900). *Op. cit.*, p. 343; 350.

³⁷² MOURA, Francisco Inácio Xavier de Assis. *Almanach Administrativo, Commercial e Industrial da Província de São Paulo para o ano bissexto de 1884*. São Paulo: Jorge Seckler & C., 1883, p. 400.

³⁷³ JUNDIAHY - AO COMMERCIO. *A Província de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 11 jul. 1883.

³⁷⁴ PARÓQUIA SANTA CRUZ. *Registro paroquial de casamento de José Thomaz de Paula e Clementina Clara del Porto*. Campinas, 15 abr. 1882, p. 105. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-VJ9N-FW?from=lynx1UIV8&treeref=LYFC-7LW&i=148>>. Acesso em: 27 out. 2021.

³⁷⁵ MOVIMENTO DO PORTO. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 1, 1875.

³⁷⁶ CAMILLO, Ema Elisabete Rodrigues. *Guia histórico da indústria nascente em Campinas (1850-1887)*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 50-51.

algum pecúlio amealhado, Bartolomeu investia em um negócio particular: um armazém de secos e molhados na Rua Dr. Ricardo.³⁷⁷ Todavia, seu envolvimento com o comércio de alimentos fora temporário. O desejo de retomar o ofício que lhe abriu portas na cidade aparenta ter falado mais alto. No *Almanach de Campinas para 1908*, o genovês figurava como concorrente de sua antiga empregadora, mantendo em funcionamento uma fundição própria na mesma alameda (figura 23).³⁷⁸ Em 1910, seu genro, o mecânico piemontês Afonso Ramasco, casado em janeiro de 1901 com Maria Emília, montava uma oficina anexa à respectiva fundição, logo após pedir as contas da *Companhia Ramal Férreo Campineiro*.³⁷⁹ Assim, às peças de ferro e bronze produzidas para a ferrovia, lavoura e indústria, acrescentavam-se o conserto e a venda de maquinários. Nas palavras de Camillo,³⁸⁰ quando da morte de Bartolomeu, ocorrida em junho de 1913, coube a Ramasco assumir a direção da firma.

Figura 23 - Anúncio da fundição de Bartolomeu Maragliano



Fonte: Octavio e Melilo³⁸¹

³⁷⁷ AMARAL, Leopoldo. (1900). *Op. cit.*, p. 277.

³⁷⁸ LADEIRA, Jorge M.; OCTAVIO, Benedicto. *Almanach de Campinas para 1908*. Campinas: Casa Mascotte, 1907, p. 223.

³⁷⁹ CAMILLO, Ema Elisabete Rodrigues. (1998). *Op. cit.*, p. 159-160.

³⁸⁰ Idem.

³⁸¹ OCTAVIO, Benedicto; MELILO, Vicente. (1911). *Op. cit.*, p. LXV.

Ao lado de Maragliano estava Giuseppe Marrone, um artesão oriundo da comuna de Lanciano, província de Chieti, casado com Giulia Pancella, sua conterrânea. Embora tenha emigrado depois de Maragliano – provavelmente entre 1880 e 1881 –, Marrone é o que permanecera menos tempo fora da Itália, haja vista que nos anos de 1882, 1886 e 1888 registrara os nascimentos de três filhos na terra natal.³⁸²

Entre as trajetórias descritas, é possível observar que, em geral, correspondiam a italianos que emigraram solteiros ou, no máximo, acompanhados por suas companheiras, o que, reitera-se, constituía um perfil distinto em relação à massa de compatriotas que rumou para o estado de São Paulo, atraída por uma política estatal de subvenção que privilegiava a imigração de famílias pobres para servirem como mão-de-obra nas fazendas de café. Mais: à época da criação do *Circolo*, com exceção de Rocco de Marco e Ernesto Lancia, beneficiados por uma precoce integração a tradicionais oligarquias agrárias em função dos capitais (econômico, social e/ou cultural) por eles acumulados, os demais imigrantes já comprometidos haviam se casado com mulheres que também pertenciam à colônia, sugerindo, pois, uma prevalência da endogamia. Aliado à motivação cultural de unir-se a alguém que portava as mesmas origens e fosse vista como confiável, pesava o interesse em encontrar uma parceira com pretensões comuns de prosperar e fisicamente saudável, capaz de estabelecer uma família numerosa, “principal forma de organização social da península itálica”.³⁸³ O que não significa dizer, evidentemente, que essa parcela de peninsulares que prematuramente se organizou em torno da mútua tenha se deparado com entraves intransponíveis no que diz respeito à constituição de vínculos de alguma natureza com conceituados indivíduos (“nativos” e estrangeiros de outras nacionalidades) estabelecidos na sociedade campineira. Pelo contrário. A gradativa porosidade social que se delineava em meio às novas demandas por produtos e serviços na esteira do *boom* da economia cafeeira, aliada à série de posições ocupadas e aos papéis desempenhados por essa primeira geração de imigrantes italianos que se inseria no bojo de um nascente mercado de trabalho urbano ensejaram um quadro potencialmente propício para a tessitura de uma cadeia de relações de diferentes ordens que extravasavam as fronteiras da coletividade em si.

Convém destacar ainda que alguns dos partícipes da fundação do *Circolo* aparentemente se valeram de redes de relacionamentos intraétnicos antes mesmo de se

³⁸² CARTÓRIO DE LANCIANO. Registros civis de nascimento de Francesco Paolo Marrone, 19 ago. 1882 (falecido em 1884); Francesco Paolo Marrone, 20 mai. 1886; e Anna Marrone, 4 nov. 1888. Disponível em: <https://www.antenati.san.beniculturali.it/search-nominative/?nome=giuseppe&cognome=marrone&s_facet_query=nome_s%3AGiuseppe%252Clocalita_ss%3ALanciano>. Acesso em: 20 jul. 2021.

³⁸³ DI GIANNI, Tercio. *Italianos em Franca*. Franca: Editora Unesp, 1997, p. 125-130.

estabelecerem em Campinas. Ao que tudo indica, Ângelo Lembi e Adamo Lorenzini contaram com o convite e as orientações de Cristoforo Bonini, previamente radicado no local de destino para comandar as obras da nova *Igreja Matriz*. Já Ernesto Lancia nutria certo grau de proximidade com integrantes da comunidade ítalo-campineira desde meados da década de 1870, quando vivia entre Piracicaba e São Carlos. Dito de outro modo, o que se nota é que, junto às expectativas e ilusões em torno dos potenciais benefícios de uma vida na América, alimentadas pelas incertezas e instabilidades que caracterizavam o recém-unificado país de origem, a busca por informações referentes às perspectivas de emprego e moradia com imigrantes anteriores parece também ter feito parte das trajetórias desses indivíduos que se envolveram com a criação da mútua. Essas teias preliminares delineadas com alguém que já havia se acomodado na pretensa sociedade de destino auxiliavam a reduzir os impactos psicológicos e até mesmo econômicos da migração.

Estabelecer-se em uma região cujo vigor da economia cafeeira tinha, inclusive, a potencialidade de extrapolar as próprias fronteiras do meio rural, isto é, de fomentar o desenvolvimento de uma miríade de outras atividades, como estabelecimentos comerciais, oficinas e fabriquetas, aparentava constituir uma oportunidade profícua para esses peninsulares com idade entre 20 e 40 anos, recém-graduados ou, então, minimamente dotados de alguma experiência urbana. Nas palavras de Truzzi,³⁸⁴

[...] pelo menos quatro diferentes tipos de empresas [...] floresceram à sombra dos estímulos da economia cafeeira: os engenhos e atividades de beneficiamento do café e de outros cereais; as oficinas de manutenção que as estradas de ferro requeriam (serrarias, fundições, forjarias, serraria etc.); a indústria têxtil nascente (estimulada em boa parte pela demanda de sacaria para o café); e a indústria produtora de artigos para consumo popular (alimentos, bebidas, vestuário, móveis etc.). Isso sem falar no comércio propriamente dito [...].

Sublinha-se, assim, que, ainda antes da consumação da abolição da escravidão, Campinas, ademais de seu relevante *status* de “capital agrícola” da província, despontava também perante os olhos de uma parcela dos *oriundi* como um promissor mercado de trabalho urbano a ser explorado. E mais: dessa primeira via de inserção à sociedade receptora decorreria outra que é aqui analisada: o associativismo étnico. Tal qual discutido, à medida que a participação desses imigrantes identificados como “italianos” aumentava em meio ao comércio e às pequenas fábricas, esses passaram a se articular com os seus “semelhantes” sob o pretexto de construir uma unidade da colônia. É daí que surgira o *Circolo Italiani Uniti*.

Nesse sentido, em que pese seus dirigentes mobilizassem narrativas em prol dos ditos “interesses” e “necessidades” do grupo étnico, expõe-se a seguir o porquê do respectivo

³⁸⁴ TRUZZI, Oswaldo. (2016). *Op. cit.*, p. 62.

sodalício ser aqui tratado, antes de mais nada, como uma instância de conformação de uma elite italiana, e não como um espaço de representação da coletividade em geral. Reitera-se que a identificação dos indivíduos com uma determinada nacionalidade é um fenômeno maleável, sobretudo quando as suas raízes remetiam muito mais a vilas e províncias do que propriamente a um Estado-nação há pouco instituído. Para os peninsulares em tela, ser um “legítimo” italiano, ou ainda, reconhecer-se como tal em pleno exterior implicava um complexo e constante processo de seleção e manipulação de memórias, bem como a mobilização de ritos e performances. Mas não só: era uma italianidade que se constituía associada a um *habitus* de classe previamente compartilhado. Em outras palavras, havia uma disposição em filtrar os “verdadeiros” patricios, em delimitar aqueles que supostamente estavam à altura da agremiação e a forma como deveriam se portar, a fim de lograr uma incorporação distinta à sociedade receptora, inclusive às elites dominantes locais.

2.2 Um mutualismo restrito

Uma das primeiras constatações ao examinar em detalhes as antigas atas do *Circolo Italiani Uniti* é o fato de que a entidade não funcionava de maneira contingente, ou seja, não bastava aos formuladores de seu estatuto social apenas explicitar a promoção do socorro mútuo e da recreação como finalidades do sodalício. Existia como pano de fundo um conjunto de regramentos que ditavam quem estava apto a tornar-se sócio, quais eram os requisitos para filiar-se, a composição da administração, as dinâmicas das assembleias e reuniões de diretoria, além das situações passíveis de ocasionar punição ou até mesmo a exclusão de membros.

Primeiro, porque o próprio Estado brasileiro, ante o advento do pensamento liberal, sobretudo o inglês e o francês, que previa fiscalizar e enquadrar as movimentações das instituições que se adensavam no tecido social aos rigores da lei, começara a se preocupar em conferir limites legais à operação das associações civis, dado o período de transformações atravessado pela sociedade nacional. Vale lembrar que, ainda que as bases da economia agroexportadora latifundiária e escravista não tivessem sido alteradas com a independência em 1822, à medida que ingressara no mercado internacional como país livre da mediação portuguesa, os principais centros nacionais importadores e exportadores passaram a reunir “condições favoráveis ao crescimento populacional, à modernização do transporte urbano, à fundação de ferrovias e ao incremento das funções comerciais dos núcleos urbanos”, desencadeando, conseqüentemente, uma pluralização do espaço público mediante o

desenvolvimento de redes de sociabilidade.³⁸⁵ E, segundo, como será aqui discutido mais detidamente, devido à posição singular dos condutores do círculo ítalo-campineiro em comparação à média dos compatriotas que ali se estabeleceram. Afinal, a julgar pela luta política que travavam com fins de acumular capital social e simbólico, a busca pela apropriação dos princípios de construção e avaliação de uma pretensa italianidade, isto é, pelo poder de enunciar o que era e como devia ser um “autêntico” *oriundi*, figurava como um potencial expediente para que tanto eles quanto a instituição que representavam obtivessem reconhecimento em meio à sociedade receptora.

Não é à toa que, ao longo dos habituais encontros em que tratavam de questões pertinentes ao funcionamento do sodalício, seus integrantes constantemente aludissem a regulamentos e códigos de conduta. Em que pese a indisponibilidade dos primeiros estatutos sociais, convém salientar que as atas consultadas acabaram desempenhando uma espécie de contrapeso em face desta lacuna, uma vez que elas também trazem à luz referências por parte dos associados acerca de artigos e parágrafos que compunham o antigo regimento da agremiação. Menções essas que ajudam a desvelar a existência de uma codificação que via de regra mais servia para sustentar a divisão da colônia ali estabelecida do que propriamente a sua unidade. Em outras palavras, “uma operação de ordenação simbólica”³⁸⁶ destinada a traçar fronteiras no seio da própria coletividade, visando categorizar os patrícios que se encontravam dentro, no lado “bom” da linha, ou seja, aqueles que eram verdadeiramente “dignos” de fazerem parte do *Circolo*.

Como bem pontua Bourdieu,³⁸⁷ embora os indivíduos que partilham um determinado *habitus* de classe tendam a exprimir práticas afinadas e condizentes com sua posição no espaço social, estas não pressupõem a regularidade das condutas deduzidas de um princípio legislativo. Isso porque o *habitus* está intimamente ligado ao fluido e ao vago, ou seja, ele é passível de ressignificação à medida que seus portadores se confrontam com relações e situações renovadas no cotidiano.³⁸⁸ Assim, ao recuperar e colocar em tela a realidade dos antigos membros do *Circolo Italiani Uniti*, implica pensar uma inserção na sociedade receptora não apenas distinta, é claro, da dos negros e mulatos, notoriamente desvalorizados desde o período colonial, mas também em relação à dos seus próprios compatriotas, majoritariamente recrutados para trabalhar justamente ao lado destes no meio rural. Daí a

³⁸⁵ ALMEIDA, Mateus Fernandes de Oliveira. *Associativismo, proteção social e poder público no Segundo Reinado: mutuais e beneficentes na pluralização do espaço público da corte (1860-1882)*. 2014. 342f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2014, p. 13.

³⁸⁶ BOURDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 101.

³⁸⁷ BOURDIEU, Pierre. (2011). *Op. cit.*, p. 162.

³⁸⁸ BOURDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 98.

preocupação dos condutores da mútua em igualmente recorrer à codificação, em instaurar normas, formalizar ações, adotar esquemas de classificação, enfim, estabelecer fronteiras até mesmo dentro da própria coletividade, de modo a conferir forma a uma italianidade que se constituía associada a uma prévia e singular condição socioeconômica.

Nesse sentido, seria um equívoco não apontar, ainda que brevemente, o papel do estatuto do círculo ítalo-campineiro nesse processo de objetivação de uma pretensa identidade social, a qual se definia e se afirmava mediante diferenças experienciadas e, por vezes, até estimuladas por essa fração de peninsulares no local de destino. Importante lembrar, antes de mais nada, que a Lei nº 1.083, de 22 de agosto de 1860, regulamentada pelos Decretos 2.686, de 10 de novembro, e 2.711, de 19 de novembro, estipulava que quaisquer sociedades civis, inclusive estrangeiras, tinham de submeter seus estatutos à Seção de Negócios do Conselho de Estado, no caso de manutenção, fundação ou alterações regimentares. No entanto, para além do cumprimento de uma disposição normativa estabelecida pelo governo imperial, não se pode deixar de frisar que, em face das prévias – e já aludidas – rivalidades que envolviam os imigrantes italianos acerca de suas origens, do emaranhado de memórias em disputa, das clivagens sociais existentes entre os *oriundi* e, em consequência, da dificuldade de se organizarem como uma comunidade étnica, recorrer à elaboração e à posterior publicação de um documento da natureza do estatuto social servia também como um instrumento orientado, por um lado, a tentar criar um consenso perante os membros do *Circolo*, e, por outro lado, a explicitar práticas “classificadas e classificantes”.³⁸⁹ Dito de outra maneira, uma vez tornado público, parte-se do pressuposto de que o estatuto é conhecido por todos os sócios. Estes, agora, são chamados a controlá-lo, a ratificá-lo, a consagrá-lo. Mais do que isso: é como se os pré-requisitos de filiação e conduta ali inscritos, ou ainda, os princípios de diferenciação vinculados à condição de classe ou à singular posição na sociedade hospedeira estivessem, após a publicação do respectivo documento, devidamente oficializados, legalizados, portanto, passíveis de serem veiculados por e dentre seus integrantes como “naturais”.

Conforme esclarece Fonseca,³⁹⁰ cabia ao decreto nº 2.711 estipular, sempre que aplicáveis, as mesmas disposições a toda e qualquer companhia ou sociedade sem firma social administrada por mandatários, incluindo as beneficentes e aquelas voltadas ao mútuo socorro. Em outras palavras, tratavam-se, em essência, de diretrizes gerais destinadas a nortear o funcionamento básico do associativismo. No caso das mutualistas, por exemplo, previa-se

³⁸⁹ BOURDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 164.

³⁹⁰ FONSECA, Vitor Manoel Marques. *No gozo dos direitos civis: associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008, p. 59-65.

assistência temporária aos associados, particularmente em situações de enfermidade, incapacidade de trabalho e/ou falecimento – ajuda com as despesas dos funerais. Isso sem falar das indicações referentes à quantidade de filiados; critérios de admissão, suspensão e expulsão dos mesmos; valores de mensalidade; modelos de administração, arrecadação e fiscalização; condições de nomeação e elegibilidade de seus membros. Ou seja, uma espécie de “guia” para quem estivesse disposto a engajar-se em uma atividade associativa.

Não é demais reiterar que esse específico grupamento de imigrantes italianos aqui examinado, que se deslocara até Campinas antes mesmo da migração de massa, radicando-se precocemente no nascente ambiente urbano, inserira-se em um contexto que gradativamente se tornava mais sensível às mudanças então em curso no âmbito das relações entre o público e o privado. Conforme demonstrado anteriormente, quando da primeira iniciativa manifesta dos peninsulares em organizar-se em torno de uma diminuta sociedade de canto, outras agremiações já se encontravam em pleno funcionamento na cidade. Representantes da elite cafeeira e grupos de imigrados pregressos, particularmente portugueses e alemães, ingressavam no enredo político e social da segunda metade dos oitocentos, experienciando novos arranjos associativos na esfera pública, pautados nas emergentes dinâmicas de mercado e modernização que começavam a impactar as tradicionais bases da economia escravista e senhorial, bem como todo o plano das relações sociais nela assentadas.³⁹¹ Assim, ainda que esse processo não tenha escapado completamente à ingerência estatal, ressalta-se que os responsáveis pela criação do *Circolo Italiani Uniti* souberam se acomodar diante dessa aflorante via de “interlocação política e de reconhecimento dos papéis sociais dos diversos sujeitos históricos e suas representações coletivas”.³⁹²

De um lado, o sodalício nascera com a feição de uma mútua clássica, isto é, submetido às elementares normas vigentes à época, viabilizando, pois, em caso de doença ou invalidez para o trabalho, assistência aos filiados mediante o oferecimento de consultas com médicos de confiança ou, então, disponibilizando diretamente o dinheiro para que os membros enfermos cobrissem seus eventuais dispêndios relativos à saúde. Ainda dentro desses parâmetros, a entidade se comprometia adicionalmente a arcar com as despesas das exéquias de seus integrantes, além de ofertar escola para os seus filhos e promover festividades. Por outro lado, a despeito do quadro normativo geral existente, seus diretores mantinham certa autonomia acerca da delimitação e/ou administração das especificidades que a caracterizavam. Ser um “autêntico” *oriundi* – ou no mínimo um descendente direto –, bem como saber comunicar-se

³⁹¹ ALMEIDA, Mateus Fernandes de Oliveira. (2014). *Op. cit.*, p. 293.

³⁹² *Idem*, p. 28.

na língua italiana ao longo dos encontros consistiam em exigências primárias para poder fazer parte da associação. Junto a elas, questões complementares como idade, condição física e gênero também influíam na hora de avaliar ou vetar um determinado proponente. Mulheres, independente da origem, eram inicialmente impedidas de se filiar,³⁹³ assim como garotos menores de 14 anos e sujeitos com mais de 55 anos. Estabelecer um limite etário máximo, segundo Biondi,³⁹⁴ era essencial “para que a vida mútua se tornasse a mais equilibrada possível”, até para enfrentar eventuais períodos mais sensíveis, em que o número de sócios mais velhos ultrapassasse o dos mais jovens, demandando, conseqüentemente, a ampliação dos serviços de assistência. Isso sem contar um leque de outros preceitos mobilizados na esteira daquilo que Bourdieu³⁹⁵ definiu como “operação social de instituição”, ou seja, expedientes acionados não apenas para forjar uma dita identidade étnica, mas, antes, para moldá-la em consonância com fundamentos de caráter socioeconômico que, na prática e inclusive no sentido contrário às narrativas com matiz inclusivo por vezes reproduzidas por seus expoentes, acabavam operando como marcadores de distinção no bojo da própria colônia.

Tratava-se de uma parcela bastante exclusiva de peninsulares que, após se estabelecer prematuramente na sociedade receptora, começara a se perceber e se reconhecer no decorrer do cotidiano como singular, a tecer as primeiras articulações entre si, buscando atenuar históricas discrepâncias regionais mediante o forjamento de uma memória coletiva, de modo a viabilizar um sentido sobre a sua italianidade e, principalmente, os interesses associados à sua posição no espaço social. Uma leva de artesãos, comerciantes e profissionais liberais que se lançara no oceano Atlântico entre os anos de 1860 e 1870 com a expectativa de explorar um emergente mercado consumidor revestido de um razoável potencial de diversificação em meio ao *boom* do café. Nesse sentido, em que pesem eventuais superficialidades e/ou distorções inerentes aos almanaques locais e às atas do *Circolo*, a tabela 8, constituída justamente a partir de um mapeamento das referências à quantidade de sócios em meio às referidas fontes, ajuda a fornecer um breve panorama sobre o processo de conformação de uma elite étnica italiana na cidade de Campinas.

Tabela 8 - Estimativa do quadro associativo do *Circolo Italiani Uniti*

Ano	Nº de sócios
1881	160
1883	49
1884	138

³⁹³ Começaram a ser admitidas como sócias por volta de 1909.

³⁹⁴ BIONDI, Luigi. *Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 68.

³⁹⁵ BOURDIEU, Pierre. (1996). *Op. cit.*, p. 102.

1886	290
1888	190
1890	45
1891	190
1892	166
1894	173
1896	192*
1897	76
1898	72
1901	115
1908	190
1910	329
1911	516

Fonte: Elaborado pelo autor

Mesmo que a quantidade de filiados seja vagamente descrita junto aos documentos consultados e, por mais que aqueles correspondentes ao período de 1912 a 1920 sequer mencionem algo a respeito, ainda assim convém chamar a atenção para o que os dados da tabela anterior têm a dizer. Esse restrito número de membros ao longo do tempo constitui mais um indicativo de como essa fração de *oriundi* distanciava-se da média de imigrantes italianos desembarcados no interior paulista entre o final do século XIX e início do XX, os quais, pobres e analfabetos em geral, já estavam confinados em alguns milhares no meio rural para a execução de trabalhos braçais. A título de ilustração, de 1887 a 1900, saíram da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo com destino às fazendas de café de Campinas, 7.991 italianos, o que representava aproximadamente 75% do total de trabalhadores europeus (10.631) alocados no município aquela época (quadro 2). Isso sem falar no censo de 1920, que, ante uma população de 23.516 estrangeiros ali presentes,³⁹⁶ registrava 14.529 (61,8%) indivíduos naturais da península.³⁹⁷ Se tomado então como parâmetro o grau de comparecimento de associados às assembleias, observa-se que esse era ainda mais reduzido: uma participação média de 46 membros entre 1881 e 1891; de 35 membros entre os anos de 1891 e 1898; e de 53 sócios entre 1908 e 1920.³⁹⁸ Um cenário que talvez sugestione que o volume de capital social concentrado por essa fração de imigrantes ligada ao *Circolo* tenha sido bastante razoável, a ponto de mantê-lo em funcionamento ao longo de décadas.

* Média calculada após identificar no respectivo ano três reuniões (12 de janeiro, 12 de julho e 11 de outubro) em que o número de sócios fora citado.

³⁹⁶ De acordo com o censo de 1920, os imigrantes constituíam cerca de 20% da população total de Campinas, que à época era de 115 mil habitantes.

³⁹⁷ BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. *São Paulo do passado: dados demográficos*, 1920. Campinas: NEPO, 1999, p. 50.

³⁹⁸ Dados estimados com base nos três livros de atas correspondentes às assembleias do *Circolo*. O primeiro, abrangendo o período de 17 de abril de 1881 a 12 de abril de 1891; um segundo, de 4 de outubro de 1891 a 17 de julho de 1898; e um terceiro, de 23 de fevereiro de 1908 a 15 de agosto de 1920.

Quadro 2 - Movimento imigratório europeu segundo nacionalidade e tipo de imigração em Campinas, 1887-1900

Tipo do Movimento Imigratório	NACIONALIDADES					TOTAL
	Portuguesa	Italiana	Espanhola	Alemã	Outras	
1887-1900						
Total	778	6.063	704	370	172	8.087
% Individual	79,43	61,51	91,67	46,34	40,00	65,64
% Familiar	20,57	38,49	8,33	53,66	60,00	34,36

Fonte: Baeninger³⁹⁹

Esse paralelo entre o número médio aproximado de sócios do *Circolo* e a estimativa do tamanho da colônia italiana em Campinas ajuda a sinalizar, de fato, como o perfil dos *oriundi* vinculados à entidade discrepava em relação às miseráveis parentelas de conterrâneos subsidiadas pelo governo paulista que se avolumavam nas estações de trem do município, situação que chegou a servir de justificativa para que o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas autorizasse a construção de uma hospedaria – inspirada nos moldes daquela que já existia em São Paulo – para os imigrantes na própria localidade, muito embora, é bem verdade, as obras do aludido edifício, iniciadas na Vila Industrial em 1891, tenham sido interrompidas em função da falta de recursos e de imbróglis institucionais.⁴⁰⁰ Um relato publicado no *Diário de Campinas* pelo capitalista e ex-agente consular da Itália no município, Próspero Bellinfanti, na edição de 18 de abril de 1885, dá a dimensão da penúria e sofrimento de boa parte dos imigrantes que ali desembarcavam em busca de oportunidades em meio às lavouras cafeeiras:

[...] Estando hoje na estação desta cidade, à 1 hora e 50 minutos, mais ou menos, para tratar dos meus negócios, hora a que chega um trem de S. Paulo, vi que trazia três ou quatro *wagons* de segunda classe cheios de pobres imigrantes [...] entre *elles* vinha grande quantidade de *creanças*, fazendo gritaria e algazarra que chamavam a *atenção* de todos. Da Paulista dirigiram-se para a estação da *Mogyana*, a fim de seguirem os seus destinos. Neste *intervallo* é que eu vi as gritarias e choradeiras que fazia essa pobre gente, achando-se *elles* isolados, sem pessoa alguma que os acompanhassem e dirigissem para os seus destinos. Alguns levavam cartas e outros iam completamente ao acaso, dizendo *elles* em altas vozes que estavam perdidos, sem saberem para onde iam; outros choravam, clamando que tinham desunido as famílias, os *paes* dos filhos e os filhos dos *paes* [...].⁴⁰¹

O simples procedimento da direção do *Circolo* de cobrar uma taxa de filiação daqueles que desejavam integrá-lo, somado, é claro, ao decorrente recolhimento das mensalidades consistiam por si só em limitadores para a grande maioria dos patrícios ali radicados, cuja sobrevivência era garantida a duras penas. De início, à época da fundação do sodalício, exigia-se dos candidatos a sócios uma joia de 10 mil réis, seguida de uma contribuição mensal

³⁹⁹ BAENINGER, Rosana. (1992). *Op. cit.*, p. 33.

⁴⁰⁰ SEGAWA, Hugo. Arquiteturas de hospedarias de imigrantes. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 30, 1989, p. 31.

⁴⁰¹ IMMIGRAÇÃO. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 2, 18 abr. 1885.

de 1 mil réis. Evidentemente, a depender das necessidades ou dos interesses da entidade, esses valores eram passíveis de modificação, cabendo tal deliberação à assembleia dos associados. De qualquer maneira, a despeito das tarifas vigentes, os indivíduos recém-filiados precisavam aguardar um determinado período de carência – 6 meses em 1891⁴⁰² – para acessar os serviços de saúde ofertados pela mútua.

Em realidade, até mesmo antes de serem admitidos como membros, os italianos ou filhos de italianos se deparavam com um conjunto de requisitos a serem cumpridos, tendo de passar por um processo prévio de avaliação conduzido por uma fração bastante restrita de compatriotas. Em primeiro lugar, só podia ingressar na sociedade quem tivesse o nome indicado por ao menos dois diretores. A partir daí, o proponente era submetido a uma sindicância, com o fim de verificar se esse atendia à “idoneidade” exigida pelo estatuto social. Afinal de contas, se por um lado o próprio Estado brasileiro, guiado pelos preceitos do liberalismo e da civilidade europeia, requeria das associações civis a observância aos valores “éticos” e “morais”, por outro lado, ademais da necessidade do *Circolo* de enquadrar-se à legislação para poder se manter em funcionamento, havia ainda uma luta político-simbólica mobilizada por esse seletivo grupo de imigrantes, disposto a concentrar capital social e, em consequência, tornar-se conhecido e reconhecido dentro e fora da colônia, dotado, inclusive, da legitimidade e do poder de idealizar e conceituar uma pretensa italianidade. Não é à toa que alguns patrícios rotulados como “perigosos” ou “indesejáveis” eram impedidos de se filiarem. Na ata da reunião de diretoria de 18 de julho de 1891,⁴⁰³ registrava-se a importância de não misturar a “água infeta com a água limpa”, pois isso podia acarretar uma “contaminação” do sodalício. Qualificativos e figuras de linguagem, portanto, que traduziam uma operação social de nomeação revestida de uma intenção performativa de transmitir aos associados o significado de que eles possuíam uma dada qualidade.⁴⁰⁴

Existia, é claro, uma estrutura organizacional responsável por elaborar e fiscalizar os critérios de filiação e parâmetros de conduta dos integrantes da entidade. Quando criado, o *Circolo* contava com doze indivíduos em seu quadro diretivo, ao passo que, em meados de 1920, eram catorze: presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretário, vice-secretário, dois conselheiros fiscais, três revisores de contas, três censores e um porta-bandeira. Sem contar, paralelamente, a função do cobrador, também presente desde o começo da mútua. Este se

⁴⁰² CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Assembleias Gerais, 04 out. 1891 a 17 jul. 1898*. Campinas, 11 out. 1891, p. 5.

⁴⁰³ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 18 jul. 1891 a 23 set. 1898*. Campinas, 18 jul. 1891, p. 4.

⁴⁰⁴ BOURDIEU, Pierre. (1996). *Op. cit.*, p. 82.

encarregava de visitar as residências dos associados para recolher os valores das mensalidades. Por vezes, tal ofício fora acumulado por um dos censores ou até pelo secretário. Aos primeiros, cabia verificar se os auxílios usufruídos pelos sócios estavam em conformidade com o estatuto social, enquanto o segundo concentrava uma quantidade razoável de obrigações: redigir as atas das assembleias e reuniões de diretoria, bem como enviar e receber correspondências, comunicando aos filiados e veículos de imprensa as datas de eventos e deliberações institucionais. Os conselheiros fiscais, por sua vez, atuavam em sintonia com os revisores de contas, examinando o balanço por exercício ou gestão da administração. Seus papéis eram essenciais, por assegurar a honestidade do comportamento da diretoria e a transparência no uso dos bens comuns, o que significava “a própria continuidade da agremiação e a segurança de que os membros, quando precisassem da mesma, não teriam suas expectativas fraudadas”.⁴⁰⁵ Por fim, e não menos importantes, a figura do tesoureiro, incumbido de gerir o cofre do sodalício, além do porta-bandeira, a quem competia carregar o estandarte da mãe-pátria nas solenidades promovidas pela associação.

Cada gestão administrativa tinha a duração de um ano, sendo a reeleição permitida. Nota-se, em geral, que os presidentes eram aqueles a quem o grupo mais delegava o seu capital coletivo para que pudessem justamente representá-lo. Conforme discute Queiroz,⁴⁰⁶ conhecer as leis locais, regionais e federais, saber lidar com o emaranhado de despesas e receitas, bem como demonstrar habilidade e diplomacia diante de eventuais rivalidades, disputas e conflitos eram quesitos indispensáveis para que esse específico *club* de imigrantes pudesse adquirir relevo e respeitabilidade em meio à sociedade de acolhimento. Não por acaso, como se descreve em mais detalhes no próximo capítulo, a tendência desses respectivos postos serem ocupados por pessoas experientes, suficientemente instruídas e bem relacionadas. Afinal, ser investido da condição de porta-voz, ou ainda, falar e agir em nome do sodalício era mais do que um privilégio. Consistia em uma procuração, um dever, uma função particular. E tanto a credibilidade quanto a eficácia simbólica do discurso de autoridade dependiam em certa medida da competência e da eloquência expressas no dia a dia.

Em meio a esse processo de constituição e projeção do *Circolo Italiani Uniti*, eram justamente esses agentes que, legitimados pelos demais partícipes, planejavam e/ou imprimiam condutas cotidianas guiadas por um *habitus* previamente compartilhado e também

⁴⁰⁵ FONSECA, Vitor Manoel Marques. (2008). *Op. cit.*, p. 137.

⁴⁰⁶ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Escolas de samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana. Cadernos CERU*, São Paulo, v. 1, 1986, p. 15.

vinculadas às circunstâncias em que os membros do grupo estavam inscritos na sociedade hospedeira. Tratava-se, pois, de um jogo social, no qual, diante do produto agregado de necessidades e interesses dos associados, aliado à própria condição de estrangeiro e às incertezas inerentes ao cotidiano, tais indivíduos buscavam organizar uma percepção a respeito de sua posição no espaço social, bem como acerca de sua identidade étnica. Nas palavras de Bourdieu,⁴⁰⁷ a luta relacionada à constituição e manutenção de um determinado grupo pressupõe um consenso mínimo sobre o mundo social, de modo que o estabelecimento de regras e categorizações tende a operar como um dos instrumentos de delineamento das memórias que se pretende veicular e dos lucros materiais e simbólicos que se objetiva alcançar.

[...] Do lado subjetivo, pode-se agir tentando mudar as categorias de percepção e apreciação do mundo social, as estruturas e avaliatórias: as categorias de percepção, os sistemas de classificação, isto é, em essência, as palavras, os nomes que constroem a realidade social tanto quanto a exprimem, constituem o alvo por excelência da luta política, luta por imposição do princípio de visão e divisão legítimo [...].⁴⁰⁸

Dai decorria a iniciativa desses imigrantes em se autoclassificarem, eles mesmos se expõem à classificação, concederem títulos aos seus pares e eventualmente a outros indivíduos com os quais interagem, delimitando preceitos e atributos condizentes à sua própria posição no espaço social ou então convenientes aos propósitos da entidade na sociedade de destino. Qualificações como sócio “fundador”, “contribuinte” (ou “efetivo”), “benemérito”, “honorário”, “protetor”, “vitalício” e “auxiliar” faziam parte do rol de estratégias de caráter subjetivo orientadas a nutrir a vida cotidiana da associação. Funcionavam como signos de distinção, constituíam uma espécie de “alquimia da troca”⁴⁰⁹ que supunha e produzia conhecimento e reconhecimento mútuos, isto é, entre sujeito e sodalício. Enquanto as duas primeiras categorias contemplavam peninsulares e descendentes, certificando aqueles que “naturalmente” detinham voz deliberativa, as demais correspondiam a um tipo de homenagem para quem colaborasse de maneira especial ou em situações específicas com o grupo, independentemente da nacionalidade apresentada. Conforme registrado na assembleia de 31 de julho de 1881,⁴¹⁰ o *oriundi* filiado até aquela data, ou seja, que aderiu à agremiação logo em seus primeiros meses de existência, fora agraciado com o título de “sócio fundador”, ao passo que o restante passara a ser reconhecido como “sócio

⁴⁰⁷ BOURDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 166-167.

⁴⁰⁸ *Ibidem*, p. 162.

⁴⁰⁹ BOURDIEU, Pierre. (1986). *Op. cit.*, p. 22.

⁴¹⁰ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Assembleias Gerais, 17 abr. 1881 a 12 abr. 1891*. Campinas, 31 jul. 1881, p. 13.

contribuinte”. Os designativos “benemérito”, “honorário” e “protetor” abarcavam honrarias outorgadas àqueles que prestassem serviços considerados relevantes à mútua. Já os “vitalícios”, em se tratando de candidatos italianos, eram assim nomeados em caso de destinarem à mesma uma quantia única de 300 mil réis.⁴¹¹ Se portassem outra nacionalidade, a titulação era igualmente passível de aplicação, desde que a oferta, entretanto, fosse de 350 mil réis.⁴¹² Os “auxiliares”, por seu turno, incluíam pessoas que eventualmente colaboravam com os integrantes das comissões responsáveis pela organização de eventos promovidos pelo *Circolo*. Isso sem falar, ainda, na designação “mordomo”, que, embora não constituísse especificamente uma categoria de sócio, compreendia aquele indivíduo mais abastado dotado de condições de contribuir com o pagamento de despesas ordinárias da instituição.

E para chancelar essas marcas distintivas, a fim de que cada receptor se sentisse valorizado e, sobretudo, tomasse ciência sobre o seu pertencimento às relações constitutivas de uma formação social particular, nada mais perspicaz para os condutores do *Circolo* do que recorrer à concessão de diplomas. Afinal, estes últimos consistiam em símbolos, ou seja, em instrumentos por excelência de comunicação e integração, dado o potencial de viabilizar a manipulação de memórias, a construção de um determinado ponto de vista sobre o mundo social e, por conseguinte, a reprodução de um grupo. Coloridos, com requintes artísticos e de dimensões consideráveis, eles proporcionavam certo impacto visual em seus destinatários (figura 24).

Figura 24 - Diploma de um antigo sócio do *Circolo Italiani Uniti*, 1934



Fonte: Arquivo do *Circolo Italiani Uniti*

⁴¹¹ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Assembleias Gerais, 23 fev. 1908 1881 a 15 ago. 1920*. Campinas, 29 ago. 1915, p. 118.

⁴¹² *Ibidem*, p. 163.

De um lado, esses objetos serviam, em específico, para que os sócios providos de voz deliberativa, fundamentalmente os imigrantes italianos e seus filhos, percebessem e reproduzissem a identidade que ali era fomentada. Correspondiam àquilo que Le Goff⁴¹³ define como documento-monumento. Resultado de uma montagem, uma coisa que fica, que dura, fruto de um grupo que o produziu em um dado contexto histórico, decorrente dos seus interesses em estabelecer e veicular uma imagem de si. Não por acaso, na porção superior do diploma, vinham estampadas as bandeiras das diferentes províncias que compunham a Itália. Outras gravuras, por sua vez, faziam alusão à mãe-pátria mediante a evocação da suntuosa história e da mitologia romana. No topo central, uma águia e a sigla *SPQR* – do latim *Senatus Populus Que Romanus*⁴¹⁴ – sob os seus pés, símbolos do Império Romano. Logo abaixo, em meio às flâmulas, a imagem da loba amamentando os irmãos gêmeos Rômulo e Remo, mitos fundadores de Roma. Já na parte inferior central, a representação de uma pessoa segurando uma espada, uma tocha e aparentemente usando uma coroa de louros, elementos que denotavam triunfos na Roma Antiga. Às suas costas, ainda, ao que parece, uma reprodução da Basílica de São Pedro. Em suma, um conjunto de signos orientados a forjar um atributo “inato”, a fazer com que esses filiados incorporassem essa “propriedade”, que fossem capazes de enxergar quem eles eram, a “distinção natural” que portavam.

Por outro lado, a distribuição concomitante de diplomas para sujeitos que, do ponto de vista oficial, não tinham o poder de decidir sobre os rumos da instituição e/ou tampouco integravam a colônia italiana funcionava como uma estratégia de investimento social voltada ao estabelecimento, preservação ou até mesmo ampliação de úteis e privilegiadas redes de relacionamentos, que eram permeadas por obrigações subjetivamente sentidas, tais como sentimentos de reconhecimento, respeito, gratidão e amizade. Conforme será observado adiante, as nomeações de notáveis indivíduos como sócios “beneméritos”, “honorários” ou “vitalícios” visavam abrilhantar o grupo, facilitar o trânsito de seus interesses junto a esferas às quais eventualmente tivessem maior dificuldade de acesso, transmitir à sociedade mais ampla que o mesmo possuía uma dada qualidade e, portanto, era digno de ser reconhecido.

Retomando brevemente as especificidades referentes às categorias de associados com voz deliberativa, não se pode deixar de acrescentar que, juntamente aos respectivos diplomas, esses ainda recebiam amiúde cópias do estatuto social. À medida que os primeiros atestavam os vínculos entre indivíduo e sodalício, o segundo buscava notificar aos membros os limites

⁴¹³ LE GOFF, Jacques. (2013). *Op. cit.*, p. 108.

⁴¹⁴ Na tradução literal para o português: “o Senado e o povo romano”.

do grupo e ao mesmo tempo instituí-los como “guardiões” dos preceitos ali cultivados.⁴¹⁵ Em outras palavras, estimulá-los a perceber a própria “natureza” implicava igualmente uma iniciativa para que se comportassem em função dessa pretensa identidade.⁴¹⁶ Instituir, atribuir uma definição social ou, no caso em específico, forjar uma italianidade significava também delimitar fronteiras. A escrita e consequente impressão do regimento da associação eram indispensáveis porque asseguravam uma “comunicação íntima”.⁴¹⁷ Tratava-se de uma formalização, do estabelecimento de limites, pressupunha um consenso entre os seus integrantes sobre o que ali se oficializava, enfim, informava com autoridade o que esses italianos eram e o que deviam ser.

Esses trabalhos de ordenação simbólica colocavam o grupo em sua devida forma. Além de estimular subjetividades, sentimentos e percepções, serviam também como fundamentos objetivos para a reprodução e regularidade de condutas e práticas. Mesmo porque, era através da concessão dos auxílios médico, farmacêutico e funerário, da oferta de escola, da promoção de eventos e, a *posteriori*, no início do século XX, da disponibilização de uma unidade hospitalar aos associados que se constituía o enredo de atividades responsável por conferir vida à configuração social aqui analisada: o *Circolo Italiani Uniti*. Todavia, para fins de sistematização da tese, opta-se por ora em abordar somente o *modus operandi* dos primeiros serviços de socorro mútuo providenciados pela instituição. Conseqüentemente, a instrução primária e o hospital, cujos processos de viabilização e operação requerem um exame mais apurado, serão explorados na sequência em tópicos específicos.

Dito isso, quem, pela primeira vez, abriu as portas de sua clínica para prestar atendimento médico aos integrantes da entidade foi o doutor Ataliba Florence. Natural de Campinas e diplomado em Heidelberg, na Alemanha, onde se especializou em Oftalmologia, Ataliba decidiu retornar à terra de origem para exercer sua profissão (figura 24).⁴¹⁸ Ali gozava de significativa proximidade com membros da direção do *Circolo* e do quadro associativo em geral. Ademais de ostentar a condição de cunhado do toscano Emílio Giorgetti – sua irmã, a já mencionada professora Augusta Florence, era casada com este último –, presidente do sodalício responsável pela oficialização do acordo, aparentava ainda manter relações de contiguidade com o alfaiate Ricardo Barsuglia, oriundo da província de Alexandria. Ataliba

⁴¹⁵ BOURDIEU, Pierre. (1986). *Op. cit.*, p. 22.

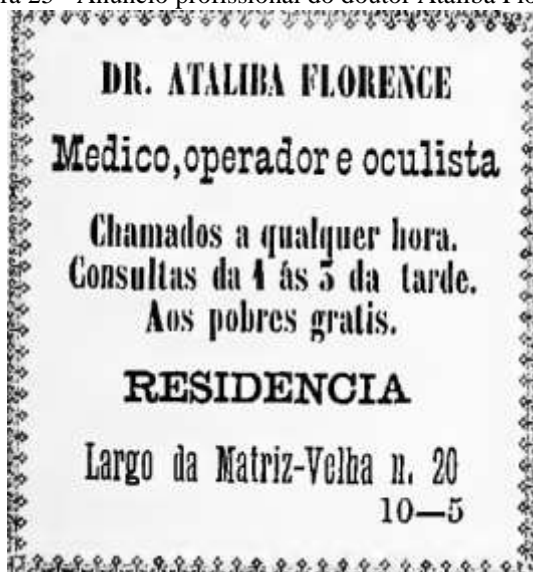
⁴¹⁶ BOURDIEU, Pierre. (1996). *Op. cit.*, p. 100.

⁴¹⁷ BOURDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 101.

⁴¹⁸ LUSTOSA, Marcelo Florence. Hercule Florence. Um francês no Brasil. *Revista da ABRASP*, Belo Horizonte, 15, 2009, p. 45.

permaneceu no posto de “médico social” entre 1883 e 1888, sendo agraciado com o título de sócio honorário.⁴¹⁹

Figura 25 - Anúncio profissional do doutor Ataliba Florence



Fonte: Diário de Campinas⁴²⁰

Outros cirurgiões não pertencentes à colônia e que sequer possuíam elos de parentesco com algum *oriundi* foram igualmente incorporados ao rol de colaboradores da entidade. São os casos, por exemplo, dos doutores Thomaz Alves Filho e Ângelo Jacinto Simões, ambos provenientes do Rio de Janeiro. Ao contrário de Ataliba Florence, a formação da respectiva dupla derivava das duas únicas faculdades responsáveis pelo ensino médico no Brasil àquele momento. Thomaz, que concluíra sua graduação em 1881 na cidade natal, chegara à Campinas em meados de 1882, estabelecendo seu consultório na Rua do Comércio – atual Rua Dr. Quirino –, ao passo que Ângelo, seu conterrâneo, após finalizar os estudos em Salvador em 1885, desembarcara na “Princesa do Oeste” em fevereiro do ano seguinte (figura 26).⁴²¹ Conforme contextualiza Salles,⁴²² o Direito, a Engenharia ou mesmo a carreira militar constituíam em princípio as opções profissionais prediletas dos descendentes das elites oligárquicas. A Medicina, segundo a autora, entrara no radar dos filhos das famílias abonadas de maneira muito gradual ao longo do século XIX, à medida que ficava cada vez mais evidente a necessidade de dar uma resposta à situação sanitária do país e à carência de profissionais da área.

⁴¹⁹ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Assembleias Gerais, 17 abr. 1881 a 12 abr. 1891*. Campinas, 9 jun. 1884, p. 78.

⁴²⁰ DR. ATALIBA FLORENCE. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 4, 6 dez. 1879.

⁴²¹ SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro; NOVAES, José Nogueira. *A febre amarela em Campinas, 1889-1900*. Campinas: CMU/Unicamp, 1996, p. 76-83.

⁴²² SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. *Médicos italianos em São Paulo (1890-1930): um projeto de ascensão social*. São Paulo: Editora Sumaré, 1997, p. 15.

Figura 26 - Anúncio profissional do doutor Thomaz Alves Filho



Fonte: Gazeta de Campinas⁴²³

Assim, face uma realidade marcada pela escassez de médicos nacionais, relações baseadas na solidariedade étnica também acabaram sendo determinantes para a mediação de acordos com especialistas capazes de garantir a continuidade desse tipo de serviço aos membros do *Circolo*. Como bem pontuou Salles,⁴²⁴ entre os anos de 1880 e as duas primeiras décadas do século XX, a porção central do estado, composta por 41 municípios pertencentes às regiões da capital paulista e de Campinas, impulsionada pelo vigor da economia cafeeira acompanhada de uma concomitante expansão ferroviária e da formação de uma clientela nutrida, em especial, por imigrantes oriundos da península, tornou-se uma alternativa atraente para alguns doutores que, advindos de uma Itália recém-unificada e, portanto, permeada por múltiplas instabilidades, buscavam um mercado de trabalho em ascensão que lhes proporcionasse uma inserção mais segura e, por conseguinte, uma consolidação profissional. Não é à toa que, no aludido período, quase 81% dos médicos italianos que entraram em São Paulo decidiram se fixar na região central do estado (tabela 9).

Tabela 9 - Frequência de médicos italianos por regiões cafeeiras no estado de São Paulo, 1899-1919

Entrada em SP	Regiões								Total
	Norte	Central	Mogiana	Paulista	Araraquarense	Noroeste	Sorocabana	Sem dados	
Até 1899	-	10	2	-	-	-	1	-	13
1900-1919	1	34	-	2	4	2	-	12	55
Total	1	44	2	2	4	2	1	12	68
%	1,5	64,7	2,9	2,9	5,9	2,9	1,5	17,6	100

Fonte: Lacaz⁴²⁵

⁴²³ O DR. THOMAZ ALVES FILHO. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 2, 6 fev. 1884.

⁴²⁴ SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. (1996). *Op. cit.*, p. 47.

⁴²⁵ LACAZ, Carlos da Silva. *Médicos italianos em São Paulo. A busca de uma nova pátria*. São Paulo: Aquarela Editora, 1989, apud SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. (1996). *Op. cit.*, p. 47.

É exatamente nesse contexto que se encaixa o caso do doutor Clemente de Toffoli. Ao finalizar seus estudos na Universidade de Pádua, em 1893, e trabalhar como assistente no hospital local, o jovem médico, natural de Treviso, resolveu cruzar o Oceano Atlântico a fim de dar prosseguimento à carreira, instalando-se inicialmente, em meados de 1894, no município de São Roque, então servido pela estrada de ferro Sorocabana. Sua estadia aí não foi das mais longas. Em fevereiro de 1896, recém-chegado à Campinas, Toffoli divulgava a abertura de um novo consultório na Rua Dr. Campos Salles, anexo à sua residência. Sob a condição de estrangeiro, preocupava-se em conferir certa autoridade aos anúncios profissionais que publicava na imprensa, amiúde sublinhando as certidões de competência cultural das quais era dotado, principalmente o diploma revalidado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro que o habilitava a exercer a profissão na sociedade de destino (figura 27). Em julho de 1898, oficializava sua filiação ao *Circolo*, colocando-se à disposição para atender os companheiros de sodalício que carecessem de cuidados médicos.⁴²⁶ Similar postura foi adotada por três meridionais: Alessandro Bellizi, de Chieti, pelo calabrês Giovanni Ricci e pelo napolitano Mário Gatti, ainda que, em se tratando deste último, laços de parentesco estivessem igualmente imbricados. Bellizi disponibilizou-se a atender os sócios enfermos depois que ele próprio se filiou à agremiação, fato ocorrido em fevereiro de 1904.⁴²⁷ Da mesma maneira, o médico Giovanni Ricci, recomendado pelos associados Francisco Biondi, um barbeiro também proveniente da Calábria, e Oreste Martelli, um professor oriundo de Ferrara, começou a prestar serviços à entidade após se vincular a esta em março de 1906.⁴²⁸ Gatti, por sua vez, nomeado “médico social” em 22 de abril de 1915,⁴²⁹ era casado, desde setembro de 1905, com Francisca de Marco, filha de ninguém mais ninguém menos do que o abastado Rocco de Marco, fundador e ex-presidente da instituição.⁴³⁰ Além disso, quando nomeado para o posto, Gatti, que tivera o seu diploma de graduação da Universidade de Nápoles devidamente reconhecido pela Faculdade de Medicina da Bahia, começava a notabilizar-se em virtude dos procedimentos realizados no hospital da *Sociedade Portuguesa de Beneficência*, função que assumira a partir de 1909 (figura 28). Delineava-se, pois, em

⁴²⁶ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Assembleias Gerais, 4 out. 1891 a 17 jul. 1898*. Campinas, 17 jul. 1898, p. 101.

⁴²⁷ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 31 ago. 1903 a 7 nov. 1905*, Campinas, 5 fev. 1904, p. 45.

⁴²⁸ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Assembleias Gerais, 4 out. 1891 a 17 jul. 1898*. Campinas, 27 mar. 1906, p. 37.

⁴²⁹ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 3 dez.. 1914 a 20 out. 1920*. Campinas, 22 abr. 1915, p. 35.

⁴³⁰ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. Registro de casamento de Mário Gatti. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-VJ9M-QW?from=lynx1UIV8&treeref=LB6C-H9D&i=246>>. Acesso em 15 de março de 2022.

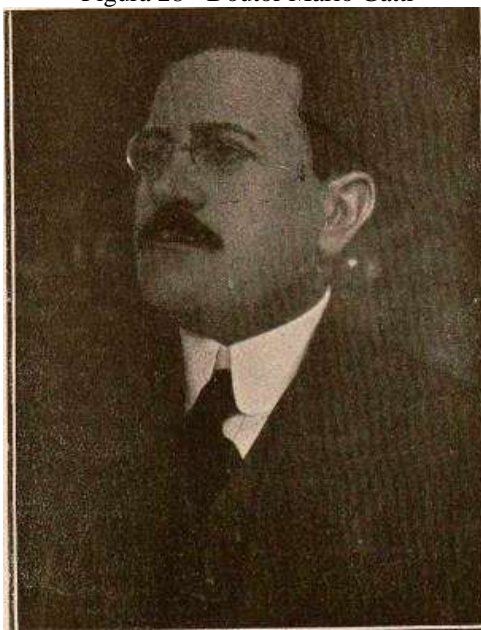
última instância, um relacionamento que funcionava como uma via de mão dupla. Afinal, da mesma forma que a associação ítalo-campineira precisava providenciar serviço de saúde aos seus integrantes, ela servia simultaneamente como uma referência para que o médico italiano recém-chegado se fixasse no interior, tendo a possibilidade de clinicar, de demarcar sua atividade, de tornar-se conhecido e, conseqüentemente, expandir suas relações pessoais e profissionais.⁴³¹

Figura 27 - Anúncios profissionais de Clemente de Toffoli em São Roque-SP (à esq.) e Campinas-SP (à dir.)

<p>O dr. Clemente de Toffoli Medico-Cirurgião-Parteiro Ex-assistente das clinicas e interno do Hospital da Cidade de Padua (Italia). — Annuncia a sua recente chegada de Italia, recebendo chamados e dando consultas em S. ROQUE (SOROCABANA).</p>	<p>Médico Operador e Parteiro DR. CLEMENTE DE TOFFOLI Formado pela Universidade de Padua (Italia). Habilitado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. — Consultorio e residencia--Rua Dr. Campos Salles 45. — Consultas—7 às 9 da manhã e de 1 às 3 da tarde. Especialidade— Molestias venereas e syphiliticas. Partos e cirurgia em geral. (F) Ids Idm 15-1</p>
---	--

Fontes: O Estado de São Paulo⁴³²; Diário de Campinas⁴³³

Figura 28 - Doutor Mário Gatti



Fonte: FamilySearch⁴³⁴

⁴³¹ SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. *Médicos italianos em São Paulo (1890-1930): um projeto de ascensão social*. São Paulo: Editora Sumaré, 1997, p. 99.

⁴³² O DR. CLEMENTE DE TOFFOLI. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 3, 16 out. 1894.

⁴³³ MÉDICO OPERADOR E PARTEIRO. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 2, 25 fev. 1896.

As consultas por conta do *Circolo* demandavam da parte dos requerentes o cumprimento de dois critérios básicos. Primeiro, os filiados que alegassem alguma enfermidade deviam estar em dia com as suas mensalidades. Segundo, precisavam se dirigir aos censores, explicar os motivos de tal solicitação e, se aprovados, pagar do próprio bolso por uma espécie de “guia” que os autorizava a procurar os serviços do médico vinculado à agremiação. Uma vez constatada pelo profissional a necessidade do paciente fazer uso de remédios ou mesmo de internação hospitalar, cabia ao respectivo sócio apresentar a receita e/ou um atestado à direção do sodalício a fim de garantir os subsídios previstos no estatuto. Em caso de falecimento, a cúpula da associação incumbia-se ainda de arcar com as despesas do enterro, além de enviar à cerimônia uma comitiva de membros ostentando a bandeira da instituição, de modo a externar os laços e, portanto, o reconhecimento de que o finado pertencia a um grupo particular de italianos.

Em paralelo e, ao mesmo tempo, à semelhança da assistência médica viabilizada pela administração da mútua a partir de condições especiais negociadas junto aos respectivos doutores, o fornecimento de medicamentos aos associados dependia de mediações e acordos tecidos interna e externamente à própria colônia. Foi o então vice-cônsul da Suíça, Jacob Bolliger, radicado em Campinas desde meados de 1855,⁴³⁵ o primeiro negociante a disponibilizar fármacos aos integrantes do *Circolo* com preços mais vantajosos. Posteriormente, em 1885, a aquisição de remédios com desconto passou a ser realizada no estabelecimento de outro conhecido campineiro: o farmacêutico Jorge Florence, irmão de Ataliba, igualmente graduado em Heidelberg. Por falar em Alemanha, o imigrante Carlos Biorberg, proprietário de uma farmácia situada na Rua Barão de Jaguara,⁴³⁶ foi mais um parceiro da entidade durante a década de 1890 no que diz respeito à comercialização de medicamentos. Tratativas dessa natureza também foram firmadas com o senhor Giorgio Vellutini, um compatriota proveniente de Lucca que se estabeleceu na cidade inaugurando uma farmácia na Rua 13 de Maio.

Como se nota, diante da configuração de um emergente ambiente urbano, estimulado em meio à extensão da malha ferroviária e às novas demandas por produtos e serviços decorrentes de uma pujante economia pautada no café, trabalhadores que desenvolviam atividades no âmbito da saúde, sejam brasileiros ou estrangeiros, passaram a enxergar Campinas como um lugar dotado de potencialidade para lograr uma ascensão socioeconômica

⁴³⁴ FAMILYSEARCH. Registros de Mário Gatti.

⁴³⁵ SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro; NOVAES, José Nogueira. (1996). *Op. cit.*, p. 101.

⁴³⁶ Idem.

ou mesmo uma colocação definitiva na carreira. Dada a incipiente infraestrutura local no tocante à saúde pública, caracterizada pela exiguidade de especialistas, hospitais – até 1920 apenas o precário *Asilo de Morféticos* (1863) e a *Santa Casa de Misericórdia* (1876) permaneciam abertos à população, enquanto a *Sociedade Portuguesa de Beneficência* cobrava pela realização de procedimentos –, enfermarias e boticas, alguns “nativos” e imigrantes europeus, ao possuírem um capital cultural institucionalizado e/ou um capital social herdado, conseguiram alcançar sucesso e prestígio profissional graças à abertura de clínicas particulares, farmácias ou, então, empregando-se em casas de saúde já existentes.

Foram através de vínculos de parentesco, relações de amizade, interações de ordem pragmática ou da solidariedade étnica tecida com alguns desses sujeitos que os condutores do *Circolo* conceberam um modelo de assistência voltado preferencialmente aos *oriundi* que pertenciam ao sodalício. Por isso, na próxima seção, faz-se pertinente examinar o principal *locus* de produção, organização e reprodução da luta político-simbólica travada por essa parcela de italianos aqui em destaque, isto é, a sede social do grupo. Traçar e compreender a rede de relacionamentos envolvida na construção e manutenção do edifício que exteriorizava a posição privilegiada desses peninsulares, bem como as representações ali engendradas a partir dos modos como interpretavam e ajustavam suas memórias ajudam a desvelar a mobilização de um *habitus* de classe ao qual se associava um sentido particular que atribuíam à italianidade em meio à sociedade de destino.

2.3 Nasce a sede social

Nas palavras de Argan,⁴³⁷ mais do que corpo e estrutura, a arquitetura proporciona relevância com o simbolismo implícito em suas formas. Tal qual a pintura que é figurativa, a arquitetura é, por excelência, representativa. Tem o potencial de refletir a pujança de um grupo, suas origens, sua cultura, enfim, de conferir evidência a ele. Pensar, pois, a sede de uma associação, e mais especificamente aquela ligada a uma nacionalidade exclusiva, implica considerar que ela igualmente funciona como sinais gravados em pedra e cal.⁴³⁸ Não só importam as dimensões do edifício, como as decorações e os detalhes em suas fachadas, os trabalhos em cantaria e serralheria, ou seja, cabe ao prédio exprimir os valores da coletividade que ali se reúne.

Em se tratando do *Circolo*, discussões a respeito da viabilidade ou da importância de possuir uma sede definitiva eram comuns desde as primeiras assembleias de sócios. Ainda

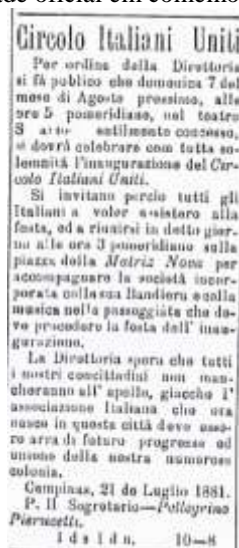
⁴³⁷ ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 243.

⁴³⁸ FONSECA, Vitor Manoel Marques. (2008). *Op. cit.*, p. 170.

que as atas consultadas não exibam rigorosamente os pormenores das conversas sucedidas à época, é possível captar ao longo das respectivas transcrições que os membros enxergavam a posse de um recinto particular para além da função primária de abrigar as atividades cotidianas da entidade. Interessava na mesma medida expor a sua existência, projetá-la, torná-la manifesta, de forma que viesse a ser reconhecida pela sociedade mais ampla. Vale lembrar que, assim como o encontro que resultara na fundação da agremiação, o primeiro evento organizado imediatamente depois para celebrar oficialmente tal novidade ocorrera em um local à parte, isto é, no teatro São Carlos. O próprio anúncio referente à solenidade, assinado por Pellegrino Pierucelli, então vice-secretário da mútua, na edição do *Diário de Campinas*, de 5 de agosto de 1881, contém elementos que já traduziam um grupo construindo uma certa identidade ao mesmo tempo em que denotava uma disposição em visibilizá-la (figura 29). O texto escrito na língua da mãe-pátria, a denominação inflamada da associação como guia do “progresso” e da “união” da colônia ali estabelecida, bem como a alusão à bandeira e à música italiana eram representações típicas de uma coletividade propensa a se afirmar.

Por ordem da diretoria, faz-se público que domingo, 7 do mês de agosto próximo, às 5 horas da tarde, no teatro São Carlos [...], se deverá celebrar com toda solenidade a inauguração do *Circolo Italiani Uniti*. Portanto, todos os italianos são convidados a participar da festa, e a se reunirem no respectivo dia às 3 horas da tarde, na praça da Matriz Nova, para acompanhar a sociedade incorporada com a sua bandeira e com a música na passeata que deve preceder a festa de inauguração. A diretoria espera que todos os nossos concidadãos não tenham falta de tempo, já que a 1ª associação italiana que nasce nesta cidade deve ser um lugar de futuro progresso e união de nossa numerosa colônia.⁴³⁹

Figura 29 - Anúncio da primeira solenidade oficial em comemoração à fundação do *Circolo Italiani Uniti*



Fonte: *Diário de Campinas*⁴⁴⁰

⁴³⁹ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 4, 5 ago. 1881.

⁴⁴⁰ Idem.

Suas primeiras reuniões eram feitas à base do improviso, oscilando entre as residências particulares de associados e salas alugadas. Dependia-se da solidariedade de compatriotas ou mesmo de laços firmados no dia a dia com proprietários de estabelecimentos de outras nacionalidades. Transitar entre e além da própria colônia era também uma recente condição derivada da proximidade física ensejada pelo processo de constituição do meio urbano campineiro. Conforme discute Simmel,⁴⁴¹ a cidade vai se configurando como o solo mais fértil para a reciprocidade, uma vez que favorece a agregação de várias pessoas com fins, necessidades e identidades análogas, conexas, correspondentes. É justamente na urbe, mais do que em qualquer outro ambiente, que as relações tendem a ser definidas a partir de interesses, da calculabilidade, da afinidade de propósitos e subjetividades. À medida que os idealizadores do *Circolo* se estabeleceram diretamente na sociedade de destino como cidadãos, inaugurando casas comerciais, exercendo ofícios mais qualificados ou usufruindo de especialidades previamente obtidas na terra natal, foi se viabilizando uma forma de sociabilidade cujo princípio constitutivo combinava um *habitus* de classe relativamente correlato com uma suposta identidade étnica comum.

Semelhante à importância de se fundar uma instituição capaz de mediar uma relação inteligível entre uma parcela de imigrantes que passava não apenas a identificar-se como italiana, mas que, acima de tudo, mostrava-se disposta a moldar e afirmar tal identidade, ter uma sede própria com condições de aglutinar os seus membros, de proporcionar o forjamento de uma memória coletiva e, eventualmente, de receber convidados nos eventos a serem ali promovidos era igualmente prioritário. Erguer um edifício com base em uma emergente (e particular) interpretação acerca da *italianità* significava evidenciar o grupo, demonstrar o que ele era ou como pretendia ser reconhecido. Ao experimentar uma condicionalidade econômica e social diametralmente oposta à média dos milhares de patrícios que foram remetidos às lavouras de café da região no final do século XIX, os criadores do *Circolo* tiveram a possibilidade de manipular precocemente um conjunto diferenciado de recursos, ora já trazidos da terra natal, ora alinhavados à medida que se inseriam em uma Campinas que se urbanizava, com o fim de extrair lucros materiais e simbólicos no exterior.

Assim, convém mencionar a postura do doutor Ernesto Lancia, à época presidente do sodalício, logo após a solenidade que oficializou publicamente a sua fundação. Através de uma nota publicada no *Diário de Campinas*, em sua edição de 12 de agosto de 1881, Lancia recorria à “alquimia da troca”⁴⁴² como instrumento de comunicação destinado a expressar

⁴⁴¹ SIMMEL, Georg. (1967). *Op. cit.*, p. 13.

⁴⁴² BOURDIEU, Pierre. (1986). *Op. cit.*, p. 22.

respeito e agradecimento aos convidados e personalidades que compareceram à cerimônia (figura 30). Provido por seus próprios companheiros da condição de representante ou porta-voz da associação, seja pela privilegiada posição social como médico ou pelo fato de integrar uma abastada parentela como a Arruda Botelho, colocava em prática um trabalho de reprodução da sociabilidade que supunha palavras e gestos de gentileza e reverência. Por trás do manifesto escrito em português, da saudação às autoridades locais em geral e do enaltecimento à “hospitalidade” da população campineira, encontrava-se o aval e a estratégia de uma pequena elite de imigrantes italianos em formação – composta precisamente por comerciantes, artífices e profissionais liberais –, ou seja, consistia em um poder delegado para fazer o grupo, para projetá-lo, com vistas a veicular junto à sociedade de acolhimento uma imagem positiva sobre si.

Foi imponente, magnífico e *summamente* edificante o *espectaculo* que *offereceu* o hospitaleiro povo campineiro, a *Illma.* Câmara Municipal, as dignas autoridades, os *Illmos.* Representantes da imprensa e de outras associações, assistindo no dia 7 do corrente à modesta festa de *instalação* do *Circolo Italiani Uniti*. Julgo-me extremamente feliz por ver realizado o mais ardente desejo que nutria o meu coração; e como legítimo intérprete do pensamento de todos os membros da sociedade venho agradecer em seu nome a todos *indistinctamente* o favor com que tão benignamente foi distinguida [...].⁴⁴³

Figura 30 - Agradecimentos do presidente do *Circolo Italiani Uniti* aos convidados presentes na primeira solenidade oficial em comemoração à fundação da sociedade



Fonte: Diário de Campinas⁴⁴⁴

Conceder uma espécie de “procuração” para que um determinado patricio pudesse falar e agir em nome do grupo constituía uma estratégia de investimento social. Afinal,

⁴⁴³ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 3, 12 ago. 1881.

⁴⁴⁴ Idem.

atribuir a alguém a função e a responsabilidade de atuar como representante de uma dada coletividade, ainda mais em se tratando de indivíduos oriundos de um país recém-unificado, acostumados com uma longa herança de regionalismos e que, portanto, buscavam paradoxalmente se articular em torno de uma luta político-simbólica a milhares de quilômetros da mãe-pátria, implicava, antes mais nada, levar em consideração a rede de relações em que o mesmo já estava inserido. Dito de outro modo, o fato do agente revestido de uma autoridade delegada possuir um trabalho prévio e particular de instauração e manutenção de diferenciados canais de sociabilidade podia, inclusive, resultar em benefícios extensíveis aos demais companheiros de empreitada. À unidade de natureza psíquica, isto é, ao sentimento de pertença a uma determinada fronteira étnico-social – neste caso, em específico, identificar-se como italiano – fomentado pela mobilização e conciliação de memórias, símbolos e representações, fundiam-se também relações calcadas na instrumentalidade, no pragmatismo, na objetividade, derivadas dos múltiplos contatos ensejados no dia a dia na esteira de uma cidade que aderira à modernidade. Da mesma maneira que a economia monetária permitiu aos indivíduos libertarem-se da estreiteza das ligações de dependência pessoal típicas das sociedades pré-modernas, a divisão do trabalho – o corolário da economia de mercado – propiciou que esses fizessem parte de círculos sociais mais extensos, uma vez que passaram a depender de inumeráveis fornecedores, trabalhadores e colaboradores, sem os quais ficariam inteiramente desamparados.⁴⁴⁵ Conforme observa Simmel,⁴⁴⁶ a sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e colaboração potencialmente capazes de proporcionar a concretização de certos interesses.

É daí que decorre a centralidade de Samuel Malfatti no processo de viabilização da sede própria do *Circolo Italiani Uniti*. À medida que as linhas férreas alcançaram Campinas em resposta à necessidade de escoamento da produção cafeeira, impôs-se não apenas uma aceleração geral do tempo da vida cotidiana, mas, sobretudo, uma intensificação do comércio e do tráfego de pessoas, tanto nacionais como estrangeiros. Mais do que atender às demandas de um mercado consumidor que se expandia, os armazéns, bares, oficinas, casas de câmbio, padarias, farmácias, clínicas médicas, restaurantes e pequenas fábricas inauguradas assumiam a condição de objetos técnicos, ou seja, convertiam-se em mediadores da crescente interdependência entre os indivíduos que ali residiam, modificando o lugar e

⁴⁴⁵ VANDENBERGHE, Frédéric. *As sociologias de Georg Simmel*. Bauru: Edusc, 2005, p. 150.

⁴⁴⁶ SIMMEL, Georg. (1983). *Op. cit.*, 1983, p. 60.

consequentemente redefinindo as interações pessoais.⁴⁴⁷ Agora, cada um passava a perceber o outro “como portador de um papel específico, como suporte de uma função particular bem determinada”.⁴⁴⁸ De modo especial, sujeitos com alguma vivência urbana pregressa, ou, então, que já ostentavam literalmente uma formação técnica emergiam como profissionais habilitados a suprir as novas exigências por produtos e serviços especializados. Assim, simultaneamente ao *status* de compatriota, o engenheiro Samuel Malfatti despontava perante os parceiros de sodalício como alguém que gozava de bom trânsito entre as camadas superiores da sociedade campineira, o que lhe colocava, portanto, em uma posição propícia a mobilizar o próprio *background* em benefício da associação que integrava. Graças ao relacionamento preliminar estabelecido com Ramos de Azevedo na esteira das obras da *Igreja Matriz*, Samuel conseguira pavimentar uma privilegiada via de interlocução com um dos nomes mais prestigiosos do ramo da construção civil àquela altura. Dessa aproximação, nascera uma parceria exclusiva cujo objetivo era a construção do edifício social do círculo ítalo-campineiro.

Por mais que as atas alusivas ao projeto de edificação da sede definitiva da entidade não reproduzam integralmente as nuances dos debates ocorridos, elas não deixam de fornecer algumas pistas acerca do modelo de empreendimento negociado pelo estrato de imigrantes italianos aqui analisados. Seja a referida mediação costurada com Amador Bueno Machado Florence, então presidente da Câmara Municipal e cunhado de Emílio Giorgetti, para a obtenção do terreno destinado à obra, seja a relação tecida com Ramos de Azevedo por intermédio de Samuel Malfatti para a confecção da planta do edifício, ou até mesmo o convite para que Francisco Quirino dos Santos integrasse a comissão responsável pela captação de indivíduos dispostos a contribuir financeiramente com a iniciativa, o fato é que o plano de ação definido pelos peninsulares era tributário do volume de capital social que alguns membros da agremiação acumularam desde quando chegaram à sociedade de acolhimento. Se os potenciais lucros, materiais ou simbólicos, a serem extraídos desses nós que extrapolavam os limites da colônia estavam na base dos mecanismos de delegação e representação amiúde acionados pelo grupo, nada mais coerente para este último do que buscar conservar essas redes de ligações que viabilizavam determinadas vantagens. Tal qual mencionado, assim como o projeto embutia uma finalidade prática, ou seja, providenciar a instalação de um salão para eventos, escola para crianças – principalmente para os filhos dos *oriundi* – e um hospital

⁴⁴⁷ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 50-52.

⁴⁴⁸ VANDENBERGHE, Frédéric. (2005). *Op. cit.*, p. 151.

para os filiados acometidos por enfermidades, cabe igualmente pontuar que a simples possibilidade de manter vínculos cordiais ou formais com colaboradores já reputados como esses, dotados de um capital simbólico, de um poder de reconhecer, consagrar, expor “o que merece ser conhecido e reconhecido e, em geral, de dizer o que é, ou melhor, em que consiste o que é, o que é preciso pensar a respeito”⁴⁴⁹ era vista como um interessante recurso a ser utilizado em prol da imagem do sodalício.

É evidente que, na esteira da luta político-simbólica travada pelos imigrantes italianos em tela, erguer um edifício que fosse capaz de manifestar publicamente a sua existência no lugar de destino constituía um passo essencial para quem aspirava à institucionalização. No projeto assinado por Samuel Malfatti e Ramos de Azevedo, estipulou-se que a sede do *Circolo* seria formada por três blocos. Um prédio central destinado a acomodar um salão para assembleias, reuniões de diretoria e demais solenidades. E outros dois prédios, um à direita e um à esquerda, planejados para abrigar as salas de aula para meninos e meninas. Um pouco mais ao fundo, reserva-se, ainda, um espaço para enfermarias e salas de cirurgia, as quais, conforme será discutido adiante, foram instaladas em definitivo em meados de 1920. De qualquer maneira, a respectiva infraestrutura física representava apenas uma parte desse processo de busca por visibilidade e prestígio. Como bem observa Simmel,⁴⁵⁰ a modernidade é marcada pela ambivalência, isto é, a objetividade da teia de relações que viabilizou a construção da sede da associação, aliada à sua decorrente funcionalidade coexistiam com gestos de natureza subjetiva e signos de reconhecimento. Ao lado de símbolos que, muito antes de servir como enfeites, desempenhavam a função social de estimular entre os filiados o sentimento de partilha de uma mesma identidade, tais como a bandeira da Itália, o estandarte do sodalício adornado nas cores da mãe-pátria, quadros de personalidades políticas – os reis Vittorio Emanuele II, Umberto I, a rainha Margherita e o ex-primeiro ministro Camilo Benso – e artísticas – os compositores Giuseppe Verdi, Gioachino Rossini, Vincenzo Bellini e Amilcare Ponchielli – oriundas da península, tendiam a figurar retratos de integrantes da elite local com os quais os dirigentes do *Circolo* mantinham uma interlocução mais estreita, particularmente Ramos de Azevedo e Ataliba Florence (figura 31). A prática de fixá-los nas paredes do interior da sede, justapondo-se a outros emblemas que demarcavam especificamente uma italianidade que ali se forjava, consistia não apenas em uma alquimia simbólica, em um sinal de gratidão e respeito também em relação a indivíduos externos à

⁴⁴⁹ BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 296.

⁴⁵⁰ SIMMEL, Georg. (2006). *Op.cit.*, p. 63-67.

coletividade, mas, sobretudo, numa forma de veicular e/ou reforçar junto aos sócios e eventuais convidados o capital social do grupo, ou seja, que o mesmo era distinto e, portanto, digno de crédito.

Figura 31 - Membros do *Circolo Italiani Uniti* perfilados à frente do estandarte da associação, 1915



Fonte: Arquivo do Hospital Vera Cruz Casa de Saúde Campinas

A sede social do *Circolo Italiani Uniti* foi gradativamente erigida na Praça de São Benedito, à época também denominada Largo do Riachuelo. O lançamento de sua “pedra fundamental”, em 20 de setembro de 1884, foi meticulosamente realizado como forma de organizar a memória do grupo. O dia e o mês respectivamente escolhidos referiam-se a um episódio decisivo ocorrido durante o processo de unificação da Itália: a tomada de Roma. Uma operação de retorno ao passado, a uma data e lugar que, embora não tenham sido vividos diretamente de perto pelos imigrantes aqui retratados, funcionavam como instrumentos cuja finalidade era estimular os membros da entidade a se reconhecerem como italianos e, em consequência, perceberem-se como sujeitos dotados de uma origem e de uma história aparentemente comuns. Revestida, pois, de simbolismos, a cerimônia foi promovida três meses após a Câmara Municipal autorizar a concessão da área em que o prédio seria construído. Inclusive, na ata correspondente à sessão do referido órgão, lavrada mais precisamente em 10 de junho, percebe-se como esta associação em particular, representada àquela altura por um dirigente que detinha laços de parentesco com o presidente da casa legislativa, começava a lograr certo conceito perante as autoridades políticas locais. Ao contrário dos brasileiros mais modestos e, sobretudo, dos negros, usualmente rebaixados seja em função do estereótipo de “preguiçosos”, seja pelo fato de serem considerados

culturalmente “atrasados” ou até mesmo pela própria cor, tais imigrantes eram valorizados por supostamente demonstrarem uma inerente e maior propensão ao trabalho. Face à perspectiva das elites nativas rurais de que o desenvolvimento da nação passava pela necessidade de embranquecer a população, os peninsulares começaram a ser vistos como um importante fator de modernização. Primeiro, conforme já apontado por Truzzi,⁴⁵¹ em razão de sua significativa contribuição à formação de um mercado interno, praticamente inexistente anteriormente. Mas também, tal qual sugere o argumento apresentado pela Câmara Municipal de Campinas para avaliar a cessão do terreno ao *Circolo*, por conta de iniciativas que visavam suprir lacunas da época em termos de políticas de saúde e educação para os *oriundi* e seus filhos. Não é que se tratava de um traço exclusivo dos italianos. Tampouco dizia respeito a qualquer tipo de trabalho ou auxílio. Tratava-se do trabalho e do auxílio providenciado por um imigrante de origem europeia – no qual o elemento italiano teve papel fundamental –, os quais acabavam servindo como base para fomentar a veiculação de uma ideologia de sucessos individuais que se desenvolvera pautada no modelo do *self-made-man*, ou seja, conquistada através de um trabalho árduo e continuamente alimentada por alguns exemplos de trajetórias percebidas como bem-sucedidas.

[...] A *comissão* de obras públicas [...] estudando com *atenção* o pedido que a associação *Circolo Italiani Uniti* fez a esta Câmara, e tomando na devida consideração os importantes fins que pretende a associação realizar, sobretudo na parte relativa aos socorros prestados à colônia italiana, já levantando um hospital, já fundando uma escola destinada a espalhar a *instrucção* por entre seus compatriotas, e verificando que tais medidas realizadas dentro desta cidade, além do embelezamento devido ao edifício que será construído, ainda vêm influir como *factores* destinados a espalhar o princípio da caridade em seu duplo e abençoado fim, isto é, socorrer os enfermos e levar a luz aos ignorantes; verificando que este município muito e muito deve à colônia italiana, que, por seu amor ao trabalho, dá constantes e salutareos exemplos dignos de imitação, exemplos que em futuro não muito remoto, se forem seguidos, serão elementos de felicidade para o município: a *comissão*, considerando tudo que acaba de expor, foi de parecer que esta Câmara *aproveite* a oportunidade para estreitar mais os laços de amizade com a colônia italiana concedendo o pedido de *accordo* com o plano *apresentado*, mediante as seguintes condições: reverter o terreno para o domínio municipal caso a associação não consiga realizar os seus fins, e, uma vez realizado, porém dissolvida por qualquer circunstância a associação não poderá alienar o terreno sem indenizar a municipalidade. *Submettido* este parecer à discussão e votos foi *aprovado* [...].⁴⁵²

A primeira parte das obras a ser concluída foi o edifício central da sede do *Circolo*. Contando com a *expertise* de Ramos de Azevedo na supervisão dos trabalhos, bastante prestigiado àquele momento em virtude do exitoso acabamento de uma empreitada tão

⁴⁵¹ TRUZZI, Oswaldo. Percursos e descaminhos da italianidade no interior paulista. In: Encontro da ANPOCS, 37, 2013, Caxambu, *Anais...* Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2013, p. 1-21.

⁴⁵² CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS. *Livro de Atas das Sessões, 9 abr. 1883 a 10 jan. 1885*. Campinas, 10 mai. 1884, p. 102-103.

aguardada e complexa como a edificação da *Igreja Matriz*, a diretoria do sodalício abriu uma concorrência pública a fim de encontrar profissionais interessados na execução do empreendimento e, por conseguinte, filtrar as propostas mais vantajosas no tocante ao custo-benefício. Mediante anúncios publicados na imprensa campineira, comunicava-se aos eventuais proponentes que os “desenhos e condições de construção”⁴⁵³ deviam ser diretamente entregues no escritório particular de Ramos de Azevedo, que, em virtude do seu capital social e cultural acumulado, estava “investido do pleno poder de agir e falar em nome do grupo”,⁴⁵⁴ isto é, de examinar a qualidade dos croquis, os detalhes das ofertas, de conversar com os possíveis construtores e, acima de tudo, explicar e aconselhar os membros da associação sobre o que era viável ou válido de se realizar (figura 32).

Figura 32 - Anúncios da concorrência pública aberta pelo *Circolo Italiani Uniti* para a construção de sua sede



Fontes: Gazeta de Campinas⁴⁵⁵; Diário de Campinas⁴⁵⁶

Simultaneamente a relações como essa que extravasavam as fronteiras da colônia, a construção do prédio dos italianos teve, por outro lado, como um dos seus principais pilares, a solidariedade étnica. Todavia, mais do que simplesmente contemplar uma miríade de interdependências (doações em dinheiro ou de materiais) entre indivíduos provenientes de um mesmo território, o processo de edificação em si ajuda igualmente a evidenciar como esses peninsulares foram desbravando, antes mesmo do irrompimento da migração de massa, atividades e ofícios que começavam a conferir forma ao emergente mercado de trabalho urbano local. À medida que Campinas se consolidava como um importante vértice de um processo de urbanização vinculado à transformação econômica, social e cultural ensejada pela produção e exportação de café, nomes que integravam a primeira geração de italianos que ali

⁴⁵³ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 3, 3 set. 1884.

⁴⁵⁴ BOURDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 167.

⁴⁵⁵ Idem.

⁴⁵⁶ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 3, 6 set. 1884.

se fixara, como Luigi Bottelli, Giuseppe Luraschi, Giulio Macchi e Emanuel Mazzuchelli – estes dois últimos proprietários da firma *Macchi & Mazzuchelli* – despontavam dentre aqueles que se dedicavam a “colocar a mão na massa”, ou seja, foram eles que efetivamente proporcionaram a concretização do projeto previamente idealizado pelos engenheiros Ramos de Azevedo e Samuel Malfatti (figura 33).

Figura 33 - Fachada inicial da sede do *Circolo Italiani Uniti*



Fonte: Arquivo do Hospital Casa de Saúde Campinas

Em meados de 1885, ainda em meio às obras, o prédio já adquiria o *status* de palco oficial de encontros de uma parcela específica de italianos que gradualmente dividia o ambiente urbano de Campinas com “nativos” e outros grupos de estrangeiros anteriormente estabelecidos, em especial portugueses e alemães. Somando-se às assembleias gerais e reuniões de diretoria ali promovidas, a escola destinada preferencialmente aos filhos dos associados, conforme será tratado mais adiante, começaria a funcionar logo no ano seguinte. De maneira improvisada é bem verdade. Isso porque os blocos à esquerda e à direita conexos ao edifício central da sede do *Circolo* seriam erigidos somente a partir de 1888 e 1904 respectivamente. Dessa vez, porém, graças às intervenções de outros três construtores. Primeiro, Maurício Malfatti e José Massagli, donos da empresa *Malfatti & Massagli*, encarregaram-se da ala situada à esquerda. Malfatti, carpinteiro conhecido desde o período em que trabalhou como empregado no acabamento da *Igreja Matriz*, decidiu anos depois investir no próprio negócio. Ao lado de Massagli, um pedreiro que desembarcou em São Paulo, em agosto de 1884, munido da expectativa de prosperar em uma região onde o desenvolvimento parecia inevitável, constituiu uma pequena sociedade cuja *expertise* era o ramo da construção civil. Mais tarde, na virada do século, caberia, enfim, ao sulista Bonetti, natural da província de Catânia, a tarefa de providenciar o prédio faltante (figura 34).

Figura 34 - Anúncio da colocação da primeira pedra do edifício lateral construído por Ercole Bonetti



Fonte: Cidade de Campinas⁴⁵⁷

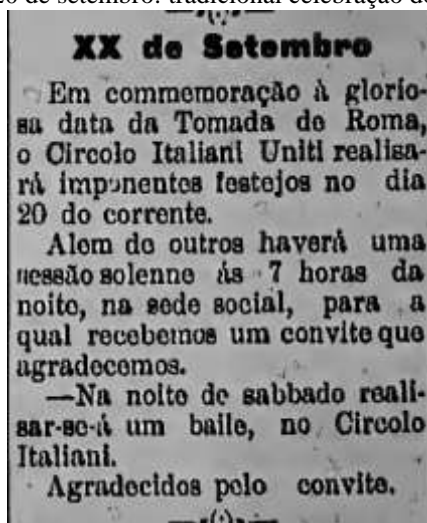
Era fundamentalmente em sua sede social que esse grupo pioneiro de imigrantes italianos que optara por se radicar no núcleo urbano da então promissora “Princesa do Oeste” elaborava e imprimia a sua luta político-simbólica cotidiana. Ademais de reuniões e discussões burocráticas relativas à operação da entidade, o recinto recebia festas que rememoravam desde a anexação de Roma à Itália – habitualmente celebrada em 20 de setembro – e a promulgação do *Estatuto Albertino*⁴⁵⁸ – considerada a primeira Constituição da terra natal –, até bailes, espetáculos, conferências e quermesses cuja finalidade era simplesmente angariar recursos em benefício do caixa do sodalício. De toda sorte, independente da natureza do evento, eles figuravam como oportunidades para se aproximar de outros congêneres de Campinas e adjacências, como o *Club Famigliare XX de Settembre* (1883), a *Società Artística Italiana Confederata* (1884), a *Società Italiana Lavoro e Progresso* (1894), o *Club Famigliare Regina Margherita* (1897), além de recepcionar cônsules, vice-cônsules, membros da elite local e associações vinculadas a outras coletividades étnicas (*Sociedade Portuguesa de Beneficência*, *Sociedade Alemã de Instrução e Leitura*, *Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução*, entre outras) em uma clara tentativa de expandir o seu capital social, tecendo sincronicamente uma teia de relações internas e externas à própria colônia (figura 35). Em síntese, a sede social consistia no *locus* formal de manifestação do *habitus* de classe da porção de peninsulares que integrava e/ou conduzia o *Circolo*, o qual se ressignificava à medida que era combinado a uma interpretação da italianidade que se produzia e se atualizava em meio à sociedade de destino mediante negociações diretas com um complexo de agentes, supondo sempre um trabalho contínuo de

⁴⁵⁷ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Cidade de Campinas*, Campinas, p. 3, 30 mar. 1904.

⁴⁵⁸ Antes da Constituição de 1948, vigorava na Itália o Estatuto do Reino, denominado “Estatuto Fundamental da Monarquia de Savoia”, de 04 de março de 1848, também conhecido como Estatuto Albertino (Statuto Albertino), em função de ter sido promulgado por Carlo Alberto di Savoia, à época Rei da Sardenha.

socialização, bem como um dispêndio de energia, tempo e dinheiro a fim de assegurar reconhecimento e legitimidade.

Figura 35 - Festa de 20 de setembro: tradicional celebração do *Circolo Italiani Uniti*



Fonte: Cidade de Campinas⁴⁵⁹

Justamente por desempenhar o papel de “coração” do *Circolo*, a sede da entidade por vezes tornava-se palco de divergências e atritos entre os sócios. É bem verdade que a laconicidade das atas obstaculiza precisar a natureza da grande maioria desses conflitos. Em geral, nota-se que os secretários encarregados de lavrar tais documentos costumavam fazer menções superficiais acerca dos bate-bocas e trocas de farpas que ali se reproduziam. Conseqüentemente, eventuais desavenças motivadas por regionalismos, as quais, segundo Truzzi,⁴⁶⁰ “ocorreram e pautaram a sociabilidade fragmentada da colônia em muitos municípios”, eram omitidas desses registros. De toda forma, há um desentendimento específico originado em uma das assembleias que exemplifica as complexidades e instabilidades às quais estava sujeito um grupo étnico particular cuja identidade se constituía através do embaralhamento de memórias e da sobreposição de experiências vividas longe da própria mãe-pátria.

Em 4 de setembro de 1884, era lido na dependências do *Circolo* um abaixo-assinado onde cerca de 40 filiados requeriam a presença da entidade em um congresso a ser realizado por compatriotas na cidade de São Paulo no dia 21 do referido mês.⁴⁶¹ Entre as pautas do evento constavam a proposta de criação de uma federação das associações italianas aqui existentes, bem como de um conselho encarregado de fiscalizar a atuação das autoridades

⁴⁵⁹ XX DE SETEMBRO. *Cidade de Campinas*, Campinas, p. 1, 16 set. 1910.

⁴⁶⁰ TRUZZI, Oswaldo. (2016). *Op. cit.*, p. 92.

⁴⁶¹ IRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Assembleias Gerais, 17 abr. 1881 a 12 abr. 1891*. Campinas, 4 set. 1884, p. 95.

consulares.⁴⁶² Posto em votação, o requerimento acabou rejeitado pela maioria dos sócios presentes na assembleia.

Sem a participação do *Circolo*, quem aproveitou a solenidade para angariar prestígio foi outro peninsular também radicado em Campinas, o meridional Próspero Bellinfanti. Dias depois de ser retratado nas páginas do *Correio Paulistano*⁴⁶³ como um dos principais porta-vozes do movimento, o abastado negociante convocava publicamente a coletividade ítalo-campineira para comparecer à sua residência com o intento de erigir uma nova associação étnica baseada nas deliberações do aludido comício (figura 36).

Não sendo possível realizar a reunião convocada para o último domingo, a comissão nomeada pelo Supremo Conselho de São Paulo, novamente chama todos os italianos que queiram intervir naquela que ocorrerá logo impreterivelmente no próximo domingo, 2 de novembro, ao meio dia, precisamente e propriamente no palácio do sr. Próspero Bellinfanti, que gentilmente nos concedeu, para tratar do seguinte: [...] 1º Leitura dos estatutos emitidos pelo Comício de São Paulo; 2º Subscrição para a associação em Campinas; 3º Nomeação da diretoria; 4º Nomeação da comissão para rever os estatutos [...].⁴⁶⁴

Figura 36 - Reunião que deu origem à *Società Artística Italiana Confederata*

**A tutta la Colonia Italiana
DI CAMPINAS**

Non essendo stato possibile realizzarsi la riunione convocata per Domenica scorsa, la Commissione nominata dal Supremo Consiglio di S. Paolo, di nuovo prega g'Italiani tutti a volere intervenire a quella che avrà luogo impreteribilmente Domenica prossima, 2 Novembre a mezzo giorno preciso e propriamente nel Palazzo del Sig. Prospero Bellinfanti, che gentilmente ci ha concesso, per trattare del seguente:

ORDINE DEL GIORNO

1º Lettura degli Statuti emanati dal Comizio di S. Paolo.
2º Sottoscrizione per l'associazione in Campinas.
3º Nomina della Direttoria.
4º Nomina della Commissione per rivedere gli Statuti.
Campinas 31 Ottobre 1884.

La Commissione
Prospero Bellinfanti
Francesco Donnici
Nicola Tesone
Giuseppe Cardamone
Gennaro Bellotti

(0) 1

Fonte: Diário de Campinas⁴⁶⁵

⁴⁶² TRENTO, Angelo. Le associazioni italiane a Sao Paulo, 1878-1960. In: DEVOTO, Fernando; MIGUEZ, Eduardo. *Asociacionismo, trabajo e identidade étnica: los italianos en América Latina em uma perspectiva comparada*. Buenos Aires: CEMLA-CSER-IEHS, 1992, p. 36-40.

⁴⁶³ COMICIO ITALIANO. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 2, 23 set. 1884.

⁴⁶⁴ A TUTTA LA COLONIA ITALIANA DI CAMPINAS. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 3, 2 nov. 1884.

⁴⁶⁵ Idem.

Contando com a adesão de alguns dissidentes do *Circolo*, insatisfeitos por este último não ter aderido à manifestação organizada pelos conacionais na capital paulista, Bellinfanti conseguiu instituir a *Società Artística Italiana Confederata*. Apesar de sua vida efêmera e da inexistência de uma farta documentação sobre si, ainda assim é possível afirmar que a agremiação viveu em meio a rivalidades de considerável magnitude com o seu congêneres. A ata relativa à reunião dos diretores do *Circolo* de 25 de junho de 1885 consiste em um fértil fragmento para esmiuçar as disputas no bojo dessa elite imigrante que se conformava em Campinas no que se refere à sua identidade étnica e à posse de capital simbólico. Por mais que o respectivo documento não esteja isento das manipulações de quem o lavrou, ele fornece pistas sobre uma suposta confusão ocorrida no teatro São Carlos envolvendo integrantes de ambos os sodalícios em uma cerimônia promovida pela *Société Française 14 Juillet* quatro dias antes.⁴⁶⁶ O ato de registrar em papel “[...] os desagradáveis acontecimentos [...] com vários membros de [...] outra sociedade” que tinha “a ousadia de se dizer italiana” é revelador de uma competição pelo monopólio dos princípios de construção e avaliação da própria identidade, dos significados de ser um italiano, associado ao interesse em adquirir reconhecimento junto a outras coletividades arraigadas no local de destino.⁴⁶⁷ A acusação de que a *Confederata* não correspondia a uma legítima representante da italianidade refletia um embate pelo poder simbólico, pelo poder de nomeação, que visa descrever ou classificar os indivíduos, os grupos.⁴⁶⁸ Um “nós” *versus* “eles” que afluía no seio da colônia pautado em uma luta pela imposição de uma interpretação acerca de sua “distinção natural”, bem como pela obtenção de um capital de respeito.

Mas o ápice dessa rivalidade ainda estava por vir. Na madrugada de 3 de agosto de 1885, sócios das duas agremiações encontravam-se bebendo cerveja no armazém de secos e molhados do compatriota Rafael Bedulli, no Largo do Teatro. Na saída do estabelecimento, integrantes de ambos os grupos começaram a trocar provocações entre si. A acalorada altercação logo se converteu em agressões físicas. Conforme relata a *Gazeta de Campinas*, o espingardeiro Nicolau Vignone, então pertencente à *Confederata*, e o sapateiro Carlos Santarlacci, membro do *Circolo*, sofreram ferimentos na cabeça, ao passo que o comerciante e companheiro de associação de Vignone, o lucano Giuseppe Cattani, de 29 anos, fora

⁴⁶⁶ HOMMAGE À VICTOR HUGO. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 3, 21 jun. 1885.

⁴⁶⁷ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 11 jun. 1884 a 7 jul. 1891*. Campinas, 25 jun. 1885, p. 68-69.

⁴⁶⁸ BOURDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 113

apunhalado pelas costas, vindo a óbito pouco depois dos policiais o encontrarem caído defronte à agência do *Banco Mercantil de Santos*.⁴⁶⁹

Da meia noite para uma hora de *hontem*, foi assassinado barbaramente, nesta cidade, o cidadão italiano Giuseppe Cattani, de 29 anos de idade, natural de Nozzano, província de Lucca. Era sócio no estabelecimento de fazendas de seu parente sr. Leonardo Cattani, à rua Regente Feijó [...]. Cattani estivera, à noite, em companhia de vários compatriotas seus, no armazém dos srs. *R. Bedulli & C.*, ao largo do Teatro, onde tomaram cerveja [...]. *Sahindo dalli*, mas ainda no largo, e naturalmente excitados pelo álcool, travaram altercação a propósito de associações italianas e [...] veio como consequência uma terrível luta entre *elles*, tanto que Nicolau Vignone, espingardeiro, recebera pancadas na cabeça, ficando ferido levemente. Carlos Santarlacci dizem-nos também ficou ferido na cabeça [...]. Supõe-se que sentindo-se ferido, Cattani conseguira vir pela rua do Bom Jesus, até perto do largo do Rosário, onde foi encontrado estendido na calçada, a gemer, em frente à casa que *funciona* a agência do Banco Mercantil, depois de meia noite. Chamados praças por ordem do sr. dr. promotor interino, estes conduziram ao corpo da guarda o ferido, ainda com vida. Debalde dirigiram-lhe perguntas, as *quaes* o infeliz respondia com *monosyllabos inintelligíveis*, acompanhados de surdos gemidos. Pouco depois faleceu. Cattani foi ferido nas costas, do lado esquerdo, com um punhal, pelo que vê-se que o assassino *commeteu* o crime à traição. Apresentava ainda ferimentos na cabeça feitos com instrumento contundente [...].⁴⁷⁰

Os detalhes do caso, infelizmente, restringem-se a matérias jornalísticas. Nem no acervo do Tribunal de Justiça da Comarca de Campinas, disponibilizado no Centro de Memória da Unicamp (CMU), nem na base de dados referente aos Autos Crimes de São Paulo, sob a tutela do Arquivo Público do Estado de São Paulo, foram encontrados os inquéritos policiais ou processos judiciais relativos ao mencionado evento. O que significa dizer que, sem a possibilidade de acessar e cruzar as versões de réus, vítimas e testemunhas implicadas no evento, as interpretações sobre as motivações e desdobramentos do conflito tornam-se inevitavelmente menos densas. De qualquer forma, nota-se a partir das páginas da imprensa que, após a acusação de Nicolau Vignone, Carlos Santarlacci chegou a ser preso preventivamente sob “suspeita de ter sido o autor do assassinato do seu compatriota Giuseppe Cattani”.⁴⁷¹ Além dele, recaíam denúncias sobre outro integrante do *Circolo*, o carpinteiro Daniel Pieri, acusado pelo mesmo Vignone de ter fugido para o Brasil em razão de “dois assassinatos” que supostamente cometera na Itália.⁴⁷²

Tais imputações constituíam o enredo de insultos e brigas que se desenhava entre os membros de ambos os sodalícios. E essa animosidade mantinha-se à flor da pele à medida que Santarlacci obtinha um *habeas corpus* no dia 11 de agosto. Como consequência, o *Diário de Campinas* informava que, devido à sensação de medo, Próspero Bellinfanti, então presidente

⁴⁶⁹ ASSASSINATO DE UM MOÇO. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 1-2, 4 ago. 1885.

⁴⁷⁰ Idem.

⁴⁷¹ INQUÉRITO POLICIAL. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 2, 6 ago. 1885.

⁴⁷² ASSASSINATO CATTANI. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 2, 11 ago. 1885.

da instituição, iria reforçar a cobrança junto às autoridades locais pela punição dos envolvidos na morte de Cattani, bem como exigir garantias de segurança para os demais filiados.

Na última reunião da assembleia geral da Sociedade Italiana Confederada, pediram os sócios ao respectivo presidente sr. Próspero Bellinfanti garantias, por se julgarem ameaçados depois do assassinato de que foi *victima* o vice-presidente daquela sociedade Giuseppe Cattani. O sr. Próspero Bellinfanti declarou que se ia se dirigir às autoridades *locaes*, pedindo-lhes não só a punição dos indivíduos implicados no assassinato de G. Cattani como também as garantias que a assembleia reclamava.⁴⁷³

As movimentações da *Confederata* não foram bem recebidas pelos diretores do *Circolo*. Dado o contexto em que a disputa pela construção da identidade étnica combinava-se com a luta pela aquisição de prestígio social, deparar-se com a imagem do grupo do qual faziam parte sendo publicamente vinculada a atos de violência por uma associação mais jovem cujos partícipes também reivindicavam uma visão da italianidade era encarado não apenas como uma ameaça às pretensões de projeção do círculo ítalo-campineiro, mas como um ataque frontal à sua honra. A reação veio em formato de um manifesto veiculado na imprensa local. A administração do *Circolo* investia em uma luta simbólica baseada em uma apresentação favorável de si e de sua posição no espaço social, associada simultaneamente a insinuações e categorizações que visavam rebaixar a *Confederata*. Nas palavras dos dirigentes do *Circolo*, enquanto este procurava atender às necessidades dos patrícios e viabilizar a unidade da colônia, sua “coirmã”, por outro lado, possuía entre os filiados alguns agitadores e desordeiros que fomentavam a divisão dos italianos. Atribuía-se diretamente à *Confederata* a responsabilidade por manter um clima de hostilidade, o qual, inclusive, teria propiciado um ataque com tiros de espingarda a dois integrantes do *Circolo*.

[...] O *Circolo Italiani Uniti* foi fundado sob [...] nobres sentimentos e [...] elevados fins: proporcionar aos seus membros *instrução* fácil e socorros em caso de necessidade [...]. O que sim procurava [...] era estender [...] o pensamento benéfico da confraternidade e união de toda colônia italiana aqui existente. Veio, porém, uma nuvem turvar o céu límpido do *Circolo*. Aventurou-se o plano de um comício a *effectuar-se* em São Paulo e para o qual deviam ser chamados todos os italianos, ou pelo menos delegações de todas as cidades [...]. Resolveu-se que o *Circolo* não deveria e nem poderia figurar nele porque seu principal assunto era completamente alheio aos fins e intuítos da nossa instituição [...]. Alguns dos dissidentes então unidos da ideia à participação naquele comício conceberam o propósito de criar uma outra sociedade; eis porque surgiu a *Confederata*. Se não temos mantido com ela estreitas relações de intimidade, temos procurado por todos os modos viver sob os princípios da maior *cortezia* [...]. Há, porém, indivíduos, poucos, felizmente, de *animo* irrequieto, que por simples capricho incitam rivalidades, insuflam ciúmes mesquinhos, pequeninos e inexplicáveis em prejuízo da colônia italiana [...]. O que convinha era que a diretoria da *Confederata* também empregasse todos os esforços para que o grupo de poucos indivíduos a que aludimos, voltasse do erro em que persiste, tentando guerrear uma instituição congênere [...]. O que quer dizer esses avisos à *policia*? Esse pedido de *auxilio* às autoridades? Pois o *Circolo* é algum exército, ou antes, é alguma agremiação de bandidos e desordeiros? [...]. O resultado

⁴⁷³ ECOS E FACTOS. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 2, 13 ago. 1885.

de semelhante ato é o que se está vendo. Ainda há poucos dias 3 italianos (dos *quaes* dois sócios do *Circolo*), ao recolher-se à casa, foram atacados a tiros de espingarda [...]. É preciso que esse estado de *cousas* se acabe [...].⁴⁷⁴

Depois dessa publicação, os embates públicos entre ambas as instituições parecem ter cessado. Conforme discutido, as lacunas de registros relativos à *Confederata* dificultam uma precisão a respeito do ano em que ela encerrara suas atividades. A hipótese é de que isso possa ter acontecido logo no início dos anos 1890. Por uma simples razão: nos almanaques do estado de São Paulo referentes a 1890 e 1891, ela é citada ainda como uma das associações existentes na cidade de Campinas. A partir do ano seguinte, porém, a agremiação sequer é mencionada no próprio almanaque local. Ausência igualmente sentida no almanaque campineiro de 1901. Cabe acrescentar que, em meio às atas do *Circolo Italiani Uniti* aqui analisadas, tampouco são feitas novas menções após a deflagração dos conflitos. Os registros propendem a limitar-se a transcrições superficiais de eventuais desentendimentos que se manifestavam entre os sócios ao longo das assembleias gerais e reuniões de diretoria.

Da mesma maneira que o prédio da entidade abrigava contendas interétnicas, era também em suas dependências que se sucediam tratativas e, conseqüentemente, a definição de estratégias de ação por parte dos imigrantes italianos justo em momentos em que os seus conterrâneos localizados do outro lado do Atlântico vivenciavam episódios de tensão ou sofrimento social. Circunstâncias críticas envolvendo o território de onde partiram tendiam igualmente a revelar aquilo que Sayad⁴⁷⁵ outrora já observara, isto é, os elos que os imigrados insistiam em conservar mesmo estando além-mar. Junto às representações, signos e memórias distorcidas, as coletas e remessas de caráter beneficente, tal qual salienta Trento,⁴⁷⁶ constituíam eventualmente um canal adicional de interlocução entre aqueles que não mais residiam na península e esta última. Donativos em prol de patrícios atingidos por inundações, terremotos ou erupções vulcânicas, bem como às vítimas, diretas ou indiretas, dos eventos bélicos aderidos pela Itália no início do século XX, ou mesmo ao próprio governo de Roma a pretexto de contribuir com o financiamento de seu expansionismo tardio, faziam parte do rol de iniciativas pontuais abraçadas ou promovidas pela direção do *Circolo* que se enquadravam na categoria “beneficência”. É inegável, contudo, que, em paralelo a essa forma de solidariedade cuja essência decorria de um sentimento estimulado de pertença a uma mesma fronteira étnico-nacional, existia da parte dos colaboradores um interesse em se

⁴⁷⁴ A DIRECTORIA DO CIRCOLO ITALIANI UNITI AO PÚBLICO. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 2-3, 30 ago. 1885.

⁴⁷⁵ SAYAD, Abdelmalek. (2004). *Op. cit.*, p. 63.

⁴⁷⁶ TRENTO, Angelo. (2015). *Op. cit.*, p. 112.

autopromover. Socorrer conterrâneos afetados por desastres ambientais, assistir soldados, reservistas e voluntários posicionados no *front* em defesa da pátria, ou, então, engajar-se nas campanhas nacionalistas organizadas pelo poder central do país de origem podia resultar em uma relativa aproximação com as respectivas autoridades, uma vez que estas, similarmente dispostas a despertar nos expatriados a interiorização de uma italianidade, inclinavam-se, sobretudo em períodos conturbados, a incentivar o lançamento de subscrições. Seja através da doação de roupas, remédios ou alimentos, seja por meio do envio de dinheiro em espécie, nota-se no bojo dos transplantados para ultramar a mobilização de uma elite imigrante com fins de estreitar laços com representantes do governo italiano, na expectativa de expandir o seu capital social e aos poucos conseguir convertê-lo em capital simbólico.

Basta observar que, em 14 de abril de 1883, ao receber do *Circolo Italiani Uniti* uma oferta, em ouro, no valor de 725 liras, destinada a amparar os habitantes das regiões da Lombardia e do Vêneto acometidos por enchentes, o então Ministro dos Negócios Estrangeiros, Pasquale Stanislao Mancini, remetera uma carta de agradecimento a Emílio Giorgetti, à época presidente do sodalício. Dotada de elogios à assistência providenciada e devidamente assinada por ninguém menos do que um integrante do alto escalão do governo da península, a correspondência foi publicada pelos dirigentes da entidade na edição de 24 de junho da *Gazeta de Campinas*, o que denota um desejo de lograr notoriedade e reconhecimento em meio à sociedade receptora mediante a exposição de um tipo de interlocução que, ao menos de um ponto de vista simbólico, tinha o potencial de referendar o grupo (figura 37).

Figura 37 - Carta do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Itália ao *Circolo Italiani Uniti*



Fonte: *Gazeta de Campinas*⁴⁷⁷

⁴⁷⁷ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 2, 24 jun. 1883.

Conforme mencionado, era de praxe os membros da agremiação se mobilizarem a fim de arrecadar fundos diante de situações extremas em que a população da mãe-pátria sofria com impactos originados de eventos naturais de grandes proporções. Foi assim também quando fortes abalos sísmicos atingiram a porção meridional da Itália, em particular a Calábria (1894) e a região de Abruzzo (1915), ou quando o Vesúvio entrou em atividade em 1906. De qualquer maneira, nenhuma dessas situações parece ter mexido tanto com os brios dos expoentes da elite imigrada como quando da deflagração da Primeira Guerra. Em 30 de abril de 1915, seis dias após a monarquia italiana oficialmente adentrar no conflito, a diretoria do *Circolo* recebia na sede social o senhor Ugo Tommasi, então vice-cônsul estabelecido em Campinas, para tratar a respeito da criação de um *Comitato Pro Patria*. À semelhança do seu congênere paulistano, instituído precisamente no dia 25 de abril, a organização tinha como propósito solucionar os problemas associados à partida dos convocados e à manutenção de suas famílias, bem como coordenar os esforços financeiros da coletividade em prol dos soldados. Impressiona a rapidez e a quantidade de outros comitês surgidos pelo interior afora, quase sempre comandados por pequenos e médios empresários, diretores de estabelecimentos, chefes de repartição, profissionais liberais e intelectuais. Para ter uma ideia, com aproximadamente 50 milhões de liras coletados em um período de dois meses, a comunidade italiana no Brasil era a que mais havia contribuído com subscrições nas Américas.⁴⁷⁸ E a fina flor da colônia radicada em Campinas não ficava atrás nesse empenho. Boa parte do *comitato* local, aliás, pertencia ao quadro de sócios do *Circolo*. O capital simbólico adquirido pela mútua em mais de três décadas de existência, aliado à posição social e à teia de relacionamentos de seus principais integrantes na sociedade hospedeira constituíam fatores determinantes para que o respectivo grupo tivesse legitimidade para colocar-se à frente da empreitada. O *Fanfulla*,⁴⁷⁹ àquela altura a mais importante e mais difundida publicação diária em língua italiana no Brasil, apelava a uma narrativa de cunho nacionalista para repercutir o encontro promovido na sede do *Circolo* em favor dos patrícios implicados na guerra. Mediante um chamativo título – “O entusiasmo pela subscrição pró-Pátria em Campinas” – que exaltava o comprometimento dos peninsulares ali arraigados com a terra natal, o periódico reservava um espaço em suas páginas para enaltecer as manifestações proferidas na ocasião por um representante do governo italiano como Ugo Tommasi e pelo sulista Antonio Magurno, um funileiro oriundo de Benevento e, à época, presidente do sodalício (figura 38).

⁴⁷⁸ TRENTO, Angelo. (2015). *Op. cit.*, p. 113.

⁴⁷⁹ L'ENTUSIASMO PER LA SOTTOSCRIZIONE PRO PATRIA. *Fanfulla*, São Paulo, p. 2, 31 mai. 1915.

Figura 38 - Criação do *Comitato Pro Patria* em Campinas

**L'entusiasmo per la sottoscrizione
Pro Patria**
A CAMPINAS

Il nostro corrispondente da Campinas, Domenico Paulino, ci telegrafia: Campinas, 30. — Questa sera nei locali del "Circolo Italiani Uniti" ha avuto luogo una grandiosa riunione patriottica, alla quale assisteva un'enorme folla d'invitati. L'entusiasmo era grandissimo in tutti.

Per acciampazione, è stato nominato presidente onorario del Circolo il regio vice console, dott. Ugo Tommasi. Cessati gli applausi, ha pronunziato un breve ed eloquente discorso, ispirato a nobili sentimenti di patriottismo, il presidente del Circolo, signor Antonio Magurno.

Ha risposto ringraziando il dottor Ugo Tommasi, il quale esaltò la nostra Patria e salutò commosso la generosa e patriottica colonia italiana di Campinas.

A nome della colonia spagnuola, ha parlato il signor Ramão Durvan, il quale lodò l'atteggiamento dell'Italia ed inviò un saluto augurale alla vittoria del nostro esercito.

Gli oratori furono tutti delirantemente applauditi.

In seguito sono stati nominati 22 membri, che formeranno il "Comitato Pro Patria".

Alla riunione assisteva il delegato della Croce Rossa Italiana in questa città, dottor Clemente de Toffoli.

La riunione s'è sciolta al grido di evviva l'Italia.

Fonte: Fanfulla⁴⁸⁰

Não bastasse a iniciativa de abrir as portas do edifício com a finalidade de socorrer os concidadãos em tempos de guerra, ainda aclamava-se o senhor Tommasi como presidente honorário da mútua. É razoável supor que para os seus filiados soava bastante oportuno conceder um signo de reconhecimento como esse a alguém oficialmente nomeado pela monarquia da mãe-pátria. Dotados de uma atribuição sancionada e juridicamente garantida pelo Estado italiano, cónsules e vice-cónsules contavam com um trânsito diferenciado junto às principais autoridades e instâncias decisórias, o que podia resultar na obtenção de benefícios ao *Circolo*. Por outro lado, é bem verdade, tais agentes consistiam igualmente em porta-vozes de um ponto de vista oficial, o ponto de vista dos governantes, ou seja, ecoavam o discurso dos mandatários.⁴⁸¹ Consequentemente, revestidos desse capital simbólico, ou melhor, desse poder de dizer o que uma pessoa ou um grupo é, o que devem fazer – considerando o que são – ou o que realmente fizeram, acabavam também encarregados de acompanhar de perto as atividades da associação, especialmente a escola que funcionava em sua sede. E é exatamente sobre o modelo de educação ofertado aos filhos dos imigrantes italianos e a trama de interdependências em que ele estava inscrito que o próximo subtópico versa.

⁴⁸⁰ Idem.

⁴⁸¹ BOURDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 163-164.

2.3.1 Uma escola para *bambinos*

Tratadas, desde a fundação do *Circolo*, como um dos pilares do mutualismo a ser providenciado pela respectiva entidade, as atividades educacionais direcionadas aos descendentes dos peninsulares iniciaram-se, com certo atraso, em 2 de maio de 1886. Atraso, conforme sugere a documentação consultada, derivado do ritmo das obras de edificação da sede social, bem como de alguns percalços burocráticos ocorridos em meio aos trâmites para a aquisição de material didático diretamente da Itália. Fatores, inclusive, que propiciaram que até mesmo uma associação ítalo-campineira mais jovem, a *Confederata*, e não propriamente o *Circolo*, fosse a responsável pela inauguração da primeira escola étnica italiana da cidade (figura 39).

Figura 39 - Escola da Sociedade Italiana Confederata em funcionamento, 1885

Italiana Confederata—Realisa-se hoje, no theatro S. Carlos, á tarde, a solemne cerimonia da distribuição de diplomas e exemplares dos estatutos aos socios da *Italiana Confederata*.
A festa começará ás 3 1/2 horas, devendo achar-se presentes os alumnos da escola mantida por essa util associação.
Foram distribuidos convites á imprensa local, associações e a varios cavalheiros.

Fonte: Gazeta de Campinas⁴⁸²

Prado,⁴⁸³ ao contextualizar o surgimento das escolas estrangeiras no estado de São Paulo a partir do final do século XIX, expõe como pano de fundo uma realidade absolutamente desoladora no que concerne ao ensino. Na mesma linha da autora, Marcílio⁴⁸⁴ acrescenta que até os anos de 1870 uma profunda defasagem constituía o quadro escolar a nível nacional. Faltavam prédios para a realização de aulas, havia escassez ou ausência de material escolar, de papel, de móveis, os professores eram mal preparados, recebiam um baixo ordenado, sem falar na exiguidade de vagas em escolas públicas ou particulares, quer dizer, um obstáculo significativo para aqueles imigrantes cujos filhos atingiam a idade escolar. Em

⁴⁸² ITALIANA CONFEDERATA. *Gazeta de Campinas*, Campinas, p. 1, 7 jun. 1885.

⁴⁸³ PRADO, Eliane Mimesse. Acondicionamento das escolas de primeiras letras paulistas no período que compreende os anos de 1877 e 1910. In: *História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras*. LUCHESE, Terciane Ângela (org.). Caxias do Sul: Educs, 2014, p. 206.

⁴⁸⁴ MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2014, p. 86.

suma, a instrução não era até então considerada um bem de primeira necessidade para a maioria de uma sociedade assentada na agroexportação.

Assim, enquanto liberais, positivistas e republicanos históricos de São Paulo começaram a se mobilizar e a manifestar, ainda antes da Primeira República, o desejo de reformar o ensino paulista sob o pretexto de superar o atraso e a incompetência prevaletentes, alguns grupos de imigrados, dentre os quais os italianos, radicados na capital paulista ou espalhados pelo interior afora, procuraram paralelamente lançar mão de iniciativas a fim de lidar com a inércia e a lentidão nas ações por parte das autoridades políticas locais. Mesmo Campinas, na posição de principal centro produtor de uma *commodity* tão valorizada à época como o café, não oferecia amplas condições de acolhida aos contingentes de estrangeiros recém-chegados à localidade. Por mais que ela evoluísse gradativamente em termos de infraestrutura, passando também a contar com espaços de alfabetização como o *Colégio Florence* (1863), o *Internacional* (1873), o *Culto à Ciência* (1874) e outros estabelecimentos que estampavam os nomes dos seus proprietários⁴⁸⁵ – comumente professores –, não se pode ignorar o fato que o ensino primário era fundamentalmente voltado aos herdeiros das elites oligárquicas e a uma ínfima parcela das estreitas camadas intermediárias da população. Logo, à medida que estratos de imigrantes formados por comerciantes, artífices e profissionais liberais engrossavam uma ascendente classe média urbana, a possibilidade de alfabetizar os filhos despontava como um potencial instrumento, seja para melhor prepará-los à vida prática cotidiana a médio e longo prazo, seja para estimulá-los a incorporar a distinta identidade social que eles próprios, os pais, ostentavam em meio à sociedade de destino.

Note-se, de imediato, que a abertura da escola elementar do *Circolo* é anterior à aludida reforma reivindicada por políticos e intelectuais paulistas. Conforme sublinha Marcílio,⁴⁸⁶ o estado de São Paulo contou duas importantes reformas referentes à escolarização durante a Primeira República: em 1892 e 1920. A primeira delas, sugerida pelo Senador Bueno de Andrade, instituiu a organização do ensino em graus: primário, secundário e superior – muito embora este último não tenha sido implementado de fato. Sem dúvida, o primário foi o que recebeu maior atenção dos idealizadores, ávidos por dar um salto rumo à civilização, a começar pelo enfrentamento ao analfabetismo. Nesse sentido, a Lei nº 88, decretada em setembro de 1892, determinava, conjuntamente, a divisão da instrução primária

⁴⁸⁵ A título de ilustração: Colégio Cezarino – do professor Antonio Ferreira Cezarino –; Escola do Bahia – do professor João Guimarães Bahia –; Escola de João Batista Alves de Souza – mais conhecida como Escola do João Coração –; Escola de Quirino Amaral Campos; Colégio São João Batista – do professor João Batista Pupo de Moraes –; entre outras. Cf. LAPA, José Roberto do Amaral. (1996). *Op. cit.*, p. 170-173.

⁴⁸⁶ MARCÍLIO, Maria Luiza. (2014). *Op. cit.*, p. 137-139.

pública do estado em “preliminar” – obrigatório dos 7 aos 12 anos – e “complementar”, sendo o segundo, ao menos inicialmente, concebido para funcionar como uma extensão do ensino primário. A autora explica que a instalação de escolas preliminares estava autorizada nos lugares onde houvesse de 20 a 40 alunos matriculáveis. Em caso de um número inferior a 20 crianças, previa-se a criação de uma escola mista, ou seja, para ambos os sexos. Ademais, escolas com uma quantidade superior a 30 alunos ainda teriam, para além de um professor titular, um adjunto, incumbido de substituir o primeiro se porventura este se ausentasse. Por outro lado, para o ensino secundário, estipulava-se a criação do ginásio, no sistema de externato, com duração de seis anos – os quatro primeiros comuns a todos e os dois últimos anos fracionados em duas seções: uma científica e outra literária –, e da escola normal, voltada à formação de professores dos cursos primários. Quase três décadas depois, contudo, já com Antônio de Sampaio Dória, pedagogo e bacharel em Direito, à frente da diretoria geral de instrução pública paulista, viria à luz uma nova reforma, aspirando mudanças mais ambiciosas, mas, ao mesmo tempo, sem perder de vista o gargalo do analfabetismo. Através da Lei nº 1.750, regulamentada pelo Decreto nº 3.356, de 1921, determinou-se a redução do ensino primário a dois anos – a obrigatoriedade e gratuidade limitaram-se à faixa etária de 9 a 10 anos –, o estabelecimento do curso médio – também com dois anos de duração, ministrado em escolas complementares e orientado a preparar os alunos para que continuassem os estudos nas escolas normais ou ginásios –, a unificação das escolas isoladas em um tipo, de dois anos, e a isenção de taxas para os pobres em todos os graus de ensino.

Foi diante desse quadro, de um sistema educacional ainda incipiente, permeado por lacunas e, conseqüentemente, pouco acessível a crianças imigrantes, que os condutores do *Circolo* levaram a cabo a iniciativa de articular uma rede de relações com fins de viabilizar pelo menos o ensino de rudimentos de leitura, escrita e aritmética aos ítalo-descendentes. Erigir uma escola para *bambinos*, sobretudo em solo estrangeiro, passava a fazer sentido para uma parcela dos italianos que ocupavam e circulavam pelo nascente ambiente urbano, na medida em que gradualmente percebiam a instrução como um recurso capaz de habilitar suas futuras gerações a viverem em uma sociedade distinta da qual eles próprios procediam, além de suscitar nesses jovens, mesmo que nascidos no Brasil, certo sentimento de afinidade com os valores e a “pátria” de origem de seus genitores ou ancestrais, como se eles igualmente fizessem parte de suas identidades. Através da escola, observa Bourdieu,⁴⁸⁷ a cultura, ou ainda, o conjunto de esquemas que organizam o pensamento de uma época tornam-se

⁴⁸⁷ BOURDIEU, Pierre. (1996). *Op. cit.*, p. 208-214.

compreensíveis, sujeitos à assimilação, à interiorização. Isso porque ela, enquanto instituição, ou, então, na condição de um espaço balizado, eivado de regras, princípios e hierarquias, não fornece apenas indicações, mas também define itinerários, em particular métodos e programas intelectuais e linguísticos.

Não é um acaso, portanto, que, junto às contribuições providenciadas por pais de família, o modelo de financiamento da escola elementar do *Circolo Italiani Uniti* carecia amiúde de uma segunda fonte básica de custeio: o próprio governo da Itália. É bem verdade que, vez ou outra, conforme será tratado no capítulo seguinte, era possível também, a depender da rede de ligações de certos filiados, arranjar alguma verba pública do estado, porém, longe de ser expressiva. Nesse sentido, reitera-se, o que vale esclarecer de imediato é que, desde a sua implantação, a instrução primária oferecida pelo sodalício automaticamente contemplava os filhos dos associados que tinham ao menos seis anos de idade. Em março de 1906, a fim de incrementar as entradas do caixa social, a diretoria em exercício propôs uma mudança em relação a esse dispositivo, estipulando que sócios com crianças matriculadas na escola pagariam uma taxa complementar (dois mil réis) à habitual mensalidade (três mil réis à época).⁴⁸⁸ Ao contrário de como funcionavam os auxílios médico e farmacêutico, rigorosamente garantidos àqueles *oriundi* que de fato integravam a entidade, pais que não fizessem parte do quadro associativo também podiam matricular seus filhos, contanto que desembolsassem uma quantia consideravelmente superior ao que os sócios pagavam regularmente por mês. Apenas órfãos de pais italianos e filhos de mulheres italianas viúvas eram passíveis de frequentar as aulas gratuitamente. A esses mencionados vetores de subvenção que operavam em escala microscópica, somavam-se, ainda, recursos cuja procedência encontrava-se a milhares de quilômetros do interior paulista. Da península, vinham materiais didáticos e auxílios monetários destinados à escola do *Circolo*, quase sempre intermediados pelo vice-cônsul instalado em Campinas e pelo cônsul estabelecido em São Paulo (figura 40).

O Ministério competente, por proposta do Real Cônsul Geral, deliberou conceder um subsídio extraordinário de 1.000 libras à escola existente em Campinas do *Circolo Italiani Uniti*. Por mérito de homens valorosos como o conde Aldrovandi, ressurgiu à nova vida, merecendo o apoio oficial. A escola [...] pretende tornar-se preparatória às escolas secundárias brasileiras, acrescentando às três classes existentes de ensino elementar obrigatório, uma quarta classe especial. Nesta classe deve-se introduzir o ensino da língua portuguesa.⁴⁸⁹

⁴⁸⁸ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 2 dez. 1905 a 16 fev. 1910*. Campinas, 16 mar. 1906, p. 34.

⁴⁸⁹ SUSSIDI MINISTERIALI ALLE SCUOLE ITALIANE. *Fanfulla*, São Paulo, p. 2, 19 fev. 1904.

Figura 40 - Notícia sobre o subsídio remetido pelo governo italiano à escola do *Circolo Italiani Uniti*

Il superiore ministero, dietro proposta del R. Console generale, accordò un sussidio straordinario di lire 1000 alla scuola tenuta in Campinas dal circolo «Italiani Uniti», la quale era decaduta in modo da demeritare l'appoggio già per parecchi anni concesso dal R. Governo e che ora, per merito di nonni volenterosi con alla testa il valentissimo conte Aldovrandi, è risorta a nuova vita, in modo da farsi nuovamente meritevole d'appoggio ed interessamento.

Quella scuola — o ciò entra pienamente nelle vedute del R. ministero — si propone di farsi preparatoria alle scuole brasiliane secondarie, aggiungendo alle tre classi esistenti dell'insegnamento elementare obbligatorio, una quarta classe speciale. In questa classe si deve naturalmente introdurre l'insegnamento della lingua brasiliana.

Fonte: Fanfulla⁴⁹⁰

Sem entrar no mérito da proporção dos subsídios remetidos pelo Reino da Itália, amplamente discutidos e evidenciados pela literatura como modestos, prefere-se destacar aqui a função desempenhada por uma escola étnica italiana e em que condições ela funcionava. Seus objetivos eram simultaneamente os da associação que a subsidiava – neste caso o *Circolo Italiani Uniti* – e os do governo italiano. Em outros termos, a escola consistia em mais uma instância de luta pelo poder de construir um grupo, de impor uma determinada visão do mundo social, de produzir já entre os mais jovens um sentido e um consenso acerca da italianidade, isto é, do que significava ser um italiano ou um ítalo-descendente, e, por conseguinte, como se comportar em conformidade com tal distinção. De um lado, assim como a entidade à qual se vinculava, correspondia a um local organizado à base de princípios classificatórios capazes de reproduzir, sobretudo, as propriedades distintivas daqueles que eram efetivamente associados, sejam em função das diferenças socioeconômicas em relação à média de patrícios que ali se radicaram, sejam em função da percepção e da avaliação que faziam sobre a própria identidade. Por outro lado, amiúde em sintonia com os preceitos veiculados pelos membros da mútua, um local também fundado segundo um projeto de autoridades da península da época que tinha como objetivo “fazer italianos”, despertar, inclusive entre herdeiros de expatriados, um alargado senso de pertencimento comum.

Dessa maneira, mais do que simplesmente promover a aprendizagem dos saberes elementares do ler, escrever e calcular, a escola do *Circolo* era encarregada de estimular uma identidade grupal estendida, de refrear desde a infância eventuais resquícios de caráter

⁴⁹⁰ Idem.

regionalista reproduzidos por familiares, ou seja, tinha a incumbência de “fabricar semelhanças” mediante a difusão da língua e da cultura italiana, fatores constituintes da “comunidade de consciência que é o cimento da nação”.⁴⁹¹ Para transmitir esse específico programa de pensamento, vale dizer, a *italianità*, recorria-se a um plano de ação apto a facilitar essa transmissão metódica, que, tal qual mencionado, derivava em grande medida de condicionantes institucionais mais amplos e da própria lógica de funcionamento da escola, estando esta última em concordância com os imperativos gerais que regiam a agremiação. Ensinava-se aos alunos geografia e história da Itália, fazia-se referência aos nomes e às realizações de reis, rainhas e importantes personagens do *Risorgimento*, como Garibaldi, Mazzini, entre outros. Os professores, recrutados através de uma rede de solidariedade étnica, tendiam a ministrar suas aulas com base em livros e cartilhas providenciados pelo governo da península, os quais eram geralmente entregues à diretoria do *Circolo* pelas mãos do vice-cônsul estabelecido em Campinas. Como diz Bourdieu,⁴⁹² “não há professor que não esteja obrigado a ter em conta a situação e a função pedagógica no tocante à elaboração do seu discurso professoral”. Nesses materiais didáticos encontravam-se conteúdos e narrativas organizados de acordo com os propósitos dos mandatários italianos de veicular mesmo além-mar a ideia de um país “unísono e homogêneo” (figura 41).⁴⁹³ E cabia justamente aos vice-cônsules, ou melhor, aos representantes do Reino ali designados intervir nas definições da vida escolar, isto é, fiscalizar o seu funcionamento, passar diretrizes sobre o programa de ensino, conferir se ele estava sendo seguido e, conseqüentemente, manter os seus superiores hierárquicos a par de tal realidade. Sob a prerrogativa de legítimos porta-vozes da monarquia italiana, tinham as portas abertas para visitar o sodalício e colocar em prática o poder simbólico do qual eram revestidos. O poder das palavras, das palavras de ordem, a autoridade social de requisitar informações sobre a instrução primária ofertada pela mútua, o “poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer”,⁴⁹⁴ de reproduzir um ponto de vista, de influir na construção do grupo e no forjamento de sua identidade.

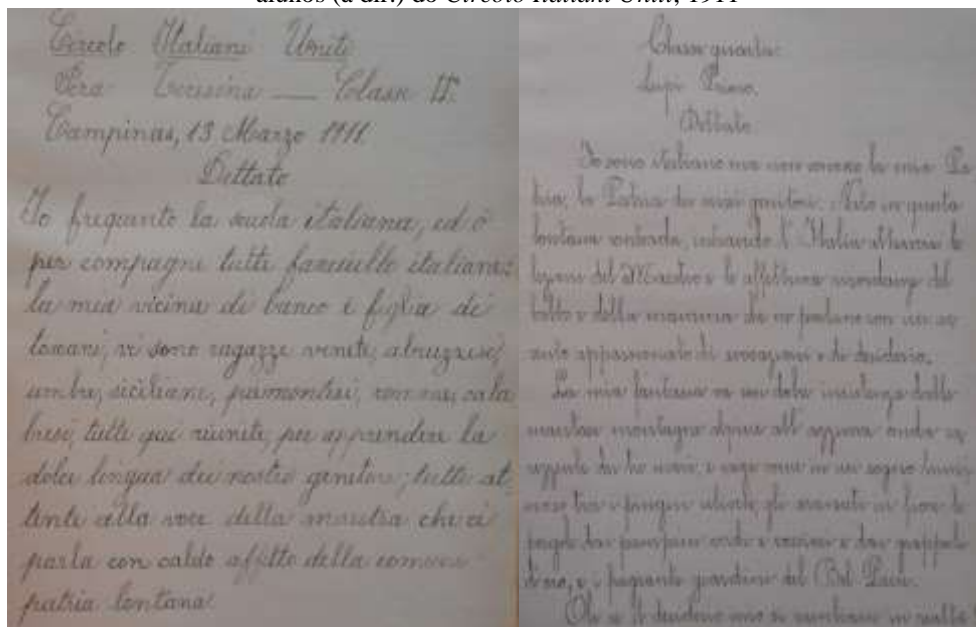
⁴⁹¹ BOURDIEU, Pierre. (1996). *Op. cit.*, p. 35.

⁴⁹² BOURDIEU, Pierre. (2007). *Op. cit.*, p. 215.

⁴⁹³ OTTO, Clarícia. Escolas étnicas italianas no sul do Brasil: entre tensões e conciliações. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26, 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação Nacional de História, 2011. p. 5.

⁴⁹⁴ BOURDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 14.

Figura 41 - Atividades aplicadas em sala de aula para estimular o senso de italianidade entre alunas (à esq.) e alunos (à dir.) do *Circolo Italiani Uniti*, 1911



Fontes: Apostilas escolares do *Circolo Italiani Uniti*⁴⁹⁵

Quem também fazia parte desse enredo, ajudando a prover os dirigentes do *Circolo* com atualizações acerca das atividades escolares ali promovidas, a fim de deixá-los cientes e devidamente preparados para atender eventuais solicitações ou exigências das autoridades da pátria-mãe, eram os inspetores da própria entidade. A eles competia averiguar as condições e necessidades da escola, apresentar sugestões para o seu progresso, acompanhar o rendimento dos alunos, recomendar a aplicação de medidas disciplinares quando necessário, bem como conferir a conduta e o trabalho dos professores. De início, coube a Augusta Florence e Bartolomeu Venere assumirem a função de inspetores escolares. Ela, encarregada de supervisionar o curso destinado às meninas. Ele, por sua vez, o dos meninos.⁴⁹⁶ Enquanto Venere, um comerciante oriundo de Turim, parecia credenciado ao posto simplesmente em razão da disponibilidade e da assiduidade como filiado, Augusta, que sequer tinha o direito de associar-se à época, era vista como uma opção deveras aceitável, não tanto pelo *status* de esposa do então presidente da instituição, Emílio Giorgetti, mas, principalmente, pela *expertise* em lidar com crianças no ambiente escolar, ou seja, pelo capital cultural que portava. Afinal, ela lecionava no mesmo estabelecimento que o marido, o renomado *Colégio Florence*, fundado por ninguém menos do que sua própria mãe – a educadora alemã Carolina Krug Florence. Nota-se, ainda, que, dos cerca de 30 indivíduos que ocuparam a posição de

⁴⁹⁵ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Apostila escolar – seção feminina*. Campinas, 13 mar. 1911; CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Apostila escolar – seção masculina*. Campinas, 20 mar. 1911

⁴⁹⁶ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 11 jun. 1884 a 7 jul. 1891*. Campinas, 27 abr. 1886, p. 129-131.

inspetor na escola do *Circolo* entre 1886 e 1920, apenas três eram mulheres (10%). Aparentemente seguiram os passos de Augusta Florence as senhoras Teresa Nizzoli Breviglieri e Margarida Cellulare. Diferente desta última, cujos dados são bastante escassos, sabe-se que Teresa era proveniente de Mantova e de lá já emigrara alfabetizada, inclusive levando consigo o título de professora. Era mais uma mulher, portanto, dotada de um capital cultural institucionalizado, à altura de corresponder aos interesses dos diretores da associação.

E por que sublinhar a face feminina do *Circolo*? Ora, a despeito de terem sido impedidas de filiar-se por quase três décadas, isso não significa que o papel das imigrantes italianas resumia-se à confecção de enfeites e quitutes para as festas da entidade. Pelo contrário. Foi justamente através do espaço das salas de aula que esposas e filhas de peninsulares passaram a adquirir protagonismo no dia a dia da instituição, sobretudo ao dedicar-se ao exercício da docência. Dos 23 professores mapeados em meio aos registros que aludem ao ensino oferecido pelo *Circolo*, identificou-se a presença de 8 mulheres (34,8%). À semelhança dos homens, eram contratadas mediante concursos abertos pela própria associação, sendo estes previamente divulgados em jornais locais e pela imprensa étnica (figura 42). Cobrava-se dos candidatos certa aptidão em aritmética e caligrafia, o domínio das línguas italiana e portuguesa, além de um conhecimento suficiente acerca da formação histórica e geográfica tanto da Itália como do Brasil. Mesmo porque, ao fim de cada semestre, tradicional período de aplicação dos exames escolares, a diretoria do sodalício soía convidar formalmente algumas personalidades, internas e externas à colônia, com fins de formar uma comissão especial para acompanhar o desempenho dos alunos. Ao lado dos docentes e inspetores já ligados à associação, figuravam conceituados educadores de outros colégios locais, membros da elite oligárquica, políticos e autoridades a serviço do governo italiano. Ocasão, pois, para ampliar ou reforçar o capital social do grupo, veicular uma imagem positiva de si, adquirir visibilidade, enfim, ser reconhecido e respeitado.

Regente do Real Vice-Consulado de Campinas: o Conselho Diretivo deste sodalício pergunta a Vossa Senhoria se deseja presidir a comissão examinadora das escolas diurnas do *Circolo Italiani Uniti* na ocasião dos exames finais que começarão na manhã de terça-feira às dez e meia no local do *Circolo* [...]. Prefeito da Câmara Municipal de Campinas: a diretoria deste sodalício vem respeitosamente pedir a Vossa Senhoria que se digne nomear uma pessoa para assistir os exames finais das escolas do *Circolo Italiani Uniti* que começarão no dia 15 do corrente às dez e meia [...] da manhã na própria sede [...].⁴⁹⁷

⁴⁹⁷ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Cartas, 17 jan. 1908 a 4 fev. 1911*. Campinas, 12 dez. 1908, p. 65-66.

Figura 42 - Abertura de concursos destinados à contratação de professores para a escola do *Circolo Italiani Uniti*

CIRCOLO ITALIANI UNITI

IN

CAMPINAS

AVVISO DI CONCORSO

A tutto il 26 corrente è aperto il concorso per esame, ai posti di maestro e maestra delle scuole di quest'associazione. L'annuo stipendio è fissato in rs. 900\$000 più maestra e rs. 600\$000 per la maestra.

I concorrenti dovranno presentarsi a questa Segreteria, entro il termine suddetto, la loro domanda di ammissione corredata dai seguenti documenti:

1°, Fede di nascita; 2°, certificato di moralità; 3°, fede di spochioto.

Le materie su cui verranno esaminati i concorrenti sono le seguenti:

1°, Lingua italiana; 2°, Lingua portoghese; 3°, Arithmetica e sistema metrico-decimale; 4°, Pedagogia; 5°, Calligrafia; 6°, Storia patria; 7°, Geografia; 8°, Religione.

Gli esami sono scritti e cominceranno il 27 corr. alle 8 antimeridiane.

Campinas, 21 Aprile 1886.

Il segretario—*Giuseppe Breviglieri*.

(A) 3-1

CAMPINAS

Esami - Un lavoro - Operazione chirurgica - Ballo.

(11) — Nel giorni 7, 8 o 9 al sono realizzati gli esami di concorso al posto di maestra al Circolo Italiani Uniti, per la scuola maschile. I concorrenti iscritti erano quattro; so ne presentavano però solo due: il signor Massucci di S. Paulo ed Aliduo Spagnolo. Si presentò dipoi, ma in ritardo e quando già la prova erano cominciate, il signor Gino Pochini di Mattão, ma non venne ammesso a prestare gli esami.

I due concorrenti Massucci e Spagnolo, furono approvati a parità di merito, avendo ottenuto una media per ogni materia, di 7 1/2 decimi.

Il consiglio del Circolo in seduta di ieri, sceglieva, per votazione a scrutinio segreto, con il voto contro 2, il candidato Arnaldo Massucci, che vorrà assunto in carica.

Fontes: Diário de Campinas⁴⁹⁸, Fanfulla⁴⁹⁹

Sem perder de vista a centralidade das imigradas italianas em meio ao programa de escolarização dos filhos dos *oriundi*, não se pode ignorar, é evidente, que o “silêncio das fontes”⁵⁰⁰ constitui um obstáculo para o rastreio e consequente análise das experiências femininas no cotidiano de outrora. Em oposição aos homens, as mulheres nem ao menos tinham sobrenome. Traziam só um nome, aparecem sem nitidez, na penumbra. Elas próprias tendiam a deixar poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seja por conta do acesso tardio à escrita ou até pelo fato de serem “apenas mulheres”,⁵⁰¹ cujas vidas, grosso modo, não eram das coisas mais relevantes. Isso sem falar na escassa atenção por parte de observadores ou cronistas, em sua grande maioria homens, os quais tendiam a reduzir as mulheres a meros estereótipos. Em outras palavras, as mulheres eram no máximo imaginadas, representadas, mas não devidamente descritas ou contadas. Não é um acaso, portanto, que de todas as professoras arroladas na tabela 9, logrou-se coletar informações um pouco mais detalhadas acerca de cinco delas: a já mencionada Teresa Nizzoli Breviglieri, Adele Cristofolletti Pizzoni, Lívia Pizzoni, Maria Incoronata Fracasso e Elvira Pannoni. Três delas vindas do norte da península, outra do sul e uma última que, muito embora não procedesse diretamente da Itália, era descendente de meridionais. Mais um indício de que o sodalício não se pautava pela exclusividade regional e que, a despeito de majoritariamente recrutados para as lavouras,

⁴⁹⁸ AVVISO DI CONCORSO. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 3, 22 abr. 1886.

⁴⁹⁹ CAMPINAS: ESAMI - LAVORO - OPERAZIONE CHIRURGICA - BALLO. *Fanfulla*, São Paulo, p. 1, 13 jul. 1902.

⁵⁰⁰ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019, p. 17.

⁵⁰¹ Idem.

alguns setentrionais que rumaram ao interior de São Paulo misturaram-se desde cedo junto a patrícios sulistas com o objetivo de exercer ofícios condizentes com o perfil urbano previamente apresentado.

Tabela 10 - Professoras da escola do *Circolo Italiani Uniti*, 1886-1920

Professoras	Província de origem	Região de origem
Teresa Nizzoli Breviglieri	Mantova	Norte
Rovetta Elvira	-	-
Catarina Calzamatto	-	-
Adele Cristofolletti Pizzoni	Cremona	Norte
Lívia Pizzoni	Cremona	Norte
Aida Stramari	-	-
Maria Inconronata Fracasso	Campobasso	Sul
Elvira Pannoni*	*	*

Fonte: Elaborado pelo autor

Antes mesmo de atuar como inspetora da escola do *Circolo*, Teresa Nizzoli Breviglieri fora a primeira mulher a assumir o posto de docente da instituição. Função que exercera, aliás, em companhia do próprio esposo, o também professor Giuseppe Breviglieri, seu conterrâneo de província.⁵⁰² Sétima filha – de um total de oito irmãos – do arrendatário Quirino Nizzoli com a dona de casa Carolina Bellini, ambos de Mantova, Teresa imigrara casada, desembarcando com o cônjuge em Campinas entre 1883 e 1885, depois de uma prévia estadia em Jundiá e Araras. Enquanto Giuseppe encarregara-se das aulas frequentadas pelos garotos, coube a Teresa, então com 26 anos de idade e mãe de três filhos nascidos no interior paulista, conduzir o curso direcionado às garotas.⁵⁰³ Somado ao seu diploma de Escola Normal, que a habilitava a lecionar no ensino elementar ofertado pela mútua, provavelmente pesara, ainda, a favor de Teresa o fato de o marido igualmente ocupar, à época, o cargo de secretário da agremiação. Face uma realidade em que os imigrantes italianos, neste caso os sócios do *Circolo*, lidavam com uma margem bastante restrita no que diz respeito às oportunidades de acesso à educação para os seus descendentes, relações microscópicas baseadas na solidariedade de natureza étnico-familiar podiam eventualmente contribuir para viabilizar os projetos do grupo.

* Elvira não era natural da Itália. Ela nasceu em Campinas em 1º de dezembro de 1889.

⁵⁰² CARTÓRIO DE SCHIVENOGLIA. Registro civil de casamento de Teresa Nizzoli Breviglieri. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QSQ-G96K-XLWZ?from=lynx1UIV8&treeref=KL8H-9QB&i=99>>. Acesso em 20 de março de 2021.

⁵⁰³ Quando foi nomeada professora da escola do *Circolo Italiani Uniti*, Teresa Nizzoli Breviglieri era mãe de: Orazio Coclite, nascido em Jundiá em 28 de janeiro de 1881; Hildegarda, nascida em Araras em 14 de março de 1883; e Catullo Socrate, nascido em Campinas em 21 de junho de 1885. Cf. FAMILYSEARCH. Árvore familiar de Teresa Vittoria Maria Erminia Nizzoli. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/tree/person/details/KL8H-9QB>>. Acesso em 20 de março de 2021.

Circunstância semelhante reproduzira-se na virada do século XX, período em que outras duas mulheres italianas, Adele Cristofolletti Pizzoni e Lívia Pizzoni, ambas de Cremona, foram incorporadas ao quadro docente do *Circolo*. Adele chegara à cidade entre 1891 e 1898, acompanhada do marido, o empregado geral Giovanni Pizzoni, natural de Vicenza, e da filha Lívia. Assim como sua antecessora Teresa Breviglieri, Adele possuía experiência na área, era diplomada, portadora de um certificado de competência cultural, de um valor convencional constante e juridicamente garantido no tocante à cultura.⁵⁰⁴ Após seu nome ser oficializado na reunião de diretoria de 23 de novembro de 1898, permaneceu no respectivo cargo até meados de 1901.⁵⁰⁵ Todavia, tratou-se apenas do seu primeiro contato com a entidade. Recontratada no início do ano seguinte, Adele ministrou aulas até 1917, completando, aproximadamente, consideradas ambas as passagens, 19 anos de dedicação ao ensino de crianças italianas e ítalo-descendentes, o que fez dela a docente que mais tempo trabalhou na escola do sodalício, superando, inclusive, todos os homens que ali lecionaram. Convém acrescentar, ainda, por mais superficiais que sejam as referências acerca desse tópico em específico, algumas reivindicações de Adele por aumento salarial, o que sugere uma reação às condições desiguais de trabalho que existiam em comparação com os professores italianos recrutados pela mútua. De todo modo, não obstante tais cobranças soassem como indelicadas ou exageradas frente ao público masculino que conduzia o *Circolo*, seus dirigentes tomaram a iniciativa de homenageá-la com a concessão do título de sócia vitalícia. Uma “alquimia simbólica”,⁵⁰⁶ um ato de comunicação que reconhecia os serviços prestados à associação ao longo de quase duas décadas. Um signo de reconhecimento que notificava o que ela era e como devia ser tratada pelos demais associados. Em suma, uma das pouquíssimas mulheres – senão a única – a adquirir tal capital simbólico perante o grupo, sendo colocada em um patamar similar ao de outros compatriotas que colaboraram com a instituição e tiveram suas autoridades sancionadas.

Ilustríssima Senhora Professora Adele Cristofolletti: nós, subscritos, temos a honra de comunicar que, em reunião da Diretoria, do dia 30 de dezembro de 1917, lhe foi conferido o título de sócia vitalícia deste *Circolo Italiani Uniti* por seu ensinamento assíduo e profícuo em qualidade de professora elementar destas escolas durante dezenove anos. Bem grata é a atual direção e todas as outras por seu incansável trabalho [...] e sua grande capacidade em tal exercício [...]. Com os sentimentos da mais alta estima e consideração [...].⁵⁰⁷

⁵⁰⁴ BOURDIEU, Pierre. (1986). *Op. cit.*, p. 21.

⁵⁰⁵ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 29 set. 1898 a 13 set. 1901*, Campinas, 23 nov. 1898, p. 22-25.

⁵⁰⁶ BOURDIEU, Pierre. (2011). *Op. cit.*, p. 167.

⁵⁰⁷ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Cartas, 24 out. 1914 a 2 fev. 1919*. Campinas, 24 mar. 1918, p. 94.

Ainda que não esteja explícito em meio à documentação consultada, é bem possível que Adele acumulasse pontos entre os patrícios também em função da contribuição que sua própria família proporcionava à entidade. Em junho de 1902, sua única filha, a aludida Livia Pizzoni, ingressara às pressas no posto de professora para preencher o vácuo deixado por Fernando Paulo Fedrighi, um imigrante oriundo de Verona que fora dispensado por conta de ausências frequentes.⁵⁰⁸ Até a seleção de um novo nome – o professor Arnaldo Massucci, proveniente de Roma, foi aprovado para o cargo em julho –, Livia, então com apenas 16 anos de idade,⁵⁰⁹ assumiu a vaga interinamente, uma vez que a escola contava, àquela altura, com mais de 100 alunos inscritos – 37 na turma feminina e 68 na masculina.⁵¹⁰ No entanto, mesmo com a chegada de um novo docente, a jovem continuou a trabalhar na entidade, desempenhando a função de professora assistente de sua própria mãe. Isso perdurou até fevereiro de 1909, período em que, devido à diminuição do número de alunos matriculados, Livia acabou exonerada pela diretoria sob a justificativa de que era necessário economizar.⁵¹¹ Contudo, quatro meses depois, a moça seria recontratada. Dessa vez para substituir o professor Gino Pochini, procedente de Pisa, que se demitiu após ser acusado por alguns pais de maltratar os alunos.⁵¹²

Livia permaneceu no posto até abril de 1912. Logo no início de maio, ao alegar problemas de saúde, desligou-se oficialmente da escola.⁵¹³ Para suprir a vaga, recrutou-se mais uma jovem no seio da coletividade ali radicada. Tratava-se da campineira Elvira Pannoni, à época com 22 anos de idade,⁵¹⁴ filha do tesoureiro e um dos fundadores da instituição, Domenico Pannoni, oriundo de Cosenza⁵¹⁵ e proprietário de uma relojoaria (figura 43).⁵¹⁶ Elvira exerceu a função por quase dois anos. Entregou o cargo em fevereiro de 1914

⁵⁰⁸ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 1 ago. 1901 a 24 ago. 1903* Campinas, 26 jun. 1902, p. 92.

⁵⁰⁹ CARTÓRIO DE BONEMERSE. Registro civil de nascimento de Livia Pizzoni. Disponível em: <https://www.antenati.san.beniculturali.it/detail-record/?s_id=1450674>. Acesso em 15 de julho de 2021.

⁵¹⁰ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 1 ago. 1901 a 24 ago. 1903* Campinas, 11 jul. 1902, p. 102.

⁵¹¹ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 2 dez. 1905 a 16 fev. 1910* Campinas, 12 fev. 1909, p. 257.

⁵¹² CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 2 dez. 1905 a 16 fev. 1910* Campinas, 18 jun. 1909, p. 297.

⁵¹³ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 15 ago. 1911 a 28 nov. 1914*. Campinas, 7 mai. 1912, p. 108.

⁵¹⁴ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. Registro paroquial de batismo de Elvira Pannoni. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-VJYV-D?i=409&cc=2177299>>. Acesso em 20 de junho 2021.

⁵¹⁵ FAMILYSEARCH. Árvore familiar de Domenico Pannoni. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/tree/person/details/K87N-D26>>. Acesso em 20 de junho de 2021.

⁵¹⁶ OCTAVIO, Benedicto; MELILO, Vicente. *Almanach Histórico e Estatístico de Campinas (1912)*. Campinas: Casa Macotte, 1912, p. 182.

em razão dos preparativos de seu casamento com o dentista Elias de Oliveira Saboia, natural de Sorocaba.

Figura 43 - Professora Elvira Pannoni



Fonte: FamilySearch⁵¹⁷

A última mulher a lecionar no curso elementar ofertado pelo *Circolo* foi a meridional Maria Incoronata Fracasso. Filha caçula do alfaiate Vincenzo Fracasso e da dona de casa Mariantonia Ricella, a jovem, nascida em 24 de maio de 1895 na província de Campobasso,⁵¹⁸ emigrara com apenas cinco meses de idade na companhia dos pais e de seus três irmãos – Maria Teresina, Francisco e Maria Pascoal –, chegando à cidade de Campinas em fins do século XIX.⁵¹⁹ Apesar das expectativas depositadas em torno da empreitada do deslocamento, a família seria surpreendida por um inesperado e duro golpe: o falecimento prematuro de Mariantonia. Órfã de mãe desde os dois anos, Maria acabou matriculada pelo pai no *Externato São José*, onde concluiu o ensino primário. Na sequência, ingressou na *Escola Normal* – atual *Escola Estadual Carlos Gomes* –, diplomando-se em 29 de novembro de 1915.⁵²⁰ Em fevereiro de 1918,⁵²¹ época em que já lecionava na escola isolada⁵²² do bairro

⁵¹⁷ FAMILYSEARCH. Recordações de Elvira Pannoni. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/tree/person/memories/KDQ2-W1R>>. Acesso em 22 de abril de 2022.

⁵¹⁸ CARTÓRIO DE TORO. Registro civil de nascimento de Maria Incoronata Fracasso. Disponível em: <https://www.antenati.san.beniculturali.it/detail-record/?s_id=15986740>. Acesso em 29 de março de 2022.

⁵¹⁹ FAMILYSEARCH. Árvore familiar de Maria Incoronata Fracasso. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/tree/person/details/G4JM-DGC>>. Acesso em: 29 mar. 2022.

⁵²⁰ CAMPINAS. *Decreto nº 6.411, de 9 de fevereiro de 1981*. Praça Professora Maria Fracasso. Campinas: Câmara Municipal, 1981. Disponível em: <<https://atom.cmu.unicamp.br/uploads/r/centro-de-memoria>>.

Guanabara, Maria, então com 22 anos de idade, era justamente contratada para substituir Adele Pizzoni. Ministrou aulas na associação italiana até meados de outubro, quando as atividades escolares foram suspensas em decorrência do surto de gripe espanhola.⁵²³ No início do ano seguinte, com os impactos da pandemia amenizados, coube a Maria reassumir sua posição de docente e conduzir a retomada do curso.

Conforme enfatizam Menezes e Matos:⁵²⁴

Quase sempre silenciada, as mulheres [...] não eram elemento passivo nos processos de deslocamento [...]. Na sociedade de acolhimento, também as mulheres imigrantes tiveram seu cotidiano marcado pelo trabalho [...]. Cercadas de invisibilidades, elas emergem, inevitavelmente, sempre que a névoa que as encobre é dissipada, revelando toda sua capacidade de reinvenção, essencial para o sucesso da empreitada de e/imigração.

No próximo tópico, a fim de aproveitar o ensejo relativo a moléstias, tratar-se-á sobre outro tipo de serviço inerente à agenda mutualista promovida, e, portanto, igualmente projetado pela elite italiana em tela para funcionar nas dependências da sede do *Circolo*: o atendimento hospitalar. Como discutido aqui, se a mobilização de laços étnico-familiares, incluindo a ativa participação de mulheres italianas ou ítalo-descendentes, bem como as relações com representantes oficiais do governo da península visavam providenciar a instrução primária e certo senso de italianidade entre os filhos dos peninsulares, nada mais conveniente, agora, do que também examinar a rede de ligações que levou à organização e consequente instalação de uma específica infraestrutura a ser utilizada pelos membros enfermos da entidade, sobretudo nos momentos em que Campinas era acometida por crises sanitárias.

2.3.2 De enfermaria a hospital

Vimos que o auxílio médico oferecido pelo *Circolo Italiani Uniti* aos seus integrantes funcionava em moldes similares ao de uma clássica mútua. À referida associação italiana, competia inicialmente acolher os requerimentos de filiados que se diziam doentes, avaliar se

unicamp/2/7/1/271010fdd79c49233db875cb544478344c1252c91ff4ff8fc77b27db47a97ef4/f526c364-9c60-4d83-8b58-39a9ff9dbeb9-ANPV_01_03293.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2022.

⁵²¹ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 3 dez. 1914 a 20 out. 1920*. Campinas, 2 fev. 1918, p. 140.

⁵²² Segundo Souza (2008), esse tipo de escola tinha como objetivo ensinar os alunos a ler, escrever e fazer contas. Em outras palavras, consistia basicamente no estabelecimento de ensino do bairro e da roça, a escola alfabetizante instalada predominantemente em zonas de população rarefeita, modesta em suas finalidades e marcada por muitas carências.

⁵²³ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 3 dez. 1914 a 20 out. 1920*. Campinas, 18 out. 1918, p. 198.

⁵²⁴ MENEZES, Lená Medeiros de; MATOS, Maria Izilda Santos de. *Gênero e imigração: mulheres portuguesas em foco* (Rio de Janeiro e São Paulo - XIX e XX). São Paulo: e-Manuscrito, 2017, posição 106-120.

estas solicitações estavam em concordância com o estatuto social e a partir daí garantir – integral ou parcialmente – a cobertura de consultas com profissionais da área, a aquisição de medicamentos e, se necessário, até mesmo intervenções cirúrgicas. Não obstante a ideia de erigir um hospital estivesse presente desde os primeiros anos de vida do sodalício, por quase quatro décadas os associados cujo estado de saúde inspirava cuidados especiais dependeram basicamente das enfermarias que existiam na cidade, em especial as da já estabelecida *Sociedade Portuguesa de Beneficência*. A rigor, vale reiterar, as opções eram bastante restritas. A *Santa Casa de Misericórdia*, por exemplo, instituída sob a concepção de irmandade, tinha como primazia o atendimento dos doentes mais pobres.⁵²⁵ De toda sorte, ainda que a carência de leitos pudesse representar um limitador na hora da direção do *Circolo* selecionar o local preferencial de internação de seus membros, não se pode deixar de levar em conta, também, a aparente cordialidade mantida entre os respectivos grupos de italianos e portugueses. Tal qual mencionado, ambas as associações soíam trocar convites entre si, de modo que integrantes da Beneficência compareciam a solenidades promovidas pelo círculo ítalo-campineiro e vice-versa. Uma respeitosa relação institucional que, inclusive, viria a estreitar-se na virada para o século XX, à medida que dois dos principais expoentes da colônia italiana ali radicada e igualmente pertencentes ao quadro associativo do *Circolo*, os doutores Clemente de Toffoli e Mário Gatti, foram admitidos no plantel de cirurgiões do hospital lusitano, o que acabara facilitando a intermediação de procedimentos junto aos seus conterrâneos e companheiros de sodalício, naturalmente mais confortáveis em serem atendidos por profissionais previamente conhecidos e portadores de uma mesma nacionalidade.⁵²⁶

Nesse sentido, convém retomar que a primeira vez em que a sede do *Circolo* convertera-se em uma espécie de “hospital” fora em abril de 1889. Contudo, não se tratava de uma novidade definitiva e tampouco de uma iniciativa conduzida unilateralmente por peninsulares. Ao contrário. Corresponhia, na verdade, a uma improvisação resultante de um acordo firmado com o então presidente da Câmara Municipal de Campinas, senhor José Paulino Nogueira, motivado por uma grave epidemia de febre amarela em curso e, portanto, destinado a oferecer amparo àqueles que eram acometidos pela moléstia, em particular aos imigrantes italianos, àquela altura expressivamente concentrados seja nos meios rural ou urbano, o que significava, na prática, maiores possibilidades de contrair a doença. Afinal,

⁵²⁵ ROCHA, Leila Alves. *Caridade e poder: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Campinas (1871-1889)*. 2005. 162f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Economia, Unicamp, Campinas, 2005, p. 73.

⁵²⁶ PASSOS, Benedito da Cruz. *Registro histórico da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência, 1873-1960*. Campinas: Saraiva, 1966, p. 392.

como esclarecem Bassanezi e Cunha,⁵²⁷ embora os surtos epidêmicos tendessem, de fato, a atingir muito mais os moradores das áreas urbanas densamente povoadas, próximas às linhas do trem, onde habitavam trabalhadores que viviam em casas pequenas ou cortiços insalubres, as áreas rurais, teoricamente mais protegidas, não estavam totalmente imunes. Apesar dos fazendeiros procurarem evitar que pessoas entrassem e saíssem de suas propriedades nas ocasiões em que as epidemias eram anunciadas, o contato com o centro urbano não era de todo eliminado. A necessidade de fazer compras, comercializar produtos ou solucionar pendências levava alguns dos moradores das fazendas e também de sítios e chácaras a arriscarem idas ao centro urbano, podendo na volta trazer a enfermidade para dentro desses estabelecimentos rurais. Traduzindo em outros termos, o que se revelava, em essência, é uma Campinas circunscrita a uma situação deveras paradoxal. Ao mesmo tempo em que a estratégica localização como entreposto entre o interior, São Paulo e o porto de Santos fora fundamental para o seu desenvolvimento econômico, ela acabara facilitando, por outro lado, a chegada e o conseqüente alastramento do vírus. Nota-se, assim, que, apesar de sua tradicional opulência enquanto “capital agrícola” da província e de alguns melhoramentos urbanos introduzidos na esteira de uma efervescente economia cafeeira, suas condições sanitárias em fins do século XIX ainda deixavam muito a desejar. Conforme frisa Martins,⁵²⁸ o advento da modernidade na América Latina, na qual, inevitavelmente, a *belle époque* campineira se inscreve, é caracterizado pela coexistência de temporalidades distintas, a ponto do “moderno” ou do estimado “progresso” serem acompanhados por vestígios de estruturas progressas que denotavam adversidades não superadas. Isso significa que, em meio à emergência de novidades como ferrovias, bondes, clubes recreativos e estabelecimentos dedicados à venda de produtos importados, havia também, em contrapartida, uma Campinas desprovida de rede de água e esgoto, com brejos e lixo acumulado em ribeirões e córregos, o que ao final acabara se configurando num ambiente propício para a disseminação da febre amarela, sobretudo porque ali consistia em um dos principais destinos – seja como parada final, seja como complexo de entroncamento – de boa parte dos trabalhadores estrangeiros que, inicialmente e em proporções bastante consideráveis, adentravam no estado através do porto de Santos.

⁵²⁷ BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo; CUNHA, Maisa Faleiros. Um espaço, dois momentos epidêmicos: surtos de febre amarela (1896-1897) e de gripe (1918-1919) em Campinas, estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v. 36, 2019, p. 9.

⁵²⁸ MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história da modernidade anômala*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 20.

Ribeiro,⁵²⁹ em um minucioso estudo sobre as relações entre saúde pública e o processo de urbanização em São Paulo, expõe em detalhes o dilema sanitário em que Santos estava implicada desde a década de 1850, atormentada periodicamente por moléstias. Apesar da cidade, construída sobre terrenos de mangues e contornada por áreas pantanosas, de clima quente e úmido, naturalmente apresentar condições favoráveis à reprodução de enfermidades como a malária, a varíola, a tuberculose e a própria febre amarela, o que, em realidade, contou para a fixação desta última foi o descaso demonstrado pelas autoridades ao longo dos anos. Não bastasse o Império manter um único serviço para cuidar dos portos, a denominada Inspetoria de Saúde dos Portos, tal órgão ainda convivía com problemas de efetivo, não contando em seu cotidiano com funcionários suficientes para a fiscalização, interdição e desinfecção dos navios. Com o crescimento do volume de exportações de café e do constante desembarque de imigrantes na cidade portuária, a situação se agravaria. Foi questão de tempo até que o surto de febre amarela iniciasse com virulência em janeiro de 1889. De natureza então desconhecida e responsável por desencadear sintomas como febre súbita, intensa dor de cabeça e vômitos, a moléstia irrompeu com o atracamento de um vapor inglês, cuja tripulação encontrava-se contaminada pelo vírus, contraído previamente no porto do Rio de Janeiro. No fim de março, a doença já corria solta pela cidade. Nas palavras da autora, a Câmara Municipal, não dispondo de recursos para detê-la, recorreu aos governos da Província e do Império, porém, nada recebeu. A epidemia só foi se extinguindo graças à chegada das temperaturas mais baixas de junho. Calcula-se que o número de mortes chegou próximo de 700 pessoas, quase 4% do total de 18 mil habitantes que ali residiam.

Mas Santos foi apenas a porta de entrada. À medida que os contingentes de estrangeiros desembarcados, especialmente de italianos atraídos pela política estatal de subvenção à mão-de-obra para as lavouras de café, dirigiam-se à estação ferroviária, a doença “viajava” pelos trilhos que atravessavam os núcleos interioranos. Para piorar, conforme mencionado, ainda não se sabia que o vírus era transmitido pelo mosquito *Stegomyia fasciata* – hoje chamado *Aedes aegypti*⁵³⁰ –, o qual, em razão dos pântanos e da ausência de obras de saneamento, encontrara em Campinas condições férteis para a sua reprodução.

A primeira vítima fatal no município foi uma imigrada suíça de 24 anos, de nome Rosa Beck. Não se sabe ao certo se a jovem, recém-chegada ao país, contraiu a doença ao

⁵²⁹ RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *História sem fim*: um inventário da saúde pública, São Paulo (1880 - 1930). 1991. 406f. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia, Unicamp, Campinas, 1991, p. 51.

⁵³⁰ A tese de que a transmissão da febre amarela se dava através da picada de um mosquito, aventada pela primeira vez na década de 1880 pelo médico cubano Carlos Finlay, foi oficialmente confirmada em 1900, após pesquisas repetidas pela Comissão de Saúde do Exército Americano, então chefiada pelo doutor Walter Reed.

desembarcar no porto de Santos ou do Rio de Janeiro. De todo modo, o que vale frisar é que, sem qualquer suspeita sobre a enfermidade, ela se deslocou até Campinas a fim de empregar-se como professora de francês. Inicialmente, Rosa hospedou-se na casa de uma família de conterrâneos, os Banninger, responsáveis pela *Padaria Suíça*, situada na Rua do Bom Jesus – atual Avenida Campos Salles. O que parecia ser a trajetória de mais uma esperançosa moça imigrante disposta a construir uma vida melhor na América transformara-se em uma triste e brevíssima passagem. Tão logo se manifestaram os sintomas, Rosa não resistiu e acabou falecendo. A partir daí, a padaria do senhor Ulrich Banninger tornava-se um foco irradiador da moléstia. Isso porque os mosquitos que picaram Rosa também picariam o proprietário do estabelecimento, familiares, funcionários e fregueses. Edwin Banninger, de 2 anos de idade, e seu pai, Ulrich, vieram a óbito nos dias 23 e 24 de fevereiro respectivamente. Outro menor, o garoto Urbano, frequentador do estabelecimento, falecera no dia 25. Nessa mesma data, era internado o padeiro suíço, João Mais, de 25 anos. João, empregado de Ulrich, foi mais um a sucumbir em 3 de março. No dia seguinte, Conrado Banninger, irmão de Ulrich, também não suportou a doença. Daí em diante, as mortes se multiplicaram. Aterrorizados, muitos habitantes de Campinas migraram para outros locais.

[...] ao eclodir a epidemia em fevereiro de 1889, o êxodo foi geral. Os fazendeiros [...] mudaram-se para as suas propriedades rurais ou para São Paulo e muitos deles não mais regressaram. Depois dos abastados fugiram todos aqueles que puderam fazê-lo, pobres e remediados, estes em menor número. Famílias inteiras abandonaram as suas casas e os seus pertences. Quem não conseguiu condução, de carro ou a cavalo, foi mesmo a pé, em busca de refúgio nos sítios vizinhos ou nas cidades mais próximas. Fecharam-se as residências, as lojas, os armazéns, oficinas, hotéis, repartições públicas, escritórios e até as cocheiras localizadas no centro citadino. Um jornal, a *Gazeta de Campinas*, suspendeu a publicação por alguns dias. O Grande Hotel Campineiro, localizado na rua do Rosário (praça José Bonifácio), 33, informou em 07/04/1889 que fechava por falta de pessoal suficiente para o serviço interno. O mesmo sucedeu ao restaurante Guarani. As farmácias não davam conta do aviamento das receitas [...].⁵³¹

À medida que a transmissão da doença saía do controle e a quantidade de vítimas se avolumava, autoridades da Câmara Municipal, desorientadas em relação à causa e às ações a serem tomadas frente à temível peste, ordenavam a adoção de medidas de higiene com base em pareceres preliminares de alguns poucos médicos que ali permaneciam. As vias públicas eram cobertas com piche, irrigadas ao anoitecer, acendiam-se e alimentavam-se fogueiras com ervas aromáticas, casas passavam por desinfecção e os poços de água de serventia eram entupidos. Tudo em nome do combate a hipotéticos miasmas deletérios impregnados no ar. Paralelamente, providenciava-se o transporte de doentes até os hospitais de emergência ou

⁵³¹ SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro; NOVAES, José Nogueira. (1996). *Op. cit.*, p. 36.

enfermarias improvisadas. O primeiro a recebê-los foi a *Santa Casa de Misericórdia*, cujas internações começaram a ser registradas em 23 de fevereiro. Na sequência, em função do contínuo aumento de amareletos, instalou-se um lazareto no afastado bairro do Guanabara, em funcionamento desde 12 de março. A partir do dia 29, era a vez da *Sociedade Portuguesa de Beneficência* disponibilizar leitos para a coletividade lusitana. Sobrou até para a *Escola Correia de Melo*, cujas salas igualmente acolheram os adoecidos a partir do dia 2 de abril. E não pararia por aí.

Informes veiculados na imprensa local davam também o tom dos impactos da epidemia em torno da colônia italiana, reforçando os indícios de que o referido grupo já aparentava não apenas uma sobrerrepresentação quando comparado a outras coletividades de imigrados ali estabelecidas, mas certa vulnerabilidade em meio às ruas e arredores de Campinas, até porque tais indivíduos não possuíam qualquer imunidade a essa doença tropical.⁵³² Em nota assinada por Enrico Bolongaro, um comerciante piemontês que ocupava a presidência do *Circolo*, anunciava-se que, em vista do avanço da febre amarela sobre os peninsulares, uma nova enfermaria seria instalada nas dependências da própria associação em comum acordo com a Câmara Municipal. O texto, integralmente redigido na língua do país de origem e, pois, fundamentalmente endereçado aos *oriundi*, continha uma espécie de “discurso performativo”,⁵³³ enunciando aos destinatários que, “à sombra da bandeira da pátria”, sócios e italianos pobres encontrariam conforto diante dos “males que os afligiam” (figura 44).⁵³⁴ Um jogo de palavras que por si só exercia poder, um “poder quase mágico”,⁵³⁵ orientado a fomentar uma crença calcada em uma suposta identidade comum e, ao mesmo tempo, reproduzir a imagem de uma instituição que não se furtava de socorrer os compatriotas em momentos críticos, ainda que porventura nem todos compartilhassem o *habitus* daqueles que efetivamente reuniam condições, socioeconômicas ou morais, de associarem-se a ela.

⁵³² CELTON, Dora. Enfermedad y crisis de mortalidad en Córdoba, Argentina entre los siglos XVI y XX. In: MIRÓ, Carmen; SÁNCHEZ ALBORNOZ, Nicolás. (orgs.). *Cambios demográficos en América Latina: la experiencia de cinco siglos*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba; IUSSP, 1998, p. 277-299, apud BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo; CUNHA, Maisa Faleiros. (2019). *Op. cit.*, p. 14.

⁵³³ BOURDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 116.

⁵³⁴ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 3, 4 abr. 1889.

⁵³⁵ BOURDIEU, Pierre. (2004). *Op. cit.*, p. 116.

Figura 44 - Anúncio em italiano sobre a abertura da enfermaria do *Circolo* durante a epidemia de febre amarela, 1889



Fonte: Diário de Campinas⁵³⁶

Nada de aulas ou festas àquela altura. A sede, agora, era adaptada para acomodar os amareletos. Às constantes tratativas entre Enrico Bolongaro e José Paulino Nogueira, somava-se a colaboração do doutor João Guilherme da Costa Aguiar, que se colocou à disposição para dirigir a nova enfermaria a ser implantada no prédio do *Circolo*. Nascido em Itu, mas radicado em Campinas desde que obtivera o seu diploma, em 1878, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, coube ao respectivo profissional supervisionar os 40 leitos ali improvisados, sendo 15 deles previamente inaugurados no dia 4 de abril (figura 45).⁵³⁷ Contudo, entre idas e vindas repletas de consultas, diagnósticos, visitas e medicação de pacientes, o próprio Costa Aguiar acabou contraindo a moléstia e falecendo repentinamente aos 32 anos de idade. Mantida em funcionamento até 18 de maio, a enfermaria dos italianos registrara oficialmente a internação de 133 infectos, dos quais 57 não resistiram e vieram a óbito.⁵³⁸

Hontem às 9 horas da manhã foi inaugurada a nova enfermaria municipal do edifício do *Circolo Italiani Uniti*. Estiveram presentes o presidente da Câmara Municipal, dr. Costa Aguiar, *fiscaes*, presidente do *Circolo*, alguns membros da colônia italiana e imprensa local. O grande salão em que funcionaram as aulas da sociedade foi dividido em diversas enfermarias para doentes em observação, para os moribundos, necrotério, etc. Já estão montados 15 leitos tendo, porém, as enfermarias capacidade para mais 25. As enfermarias oferecem todas as *commodidades* e têm todas as condições para o bom tratamento dos enfermos. O sr. dr. Costa Aguiar fará três visitas diárias às enfermarias e mais as que forem exigidas pelo estado dos doentes [...].

⁵³⁶ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 3, 4 abr. 1889.

⁵³⁷ NOVA ENFERMARIA. *Diário de Campinas*. Campinas, p. 1, 5 abr. 1889.

⁵³⁸ SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro; NOVAES, José Nogueira. (1996). *Op. cit.*, p. 95.

Figura 45 - Inauguração da enfermaria do *Circolo Italiani Uniti* destinada aos amareletos, 1889

Nova enfermaria

Hontem ás 9 horas da manhã foi inaugurada a nova enfermaria municipal no edificio do *Circolo Italiani Uniti*.

Estiveram presentes o presidente da camara municipal, dr. Costa Aguiar, fiscoes, presidente do *Circolo*, alguns membros da colonia italiana e imprensa local.

O grande salão em que funcionaram as aulas da sociedade foi dividido em diversas enfermarias para doentes em observação, para os moribundos, necroterio, etc.

Já estão montados 15 leitos tendo, porem, as enfermarias capacidade para mais 25.

As enfermarias offerecem todas as commodidades e têm todas as condições para o bom tratamento dos enfermos.

O sr. dr. Costa Aguiar fará tres visitas diarias ás enfermarias e mais as que forem exigidas pelo estado dos doentes.

Devemos consignar a prestesa com que foram feitas as obras e o modo porque o *Circolo* prestou á camara o seu concurso para a abertura da nova enfermaria.

Fonte: Diário de Campinas⁵³⁹

A despeito dos registros relativos à enfermaria do *Circolo*, o cômputo geral de vítimas, em realidade, é um número desconhecido. Dados coletados pelo doutor Ângelo Simões, carioca, graduado pela Faculdade de Medicina da Bahia (1885) e um dos poucos médicos que permaneceu em Campinas em meio ao surto de febre amarela, indicam um total de 1.200 mortos, dos quais 40% correspondiam a imigrantes italianos. É evidente que, ao menos circunstancialmente, seja porque muitos indivíduos sucumbiram frente aos sintomas da doença, seja porque outros tantos preferiram sair de Campinas com medo da peste, uma epidemia de tal dimensão podia frear o crescimento demográfico do município. Se, às vésperas da disseminação do vírus, a população local girava em torno de 41 a 45 mil habitantes, o censo de 1890 já captava um dos principais efeitos desse crítico período: uma redução para 33.921 habitantes.⁵⁴⁰

Foi no decorrer do mês de junho que a epidemia, enfim, deu sinais de declínio. Mas nada relacionado às aludidas – e improvisadas – medidas de higiene aplicadas junto a residências e vias públicas. Pelo contrário. Tratava-se, na verdade, do próprio – e então desconhecido – ciclo evolutivo do mosquito transmissor. Tanto que em 1890, 1892, 1896 e 1897 novos surtos de febre amarela voltaram a alarmar Campinas. E o padrão temporal de manifestação da doença repetia-se: principiava em janeiro ou fevereiro, propagava-se em março, atingia o seu ápice em abril, decaía em maio, para finalmente dissipar-se no inverno. Note-se que os hiatos constituídos parcialmente pelos anos de 1891 e de 1893 a 1895

⁵³⁹ NOVA ENFERMARIA. *Diário de Campinas*. Campinas, p. 1, 5 abr. 1889.

⁵⁴⁰ BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. *São Paulo do passado: dados demográficos, 1890*. Campinas: NEPO, 1998, p. 64.

resultavam das obras de saneamento realizadas pela companhia de água e esgoto, iniciadas através de uma parceria entre a parentela Quirino dos Santos – mais precisamente entre o major João e o seu filho Bento – e os senhores Joaquim Floriano de Camargo e Gabriel Dias da Silva, todos componentes da elite cafeeira, e posteriormente ampliadas pelo engenheiro civil Francisco de Sales Oliveira Júnior, natural de Jacareí e também herdeiro de uma abastada família de fazendeiros. Todavia, por mais que essas melhorias efetivadas mediante a abertura de grandes valas pelas ruas, quintais e interior das habitações para o assentamento de tubos de ferro laminado tenham propiciado a distribuição de água “clara, límpida e inodora”, bem como a chegada de esgoto tratado, é preciso ressaltar que o serviço não se estendia a toda cidade.⁵⁴¹ Ao mesmo tempo, prosseguia o impasse vinculado ao ininterrupto afluxo de forasteiros em busca de trabalho, principalmente de italianos, que continuavam a chegar muitas vezes já contaminados, seja em função das aglomerações do desembarque no porto de Santos ou na Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, dois potenciais redutos de transmissão da doença. Isso sem falar na capacidade natural de adaptação ou no acondicionamento do ciclo de reprodução do mosquito às condições climáticas vigentes à época. Não foi por acaso, pois, que o tanto o *Lazareto do Fundão*, como a *Sociedade Portuguesa de Beneficência*, a *Santa Casa de Misericórdia*, o *Circolo Italiani Uniti* e a própria *Escola Correia de Melo* voltaram a ser cogitados como legítimos recintos para socorrer os indivíduos em caso de infecção pelo vírus.

No entanto, em se tratando do *Circolo*, em específico, cumpre elucidar que os auxílios providenciados em meio às epidemias subsequentes de febre amarela tiveram um formato distinto em comparação ao modelo adotado quando do primeiro surto em 1889. Nada de leitos improvisados na sede social e tampouco a extensão de benefícios para patrícios despossuídos que não faziam parte da entidade. Priorizava-se, ao contrário, o perfil mutualista que balizara a instituição desde a sua origem. Entre os meses de março e abril de 1892, à medida que uma terceira onda – de menor proporção que as anteriores, é bem verdade – manifestava-se em Campinas, reiterados anúncios exclusivamente direcionados aos membros do sodalício passaram a ser veiculados nas páginas do *Diário de Campinas*,⁵⁴² com o intento de orientá-los sobre como proceder na hipótese de sentirem eventuais sintomas da moléstia. Cabia ao associado enfermo procurar diretamente um dos quatro dirigentes cujos nomes e endereços vinham identificados nos respectivos comunicados, de modo a retirar a autorização necessária para agendar uma consulta com um médico disponível, a ser paga posteriormente pela própria

⁵⁴¹ AMARAL, Leopoldo. (1900). *Op. cit.*, p. 271.

⁵⁴² CIRCOLO ITALIANI UNITI IN CAMPINAS. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 3, 10 mar. 1892.

agremiação. O quarteto era composto pelo então presidente da mútua, Giuseppe Breviglieri, àquela altura não mais se dedicando ao ensino de ítalo-descendentes, mas, sim, à própria casa de câmbio recém-inaugurada na Rua 13 de Maio, pelo professor Alfonso de Rubo, natural de Benevento e estabelecido na Rua Dr. Quirino, por Vincenzo Russo, oriundo de Isernia e proprietário de uma cervejaria localizada no antigo *Largo do Tanquinho* – atual Largo do Pará –, e pelo construtor milanês Giulio Macchi, situado no chamado *Campo das Caneleiras* – hoje região do Bosque dos Jequitibás (figura 46). Profissionais liberais, portanto, vindos de norte a sul da Itália e que aqui se radicaram entre fins da década de 1870 e início da de 1880 sem qualquer pretensão aparente de empregar-se no meio rural. Em outras palavras, imigrantes que já trouxeram um capital cultural junto aos seus pertences ou que precocemente acumularam um capital social na sociedade de destino, o que lhes permitiu articular-se em torno de uma instituição destinada a contemplar as necessidades e interesses, inclusive em circunstâncias extraordinárias, de uma parcela de compatriotas que também reunia condições de contribuir com a mesma.

Figura 46 - Detalhes da assistência providenciada pelo *Circolo Italiani Uniti* aos seus associados durante a epidemia de febre amarela de 1892



Fonte: Diário de Campinas⁵⁴³

⁵⁴³ Idem.

De toda forma, ainda que o edifício do *Circolo* não tenha funcionado como enfermaria nas demais epidemias de febre amarela, não deixa de ser interessante observar como a iniciativa demonstrada frente à adversa e traumatizante realidade vivenciada em meados de 1889 rendeu àquele específico grupo de peninsulares um duradouro prestígio perante a elite local, suscitando até mesmo signos de reconhecimento oficialmente manifestos por esta última. Tão logo extinguiu-se o primeiro surto epidêmico, autoridades da Câmara Municipal elogiavam e agradeciam via correspondência a “benemérita” e “humanitária” disposição da entidade italiana ao ceder o próprio prédio para a instalação de um lazareto, conduta digna, segundo registrado no documento, dos “mais puros sentimentos de gratidão [...] do povo campineiro”.⁵⁴⁴ O ofício, em essência, desempenhava o papel de um certificado que atestava a associação como um ente percebido, dotada a partir de um ato de generosidade que respondera a “expectativas coletivas” de uma propriedade a ser valorizada socialmente.⁵⁴⁵ Tanto que, quase sete anos depois, quando uma quarta e intensa onda da moléstia grassava pelo município, era a vez do *Diário de Campinas*, dirigido à época por Alberto Sarmiento, graduado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco e deputado estadual pelo PRP, igualmente recorrer a esse tipo de alquimia simbólica em favor da agremiação. Em editorial publicado no dia 20 de junho de 1896, o periódico questionava o relatório do médico e então Intendente Municipal, Manuel de Assis Vieira Bueno, referente à decisão de novamente adaptar na *Escola Correia de Melo* uma enfermaria para acolher os amareletos. Na visão do veículo, era muito mais vantajoso e coerente optar pela sede do *Circolo*, de fácil acessibilidade e cujas dependências não apenas dispunham de “salões claros e arejados”, como também já haviam servido de “hospital de isolamento durante a primeira epidemia”.⁵⁴⁶ Em outros termos, o jornal considerava que a instituição conduzida pelos *oriundi* reunia as credenciais necessárias para cumprir tal função, dado que ela havia colocado à prova anteriormente a sua competência e legitimidade para acomodar os enfermos.

No fim das contas, sem o edifício do *Circolo*, mas com o *Hospital de Isolamento* – antigo *Lazareto do Fundão* –, as enfermarias da *Sociedade Portuguesa de Beneficência* e ocasionalmente os leitos improvisados na *Escola Correia de Melo* à disposição, a febre amarela encerrava os seus últimos capítulos no município sob a forma epidêmica. O ano de 1896, que totalizara 1.644 casos notificados e 754 falecimentos (47,9%) pela moléstia, e o ano de 1897, com 694 pessoas contaminadas e 325 mortes (46,8%) decorrentes da enfermidade,

⁵⁴⁴ CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS. *Registro de Correspondências, 1 fev. 1886 a 31 ago. 1892*. Campinas, 19 jul. 1889, p. 80-81.

⁵⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. (2011). *Op. cit.*, p. 170.

⁵⁴⁶ O RELATÓRIO. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 1, 20 jun. 1896.

foram os derradeiros. E os imigrantes constituíram as principais vítimas. Conforme assinalam Bassanezi e Cunha,⁵⁴⁷ “o fato de muitos deles serem recém-chegados, debilitados pela longa viagem e mal adaptados à nova terra, deixava-os ainda mais vulneráveis à doença”. Os italianos, em particular, sobejamente representados em Campinas, continuaram sendo os maiores alvos do flagelo: 263 (33,4%) vieram a óbito em 1896 e 171 (52,6%) no ano seguinte. Em que pese o poder público local tenha investido inicialmente em medidas “contra o contágio (entre elas, o isolamento hospitalar e a desinfecção de casas e locais onde verificavam casos da doença) e para prevenir a transmissão (fechamento de poços e fossas, higienização de prédios urbanos, drenagem de córregos e pântanos)”,⁵⁴⁸ foi somente a partir do segundo semestre de 1896, à medida que o governo do estado de São Paulo, também preocupado com os impactos negativos junto à economia cafeeira e à política imigratória, resolveu adotar uma resolução em que assumia a responsabilidade direta pelo saneamento de Campinas e de outras cidades acometidas por crises sanitárias, numa ação de caráter perene e não mais limitada aos períodos epidêmicos, que a tormenta da febre amarela desapareceu por completo. Duas comissões, a sanitária, dirigida pelo médico Emílio Marcondes Ribas, e a de saneamento, sob o comando do engenheiro civil Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, foram instaladas com fins de imprimir uma autêntica higienização desodorizante, onde o limpar tornava-se sinônimo não tanto de lavar, mas antes de drenar.⁵⁴⁹ Atentos à teoria e aos experimentos do médico cubano Carlos Finlay, indicando um específico mosquito como vetor da mazela, tais profissionais privilegiaram intervenções com potencial de dificultar a procriação do inseto. Receptáculos de água estagnada foram removidos, córregos retificados, poços vedados, quintais drenados e o lixo recolhido com maior frequência. Providências que foram capazes de eliminar os focos do mosquito transmissor.⁵⁵⁰

Como resultado, as condições de salubridade de Campinas melhoraram sensivelmente na virada para o século XX. A cidade, cuja imagem esteve negativamente vinculada durante os sucessivos surtos de febre amarela a um cemitério, voltava a desfrutar do *status* de um dos lugares mais ricos e modernos do país. Não tanto por conta de sua produção cafeeira em si. Esta última, na verdade, arrefecia à medida que a fronteira agrícola expandia-se continuamente em direção a oeste, ensejando o surgimento de novos municípios e a conformação de outros polos regionais. Coube à tradicional “Princesa do Oeste”, também em

⁵⁴⁷ BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo; CUNHA, Maisa Faleiros. (2019). *Op. cit.*, p. 14.

⁵⁴⁸ *Ibidem*, p. 5.

⁵⁴⁹ CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 120-122.

⁵⁵⁰ BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. Memória que educa. Epidemias do final do século XIX e início do XX. *Educar*, Curitiba, n. 25, 2005, p. 77.

função da hegemonia – técnica, financeira e mercantil – consolidada pela cidade de São Paulo sobre a rede urbana do estado, reacomodar-se frente “aos novos padrões produtivos e territoriais determinados pela evolução do complexo capitalista”.⁵⁵¹ Aproveitando-se, evidentemente, de suas heranças do período do auge do café, isto é, da posição assegurada no sistema de transporte e comunicações, e das dimensões e características do próprio núcleo urbano engendrado no respectivo intervalo, Campinas conseguiu manter-se como o principal centro do interior paulista graças a um conjunto diversificado de atividades comerciais, fabris e serviços que respondiam à base agrícola local e regional, ao crescimento do mercado de bens de consumo e às demandas da ferrovia. Ao mesmo tempo, é bem verdade, apesar dos auspiciosos sinais de sua economia e de uma população de 73.295 habitantes em 1918, crescentemente concentrada na zona urbana (41.004 pessoas), as lembranças sobre os difíceis momentos enfrentados nos anos anteriores permaneciam frescas nas memórias daqueles que ali residiam. Mesmo porque, “o passado é uma construção e uma reinterpretação constante”, que “não deixa de viver e de se tornar presente”.⁵⁵² Conforme realça Nora,⁵⁵³ a memória é a vida, carregada amiúde por grupos vivos, aberta às lembranças, sejam elas vagas, flutuantes, simbólicas, enfim, um fenômeno sempre suscetível a revitalizações.

Não é porque Campinas lograra reinventar-se após os impactos da febre amarela que certas marcas acumuladas no imaginário local se dissolveram. Muito pelo contrário. Segundo Bertucci-Martins,⁵⁵⁴ a lembrança da doença, que castigara a localidade cinco vezes em menos de trinta anos, era frequente, servindo até como instrumento de alerta e educação cotidiana à população campineira no tocante aos desastres que uma moléstia epidêmica poderia causar. E tal postura fizera ainda mais sentido à medida que o ano de 1918 convertia-se em um período bastante crítico. À já mencionada carestia de gêneros alimentícios decorrente da Primeira Guerra, somava-se a emergência de uma nova peste, popularmente conhecida como gripe espanhola. À diferença de uma epidemia típica, capaz de manifestar-se em um determinado lugar e acometer um número significativo de indivíduos, a espanhola consistira em “uma epidemia sem controle e com expansão mundial”, o que a tornava, portanto, uma pandemia.⁵⁵⁵

Responsável por desencadear sintomas como sangramento via nariz, olhos e ouvidos, dores de cabeça e nas costas, diarreia e perda de olfato, a espanhola provavelmente adentrara

⁵⁵¹ SEMEGHINI, Ulysses Cidade. *Do café à indústria: uma cidade e seu tempo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991, p. 82.

⁵⁵² LE GOFF, Jacques. (2013). *Op. cit.*, p. 28-29.

⁵⁵³ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, jul./dez. 1993, p. 9.

⁵⁵⁴ BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. (2005). *Op. cit.*, p. 77-78.

⁵⁵⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. (2020). *Op. cit.*, p. 46.

no Brasil através do porto de Recife. Era manhã de 9 de setembro quando atracara no cais deste último o navio inglês *Demerara*, de propriedade da *Royal Mail* e que fazia o itinerário Liverpool-Buenos Aires, transportando passageiros, carga e malas postais. Nas palavras de Schwarcz e Starling:⁵⁵⁶

Ninguém sabe com precisão onde a espanhola embarcou no *Demerara*, já que, antes de aportar no Recife, ele fez escala em Lisboa e navegou muito próximo à costa africana para evitar outro encontro com os alemães; mas pode ter zarpado infectado de Liverpool. Na chegada ao Recife, havia ao menos dois doentes na enfermaria, e o diagnóstico era de gripe comum. Possivelmente o número era maior. Seja como for, passageiros e tripulantes contaminados desceram no cais sem despertar maiores preocupações por parte das autoridades de saúde – aliás, um procedimento que se repetiria em outros portos brasileiros.

Dali, o *Demerara* seguira viagem, fazendo mais três escalas fatais: Salvador, Rio de Janeiro e Santos, antes de aportar em Montevideu. Foi ao chegar à baía de Guanabara, defronte à ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, que o referido vapor hasteou bandeira amarela. Sinal de doença a bordo! Dois passageiros de terceira classe em estado grave, examinados pelo inspetor de saúde do porto, José Maria de Figueiredo Ramos, com quadros de “brucopneumonia gripal”. Manuel Reis dos Santos, embarcado em Lisboa, faleceu em questão de horas, enquanto o garoto Antônio Barbosa, também oriundo da capital lusitana, foi diretamente levado para o Hospital de São Sebastião. Ainda que se tratasse de um diagnóstico delicado, classificou-se a enfermidade como não contagiosa, autorizando-se, conseqüentemente, o desembarque dos demais passageiros.

A informação de que pessoas doentes estavam aportando na capital federal misturava-se à circulação de notícias que progressivamente davam conta de uma nova epidemia de influenza alastrando-se na Europa e na África. Carlos Seidl, à época diretor geral da Saúde Pública, viu-se, então, na obrigação de divulgar dois comunicados oficiais em 27 de setembro. Um deles informava que até aquela data não existiam casos suspeitos de grande influenza no Rio – o que provavelmente era uma mentira. O outro dizia que ele próprio realizara uma inspeção no *Demerara*, tendo conversado com o médico de bordo e chegado à conclusão de que não havia nada errado no navio. Argumentava que, de acordo com os dados por ele coletados, a despeito do falecimento de três indivíduos entre Lisboa e Pernambuco, e de mais dois no trecho de Recife ao Rio de Janeiro, as causas foram definidas pelo doutor que estava a bordo como “lesão cardíaca, angina e brucopneumonia”.⁵⁵⁷ Reconhecia, no fim das contas, apenas o óbito do espanhol Juan Cajal, *maître* do *Demerara*, como consequência da gripe espanhola.

⁵⁵⁶ Ibidem, p. 69.

⁵⁵⁷ Ibidem, p. 71.

Mas a realidade não era bem essa. Por onde passava, o *Demerara* deixava um rastro de contaminação e morte. E infelizmente, vale acrescentar, não era a única embarcação a espalhar a doença por essas plagas. Pelos portos brasileiros, por exemplo, passou ainda o vapor *Liger*, de bandeira francesa, que estivera no porto de Dakar, centro de disseminação da epidemia para os navios transatlânticos e de carga. O *Liger* atracou em Salvador, no Rio de Janeiro e em Santos. Outros navios igualmente arribaram em portos do Nordeste, fazendo com que a espanhola não demorasse a atingir várias cidades da região.⁵⁵⁸

Sem nenhuma estratégia de enfrentamento à moléstia e tampouco de socorro à população, somado à precariedade vigente nas estruturas sanitárias e de saúde nacionais, a peste, que penetrara inicialmente no país pelas áreas urbanas litorâneas, alcançaria em poucos dias o interior. Eram meados de outubro quando os primeiros casos da doença foram confirmados no estado de São Paulo. Ao saírem da cidade portuária de Santos, carregados de passageiros infectados e recém-desembarcados da Europa, os trens ajudaram “a gripe a subir a serra em direção ao planalto paulista”, de modo que a sua chegada até Campinas foi mera questão de tempo.⁵⁵⁹ No dia 24 do mesmo mês, a Delegacia de Saúde do município começava a receber as primeiras notificações relativas a casos de influenza espanhola. A partir daí,

Informações na imprensa sobre a moléstia se multiplicaram e diversificaram com velocidade espantosa. Transcrevendo jornais de outros lugares do Brasil, as notícias falavam de gente morrendo pelas ruas, de cadáveres sendo recolhidos em carroças e caminhões e enterrados em valas comuns, de voluntários fazendo serviços públicos (como condução de bonde, entrega de telegramas etc.), de assistência médica descontínua e ineficiente [...].⁵⁶⁰

Imagem, pois, que para os habitantes de Campinas muito se assemelhava à do final do século XIX, época em que a febre amarela assolara a cidade. Foi justamente essa memória, ainda tão viva no imaginário local, que colaborou de maneira decisiva para que, do prefeito aos operários que ali viviam, houvesse grande mobilização com o fito de deter o avanço da nova moléstia e proporcionar assistência aos enfermos. Machadinho, então cronista do *Diário do Povo*, era um dos que se dedicava a relembrar aqueles duros momentos na tentativa de alertar os moradores e cobrar medidas preventivas por parte das autoridades competentes frente à emergente pandemia de gripe espanhola.

Mas... gato escaldado de água fria deve sempre ter medo. Não sei se vocês devem estar lembrados do que se dizia com relação à febre amarela, quando ela dizimava populações inteiras em várias cidades do Brasil. Ainda me lembro como se fosse hoje, quando saíram os primeiros bandos precatórios pedindo esmolas para os atacados da febre e ninguém se lembrava de recomendar aos campineiros todo o cuidado para evitar a “amarela”, o povo ria e dizia: Qual o que! Febre amarela não

⁵⁵⁸ Ibidem, p. 72.

⁵⁵⁹ BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo; CUNHA, Maisa Faleiros. (2019). *Op. cit.*, p. 6.

⁵⁶⁰ BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. (2005). *Op. cit.*, p. 81.

vem à Campinas, nós não somos porto de mar... o nosso clima não aceita a febre. E, compadres, vocês sabem bem que isso não aconteceu, vocês viram que a febre veio e limpou duas vezes a cidade que estava imune, livre do perigo (para as zebras, bem se vê).⁵⁶¹

Logo, instruída pelos terríveis períodos epidêmicos anteriormente experienciados e atenta ao que estava acontecendo em outras cidades, sobretudo em São Paulo, a população de Campinas preparara-se para lidar com o vírus influenza. Em primeiro lugar, reitera-se, tratava-se de uma enfermidade que irrompia justamente em meio a um quadro político e econômico bastante instável a nível global, com o próprio Brasil envolvido na Primeira Guerra. Segundo, sua transmissão consumava-se muito provavelmente através de gotículas expelidas pelo indivíduo contaminado ao falar, respirar ou tossir, no contato ou indireto com secreções nasofaríngeas. Assim, ações públicas (governamentais e de entidades beneficentes) e particulares (de empresas e grupos voluntários) complementaram-se. Veiculavam-se desde recomendações para que os populares evitassem visitas e aglomerações – o que implicara na proibição de reuniões e o fechamento de casas de diversão –, passando pela contenção de abuso nos preços dos gêneros de primeira necessidade, até a instalação de hospitais e postos de saúde para atender os doentes.⁵⁶²

[...] A Santa Casa de Misericórdia colocava duas salas com um total de 60 leitos à disposição de doentes indigentes e instituições beneficentes se prontificaram a colaborar no socorro aos enfermos [...], além dos hospitais de Isolamento e dos Variolosos [...]. Na Vila Industrial, o grande bairro operário da cidade, a população estabeleceu por conta própria o Posto Popular [...], que atendia aos pedidos de socorro médico e distribuía alimentos [...].⁵⁶³

Ao lado desses, o edifício do *Circolo Italiani Uniti* seria mais um recinto colocado à disposição dos enfermos. Dessa vez, porém, talvez de maneira mais aguda que antes, mas ainda assim disfarçada como solidariedade genuína, parecia haver uma estratégia de investimento social embutida na iniciativa dos imigrantes italianos que dirigiam a instituição. É possível observar em sua documentação que o antigo plano de erigir uma unidade hospitalar própria, expresso logo nos primeiros anos de vida do sodalício, era retomado na assembleia geral de associados de 21 de julho de 1918.⁵⁶⁴ Àquela altura, ainda sem o temor decorrente da espanhola, cogitava-se a possibilidade de, enfim, viabilizar o serviço que faltava à agenda mutualista em curso. Em outras palavras, quando da manifestação do flagelo, algumas

⁵⁶¹ TOME NOTA. *Diário do Povo*, Campinas, p. 1, 25 out. 1918.

⁵⁶² BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. (2005). *Op. cit.*, p. 5; BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo; CUNHA, Maisa Faleiros. (2019). *Op. cit.*, p. 6.

⁵⁶³ BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. (2005). *Op. cit.*, p. 5.

⁵⁶⁴ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Assembleias, 23 fev. 1908 1881 a 15 ago. 1920*. Campinas, 21 jul. 1918, p. 145.

discussões e encontros entre filiados já haviam sido promovidos para delinear o projeto de construção do hospital. É bem provável, aliás, que na reunião de diretoria de 18 de outubro daquele ano, em que a ata correspondente aparenta indicar que a decisão de abrir as portas da entidade para acolher os gripados também era encarada como uma forma de angariar reconhecimento perante a sociedade hospedeira, já estivesse prévia e paralelamente definida a ideia de solicitar junto à Câmara Municipal a concessão de um terreno anexo à sede da agremiação com fins de concretizar um antigo objetivo dessa elite italiana tão logo a pandemia fosse debelada.⁵⁶⁵ Tanto que em setembro de 1919, à medida que a doença perdia força, representantes do órgão legislativo se reuniam e prontamente avalizavam o requerimento feito pela direção do *Circolo*.⁵⁶⁶ Ainda que não se deva descartar integralmente certo grau de sensibilidade e prestatividade dos *oriundi*, a atitude de disponibilizar leitos durante os meses iniciais e mais críticos da moléstia – outubro e novembro de 1918 – serviu como uma espécie de crédito, um trunfo, uma “moeda social” para barganhar e alcançar posteriormente benefícios materiais e simbólicos ao grupo.

[...] Da comissão de obras, baseada nas [...] comissões de finanças e legislação [...] mandando ratificar a concessão de terreno feita em 1884 ao *Circolo Italiani Uniti* [...] e concedendo-lhe outro, para a construção de um hospital, em frente ao edifício [...], com 672 metros quadrados e 90 decímetros quadrados [...]. Concedendo o pedido, a Câmara não faz mais do que ampliar a concessão de 1884, praticando ao mesmo passo um ato de utilidade pública, como o de auxiliar a instalação de um hospital [...].⁵⁶⁷

À associação ítalo-campineira abundavam elogios que se estendiam dentro e fora da colônia. Acolhendo e cuidando, em meados do mês de novembro, de 18 pacientes infectados pela influenza – italianos em sua maioria –, a instituição era nada mais nada menos publicamente reverenciada pelo jornal *O Estado de São Paulo*,⁵⁶⁸ veículo tradicionalmente conhecido por ecoar os pontos de vista da elite agrária paulista, dotado, com efeito, “das categorias de percepção e avaliação” que lhes permitiam reconhecê-la.⁵⁶⁹ Mediante qualificativos como “abnegada” e reputando como “bons” os serviços prestados aos acamados, o autor da publicação mobilizava uma alquimia simbólica que conferia à entidade um “capital de reconhecimento”, uma propriedade derivada de um trabalho que vinha sendo desenvolvido e respondia à urgência do período, mercedor, portanto, de gestos de retribuição

⁵⁶⁵ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 3 dez.. 1914 a 20 out. 1920*. Campinas, 22 abr. 1915, p. 198-199.

⁵⁶⁶ CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS. *Livro de Atas das Sessões, 17 nov. 1917 a 21 jun. 1920*. Campinas, 13 set. 1919, p. 92-94.

⁵⁶⁷ Idem.

⁵⁶⁸ EM CAMPINAS. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 4, 20 nov. 1918.

⁵⁶⁹ BOURDIEU, Pierre. (2011). *Op. cit.*, p. 170.

por parte da população campineira.⁵⁷⁰ Imediatamente no dia seguinte, e decerto a par das respectivas saudações, era a vez do *Fanfulla*, principal diário e porta-voz da coletividade italiana no Brasil, enfatizar o protagonismo de compatriotas frente à crise sanitária em marcha.⁵⁷¹ Ao exaltar o “espírito altruístico e humanitário” do *Circolo* e, acima de tudo, sublinhar que os leitos instalados em seu prédio abrigavam pacientes independentemente da nacionalidade ou condição socioeconômica, o periódico exprimia por meio da linguagem o estado das relações de poder que constituíam o espaço social da época, cabendo aos imigrantes negociar e afirmar a sua identidade e posição no mesmo cotidianamente. Em comum entre as respectivas publicações a particular visibilidade dedicada a Irineu Checcia, um alfaiate natural de Chieti e então presidente da instituição, e ao doutor Clemente de Toffoli, responsável pela direção da enfermaria ali improvisada, ambos abertamente enaltecidos pela ação em favor dos doentes. Em síntese, uma iniciativa travestida e difundida como benevolência, mas que também acabara funcionando como vitrine para nomes específicos da elite étnica italiana radicada em Campinas.

Em termos de letalidade, o saldo da espanhola no município foi muito menor que o da febre amarela. A despeito dos expressivos 7.317 casos notificados em 1918, computaram-se 220 óbitos (3%) ocasionados pela doença, o que representava igualmente 10,7% do total de mortes contabilizado (2.054) na localidade àquele período. Tal qual mencionado, o ano de 1918 consistiu em uma exceção. A gripe, que comumente manifestava-se no inverno, atingiu Campinas em plena primavera logo após ser trazida diretamente do outono europeu. O surto estendeu-se verão afora, adentrando inclusive em 1919, cuja sazonalidade, ritmo e intensidade foram um pouco diferentes quando comparados ao ano anterior, ceifando vidas para além de maio, isto é, no decurso dos meses mais frios. Não obstante o volume de pessoas infectadas ao longo de 1919 seja desconhecido, sabe-se que 243 delas faleceram em razão da enfermidade, o que constituía 12,3% da totalidade de óbitos registrada (1.971) àquele ano (tabela 11).

Tabela 11 - Casos notificados de gripe, óbitos por gripe e total de óbitos, Campinas-SP (1918-1919)

Anos	Casos notificados (A)	Óbitos por gripe (B)	B/A (%)	Total de óbitos (C)	B/C (%)
1918	7.317	220	3,0	2.054	10,7
1919	-	243	-	1.971	12,3

Fonte: Bassanezi; Cunha⁵⁷²

⁵⁷⁰ Idem.

⁵⁷¹ CAMPINAS. *Fanfulla*, São Paulo, p. 3, 21 nov. 1918.

⁵⁷² BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo; CUNHA, Maisa Faleiros. (2019). *Op. cit.*, p. 8.

Ainda que as correntes migratórias internacionais para São Paulo fossem significativas no início do século XX, Bassanezi e Cunha⁵⁷³ ponderam que as epidemias de gripe que atingiram Campinas entre 1918 e 1919 ocorreram em um contexto em que a proporção de estrangeiros na população local já era menor do que em outros municípios paulistas. Influía nesse processo a contínua expansão da fronteira agrícola, viabilizada em grande medida pela ampliação da malha ferroviária, tornando economicamente viável a exploração de um estoque de terras produtivas situadas mais a oeste. Áreas recém-abertas à exploração, com o preço do alqueire mais em conta, o que terminava por atrair famílias de imigrantes que, eventualmente dotadas de algum pecúlio, buscavam investir no sonho de tornarem-se proprietárias.⁵⁷⁴ Nesse sentido, as principais vítimas da espanhola em Campinas eram de nacionalidade brasileira, e certamente constavam entre elas muitos descendentes de estrangeiros, sobretudo de italianos (tabela 12).

Tabela 12 - Óbitos por gripe espanhola conforme a nacionalidade, Campinas-SP (1918-1919)

Anos	Nacionalidades	N	%
1918	Brasileira	187	85,0
	Italiana	18	8,2
	Portuguesa	12	5,4
	Espanhola	3	1,4
	Outras	-	-
Total	-	220	100,0
1919	Brasileira	189	77,8
	Italiana	44	18,1
	Portuguesa	7	2,9
	Espanhola	2	0,8
	Outras	1	0,4
Total	-	243	100,0

Fonte: Bassanezi; Cunha⁵⁷⁵

Contida a influenza, finalmente abria-se caminho para que os dirigentes do *Circolo* centrassem os esforços no projeto de construção da tão aguardada unidade hospitalar. À frente dele estava Enrico Fortini, um construtor proveniente de Lucca e membro da agremiação desde dezembro de 1904. À medida que o lucano encarregava-se da confecção da planta do futuro nosocômio, diretores e associados em geral desdobravam-se atrás de recursos para viabilizar a empreitada. Da colônia ali estabelecida chegavam doações em espécie ou mesmo de materiais. Subscrições eram lançadas, inclusive, para angariar fundos junto a patrícios que residiam fora de Campinas. Sem contar quermesses e outras festividades que voltavam a ser celebradas na sede da associação, cujo dinheiro arrecadado era diretamente destinado às obras em andamento. Sobravam também tratativas com autoridades políticas com as quais o

⁵⁷³ Ibidem, p. 17.

⁵⁷⁴ TRUZZI, Oswaldo; Volante, João Pedro. (2021). *Op. cit.*, p. 27.

⁵⁷⁵ BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo; CUNHA, Maisa Faleiros. (2019). *Op. cit.*, p. 17-19

sodalício estabelecera razoável intimidade ao longo do tempo. Ao lado do presidente Irineu Checchia, principal representante institucional da coletividade à época, entravam em cena personagens como os doutores Clemente de Toffoli e Mário Gatti, dois porta-vozes plenamente revestidos da autoridade de falar e negociar em nome do grupo. Ao capital simbólico acumulado em função dos serviços prestados, quer no hospital da *Sociedade Portuguesa de Beneficência* desde 1909, quer em consultórios particulares locais, somavam-se alguns outros atributos derivados de privilegiadas redes de ligações que ambos os médicos concentraram a partir do instante em que se radicaram na sociedade de acolhimento. A título de exemplo, quando do seu matrimônio com Francisca, única herdeira do abastado compatriota Rocco de Marco, Gatti contara com ninguém menos do que Orosimbo Maia, ex-Intendente Municipal, como um dos padrinhos da cerimônia. Toffoli, por sua vez, domiciliado à Rua Dr. Costa Aguiar e mantendo em funcionamento uma clínica nesse mesmo endereço, chegara a exercer na cidade o cargo de vice-cônsul entre 1913 e 1914, tendo ainda embarcado para a Itália em junho de 1915 com fins de aderir ao Exército em meio à Primeira Guerra. Sujeitos, portanto, que reuniam competência técnica e prestígio social, e que conciliaram suas respectivas posições com a produção e reprodução de relações duráveis, internas e externas à colônia, capazes de proporcionar vantagens a curto ou longo prazo. E foi através de vínculos mantidos com um velho e muito bem articulado conhecido do *Circolo*, o ex-deputado federal e ex-proprietário do *Diário de Campinas*, Alberto Sarmento, o qual já havia reconhecido prévia e publicamente o trabalho dos peninsulares frente à epidemia de febre amarela, que se viabilizou junto ao governo do estado de São Paulo um auxílio anual de 2 contos de réis ao hospital da entidade.⁵⁷⁶

Assim, em 29 de agosto de 1920, começava finalmente a funcionar aquilo que, cerca de quarenta anos antes, constituiu um dos motivos que levou uma parcela específica da primeira geração de imigrantes italianos estabelecida em Campinas a organizar-se e institucionalizar-se em torno do *Circolo Italiani Uniti*. Um hospital projetado e edificado mediante mentes, braços e mãos de indivíduos que atravessaram o Atlântico à procura de melhores condições de vida na América, voltado, em particular, a assistir conterrâneos e descendentes filiados à associação que o mantinha. Com ele, Mário Gatti e Clemente de Toffoli, que outrora examinavam e operavam patrícios enfermos numa unidade de saúde pertencente à coletividade lusitana, puderam definitivamente trocá-la por enfermarias e salas de cirurgia providenciadas pela comunidade italiana. Sob a direção do médico vêneto, o

⁵⁷⁶ DIÁRIO OFICIAL. *Auxílios e subvenções*. 1 jan. 1920, p. 20.

mutualismo quase que improvisado dos *oriundi* do final do século XIX assumia uma feição mais condizente com o *habitus* de uma elite étnica que, ademais de contribuir gradativamente para encimar a formação de uma classe média urbana em escala local, lançou-se diretamente em busca de respeito e reconhecimento social, aproveitando-se de uma noção inscrita na sociedade paulista e, não por acaso, reproduzida nas páginas do jornal *Commercio de Campinas*,⁵⁷⁷ de que os imigrantes brancos europeus sabiam “se impor” em função do “esforço” e do “trabalho constante” (figura 47).

Figura 47 - Inauguração do hospital do *Circolo Italiani Uniti*



Fonte: *Commercio de Campinas*⁵⁷⁸

A seguir, orientado igualmente pelo método prosopográfico, estende-se a análise no sentido de compreender as trajetórias daqueles atores que se situaram no topo da hierarquia da entidade, mais especificamente os presidentes. O exercício de descortinar as alocações e a complexidade das relações objetivas que vinculavam esses dirigentes a outros indivíduos ou grupos inscritos nos espaços sociais pelos quais passaram ajuda a lapidar o argumento aqui apresentado de que o respectivo sodalício, não obstante tais mandatários soíssem arrogar o *status* e o direito de negociar questões que supostamente interessavam à coletividade em geral, servia, antes de mais nada, como uma instância de conformação de uma elite italiana.

⁵⁷⁷ BRILHANTE VICTORIA DA LABORIOSA COLÔNIA ITALIANA. *Commercio de Campinas*, Campinas, p. 1, 30 ago. 1920.

⁵⁷⁸ Idem.

3. TRAJETÓRIAS E COTIDIANO: OS PRESIDENTES DO *CIRCOLO ITALIANI UNITI*

Inicialmente, Aflíio Bucci assinara a ata de fundação do *Circolo* como “presidente provisório”. Por mais que o gesto possa denotar uma autorização da parte dos demais patrícios que lá estiveram reunidos para que o aludido professor se encarregasse de representá-los nos primeiros dias de vida da associação, é a partir da segunda assembleia que se constitui oficialmente a primeira diretoria escolhida pelos votos de filiados. Dessa forma, de 1881 a 1920 o *Circolo* contara com 21 imigrantes ocupando efetivamente a sua presidência. Embora autores como Oswaldo Truzzi⁵⁷⁹ e Flávia Oliveira⁵⁸⁰ ressaltem o perfil majoritariamente rural dos setentrionais que se radicaram no estado de São Paulo e, em contrapartida, a prevalência de sulistas dentre os mascates, pequenos negociantes ou artesãos instalados nos municípios do interior paulista, nota-se que, em se tratando da primeira mútua italiana instituída em Campinas, esta permaneceu a maior parte do tempo sob o controle dos *oriundi* advindos do centro da península (42,9%), seguidos pelos patrícios do norte (28,6%). À semelhança da parcela de fundadores em que se logrou acessar com precisão as suas origens, percebe-se que os toscanos – todos eles nascidos na província de Lucca – estiveram substancialmente representados em meio ao mosaico das diversidades regionais que caracterizava o quadro associativo da entidade e, por conseguinte, o seu principal cargo hierárquico (tabela 13). Neste último, em específico, repetem-se os nomes de três indivíduos que participaram do próprio ato de criação do sodalício: o médico Ernesto Lancia, o engenheiro Samuel Malfatti e o negociante Rocco de Marco. A eles, somaram-se outros profissionais especializados e indivíduos que se notabilizaram como empreendedores no comércio ou na emergente indústria local.

Tabela 13 - Nomes, ocupações profissionais e origens regionais dos presidentes do *Circolo Italiani Uniti*

Presidentes	Ocupação profissional	Região de origem
Ernesto Lancia (1881-1882)	Médico	Piemonte (Norte)
Emílio Giorgetti (1882-1886)	Professor de música	Toscana (Centro)
Samuel Malfatti (1886-1886)	Engenheiro	Toscana (Centro)
Maurício Malfatti (1887-1887)	Carpinteiro	Toscana (Centro)
Horácio Scrosoppi (1887-1888)	Professor	-
Rocco de Marco (1888-1888)	Negociante	Campânia (Sul)
Enrico Bolongaro (1888-1889)	Negociante	Piemonte (Norte)
Giuseppe Breviglieri (1890-1898)	Negociante	Lombardia (Norte)
Pascoal Alberti (1898-1898)	Amolador/Armeiro	Basilicata (Sul)
Vincenzo de Lucca (1898-1901)	Sapateiro	Calábria (Sul)
Giuseppe Grosso (1901-1902)	Artífice	Vêneto (Norte)
Vitor Zaccara (1902-1904)	Alfaiate	Basilicata (Sul)
Ângelo Franceschini (1904-1905; 1907-1908)	Proprietário de fábrica de cerveja e gelo	Toscana (Centro)

⁵⁷⁹ Ibidem, p. 35, 89.

⁵⁸⁰ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. *Impasses no novo mundo: imigrantes italianos na conquista de um espaço social na cidade de Jaú (1870-1914)*. São Paulo: Editora Unesp, 2008, p. 113-115.

Domenico Barsotti (1906-1907)	Negociante	Toscana (Centro)
Giovanni Moscardi (1908-1909; 1909-1910)	Guarda-livros	Vêneto (Norte)
Bellino Ongaro (1910-1911)	Mecânico	Vêneto (Norte)
Enrico Fortini (1911-1911)	Construtor	Toscana (Centro)
Giuseppe Bottari (1911-1911)	Proprietário de fábrica cerveja/Guarda-livros	Toscana (Centro)
Ântonio Finelli Magurno (1912-1912; 1915-1917)	Sapateiro	Campânia (Sul)
Francesco Tadini (1912-1914)	Caldeireiro/Funileiro	Toscana (Centro)
Irineu Checchia (1918-1920)	Alfaiate	Abruzzo (Centro)

Fonte: Elaborado pelo autor

À época de sua posse como primeiro presidente eleito da entidade, o piemontês Ernesto Lancia encontrava-se há poucos meses instalado em Campinas. Não obstante sua relação com esta última, em particular com os membros da colônia ali estabelecida, datasse, pelo menos, desde os fins dos anos de 1870, o médico optara por fixar residência anteriormente em outros municípios do território paulista. De São Carlos, onde se estabeleceu *a priori* inaugurando uma casa de saúde e casando-se com uma herdeira pertencente à quarta geração dos Arruda Botelho que mantinha negócios na localidade, Ernesto migrou para Mogi das Cruzes em julho de 1876 a fim de aproveitar uma nova oportunidade de trabalho. A simples repercussão de sua mudança de domicílio em meio às páginas do *Correio Paulistano*, conferindo destaque à chegada do respectivo profissional depois do mesmo veículo noticiar em algumas de suas edições a demanda dos habitantes que lá viviam por tais serviços, é mais um indicativo da carência de médicos nacionais no estado àquele momento.⁵⁸¹ De Mogi das Cruzes, onde permaneceu por cerca de seis meses, Ernesto arrumaria as malas novamente e partiria para outro – porém conhecido – destino: Piracicaba. Lugar de nascimento de Antonia, sua esposa, e tradicional reduto de terras dos Arruda Botelho – anterior a São Carlos inclusive –, o médico italiano desembarcava na cidade em janeiro de 1877.⁵⁸² Seja por razões familiares ou aspirações atreladas à carreira, o fato é que este segundo deslocamento interno feito por Ernesto também não resultou em uma alocação definitiva. Isso porque, em setembro de 1880, o doutor Lancia trocava o interior pela capital sob o pretexto de cuidar da própria saúde. É bem plausível, aliás, que, devido à sua extensa e privilegiada rede de articulações, conhecesse ou tivesse no mínimo boas recomendações acerca de algum companheiro de ofício radicado em São Paulo. De toda maneira, esse *status* de especialista tornado paciente foi bastante breve. Aproveitando a parcial estadia, Ernesto evitou distanciar-se por completo da profissão, prestando atendimento médico em um sobrado – provavelmente sua residência temporária –

⁵⁸¹ Idem.

⁵⁸² PIRACICABA. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 3, 10 jan. 1877.

situado à Rua do Comércio.⁵⁸³ Foi na virada do ano que o piemontês decidiu, enfim, regressar ao oeste cafeeiro. Mas nada de seguir até os sertões de Araraquara. Dessa vez, a parada era na zona central, precisamente em Campinas, onde, além de dedicar-se à Medicina, manteve-se à frente do *Circolo Italiani Uniti* por pouco menos de nove meses. Na assembleia geral do sodalício, realizada em 5 de março de 1882, Ernesto renunciava ao posto de presidente em virtude de outra mudança, agora para Itatiba, possivelmente influenciado por uma perspectiva de trabalho considerada mais atraente.⁵⁸⁴ Vale observar, conforme relatos da imprensa da época, que, a despeito do menor porte, tratava-se de um município que passava a contar com um emergente mercado consumidor constituído por operários, artesãos e comerciantes vindos da península. A título de exemplo, em julho daquele ano, Lancia já aderira a uma passeata promovida por patrícios ali arraigados em homenagem à memória de Giuseppe Garibaldi.⁵⁸⁵ Meses depois, em outubro, episódios envolvendo prisões e violentos conflitos entre policiais, populares e italianos que residiam na Rua Alegre respingavam no próprio doutor, acusado pelo vigário local, padre Francisco de Paula Lima, de incitar os imigrantes contra as autoridades.⁵⁸⁶ Ernesto faleceu em São Carlos em 11 de julho de 1884, deixando Antonia, sua companheira, com sete filhos.⁵⁸⁷

Sucessor de Lancia entre junho de 1882 e julho de 1886, Emílio Giorgetti desembarcara em Campinas em meados de 1878, logo após ter aportado com o navio *Bourgogne* no Rio de Janeiro aos 23 anos de idade. Tal qual mencionado, estabeleceu-se em princípio como professor de piano e canto, muito provavelmente ofertando aulas particulares. Ali conheceu e casou-se, em janeiro de 1880, com Augusta Florence, cinco anos mais nova, filha do respeitado casal Hércules Florence e Carolina Krug Florence. Natural da França, mas radicado em Campinas desde fins de 1829, Hércules trocara a vida de artista e inventor pela de fazendeiro antes mesmo de relacionar-se com a mãe de Augusta. Isso graças à propriedade que sua ex-sogra, Cândida Maria de Vasconcelos Barros, deixara via testamento aos filhos que ele tivera previamente com Maria Angélica de Vasconcelos, sua primeira esposa, finada em 1850. Já Carolina, alemã de nascimento e formada como pedagoga na Suíça, chegara à cidade bem depois de Hércules, precisamente em 18 de dezembro de 1852, acompanhada do pai, João Krug (fabricante de mosaicos artesanais de madeira), da mãe, Elisabeth Debus Krug, e de mais quatro irmãos, todos atraídos pelo sucesso do primogênito Jorge Krug, ali instalado

⁵⁸³ DR. ERNESTO LANCIA. *A Província de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 31 dez. 1880.

⁵⁸⁴ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Assembleias Gerais, 17 abr. 1881 a 12 abr. 1891*. Campinas, 5 mar. 1882, p. 24-25.

⁵⁸⁵ HOMENAGEM A GARIBALDI. *A Província de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 13 jul. 1882.

⁵⁸⁶ ITATIBA. *A Província de São Paulo*, São Paulo, p. 1, 10 dez. 1882.

⁵⁸⁷ PASSAMENTO. *A Província de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 17 jul. 1884.

como farmacêutico desde 1846. Foi justamente através da amizade mantida com Jorge, que, em janeiro de 1854, prestes a completar 50 anos de idade, Hércules contraía segundas núpcias com a jovem Carolina Krug, então com 26 anos. Em meio aos ganhos advindos das plantações de café da *Soledade* – fazenda onde Hércules estabeleceu-se inicialmente com a nova esposa e os filhos dos seus dois casamentos –, o casal decidira investir no *Colégio Florence*, instituição pioneira da educação feminina em Campinas. Com Carolina na direção pedagógica e Hércules na administração financeira, as atividades do colégio tiveram início em 3 de novembro de 1863, contemplando, principalmente, as filhas de fazendeiros do Oeste Paulista.⁵⁸⁸ Além de Augusta, encarregada das aulas de teatro, e Amador Bueno Machado Florence, enteado de Carolina responsável pelas disciplinas de Português, Francês e Desenho, o genro, Emílio, que também dirigia os concertos da *Sociedade Musical Carlos Gomes*, acabara incorporado ao corpo docente da instituição, cabendo ao toscano o ensino de música (figura 48).⁵⁸⁹ Em dezembro de 1895, já com o *Colégio Florence* transferido para Jundiá,⁵⁹⁰ – em razão da epidemia de febre amarela que assolara Campinas –, Giorgetti figurava como um dos pianistas da cerimônia de encerramento do ano letivo.⁵⁹¹ De volta à Itália em definitivo ao lado de Augusta, o músico viria a óbito em 28 de abril de 1928, mais exatamente na cidade de Florença.

Figura 48 - Emílio Giorgetti (ao centro), professoras e alunas do Colégio Florence



Fonte: Ribeiro⁵⁹²

⁵⁸⁸ MARQUESE, Rafael de Bivar. Exílio escravista: Hercule Florence e as fronteiras do açúcar e do café no Oeste paulista (1860-1879). *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 24, n. 2, mai./aug. 2016, p. 13-42.

⁵⁸⁹ RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. A educação das mulheres no século XIX: o colégio de Carolina e Hércules Florence de Campinas (1863-1889). *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, 2006, p. 2.

⁵⁹⁰ Fechado no início de 1889 em Campinas, o *Colégio Florence* voltou à ativa em agosto do mesmo ano na cidade de Jundiá.

⁵⁹¹ JUNDIAHY. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 1, 9 dez. 1895.

⁵⁹² *Ibidem*, p. 17.

Conterrâneo de província de Emílio, o também lucano Samuel Malfatti foi quem imediatamente o substituiu à frente do *Circolo*. O engenheiro, diga-se, manteve-se atuante no dia a dia da entidade desde a sua fundação. Seja durante a gestão do doutor Lancia ou sob a administração do professor Giorgetti, Samuel sempre ocupou o posto de vice-presidente. Além do reconhecimento institucional conferido pelo diploma previamente trazido de Bolonha, onde se graduou, e da diferenciada teia de relações à qual se vinculou na sociedade de destino mediante o trabalho efetuado no ramo da construção civil, Samuel era visto pelos demais associados como alguém cujos anos de experiência enquanto membro diretivo da mútua o credenciavam como um interlocutor suficientemente instruído no que diz respeito às atribuições, condições litúrgicas (prescrições que regiam a forma de manifestação pública de autoridade, a etiqueta das cerimônias, o código dos gestos e o ordenamento oficial dos ritos) e convenções (em matéria de momento, de instrumentos e mecanismos sociais) que abrangiam a presidência. De todo modo, apesar da autoridade delegada, sua permanência no cargo acabou durando pouquíssimo tempo. Em janeiro de 1887, enviava uma carta diretamente de São Paulo aos companheiros de sodalício comunicando o seu desligamento da função.⁵⁹³

Ao contrário, pois, do que é comumente reproduzido pela literatura nacional, Samuel não se mudou com a família para a capital paulista em 1889 a fim de fugir do temido surto de febre amarela. Aparentemente ele já se encontrava fora do interior por volta de novembro ou dezembro de 1886. Uma hipótese é que ele tenha seguido os passos do colega Ramos de Azevedo, a quem, conforme descrito anteriormente, havia auxiliado na conclusão das obras da matriz campineira, e que estava, àquele exato momento, de malas prontas a convite do então governador da Província, visconde de Parnaíba, para construir o edifício do Tesouro Nacional.⁵⁹⁴

Não se trata de afirmar aqui – mesmo porque não dispomos de nenhum registro incontestado para sustentar tal argumento – que Malfatti também chegou a colaborar com Ramos de Azevedo em seu primeiro projeto na cidade de São Paulo. O que se destaca, na verdade, é que o engenheiro toscano parece ter igualmente vislumbrado oportunidades profícuas de trabalho em meio às modernizações e à economia urbana da capital do estado. Ao desempenhar o papel de centro comercial e financeiro das riquezas produzidas pela região (Oeste Paulista) que lhe era tributária, e, conseqüentemente, converter-se em local de residência de muitos representantes da elite agrária, São Paulo se viu envolta por um

⁵⁹³ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 11 jun. 1884 a 7 jul. 1891*. Campinas, 21 jan. 1887, p. 172-173.

⁵⁹⁴ LEMOS, Carlos A. C. (1993). *Op. cit.*, p. 21.

pensamento urbanístico moderno que se apoiava pelo menos em três pilares: a noção de ordem e organização, a circulação e a saúde. Às recentes ruas e calçadas projetadas para passeio, somavam-se obras de saneamento e infraestrutura que visavam ao embelezamento da paisagem e ao enfrentamento de antigos e descabidos odores.⁵⁹⁵ Atento ao pulular dessa simbiose entre engenharia civil, planejamento urbano e higienismo, Samuel lançara-se em meio à abertura de licitações públicas apresentando propostas de calçamento, prolongamento e saneamento de vias. Em dezembro de 1889, mediante sociedade com o médico sanitarista Augusto César de Miranda Azevedo, venceu a concorrência com um projeto de intervenção a ser adotado na insalubre Várzea do Carmo com fins de combater a febre amarela na capital.⁵⁹⁶ No ano seguinte, Samuel voltava os olhos ao interior, dessa vez interessado em explorar os serviços de água, esgoto e energia elétrica em São Carlos através de uma firma – a *Malfatti & Higgins* – estabelecida em conjunto com o cunhado de sua esposa (Eleonora Elisabeth Krug), o engenheiro norte-americano Willian Higgins, oriundo do estado de Washington e casado com Anna Elvira Krug. É dessa aproximação com a respectiva localidade que provavelmente surgiu, ainda, a conexão com Francisco da Cunha Bueno – o visconde da Cunha Bueno –, expressivo produtor de café no município e que, no limiar de 1891, anunciava Samuel Malfatti como gerente do seu mais novo investimento: a *Companhia Melhoramentos de São Carlos do Pinhal*, empresa sediada em São Paulo, mas, tal qual o próprio nome sugere, destinada a dotar São Carlos das melhorias urbanas e rurais que o aludido capitalista julgasse necessárias (figura 49). Também nesta última, coube ao engenheiro toscano elaborar a planta da *Santa Casa de Misericórdia*, cuja pedra fundamental foi lançada em 1º de janeiro de 1894. Mais adiante, em outubro de 1896, possivelmente sem estar associado à época a outro empreiteiro, era a vez de Samuel ser remunerado pelas galerias de drenagem implantadas na bacia do Arouche (figura 50).

⁵⁹⁵ SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Metrôpole e paisagem: caminhos e descaminhos da urbanização. In: PORTA, Paula. (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 523.

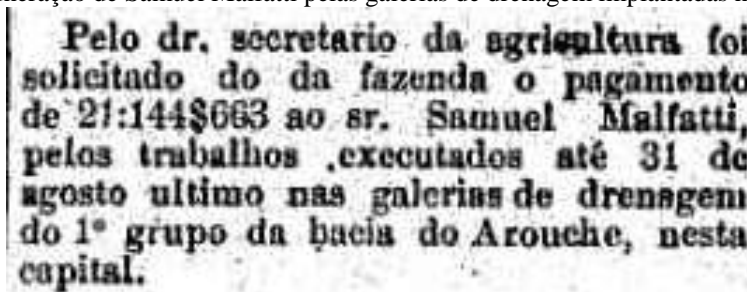
⁵⁹⁶ CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. *33ª Sessão Ordinária*. São Paulo, 30 dez. 1889, p. 389.

Figura 49 - Diretoria da Companhia Melhoramentos de São Carlos do Pinhal



Fonte: Correio Paulistano⁵⁹⁷

Figura 50 - Remuneração de Samuel Malfatti pelas galerias de drenagem implantadas na bacia do Arouche



Fonte: O Estado de São Paulo⁵⁹⁸

Conforme indicado, essa ligação de Malfatti com a construção civil extrapolava as fronteiras da vida profissional e penetrava diretamente no seu círculo familiar. Mais do que os laços instituídos por tabela com Higgins, convém salientar que sua companheira, a pintora norte-americana Eleonora Elisabeth Krug, com quem se casou em Campinas em outubro de 1887, era, nada mais nada menos, filha de Guilherme Krug, respeitado construtor alemão encarregado das edificações dos colégios *Internacional* e *Culto à Ciência* na década de 1870, e eventualmente auxiliar de Ramos de Azevedo.⁵⁹⁹ Conhecida pelos mais íntimos como “Beth”, a esposa de Malfatti era natural de Fresno, estado da Califórnia. Seu pai, irmão de Carolina e, por conseguinte, cunhado do já mencionado Emílio Giorgetti, patrício de Malfatti, era um dos integrantes da família Krug ali desembarcada em 1852. Ocorre que, em 1856, Guilherme migrava novamente, agora sozinho e em direção aos Estados Unidos. Lá, ademais de dedicar-se à carpintaria, apaixonou-se e contraiu matrimônio com Amely Catherine Bailey, do Missouri, filha de Gillum Reed Bailey, natural de Illinois e empossado juiz do condado de

⁵⁹⁷ COMPANHIA MELHORAMENTOS DE S. CARLOS DO PINHAL. *Correio Paulistano*, São Paulo, 31 mar. 1891, p. 2.

⁵⁹⁸ NOTAS E INFORMAÇÕES. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 out. 1896, p. 1.

⁵⁹⁹ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. *Registro paroquial de casamento de Samuel Malfatti e Eleonora Elisabeth Krug*. Campinas, 4 out. 1887, p. 348. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-4G9R-3K?i=466&cc=2177299>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

Fresno, e Permelia Meyers, do Tennessee. No entanto, devido aos efeitos da *Guerra de Secessão*, Guilherme decidiu retornar ao Brasil, trazendo consigo a esposa e os cinco filhos: Jorge, Artur, Eleonora, Anna e Samuel.

Somado ao sogro, Malfatti conseguiu tecer a partir do ramo da construção civil uma rede de relacionamentos que não apenas sedimentaram vínculos de compadrio, a julgar pelas presenças de Ramos de Azevedo e do seu respectivo amigo Francisco Glicério como testemunhas do enlace do toscano com Eleonora, como também abriram portas para que ele adentrasse na vida política do país de adoção no plano estadual, um feito bastante incomum em se tratando das trajetórias dos peninsulares aqui arraigados – limitados por um bom tempo à conquista de cargos municipais – e, em particular, dos dirigentes do *Circolo*, sequer implicados como vereadores. Se o analfabetismo, tão característico em grande parte da imigração italiana, não constituía um traço inerente ao cotidiano dos porta-vozes da mútua, é bastante plausível que a debilidade da participação política decorresse principalmente da histórica existência de uma densa elite fundiária que se sobressaía nos postos de poder em Campinas. Como bem lembra Truzzi,⁶⁰⁰ até o final da República Velha, a aristocracia rural manteve-se forte o suficiente para preservar o exclusivismo e excluir imigrantes e descendentes – mesmo aqueles mais privilegiados economicamente – do exercício da atividade política. Todavia, apesar do quadro adverso, nota-se que a mobilidade geográfica de Malfatti ao longo do estado fora acompanhada por um acúmulo de capital social, seja através de alianças de natureza profissional, seja através de afinidades de interesses econômicos com pessoas que consistiam fundamentalmente em agentes políticos. Francisco Glicério, por exemplo, padrinho do seu casamento, era um dos fundadores do PRP, foi Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (1890) e Deputado Federal por São Paulo (1890). Já o médico Augusto César de Miranda Azevedo, parceiro do engenheiro italiano em um projeto de saneamento na capital paulista, elegeu-se pela primeira vez para a Constituinte Estadual pelo mesmo PRP, com mandato de 1891 a 1892. Sem contar o visconde da Cunha Bueno, proprietário da empresa de melhoramentos urbanos em que Malfatti ocupara a posição de gerente, o qual foi vereador em Rio Claro no período de 1873 a 1876 e chefe do Partido Conservador em São Carlos. Sujeitos, portanto, dotados de um capital político, isto é, de um “capital de reputação, um capital simbólico ligado à maneira de ser conhecido”,⁶⁰¹ e cujos encadeamentos certamente contribuíram para Samuel tomar alguma ciência acerca das lutas,

⁶⁰⁰ TRUZZI, Oswaldo. (2007). *Op. cit.*, p. 191.

⁶⁰¹ BOURDIEU, Pierre. O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 5, jan./jul. 2011, p. 193-216.

forças e divisões intrínsecas ao microcosmo do campo político e angariar crédito para candidatar-se ao legislativo estadual. Vale lembrar que, “por ocasião do congresso constituinte do estado de São Paulo (1891), foi oferecida uma cadeira aos italianos naturalizados, e, na legislatura seguinte, duas”.⁶⁰² Tal movimento vinha na esteira de um decreto promulgado em 15 de dezembro de 1889, que determinava “que todo estrangeiro residente no Brasil há dois anos adquiria automaticamente a nacionalidade brasileira, salvo se fizesse formal declaração em contrário”.⁶⁰³ A única restrição constitucional, esclarece Fausto,⁶⁰⁴ referia-se aos cargos de presidente e vice-presidente da República. Foi, então, perante esse cenário que, em 1892, mediante a obtenção de 12.213 votos, Malfatti assumiu o inédito posto de deputado pelo PRP.⁶⁰⁵

É bem verdade que ele acabou cumprindo apenas um mandato – até 1894. Ainda no início, precisamente no mês de maio, ingressou com um pedido de licença e viajou temporariamente com a família até a região de Lucca a fim de obter auxílio médico para Anita, sua segunda filha – nascida após Alexandre –, à época com dois anos de idade, portadora de um problema crônico no braço direito.⁶⁰⁶ De volta a São Paulo, nota-se que o *background* como engenheiro e os anos de envolvimento com a construção civil desde a sua chegada ao Brasil levaram-no a ocupar um assento na comissão de Comércio, Indústria e Obras Públicas ao lado de importantes nomes vinculados à elite cafeeira, como Francisco Xavier Paes de Barros – o barão de Tatuí – e José Pereira de Queiroz. Além disso, face à essência do campo político enquanto um lugar onde seus membros travam lutas simbólicas e amiúde se apresentam como porta-vozes dos interesses de seus “semelhantes”, Malfatti buscou mobilizar seus capitais em prol da valorização da italianidade na sociedade hospedeira e, em particular, da inclusão da língua italiana no ensino paulista, seja para facilitar a adaptação de crianças imigrantes que atingiam a idade escolar, seja para atender a demanda daqueles peninsulares que, muito embora fossem pais de filhos brasileiros, desejavam inculcar em seus descendentes um sentimento de orgulho e familiaridade em relação à identidade cultural e linguística da pátria-mãe. Em 10 de junho de 1893, em meio à discussão em torno

⁶⁰² TRENTO, Angelo. (2015). *Op. cit.*, p. 200.

⁶⁰³ CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia*. Brasília: Editora UnB, 1992, p. 37-38.

⁶⁰⁴ FAUSTO, Boris. Imigração e participação política na Primeira República. In: Encontro da ANPOCS, 17, 1993, Caxambu. *Anais...* Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1993. p. 1-22.

⁶⁰⁵ ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *2ª Legislatura – 1892/1894*. Disponível em: <<https://app.al.sp.gov.br/acervohistorico/base-de-dados/republica-velha/deputados/segunda-legislatura-1892-1894/>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

⁶⁰⁶ EXPEDIENTE. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 2, 1 jul. 1892.

de um projeto referente à área da educação, o deputado apresentava uma emenda reivindicando a obrigatoriedade do ensino de italiano nos ginásios do estado. Conforme relata Cenni,⁶⁰⁷ a proposta foi acatada e o projeto convertido em lei em agosto do mesmo ano.

Dep. Malfatti: Acho que deve ser incluído o ensino da língua italiana, cuja necessidade, além de justificada pelo grande número de italianos que povoa nosso estado e pelas importantes relações que mantemos com a pátria italiana, é ainda comprovado pelo fato que a literatura italiana nos fornece um grande subsídio, do qual aproveitam os estudantes da nossa Faculdade de Direito e de outros Institutos de instrução. Acho portanto justificada a emenda que tenho a honra de apresentar e espero que a Câmara a tomará em consideração (aprovações). É lido e posto em discussão o projeto com a seguinte emenda do deputado Malfatti: Artigo 11, junte-se: o ensino da língua italiana. Encerrada a discussão, é aprovado o projeto com as emendas apresentadas.

Tampouco a escola do *Circolo Italiani Uniti* – a ser tratada mais adiante – fora esquecida por Malfatti. Em julho de 1894, era a vez de o engenheiro intermediar junto ao governo estadual a concessão de subsídios no valor de um conto e duzentos mil réis ao ensino primário ofertado por seus ex-companheiros de sodalício.⁶⁰⁸

É preciso ressaltar, contudo, que ao longo de sua trajetória o olhar e as ações de Malfatti em relação aos demais imigrantes italianos não estavam integralmente pautados em uma “genuína” solidariedade étnica. Ao final do seu mandato, em que pese o toscano tenha retomado trabalhos inerentes à sua formação profissional original, observa-se que ele também tentou explorar economicamente – aparentemente sem sucesso – o mercado de recrutamento de mão-de-obra estrangeira destinada às lavouras cafeeiras do estado. Sancionada por Manoel Ferraz de Campos Salles, a Lei nº 485, de 29 de dezembro de 1896, autorizava a abertura de concorrência pública com fins de viabilizar a contratação de 60 mil novos imigrantes a serem alocados em meio às respectivas plantações durante o ano de 1897. Em parceria com outro engenheiro, o paranaense Joaquim Branco, graduado pela Escola de Engenharia do Rio de Janeiro e herdeiro do proprietário de terras Joaquim Matheus Branco, Malfatti propunha recrutar 20 mil trabalhadores europeus, sendo 16 mil italianos e 4 mil austríacos.⁶⁰⁹

Samuel faleceu na capital paulista em 29 de dezembro de 1902, deixando a esposa Eleonora e quatro filhos: Alexandre, Anita, Guilherme e Georgina. Destes, apenas Guilherme enveredou pela construção civil. Depois de herdar o escritório de seu tio, o engenheiro e professor norte-americano George Krug, formado pela Universidade da Pensilvânia, proeminente colaborador de Ramos de Azevedo e catedrático da Escola Politécnica de São Paulo, Guilherme investiu na carreira de arquiteto, graduando-se pela Escola de Belas Artes

⁶⁰⁷ CENNI, Franco. *Italianos no Brasil: andiamo in Merica*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2011, p. 326.

⁶⁰⁸ DIÁRIO OFICIAL. *Contractos e subvenções*. 29 jul. 1894, p. 10939.

⁶⁰⁹ IMMIGRAÇÃO. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 1, 30 jul. 1897.

de São Paulo, em 1933. Foi igualmente graças ao patrocínio de George Krug, que Anita seguiu para o exterior com o intento de concluir os estudos. Primeiro na Alemanha (a partir de 1910), e na sequência em Nova Iorque (entre 1914 e 1916), convertendo-se em uma pintora modernista de renome internacional.⁶¹⁰

Quando da saída de Samuel da presidência do *Circolo*, quem o substituiu por alguns meses à frente da entidade não apenas carregava o mesmo sobrenome, como também era proveniente da província de Lucca. Tratava-se de Maurício Malfatti, um carpinteiro que, a despeito das coincidências preliminares, parecia não possuir vínculos de parentesco com Samuel. Aliás, a exemplo do conterrâneo, Maurício, que desembarcara em Campinas acompanhado pela lucana Carlota, sua esposa, empregou-se inicialmente em meio às obras da nova *Igreja Matriz*, figurando na folha de pagamentos de Cristoforo Bonini, engenheiro-arquiteto responsável pelo empreendimento desde 1876. Posteriormente, mesmo com a transferência da coordenação das obras para as mãos de Ramos de Azevedo, Maurício permaneceu em seu posto. É daí, inclusive, que aparenta ter nascido uma relação mais estreita entre ambos. No batismo de Laura, segunda filha do casal Maurício e Carlota, celebrado na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em 23 de abril de 1882, constavam como padrinhos ninguém menos do que Ramos de Azevedo e sua esposa Eugênia Lacaze.⁶¹¹

Após fazer parte do grupo de trabalhadores italianos contratado para finalizar a edificação da matriz campineira, Maurício tomou a iniciativa de investir no próprio negócio, abrindo uma oficina de carpintaria na Rua Onze de Agosto, onde passou a empregar outros patrícios. O ex-patrão e agora compadre Ramos de Azevedo continuava a requisitar os serviços do toscano. Em 25 de dezembro de 1885, ocasião em que se promovia a 1ª Exposição Regional de Campinas, evento, conforme discute Benjamin,⁶¹² tratado como um símbolo da modernidade, organizado no rastro do crescente afã pela exibição e veneração dos produtos do trabalho (sobretudo industriais), Ramos apresentava o “Chalé dos Construtores”, um pavilhão de madeira portátil à base de peroba e pinho da região, erigido graças à colaboração de Maurício e outros artífices, inspirado nos moldes dos chalés suíços, “destinado à exposição de pequenos modelos de pontes e prédios, trabalhos de pedra, madeira, tijolos e ferro, objetos

⁶¹⁰ ATIQUE, Fernando. *Arquitetando a “boa vizinhança”*: a sociedade urbana no Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945. 2007. 467f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 2007, p. 220.

⁶¹¹ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. *Registro paroquial de batismo de Laura Malfatti*. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-VV3P-6?i=441&cc=2177299>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

⁶¹² BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 24.

fornecidos por operários e mestres construtores da cidade”, que expunham novidades materiais e técnicas diversificadas.⁶¹³

À medida que o meio urbano se configurava a reboque da economia cafeeira e os indivíduos tornavam-se cada vez mais dependentes de fornecedores ante a intensificação da divisão do trabalho, Maurício Malfatti foi adquirindo certa notoriedade e ampliando sua rede de ligações cotidianas em função de sua aptidão para lidar com objetos ou obras que demandavam a madeira como matéria-prima. O comerciante e capitalista Antônio Joaquim Gomes Tojal, responsável pela construção do novo mercado local de hortaliças, estabelecimento inaugurado em dezembro de 1886, providenciou junto ao toscano a confecção de 40 mesas a serem distribuídas no espaço interno do edifício de modo a atender os quitandeiros que ali comercializariam seus produtos.⁶¹⁴ Se Malfatti aspirava em meio aos condicionantes da sociedade receptora uma possibilidade maior de escapar à proletarização em curso no país de origem, é igualmente nela que acabara estabelecendo laços societários com conterrâneos pertencentes ao mesmo círculo econômico como forma de viabilizar uma relativa autonomia e sua realização profissional. Nesse sentido, nascia, ainda em fins da década de 1880, em parceria com o pedreiro e também lucano José Massagli, a *Malfatti & Massagli*, empresa destinada à construção e reforma de prédios urbanos. Vale destacar, a propósito, que um dos primeiros empreendimentos assumido pela respectiva dupla, a edificação da Hospedaria de Imigrantes de Campinas, visava, à semelhança do estabelecimento existente na capital paulista, assistir os inúmeros trabalhadores estrangeiros – predominantemente italianos – que chegavam à cidade. Não é demais lembrar que Campinas constituía uma região do entroncamento das companhias Paulista e Mogiana, sendo, portanto, ponto obrigatório de parada até para aqueles passageiros que seguiriam viagem rumo a outros destinos do interior. Mas tal condição por si só não fazia da “Princesa do Oeste” um lugar devidamente preparado para acolher essa turba, que, muitas vezes desamparada e sem recursos, vagava à procura de abrigo e direção. Conforme descreve Teixeira,⁶¹⁵ foi justamente a partir das repercussões em torno da crescente circulação de uma multidão de imigrantes em meio à vida urbana local, que autoridades da Câmara Municipal decidiram levar a cabo a ideia de erigir um alojamento que fosse capaz de recebê-los, buscando, para isso, apoio governamental junto a esferas superiores.

⁶¹³ TONON, Maria Joana. *Higiene: herdeira da teoria miasmática. Campinas no século XIX*. 2015. 421f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2015, p. 274.

⁶¹⁴ NOVO MERCADO DE CAMPINAS. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 3, 18 dez. 1886.

⁶¹⁵ TEIXEIRA, Paulo Eduardo. Hospedaria de Imigrantes de Campinas: descontinuidade de um projeto na transição do Império para a República. In: TRUZZI, Oswaldo. (org.). *Migrações internacionais no interior paulista: contextos, trajetórias e associativismo*. São Carlos: EdUFSCar, 2021, p. 92-93.

Em que pese o próprio Governo Imperial de Dom Pedro II reconhecesse a necessidade de investir em serviços de acolhimento aos imigrantes, uma vez que o projeto “de substituição do trabalho escravo era urgente e carecia de rápidas respostas”, este vinha enfrentando simultaneamente graves problemas financeiros.⁶¹⁶ Assim, segundo Teixeira,⁶¹⁷ com a queda da monarquia em 1889, acompanhada da organização do regime republicano no Brasil, foi apenas em 1890 que se iniciou oficialmente o processo de construção de um prédio para abrigar os estrangeiros recém-desembarcados em Campinas. De acordo com Segawa,⁶¹⁸ partiu *a priori* do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, mediante manifestação datada de 26 de julho, a autorização para a aquisição de um terreno propício à realização da aludida obra. Logo depois, em novembro, era a vez de o delegado da Diretoria de Terras e Colonização de São Paulo finalmente lançar o edital de concorrência pública para os interessados em tocar a empreitada.⁶¹⁹

Proponentes do projeto selecionado, os sócios Maurício Malfatti e José Massagli começaram a erguer o alojamento em 19 de janeiro de 1891. Localizada na Rua Francisco Theodoro com fundos na Rua Salles Oliveira – hoje Vila Industrial –, a hospedaria foi planejada para ocupar uma área de quase oito mil metros quadrados.⁶²⁰ Segundo Teixeira,⁶²¹ o esboço de sua planta previa um complexo formado por quatro edifícios,

[...] com entrada pelo prédio da “administração”, onde havia o controle das bagagens recebidas e expedidas por meio de duas salas para essas operações, um corredor de entrada com acesso ao “refeitório”, que ficava anexo, e escada de madeira que levava ao 1º andar. Foram construídos dois dormitórios, um de “recebimento” e outro de “expedição”, que ficavam em posições opostas um ao outro e paralelamente ao refeitório, que ficava na parte central [...]. Finalmente, a “enfermaria”, ladeada por dois “tanques” e latrinas.

O que Malfatti não esperava, contudo, é que o acirramento de um impasse econômico e político envolvendo a União e o governo paulista fosse capaz de interromper o seu trabalho de construção da hospedaria pouco depois de dar início a ele. Conforme detalha Teixeira,⁶²² em julho de 1891 a Câmara Municipal de Campinas já manifestava contrariedade junto ao Presidente do estado de São Paulo em função da lentidão no andamento da edificação. Em junho do ano seguinte, as reclamações não só prosseguiram, como se intensificaram, dada a

⁶¹⁶ Ibidem, p. 96.

⁶¹⁷ Idem.

⁶¹⁸ SEGAWA, Hugo. Arquiteturas de hospedarias de imigrantes. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 30, 1989, p. 31.

⁶¹⁹ TEIXEIRA, Paulo Eduardo. Hospedaria de Imigrantes de Campinas: descontinuidade de um projeto na transição do Império para a República. In: TRUZZI, Oswaldo. (org.). *Migrações internacionais no interior paulista: contextos, trajetórias e associativismo*. São Carlos: EdUFSCar, 2021, p. 97.

⁶²⁰ ALOJAMENTO DE IMMIGRANTES EM CAMPINAS. *Revista de Engenharia*, Rio de Janeiro, p. 348, s.d..

⁶²¹ Ibidem, p. 101.

⁶²² TEIXEIRA, Paulo Eduardo. (2021). *Op. cit.*, p 102.

precoce paralisação das obras. Mesmo quando a União oficializou a transferência do controle dessa construção para o governo de São Paulo em março de 1893, este último não chegou a finalizá-la. Logo, em meio à falta de acabamentos, como escadas, muros e sanitários, abriu-se uma disputa judicial entre ambos os poderes acerca da posse do conjunto de edifícios. A contenda arrastou-se por vários anos, de forma que um acordo definitivo fora selado somente em março de 1909. Após comprar da União a propriedade desse complexo, o governo de São Paulo conseguiu revendê-lo à Companhia Mogiana pelo dobro do valor pago. Inevitavelmente, essa descontinuidade de obras levou ao sucateamento da inacabada Hospedaria dos Imigrantes de Campinas, cujas instalações, a despeito do estado precário, foram ainda utilizadas no período de 1904 a 1909, acolhendo cerca de 1.500 pessoas que por ali passaram.

Para compensar a malsucedida empreitada, Malfatti e seu sócio adicionaram ao portfólio da firma outros contratos de expressão, tais como as reformas para a estadualização do *Colégio Culto à Ciência*, a abertura da Avenida Barão de Itapura e a implantação do ramal férreo de Cabras.⁶²³ Dessa duradoura sociedade constituída ante um emergente mercado orientado a prover a cidade de uma conveniente infraestrutura técnica, delineou-se uma alargada trama de relações que entrelaçava as famílias de ambos os lucanos. Além de padrinho de Luiz, filho de Maurício, batizado na Paróquia Nossa Senhora da Conceição em 26 de outubro de 1886,⁶²⁴ José Massagli era cunhado de Ana, primogênita do seu respectivo societário, casada na mesma igreja em 29 de novembro de 1888 com o construtor Adolfo Massagli.⁶²⁵

Em substituição a Maurício Malfatti, o próximo presidente do *Circolo* não exercia exatamente um ofício de caráter industrial. Trazia, sim, uma experiência profissional herdada do Velho Mundo, porém, longe de estar atrelada ao manuseio de matérias-primas ou à produção em escala artesanal. Eleito para o cargo na assembleia geral de 31 de julho de 1887, Horácio Scrosoppi era um professor de Geografia de 27 anos de idade recém-chegado à Campinas. Embora fosse filho de italianos, o educador, em contraste com os demais *oriundi* cujas trajetórias são aqui destrinchadas, nasceu fora da península, isto é, em Esmirna, na

⁶²³ ABRAHÃO, Fernando Antônio. *Padrões de riqueza e mobilidade social na economia cafeeira: Campinas, 1870-1940*. 2015. 234f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2015, p. 166.

⁶²⁴ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. *Registro paroquial de batismo de Luiz Malfatti*. Campinas, 26 out. 1886. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-VJBB-W?i=33&cc=2177299>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

⁶²⁵ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. *Registro paroquial de casamento de Adolfo Massagli e Ana Malfatti*. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-4G9P-NF?from=lynx1UIV8&treeref=LT1L-X9N&i=112>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

Turquia, justamente quando seu pai, Antonio Scrosoppi, lá estava estabelecido como cônsul.

Após iniciar os estudos na própria cidade, no Colégio dos Maristas, Horácio partiu para a Itália, matriculando-se no Colégio Militar de Florença. Na sequência, mudava novamente de domicílio, dessa vez rumo à Montpellier, na França, onde concluiu o ensino superior. Ministrou aulas em alguns países da Europa e chegou a abrir uma escola particular na Itália. Veio para o Brasil em 1876 e, ao que tudo indica, radicou-se em Itatiba a princípio.⁶²⁶ Nesta, casou-se com a itatibense Adelaide Condé, fundou o *Colégio Itatibense* e ainda conheceu Ernesto Lancia, primeiro presidente do *Circolo*, com quem esteve presente no préstito realizado pela comunidade italiana local quando do falecimento de Giuseppe Garibaldi.⁶²⁷

Horácio renunciou à presidência do *Circolo* em 15 de janeiro de 1888, possivelmente para se dedicar à organização do *Instituto Campineiro*, escola que inaugurou em 1º de julho (figura 51). Na década seguinte, mudava-se com a esposa para Amparo. Ali tiveram seis filhos, cujo sustento provinha, sobretudo, de outro estabelecimento de ensino criado por Horácio: o *Instituto Amparense*. É provavelmente durante essa estadia que Horácio, aproveitando o embrionário mercado de obras didáticas, também publicara o seu primeiro livro no Brasil, intitulado “Instrução Moral” (1892), no qual fornecia aos docentes algumas orientações a respeito do desenvolvimento das aulas. No início do século XX, depois de atuar como uma espécie de pequeno empreendedor no ramo da educação no interior paulista, Horácio decidiu estabelecer-se com a família na cidade de São Paulo. Poliglota, empregou-se inicialmente como professor de inglês no tradicional Colégio Diocesano.⁶²⁸ Não demorou muito, porém, para que voltasse a investir em uma escola própria. Em 1906, Horácio mantinha em funcionamento o Instituto Scrosoppi, situado na Rua Conselheiro Nébias (figura 52). De toda maneira, foi graças ao seu “capital cultural objetivado”⁶²⁹ que o respectivo educador se notabilizou de fato. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), Horácio Scrosoppi tornou-se uma referência teórica a nível nacional ao produzir uma série de livros didáticos de Geografia.⁶³⁰ Seu falecimento, ocorrido em 25 de março de

⁶²⁶ PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Dicionário de ruas: histórias das ruas de São Paulo*. Disponível em: <<https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

⁶²⁷ HOMENAGEM A GARIBALDI. *A Província de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 13 jul. 1882.

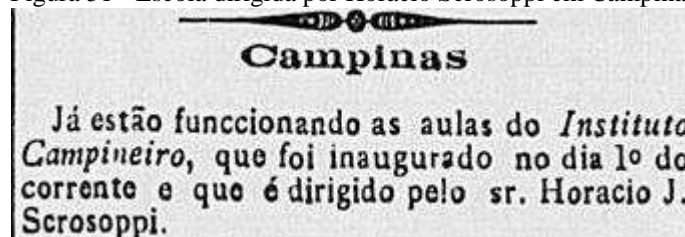
⁶²⁸ NOTAS E INFORMAÇÕES. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 3 jul. 1904.

⁶²⁹ BOURDIEU, Pierre. (1986). *Op. cit.*, p. 19-20.

⁶³⁰ SILVA, Jeane Medeiros. *A bibliografia didática de Geografia: história e pensamento do ensino geográfico no Brasil (1814-1930)*. 2012. 413f. Tese (Doutorado) – Instituto de Geografia, UFU, Uberlândia, 2012, p. 92-95.

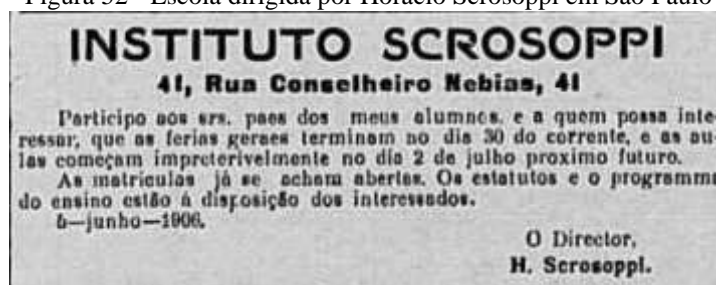
1928, foi retratado pela imprensa paulistana como uma grande perda aos círculos intelectuais da época.⁶³¹

Figura 51 - Escola dirigida por Horácio Scrosoppi em Campinas



Fonte: Correio Paulistano⁶³²

Figura 52 - Escola dirigida por Horácio Scrosoppi em São Paulo



Fonte: Correio Paulistano⁶³³

Encarregado de suceder a breve gestão de Horácio Scrosoppi, o já citado Rocco de Marco é, talvez, dentre os presidentes do *Circolo* que conferiam forma a uma elite étnica italiana em Campinas, aquele que melhor simboliza o conceito de *self-made-man*.⁶³⁴ Aclamado presidente de honra em junho de 1885, Rocco era tratado pelos demais filiados como um exemplo irrepreensível de um compatriota com uma trajetória bem-sucedida. Ademais das inúmeras contribuições monetárias ao sodalício, consistia em alguém que representava rigorosamente o apego ao trabalho e atitude empreendedora, elementos incorporados pelos imigrantes italianos na sociedade hospedeira, sobretudo por aqueles que lograram se estabelecer como proprietários, como constituintes de sua identidade étnica e, portanto, em oposição à suposta indolência dos negros, estigmatizados pelos fazendeiros como um grupo que só trabalhava porque era obrigado, e até mesmo à fama de rudes e ignorantes dos colonos.⁶³⁵

Ao trocar, no ápice de sua juventude, o cotidiano como simples agricultor em um vilarejo do sul da Itália pela vida de vendedor ambulante na sociedade campineira, Rocco foi gradualmente se convertendo em um “ser móvel por excelência”,⁶³⁶ que perambulava aqui e

⁶³¹ HORÁCIO SCROSOPPI. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 8, 27 mar. 1928.

⁶³² CAMPINAS. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 2, 8 jul. 1888.

⁶³³ INSTITUTO SCROSOPPI. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 5, 6 jun. 1906.

⁶³⁴ HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital, 1848-1875*. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015, p. 228-229.

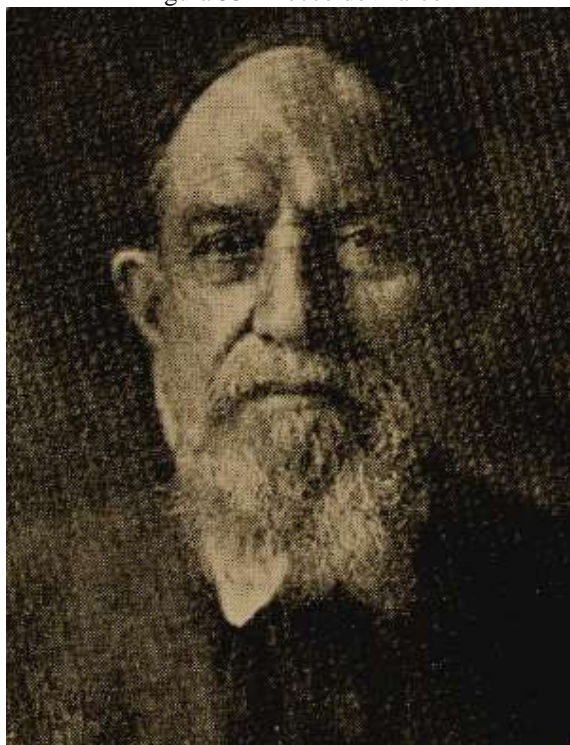
⁶³⁵ TRUZZI, Oswaldo. (2016). *Op. cit.*, 2016, p. 40-41.

⁶³⁶ WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 499.

acolá para oferecer produtos, vendê-los, trocá-los. Percorrendo fazendas, negociando com colonos e proprietários, extrapolava o próprio círculo social, penetrava em outros, sempre a ofertar mercadorias e em busca de boas oportunidades, caminhos que lhe renderam, inclusive, um singular enlace com Theodora da Cruz, herdeira de uma abastada parentela de base fundiária. Graças ao árduo trabalho como mascate em uma cidade que florescia à sombra dos estímulos da economia cafeeira, somado, posteriormente, aos vínculos estreitos com as elites dominantes locais, Rocco resolveu empreender os recursos acumulados no mercado de produtos alimentares, bem como em firmas comerciais de importação, operações bancárias, remessas de valores e venda de passagens à Itália (figura 53).

[...] Os mascates, [...] mais “soltos”, “desgarrados” no tecido econômico e social, nunca tiveram, por isso mesmo, um limite próximo, uma perspectiva de ascensão delimitada estruturalmente, como a das classes trabalhadoras no campo, ou fabris. À sua frente se abriu um horizonte sempre relativamente mais amplo de possibilidades de melhoria de vida [...]. Obviamente uma das regras implícitas do jogo era a de que o trabalho de mascateação constituía uma condição provisória, um estado de passagem necessário à acumulação do primeiro pecúlio [...]. A “acumulação primitiva”, digamos assim, era função exclusiva do esforço próprio, individual do mascate. Trabalhando duro e gastando o mínimo para sobreviver, era relativamrnte segura a possibilidade de se amealhar certo capital, sobretudo para os indivíduos solteiros, que vieram sem a família [...].⁶³⁷

Figura 53 - Rocco de Marco



Fonte: CMU⁶³⁸

⁶³⁷ TRUZZI, Oswaldo. (2009). *Op. cit.*, p. 55-56.

⁶³⁸ CMU. *Livro de presença dos funerais de Rocco de Marco*. Campinas, 30 jun. 1919, p. 3.

Embora tenha inaugurado, em outubro de 1883, uma pequena fábrica de moer trigo em parceria com o lucano Romano Lippi e outros três patrícios, Rocco apostava no comércio propriamente dito como sua principal atividade econômica.⁶³⁹ Tanto que, ao iniciar o mandato como presidente da mútua, a produção de farinha já não fazia mais parte do seu rol de negócios. Àquela altura, a fonte de renda do meridional provinha substancialmente de um depósito localizado na Rua General Osório, onde vendia açúcar e aguardente no atacado, e de um armazém de secos e molhados mantido em funcionamento na Avenida Senador Saraiva.⁶⁴⁰

Mas o elevado prestígio desfrutado perante os companheiros de associação, bem como a prosperidade na vida profissional decorrente da comercialização de gêneros de primeira necessidade eram provavelmente tensionados à época por uma situação no mínimo embaraçosa que Rocco de Marco passava a experienciar dentro do próprio âmbito familiar. Sua primeira e única filha, Francisca, então com apenas três anos de idade, era fruto de um relacionamento extraconjugal que tivera com a campineira Ana Cândida Rangel, sobrinha, nada mais nada menos, de sua esposa Theodora.⁶⁴¹ Aliás, ao examinar os autos de inventário de Rocco, finado em 29 de junho de 1919, aos 77 anos, nota-se que, poucos meses antes do seu óbito, precisamente em janeiro, já viúvo – Theodora havia falecido em outubro de 1907 – e ciente da complexidade do estatuto de bastarda de Francisca – sua mãe também morrera em novembro de 1913 –, ele buscava encontrar algum meio para que ela, a despeito da legislação vigente não reconhecer filhos adulterinos, pudesse herdar seu patrimônio. Orientado na ocasião pelo tabelião Alberto Ferraz de Abreu, Rocco optou por formalizar em cartório uma escritura de adoção da própria filha, manobra que acarretara, mesmo depois de sua morte, uma controversa disputa judicial em torno do espólio, a qual colocava Francisca e o marido Mário Gatti – este último inventariante do sogro – em lado oposto ao dos sobrinhos do negociante italiano que relutavam em aceitar a moça como herdeira.⁶⁴²

No que tange, em particular, à sua gestão à frente do *Circolo*, observa-se que, à semelhança do antecessor, Rocco de Marco permaneceu poucos meses na função de presidente. Em 15 de julho de 1888, decidia passar o “bastão” ao piemontês Enrico

⁶³⁹ CAMPINAS. *A Província de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 24 out. 1883.

⁶⁴⁰ SECKLER, Jorge. *Almanach da Província de São Paulo, Administrativo, Commercial e Industrial para 1888*. São Paulo: Jorge Seckler & Comp., 1887, p. 375-393.

⁶⁴¹ Ana Cândida Rangel era filha do capitão Bento Bernardes Rangel com Gertrudes Serina da Cruz, irmã de Theodora da Cruz. Segundo transcrito nos autos do inventário de Rocco de Marco, quando do nascimento de sua filha Francisca, fruto do seu relacionamento com Ana Cândida Rangel, esta última era viúva de Antônio de Oliveira Cruz, seu próprio tio. Posteriormente, Ana casou-se mais duas vezes: com o italiano Nicolau de Angelis e com Carlos Cardoso de Moraes, ambos amigos de Rocco.

⁶⁴² TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Autos de inventário de Rocco de Marco, 3º Ofício, nº 8033*. Campinas, 1919-1920, p. 1-292.

Bolongaro, sócio-gerente da casa de importação *Aos Alpes Bolongaro, R. de Marco & Cardoso*, estabelecimento que o sulista inaugurara ao lado do patrício e do itatibense Carlos Cardoso de Moraes no térreo do próprio sobrado em que vivia com a família, situado na Rua 13 de Maio, exatamente defronte à estação da Companhia Paulista. Tal qual um típico *self-made-man*, Rocco rearranjava os seus investimentos pela cidade seguindo a lógica da obtenção do lucro. Ambicioso, dotado de energia e, evidentemente, competente, suas distrações eram mínimas. Em 1889, ainda em sociedade com Bolongaro e Cardoso, concentrava a venda por atacado de açúcar, aguardente e outros alimentos em um prédio localizado na Rua do Bom Jesus – atual Avenida Campos Salles. O casarão onde morava também passava a acomodar mais uma atividade: uma agência bancária que lidava com as remessas da numerosa colônia italiana à mãe-pátria. Na virada do século, Rocco enfim transformava o edifício da Rua 13 de Maio em seu centro comercial definitivo, provavelmente apostando que a sua estratégica localização e o intenso movimento gerado pela ferrovia lhe seriam lucrativos. Enquanto o andar superior abrigava o aconchegante lar que compartia com Francisca e Theodora, o térreo era inteiramente voltado aos negócios. Usufruindo de uma licença do *Brasilianische Bank*, dedicava-se à importação e ao comércio de mercadorias, operações cambiais e à venda de passagens aos imigrantes através de uma representação da companhia de navegação *La Veloce* (figura 54).

Residir no mesmo lugar onde se trabalha é [...] sintoma de outro atributo bem mais importante da mentalidade dos empresários imigrantes. Refiro-me aos excessos de controle pessoal direto e à difícil delegação de autoridade normalmente presente nessas empresas. Cuidar de tudo, desde decisões cruciais para a firma até os mais ínfimos detalhes do cotidiano da empresa; tudo é assunto e motivo para uma cerrada supervisão sob os “olhares do dono” ou de seu representante do seu círculo familiar.⁶⁴³

Figura 54 - Sobrado de Rocco de Marco: residência e negócios na Rua 13 de Maio



Fonte: Cidade de Campinas⁶⁴⁴

⁶⁴³ TRUZZI, Oswaldo. (2007). *Op. cit.*, p. 183.

⁶⁴⁴ ROQUE DE MARCO & COMP. *Cidade de Campinas*, Campinas, p. 3, 6 mar. 1901.

Pioneiro da parentela de Marco em cruzar o Atlântico, Rocco acabou agindo a partir do sucesso econômico obtido como um elemento de atração para que parentes igualmente se estabelecessem ali. Após sondar oportunidades, enfrentar o período mais crítico de adaptação à nova terra e tecer laços com diferentes grupos, o meridional logrou acumular informações e recursos que lhe permitiram acolher posteriormente dois irmãos e suas respectivas famílias. A primeira a responder aos incentivos de Rocco foi Ângela, que deixou a região da Campânia acompanhada do marido Francisco Jannuzzi. Na sequência, era a vez de Giuseppe aproveitar os contatos, dicas e favores familiares, emigrando na companhia da esposa Antonia Crisciullo e da filha Francisca.

Assim como os autos de inventário são reveladores dos cabedais que Rocco acumulara além-mar, tais documentos são igualmente fecundos porque ajudam em certa medida a desnudar os círculos sociais e econômicos em que o aludido empreendedor estava inscrito, as redes de solidariedade mantidas no seio da própria colônia, as conexões com oligarquias locais e imigrantes de outras nacionalidades, eventuais conflitos envolvendo a vida particular, ou seja, a série de posições por ele ocupadas ao longo de sua trajetória. Ao esmiuçar essa documentação, foi possível constatar que, muito embora Rocco não tivesse formalizado o seu testamento em tempo hábil, ele aparentava possuir uma nítida noção sobre os destinos que pretendia conferir a cada um dos seus bens. Uma das manifestações anexas ao inventário é assinada pelo já mencionado tabelião Alberto Ferraz de Abreu, na qual ele apresentava justamente uma minuta do testamento de Rocco de Marco armazenada em seu cartório. Paralelamente à intenção de doar imóveis, ações de empresas (Mogiana e Companhia Campineira de Água e Esgotos) e valores monetários a familiares, Rocco reservava uma parte considerável a ser destinada para instituições de caridade e associações étnicas nas quais gozava de prestígio. Se a importância (dez contos de réis) deixada ao *Circolo Italiani Uniti* correspondia a uma forma de retribuir (e seguir estimulando) um espaço que visava aglutinar os peninsulares e proporcionar – ainda que por vezes de maneira mitificada – uma (re)aproximação em relação à cultura e aos costumes da pátria-mãe, a contribuição (cinco contos de réis) endereçada à *Sociedade Portuguesa de Beneficência* refletia um reconhecimento mútuo entre representantes de elites étnicas distintas, existente pelo menos desde 1889, ocasião em que Rocco ajudou o grupo de lusitanos a arcar com os gastos decorrentes dos serviços prestados às vítimas da epidemia de febre amarela. Como resultado, aos títulos simbólicos de membro fundador e presidente honorário da agremiação italiana, o

negociante acumulava simultaneamente o designativo de sócio benemérito junto à coletividade lusa.⁶⁴⁵

Mas essa reputação angariada por Rocco de Marco no transcorrer da vida cotidiana encobria uma incômoda desarmonia presente em seu círculo familiar. E o motivo, conforme mencionado anteriormente, girava em torno da filha que nascera a partir de um relacionamento mantido pelo *oriundi* fora do casamento. Sem desconsiderar os interesses de ordem econômica da parte de alguns parentes de Rocco, cabe acrescentar que a controversa situação relativa à Francisca aparentava também afetar uma sensível gramática moral que se consorciava com a identidade gradualmente construída pelos imigrantes italianos mediante a veiculação da imagem de um grupo devotado ao trabalho árduo e honesto. É como se Francisca, fruto de uma relação rotulada como espúria, representasse uma mácula, um deslize, um desvio pontual na trajetória de um peninsular percebido como honrado, trabalhador e bem-sucedido, sendo por isso indigna de ser tratada como uma legítima herdeira do mesmo.

Contrários à possibilidade da prima, uma bastarda, acessar o patrimônio do próprio pai, José Januzzi, Francisca de Marco Januzzi e Francisca Januzzi Purchio, os três sobrinhos de Rocco, contrataram os serviços de um escritório de advocacia de São Paulo para levar o caso à Justiça. Apesar da influência e dos filtros aplicados pelos advogados naquilo que entra em um processo, vale dizer, as categorias da lei, estratégias e o vocabulário dos depoimentos de seus clientes – escritos em terceira pessoa –, um olhar acurado sobre os elementos constitutivos das versões apresentadas permite captar os usos que os personagens envolvidos fazem das narrativas.⁶⁴⁶ Em meio às interpretações baseadas no código civil nacional para arguir o porquê de Francisca supostamente não ter direito à herança de Rocco, figuravam índices que aludiam à nacionalidade deste último e até ao caráter de Mário Gatti, genro e então inventariante do finado negociante. Em outras palavras, mobilizavam-se qualidades ou atributos referentes aos respectivos atores considerados pertinentes à armação de uma narrativa.⁶⁴⁷ Alegava-se, assim, que, por ser italiano, Rocco estava igualmente sujeito à legislação do país de origem, e esta, à semelhança da brasileira, tampouco reconhecia os descendentes oriundos de relacionamentos extraconjugais. Sobravam ainda acusações de que o médico napolitano havia sonogado um testamento previamente assinado pelo sogro, o que

⁶⁴⁵ PASSOS, Benedito da Cruz. (1966). *Op. cit.*, p. 215.

⁶⁴⁶ MONSMA, Karl. Histórias de violência: inquéritos policiais e processos criminais como fontes para o estudo de relação interétnicas. In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TRUZZI, Oswaldo. (orgs.). *Estudos migratórios: perspectivas metodológicas*. São Carlos: EdUFSCar, 2005, p. 160.

⁶⁴⁷ *Ibidem*, p. 172-173.

talvez fossem indícios de um desentendimento já enraizado ou mesmo de um acentuado ciúme devido à relação de confiança existente entre Rocco e o marido de sua filha.

Comparar tais relatos com as versões de Francisca e Gatti, ainda que estas estivessem também impregnadas das orientações e intervenções de seus advogados, é fundamental porque, mais do que trazer à tona os pontos de divergência e outros ângulos do caso, possibilita visualizar o que de fato importa a esta tese, que é o capital social acumulado por Rocco de Marco na sociedade hospedeira. Nesse sentido, à medida que os doutores Paulo Lobo e Pelágio Lobo, profissionais designados pelo casal para empenhar-se na legitimação de Francisca e sua prole (Theodora, Átila e Roque) como beneficiários do espólio do abastado meridional, contrargumentavam que, embora o código civil nacional não reconhecesse automaticamente um adúlterino, este de forma alguma impedia uma eventual adoção, ou à medida que enfatizavam que, dada a naturalidade de Francisca, sua situação devia ser analisada à luz da legislação brasileira, Mário Gatti, certamente orientado pelos citados especialistas, ajudava a arrolar algumas testemunhas estratégicas visando “aumentar o ar de confiabilidade” de suas narrativas.⁶⁴⁸ É aí que entrava em cena o tabelião Alberto Ferraz de Abreu, o qual frisava que Rocco havia registrado em cartório uma única minuta do testamento, além de integrantes das elites locais que conheciam e conservavam uma estreita relação com o finado empreendedor. Íntimos de Rocco, o advogado e ex-Intendente Municipal, Orosimbo Maia, o Inspetor do Tesouro Municipal, Elisiário Prado, bem como o médico e então Intendente Municipal, Francisco de Araújo Mascarenhas, eram indivíduos muito bem relacionados, com trânsito nos campos jurídico, político, enfim, revestidos de notoriedade e grande influência, elementos que, se não plenamente decisivos, podiam ao menos agregar credibilidade aos argumentos do casal.

Francisca foi legalmente reconhecida como herdeira de Rocco de Marco em sentença proferida pelo doutor Abeilard de Almeida Pires, juiz da 1ª Vara da Comarca de Campinas, em 5 de fevereiro de 1920.⁶⁴⁹ Mais do que o desfecho em si, reitera-se que o importante à presente pesquisa é desnudar a teia de conexões em que o referido meridional inscrevia-se. Afinal, ela é sintomática não apenas do seu privilegiado matrimônio com uma moça ligada à oligarquia campineira, mas também da sua condição enquanto um comerciante que obtivera sucesso ante uma economia que gradualmente se monetarizou. Em oposição à primitiva autossuficiência dos domínios rurais, em que muitos ofícios e funções estavam contidos entre

⁶⁴⁸ Idem.

⁶⁴⁹ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. (1919-1920). *Op. cit.*, p. 272-273.

as porteiras dos latifúndios, a acumulação de capitais e as relações capitalistas de produção gestadas pela cultura cafeeira desobstruíram os caminhos para a consolidação da figura do intermediário. À medida que crescia a demanda por artigos de uso agrícola, de primeira necessidade (alimentares, mobiliário e vestuário) ou mesmo daqueles que conferiam suporte às modernas ferrovias, constituía-se automaticamente uma profícua oportunidade para a entrada do negociante em cena. Responsável por fazer a mediação entre o consumo e a produção, cabia a ele dispor de certo traquejo para relacionar-se com os potenciais fregueses, oferecer e vender suas mercadorias.⁶⁵⁰ Seja do prelúdio como pequeno funileiro e mascate, seja depois como um experiente proprietário de um importante e diversificado estabelecimento comercial, o fato é que Rocco de Marco foi se tornando no curso de sua trajetória cada vez mais conhecido por uma extensa cadeia de clientes, fornecedores e parceiros. Não é por acaso que, no livro de presenças do seu funeral, constassem centenas de assinaturas que compreendiam desde o vice-cônsul da Itália e demais conterrâneos ali estabelecidos até representantes da aristocracia rural, profissionais liberais, comerciantes de origem portuguesa, membros da imprensa, entre outros.⁶⁵¹

Reverenciado, a nível local, como símbolo de uma “genuína” italianidade, “vindo de baixo”, talhado ao trabalho sério e à superação das adversidades, portanto, inevitavelmente merecedor do sucesso alcançado em seus empreendimentos na América, Rocco estampava quase uma página inteira do *Fanfulla*, que, ademais de fazer uma retrospectiva e exaltar a prosperidade lograda em vida pelo recém-falecido, trazia detalhes acerca da expressiva quantidade de pessoas que compareceram ao seu cortejo.⁶⁵²

[...] Começou a sua vida com a modesta profissão de funileiro, entregou-se depois ao comércio, fazendo uma fortuna colossal, graças à atividade maravilhosa [...] e habilidade nos negócios. Correto e honesto [...], permaneceu sempre igual a si mesmo, hábitos simples de vida, modesto e generoso com todos os conacionais [...]. Era presidente honorário do nosso *Circolo Italiani Uniti*, [...] sempre esteve pronto a cumprir todos os deveres de um bom italiano [...].⁶⁵³

Tal qual apontado, foi justamente um dos ex-societários de Rocco de Marco, o piemontês Enrico Bolongaro, quem assumiu as rédeas do *Circolo Italiani Uniti* em 1888. Natural da província de Verbanò Cusio Ossola, Enrico provinha de uma família de classe média dotada de considerável prestígio na comuna de Stresa. Seu pai, Giovanni Maria Bolongaro, ocupava o posto de prefeito da localidade, situada à beira do Lago Maggiore.

⁶⁵⁰ TRUZZI, Oswaldo. (2007). *Op. cit.*, p. 172-173.

⁶⁵¹ CMU. (1919). *Op. cit.*, p. 1-12.

⁶⁵² I SOLLENNI FUNERALI DEL DECANO DELLA COLONIA DI CAMPINAS ROCCO DI MARCO. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 1 jul. 1919.

⁶⁵³ ROCCO DI MARCO. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 30 jun. 1919.

Jovem, solteiro e, muito provavelmente, vislumbrando lucrativas oportunidades para além dos torrões natais, Enrico decidiu rumar ao Novo Mundo, ingressando no Brasil através do porto do Rio de Janeiro. Dali seguiu viagem em direção a São Paulo, desembarcando na cidade em abril de 1887. Mas o itinerário não se esgotava aí. Seu próximo destino, como vimos, seria Campinas, onde não tardou a construir uma relação profissional com um compatriota que prosperava em meio ao comércio. Conforme observado por Truzzi,⁶⁵⁴ seja na área rural ou urbana, o imigrante tende, na medida do possível, a dar preferência ao convívio com os conterrâneos e a valorizar sua lealdade. Recrutado, então, como homem de confiança de Rocco de Marco, Bolongaro dividia o tempo entre a posição de sócio-gerente de um estabelecimento dedicado à importação e venda de gêneros alimentícios e a presidência do sodalício ítalo-campineiro (figura 55). A parceria nos negócios com o sulista durou até dezembro de 1890, mesmo ano em que o piemontês encerrou sua gestão à frente do *Circolo*.⁶⁵⁵ Aparentemente, Bolongaro mudou-se para a capital paulista, lá permanecendo até meados da segunda década do século XX. Na sequência, regressou à Itália, falecendo em Stresa em março de 1919.

Figura 55 - Recibos da Sociedade Comercial Bolongaro, R. de Marco & Cardoso



Fonte: Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo da Comarca de Campinas⁶⁵⁶

Mantovano, eleito presidente da associação logo após a saída de Enrico Bolongaro, Giuseppe Breviglieri era o segundo setentrional consecutivo a quem o respectivo grupo de peninsulares delegava autoridade para representá-lo. Natural de Quistello, filho do agricultor Andrea Breviglieri com Giuditta Marteletti, Giuseppe vivia e trabalhava como professor na comuna de Schivenoglia, bem próxima à sua cidade natal. Casou-se em 25 de março de 1880,

⁶⁵⁴ TRUZZI, Oswaldo. (2007). *Op. cit.*, p. 171.

⁶⁵⁵ AO COMMERCIO. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 3 mai. 1891.

⁶⁵⁶ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Embargo, 1º Ofício*, nº 5788. Campinas, 1890, p. 3-8.

à época com 22 anos de idade, com a também professora Teresa Nizzolli, dois anos mais jovem, igualmente oriunda de Mântova, porém, nascida na comuna de Torricella. Meses depois do enlace, Giuseppe e Teresa, àquela altura já grávida, arrumavam as malas e zarpavam para o Brasil, aportando do Rio de Janeiro em 18 de dezembro. O nascimento do primogênito, Orazio Coclite, registrado em Jundiaí em 28 de janeiro de 1881, fornece pistas acerca da implantação geográfica inicial do casal de lombardos. Todavia, com a família ampliada e, conseqüentemente, em busca de um emprego capaz de gerar um padrão de renda mais elevado, Giuseppe deslocava-se com a esposa e o filho um pouco mais à oeste, estabelecendo-se agora em Araras. Em 14 de março de 1883, o trio transformava-se em quarteto: Teresa dava à luz a Hildegarda. Acompanhado da consorte e de suas duas crianças, Giuseppe voltava a circular pelo território paulista. Dessa vez em sentido inverso, mais à leste, fixando-se em Campinas, uma cidade de maior porte e potencialmente propícia para reproduzir ofícios previamente executados na pátria de origem e/ou para montar um negócio próprio.

Conforme descrito no capítulo anterior, se por um lado a instrução primária oferecida pelo *Circolo* constituía uma espécie de resposta à exiguidade de vagas no ensino público ou privado experienciada pelos ítalo-descendentes que atingiam a idade escolar, por outro lado ela também acabava servindo como uma oportunidade de trabalho e inserção social no país receptor para aqueles *oriundi* que já traziam consigo algum capital cultural. Foi justamente através da escola mantida pela agremiação, que Giuseppe Breviglieri pôde deixar de lado o seu emprego preliminar como agente local do periódico *L'Italia*, veículo em língua italiana editado no Rio de Janeiro, e dedicar-se à sua ocupação original.⁶⁵⁷

Em se tratando da trajetória de Breviglieri, mais do que uma instância que viabilizava a convivência com conacionais, o *Circolo* proporcionou a ele (e à esposa) reaproximar-se da experiência de lecionar aos filhos dos patrícios, o que significava, na prática, exercer a função para a qual havia se preparado e estava devidamente habilitado.

Ao assumir o cargo de presidente da associação, porém, Giuseppe abriu mão da posição de docente. Por mais que fosse desprovido de um treinamento técnico específico voltado ao comércio, o conhecimento proveniente do seu *status* como educador, aliado a um apurado senso de oportunidade ante uma cidade que, além de ponto de parada obrigatório para imigrantes ou caixeiros-viajantes, dispunha de um vigoroso mercado consumidor atrelado à economia cafeeira e à expansão ferroviária, levaram-no a trocar a lousa e o giz pelo balcão do

⁶⁵⁷ L'ITALIA. *L'Italia*, Rio de Janeiro, p. 1, 3-4 nov. 1886.

seu próprio estabelecimento comercial. De início, um pequeno hotel inaugurado na Rua 13 de Maio.⁶⁵⁸ Em seguida, ainda na mesma via, um armazém de secos e molhados em cujo interior realizavam-se igualmente transações bancárias, bem como a venda de passagens à Itália (figura 56).

Figura 56 - Serviços de câmbio de Giuseppe Breviglieri



Fonte: Diário de Campinas⁶⁵⁹

Da vida associativa às oportunidades monetárias exploradas em meio à extensa colônia italiana ali arraigada derivara uma rede cada vez mais ampla de relacionamentos e confiança entre patrícios, que, ademais de notoriedade e respeito, conferira a Giuseppe Breviglieri certa mobilidade social. À imagem de arrojado comerciante e de presidente mais longo (quase sete anos) da principal associação italiana de mútuo socorro da cidade, somava-se, em 1898, a nomeação como agente consular, encarregado oficialmente de viabilizar a ligação entre o cônsul geral, muitas vezes responsável por um vasto território, e os demais compatriotas.

Entretanto, essa ousadia manifestada em meio aos negócios trouxe também os seus dissabores. Com dívidas acumuladas e em sérias dificuldades para tocar as atividades comerciais, Breviglieri declarava falência pouco depois de ter sido designado como representante local do governo da península. Um olhar atento sobre a massa falida em questão permite-nos identificar, em particular, uma série de nomes e sobrenomes de origem italiana que, para além de evidenciar os próprios interesses do mantovano em extrair ganhos econômicos a partir das demandas e relações com compatriotas, sinalizam, acima de tudo, redes de solidariedade étnica que o mantinham conectado a clientes e fornecedores espalhados pelo interior do estado, na capital ou mesmo na Europa. Seja porque conhecia melhor as preferências e hábitos de consumo da colônia, seja porque estava a par dos vínculos que esta cultivava com a terra natal, Breviglieri dedicou-se, enquanto pôde, à importação e comercialização de produtos alimentares (queijos, vinhos, açúcar, azeite, massa de tomate,

⁶⁵⁸ A PRAÇA. *Diário de Campinas*, Campinas, p. 3, 5 mar. 1892.

⁶⁵⁹ BANCO ITALIANO. *L'Unione*, Campinas, p. 5, 12 ago. 1894.

sardinha, bacalhau etc.), ao serviço de câmbio de moedas estrangeiras e à venda de passagens para os portos de Gênova e Nápoles (figura 57).

Figura 57 - Recibos da casa bancária de Giuseppe Breviglieri: remessa de valores (à esq.) e venda de passagens (à dir.) à Itália



Fonte: Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo da Comarca de Campinas⁶⁶⁰

Com onze filhos para criar e uma extensa lista de credores, o comerciante afirmava perante a 1ª Vara da Comarca de Campinas não ter mais condições de permanecer na cidade com a família. Mais do que um novo recomeço, outro deslocamento espacial à vista. Dessa vez extrapolando as divisas de São Paulo. Surgia uma oportunidade de emprego para Giuseppe e Teresa em Juiz de Fora. A princípio, nada de lidar com mercadorias, operações monetárias e fregueses. O casal reestabelecia-se, na verdade, como professores da escola mantida pela *Società Italiana Umberto I.*⁶⁶¹

Esse engajamento dos Breviglieri com o associativismo étnico ao longo da trajetória familiar é, sem dúvida, um elemento importante para a compreensão do cotidiano e da prática de imigrantes e descendentes que preferiram se acomodar no meio urbano, dispostos a interagir com patrícios que partilhavam paralelamente um *habitus* de classe, tais como negociantes, profissionais liberais, industriais, enfim, indivíduos amiúde percebidos como bem-sucedidos.

Também em Minas Gerais, a sala de aula foi uma mola propulsora para que os Breviglieri ingressassem na estrutura administrativa de uma associação italiana. Giuseppe ocupou a secretaria da *Umberto I.*⁶⁶² ao passo que Teresa, sua esposa, foi promovida à

⁶⁶⁰ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Cessão de bens de José Breviglieri, 4º Ofício, nº 5747*. Campinas, 1899, p. 91; 106.

⁶⁶¹ TEIXEIRA, Mariana Eliane. Literatura e nacionalismo italiano nas escolas de imigrantes em Juiz de Fora-MG. In: *Semana da História da UNESP*, 21, 2017, Franca, *Anais...* Franca: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2017. p. 235.

⁶⁶² SOCIETÀ ITALIANA DI M. S. E BENEFICENZA UMBERTO I. *O Pharol*, Juiz de Fora, p. 2, 9 mar. 1902.

diretora da escola do sodalício.⁶⁶³ Sem contar Catullo, terceiro filho do casal, aclamado presidente aos 25 anos de idade.⁶⁶⁴ De alternativa quase emergencial frente ao malogrado empreendimento em Campinas, a cidade de Juiz de Fora acabou se convertendo no destino definitivo de Giuseppe Breviglieri. Após o recomeço como professor em uma escola destinada a ítalo-descendentes, o mantovano ainda obteve uma representação do *Fanfulla* e prestou serviços como guarda-livros.

À medida que Breviglieri afastou-se da presidência do *Circolo* em razão das aludidas dificuldades, coube a Pascoal Alberti, um ferreiro proveniente da região central da Itália (Basilicata), o dever de substituí-lo. Natural da província de Potenza, mais especificamente da comuna de Moliterno, Pascoal cruzou o Atlântico já trazendo uma experiência profissional que potencialmente o credenciava a uma vida melhor em São Paulo em face das demandas de uma efervescente economia cafeeira e do conseqüente processo de urbanização.

Desembarcado no Rio de Janeiro em 5 outubro de 1878, Pascoal não demorou a aparecer em terras paulistas. Em 29 de maio de 1882, nascia em Campinas sua primogênita, Risoletta, graças a um relacionamento preliminar (e aparentemente não formalizado àquele momento) com a também campineira Mariana Augusta.⁶⁶⁵ Com ela, o ferreiro teria ainda um segundo descendente, Antonio, nascido em 4 de maio de 1889. Mas foi com o seu terceiro filho, Carmine, fruto de primeiras núpcias com a compatriota Luiza Romano, que Pascoal cultivara vínculos mais estreitos. Afinal, era justamente o caçula quem o ajudava a tocar a loja de ferragens e cutelaria mantida na Rua Dr. Quirino, estabelecimento do qual Pascoal já era proprietário à época de sua nomeação como mandatário do *Circolo* (figura 58).

Figura 58 - Estabelecimento comercial de Pascoal Alberti



Fonte: Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo da Comarca de Campinas⁶⁶⁶

⁶⁶³ CAV. RICARDO BORGHETTI. *O Pharol*, Juiz de Fora, p. 1, 22 abr. 1902.

⁶⁶⁴ COSE COLONIALI. *O Pharol*, Juiz de Fora, p. 1, 25 ago. 1910.

⁶⁶⁵ Ao que tudo indica, embora fosse mãe dos seus dois primeiros filhos, Pascoal só oficializou a relação com Mariana depois do término do seu primeiro casamento com a conterrânea Luiza Romano.

⁶⁶⁶ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Autos de ação ordinária*, 2º Ofício, nº 319. Campinas, 1915, n.p.

É bem verdade que o comerciante ocupou o cargo temporariamente. Para ser mais exato, de abril até princípios de julho de 1898, quando, então, foram convocadas novas eleições. Dotado de técnica e habilidade para lidar com ferro, aço e metal, Pascoal adquiriu protagonismo na sociedade receptora ao fornecer utensílios domésticos, produtos para fazendeiros e artigos para o comércio em geral. Destacavam-se entre as mercadorias garfos, facas, colheres, lâminas, navalhas, máquinas para barbeiros, armas, munições, martelos, fechaduras, dobradiças, puxadores, maçanetas, brocas, trenas, esticadores, correntes, arames, enfim, uma variedade de objetos que, muito provavelmente, o próprio *oriundi* confeccionava no fundo do quintal de sua residência. Mais do que arrolar as posses e parte da clientela de sua casa comercial, o inventário de Pascoal, falecido em 28 de janeiro de 1915, possibilita visualizar como alguns imigrantes usufruíram da moderna divisão social do trabalho, abraçando flagrantes oportunidades diante da “ausência quase completa de um quadro de paulistas nativos com estilo de vida urbano”.⁶⁶⁷ Como discutido, enquanto os membros das famílias cafeicultoras dividiam-se entre administrar suas terras e/ou seguir carreira profissional no Direito ou na Engenharia, nas classes inferiores predominavam um contingente de ex-escravos miseráveis e marginalizados, e empregados brancos outrora posseiros ou grileiros convertidos em servidores da elite rural. Logo, ao ostentar uma habilidade técnica obtida ainda na pátria de origem, ou, nos termos de Simmel,⁶⁶⁸ um saber especializado, Pascoal logrou assumir um papel elementar no local de destino ao trabalhar diretamente com a manufatura e comercialização de produtos que também atendiam às necessidades das camadas mais opulentas, haja vista que na lista de consumidores de sua loja figuravam sujeitos ilustres, como o barão de Ibitinga, a baronesa de Paranapanema, o marquês de Três Rios, etc.⁶⁶⁹

Interino, Alberti deu lugar ao calabrês Vincenzo de Luca, eleito presidente do *Circolo* na assembleia geral de 10 de julho de 1898. Nascido na comuna de Malito, província de Cosenza, Vincenzo encarna mais um exemplo de um meridional cujo pioneirismo na travessia serviu para desbravar caminhos, conhecer atalhos, vasculhar oportunidades e fornecer informações a familiares que igualmente cogitavam a hipótese de rumar ao Novo Mundo. À semelhança de Alberti, a trajetória de Vincenzo na sociedade de acolhimento inicia-se no limiar da década de 1880 com a abertura de uma pequena ferraria na Rua da Constituição.⁶⁷⁰

⁶⁶⁷ DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. São Paulo: DIFEL, 1971, p. 22.

⁶⁶⁸ SIMMEL, Georg. (1967). *Op. cit.*, p. 22.

⁶⁶⁹ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Inventário de Pascoal Alberti, 4º Ofício, nº 7106*. Campinas, 1915, p. 25.

⁶⁷⁰ MOURA, Francisco Inácio Xavier de Assis. (1883). *Op. cit.*, p. 405.

Não é demais reiterar que o aprofundamento da divisão do trabalho ensejara uma íntima relação entre agricultura e indústria, da qual a produção de instrumentos e peças de ferro passava a fazer parte do rol de ofícios que irrompiam à medida que um mosaico de funções industriais se delineava para além dos limites dos latifúndios.

A estratégia de Vincenzo aparenta ter sido eficaz, dado que logo nos anos seguintes quatro de seus irmãos (Pascoal, Giuseppe, Miguel e Vicentina) lhe faziam companhia na cidade de Campinas. Contudo, ao invés de lidar inicialmente com ferragens, o trio de rapazes preferia focar nos produtos de primeira necessidade, em especial no ramo de vestuário. Estabelecidos com oficinas de calçados na Rua Dr. Quirino, os de Luca procuravam valer-se do desenvolvimento do sítio urbano e do incipiente mercado de consumo que ali se constituía através de uma produção de dimensão artesanal que tinha o couro como matéria-prima básica. O próprio Vincenzo, precursor da parentela de imigrantes calabreses, ingressava no nicho ocupacional explorado pelos irmãos, gerindo, à época do seu mandato à frente do *Circolo*, uma sapataria localizada na Rua 13 de Maio.⁶⁷¹

A partir desses empreendimentos, Vincenzo foi se convertendo gradualmente em um capitalista. Em janeiro de 1901, vislumbrando expandir os ganhos mediante o *know-how* da família, o sulista deixava a presidência do *Circolo* para investir numa casa de produtos importados na cidade de São Paulo, consolidada àquela altura como o polo econômico mais dinâmico do país. Sem Giuseppe, finado em 1890, mas com os reforços de outros dois irmãos provenientes do sul da península (Luiz e Francisco Antônio), Vincenzo inaugurava em sociedade com Pascoal e Miguel a *Irmãos Deluca & Comp.*, estabelecimento situado na Avenida Rangel Pestana e destinado à comercialização de couros, peles tratadas, ferragens, vale dizer, artigos com os quais estavam aptos a trabalhar.⁶⁷²

Vincenzo alternava sua estadia entre o interior e a capital. Ao apostar no engajamento familiar nos negócios, depositava plena confiança nos parentes recrutados para ocupar posições-chave na estrutura hierárquica da empresa e supervisioná-la no dia a dia. Bem-sucedido na experiência migratória, ainda conseguiu trazer os pais (Giovanni e Elisabeth) para o país de destino, “num processo característico das imigrações em cadeia”.⁶⁷³ Paralelamente, em 1906, então desprovido de herdeiros diretos, decidia lavrar uma escritura de doação de seis imóveis (cinco deles na Rua 13 de Maio e um na Avenida Senador Saraiva) para três dos

⁶⁷¹ AMARAL, Leopoldo. (1900). *Op. cit.*, p. 329.

⁶⁷² A PRAÇA. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 3, 8 jul. 1904.

⁶⁷³ TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. In: LANNA, Ana Lúcia Duarte et al. (orgs.). *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 24.

seus sobrinhos (Angelina, José e João), filhos do primeiro matrimônio de Pascoal, seu irmão mais velho, com a conterrânea Maria Capolupo.⁶⁷⁴

A despeito da idade mais avançada, a solteirice de Vincenzo não perdurou até o fim de sua trajetória. Ao amearhar um razoável capital, seja como artífice ou comerciante, ora providenciando bens de consumo popular, ora produtos para as propriedades agrícolas, o meridional logrou tecer íntimas alianças para além das fronteiras do seu grupo étnico. Em meados da década de 1920, casava-se com a jovem Acácia Moreira, natural de Pindamonhagaba e neta, por parte de mãe, do juiz João Marcondes de Moura Romeiro, integrante de uma tradicional parentela de base fundiária da região. Vincenzo, diga-se, conviveu com a abonada moça até o seu falecimento, ocorrido em Campinas em 29 de setembro de 1954, aos 87 anos de idade.

Coincidentemente, coube a outro calabrês, o alfaiate Giuseppe Grosso, assumir a presidência do *Circolo* na sequência. Também natural de Cosenza, porém, da comuna de San Marco Argentano, Grosso mantinha em funcionamento na Rua Barão de Jaguará o “*Ao Chic Campineiro*”, estabelecimento dedicado à importação de tecidos da Europa e à confecção de roupas sob medida (figura 59).

Figura 59 - Recibo da alfaiataria de Giuseppe Grosso



Fonte: Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo da Comarca de Campinas⁶⁷⁵

A alfaiataria, vale dizer, constituía um dos segmentos em Campinas onde os imigrantes italianos haviam penetrado de maneira notável. Os nomes contidos nos almanaques que ilustravam o quadro socioeconômico local à época são potenciais indicadores

⁶⁷⁴ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Insinuação de doação*, 2º Ofício, nº 1568. Campinas, 1906, p. 3.

⁶⁷⁵ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Ação ordinária*, 3º Ofício, nº 1083. Campinas, 1903, p. 10.

do significativo envolvimento dos peninsulares com esse tipo de ocupação profissional. Conforme discute Oliveira,⁶⁷⁶ os bons alfaiates de origem italiana, com domínio de talhes considerados modernos, passaram a desfrutar de muito prestígio, uma vez que eram eles os divulgadores dos novos estilos em voga na Europa.

Casado em São Paulo, em 8 de abril de 1896, então com 22 anos, com a jovem Clotilde Agostinha Barraquet, à época com 16, uma imigrante francesa que conheceu na própria capital e com quem tivera posteriormente três filhos nascidos em Campinas (Armando, Gastón e Clemente), Giuseppe Grosso era um daqueles *oriundi* cuja experiência com a mobilidade geográfica fora gestada logo na infância. Segundo filho do casal de calabreses Salvador Grosso e Carmela Di Napoli, Giuseppe rumou inicialmente ao lado dos pais e da primogênita Rosa para Buenos Aires, um dos destinos transoceânicos mais procurados pelos peninsulares em fins do século XIX em função do expressivo crescimento da economia argentina. A família, incrementada pelo nascimento de mais quatro crianças (Emília, Rodolfo, Maria Adelina e Maria Carmen), lá permaneceu até meados da década de 1880. É bem provável que, diante da necessidade de prover as diferentes demandas de uma casa que gradativamente se abarrotava, os Grosso tenham optado por um novo deslocamento, agora em direção ao Brasil.

Um indício de que a respectiva família esteve presente, mesmo que brevemente, nas imediações de Campinas é dado pelo nascimento da caçula Joana, registrada no município no dia 2 de janeiro de 1889. Parece bastante plausível supor, pois, que a trajetória de Giuseppe é cravejada por idas e vindas. Aparentemente, após uma prévia estadia no Oeste Paulista em meio à adolescência, o jovem, talvez entusiasmado pelas potenciais oportunidades no comércio ou na indústria da pujante São Paulo, seguiu para a capital, lá contraiu matrimônio, mas, ainda assim, acabou decidindo retornar ao interior acompanhado da esposa para fixar residência.

O itinerário descrito traduz, como bem observaram Truzzi e Volante,⁶⁷⁷ uma mobilidade espacial frequente dos imigrantes, inclusive dentro do país de recepção. Quer por expectativas de empregos melhores e a obtenção de um padrão de renda mais elevado, quer pela perspectiva de montar um negócio particular ou adquirir um imóvel (rural ou urbano), o fato é que a própria posição estratégica de Campinas enquanto entroncamento ferroviário constituía para esses forasteiros esperançosos e ávidos por oportunidades um meio para deslocar-se ou até um destino para estabelecer-se. Lugar de circulação intensa, de habitantes a

⁶⁷⁶ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. (2008). *Op. cit.*, p. 141

⁶⁷⁷ TRUZZI, Oswaldo; Volante, João Pedro. (2021). *Op. cit.*, p. 41.

forasteiros, de matérias-primas a mercadorias, de consumidores a fornecedores, Giuseppe Grosso enxergara na moda e, mais especificamente, na costura de inspiração europeia uma potencial via para montar um estabelecimento e inserir-se profissionalmente na sociedade campineira.

Essa habilidade em lidar com tecidos e confeccionar vestimentas também fazia parte do cotidiano de quem substituiu o calabrés à frente do *Circolo*. Tratava-se de Vítor Zaccara, um meridional que, antes de desembarcar em solo campineiro, dedicava-se à alfaiataria na comuna de Lauria, pertencente à província de Potenza. A rigor, porém, a presença desses profissionais no mais alto posto hierárquico da entidade não se resumiu à respectiva dupla de sulistas. Pelo contrário. No segundo decênio do século XX, Irineu Checchia (1918-1920), um alfaiate procedente de Abruzzo, fora igualmente instituído como porta-voz do grupo. Movimentações e medidas que ajudam a lançar luz acerca da ascensão e do *status* adquiridos, sobretudo no interior da colônia, por elementos que, usufruindo de certo traquejo e conhecimento sobre panos, cortes e tendências de vestuário, assumiram na sociedade hospedeira uma função que se tornava verdadeiramente indispensável à medida que o mercado consumidor engrossava na esteira do processo de urbanização.

Os primeiros registros de Zaccara no interior paulista remontam ao limiar dos anos de 1890. Casado com a compatriota Ana Maria e proprietário da *Alfaiataria da União*, inicialmente estabelecida na Rua Dr. Quirino, Zaccara recorria frequentemente aos anúncios na imprensa para promover o negócio, destacando como seu diferencial não apenas os preços e o capricho, mas a agilidade na execução do trabalho. Qualquer encomenda, dizia, ficava pronta “em 24 horas”.⁶⁷⁸ Mais tarde, transferiu a oficina para a Rua Barão de Jaguará, incluindo no rol de serviços o fabrico de fardamentos para a Guarda Nacional, o que dá, inclusive, a dimensão da especialização de sua atividade e de como sua clientela ia além das fronteiras de Campinas (figura 60). Conforme angariava reconhecimento perante os populares, Zaccara abria as portas para aproveitar outras oportunidades. Em outubro de 1899, era contratado pelo Liceu de Artes e Ofícios para dirigir o curso profissionalizante de alfaiataria lá oferecido.⁶⁷⁹

⁶⁷⁸ ALFAIATARIA UNIÃO DE VÍCTOR ZACCARA. *A Família*, Rio de Janeiro, p. 7, 25 mar. 1893.

⁶⁷⁹ CAMPINAS. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 1, 17 out. 1899.

Figura 60 - Alfaiataria de Vítor Zaccara, Campinas



Fonte: L'Unione⁶⁸⁰

Com um capital amealhado, Zaccara decidia expandir o próprio empreendimento. Além de levar sua oficina para a Avenida Francisco Glicério, o sulista apresentava a *expertise* com talhes e vestes ao público da cidade de São Paulo. Inaugurada na Rua do Rosário, esquina com a Rua Boa Vista, a *Casa Zaccara* notabilizava-se pelos tecidos e trajes inspirados na moda europeia (figura 61). Mais do que um sinal de prosperidade propriamente, a capacidade de Zaccara de manter simultaneamente duas alfaiatarias em centros distintos revela como esse percurso do interior à capital ou da capital ao interior passou a ser regularmente explorado por aqueles imigrantes que se dedicavam ao exercício de atividades comerciais ou industriais. Graças à estrada de ferro, empreendedores como Zaccara conseguiam deslocar-se de modo muito mais rápido para tratar de negócios, acompanhar o andamento dos investimentos, transportar ou adquirir mercadorias, solucionar problemas burocráticos, fazer reuniões, etc. A trajetória de Zaccara foi interrompida em 10 de novembro de 1918, data em que sucumbiu diante dos sintomas da gripe espanhola.⁶⁸¹

Figura 61 - Alfaiatarias de Vítor Zaccara em São Paulo e Campinas



Fonte: Ladeira e Octavio⁶⁸²

⁶⁸⁰ ALFAIATARIA DA UNIÃO DE VICTOR ZACCARA & C. *L'Unione*, Campinas, p. 6, 12 ago. 1894.

⁶⁸¹ FALLECIMENTOS. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 8, 11 nov. 1918.

⁶⁸² LADEIRA, Jorge M.; OCTAVIO, Benedicto. (1907). *Op. cit.*, p. 76.

Aproximadamente catorze anos após Zaccara deixar a presidência do *Circolo*, um terceiro alfaiate era nomeado para desempenhar a função. Nascido na comuna de Montazolli, província de Chieti, Irineu Checchia assumiu a direção da mútua aos 46 anos de idade (figura 62). Filho do agricultor e arrieiro⁶⁸³ Vincenzo Checchia e da tecelã Jacinta Tinaro, ambos de Abruzzo, Irineu desembarcou no porto do Rio de Janeiro em 9 de dezembro de 1885, à época com 14 anos, na companhia de Luigi, seu irmão mais velho, então com 16. Apesar da pouca idade para encarar uma empreitada tão longa, desgastante, arriscada e desprovida do acompanhamento estrito de familiares, a esperança depositada pelos pais de que os descendentes seriam capazes de encontrar oportunidades na América e viabilizar futuramente melhores condições de vida para toda a parentela aparenta ter prevalecido diante das dúvidas e receios que naturalmente nutriam. É bem provável, aliás, que agentes recrutadores da emigração tenham convencido Vincenzo e Jacinta a enviar os filhos ao Brasil com a promessa de que eles receberiam um auxílio para realizar tal travessia. Uma lista publicada no *Correio Paulistano* em 29 de dezembro revela que, ademais de proporcionar subsídios no valor de 70 mil réis a cada um dos garotos, o próprio governo de São Paulo já havia providenciado um destino para Irineu e Luigi: o município de Campinas.⁶⁸⁴ Um indício, pois, de que, ao contrário dos demais presidentes do *Circolo* cujas trajetórias aqui analisadas indicam que eles se estabeleceram diretamente no ambiente urbano, Irineu parece ter experienciado a princípio na sociedade receptora a realidade do meio rural. É bem verdade que, naquele momento, os fazendeiros do Oeste ainda não podiam “contar com a mão-de-obra desejada, isto é, farta e barata, porque enfrentavam a resistência dos proprietários que usavam o trabalho escravo”.⁶⁸⁵ Assim,

[...] aqueles que partiram da Itália até 1885 precisavam dispor de 300 a 500 liras [...] para comprarem suas passagens. Isto é, até essa data, era preciso dinheiro para poder partir. Certamente por isso os primeiros grupos de emigrantes compunham-se em sua maioria de pequenos proprietários, de arrendatários ou meeiros. Eram reembolsados no Brasil, mas mesmo assim só poucos *braccianti* conseguiam reunir esse mínimo necessário [...].⁶⁸⁶

⁶⁸³ Responsável por transportar carga através do lombo de mulas.

⁶⁸⁴ EXPEDIENTE DA PRESIDÊNCIA. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 29 dez. 1885.

⁶⁸⁵ ALVIM, Zuleika. (1986). *Op. cit.*, p. 41.

⁶⁸⁶ *Ibidem*, p. 45.

Figura 62 - Irineu Checchia



Fonte: Arquivo do Hospital Vera Cruz Casa de Saúde Campinas

Alvim⁶⁸⁷ esclarece que, a exemplo dos imigrantes adultos (homens e mulheres), as crianças e os jovens igualmente cumpriam funções específicas em meio à divisão do trabalho existente na fazenda. É possível, nesse sentido, que tanto Irineu quanto o irmão, habituados aos afazeres diários na pequena propriedade rural dos pais, tenham lidado em Campinas com o beneficiamento de café, seja esparramando os grãos em grandes terrenos para secá-los, seja selecionando-os manualmente, ou, então, que tenham sido empregados em condições de camaradas,⁶⁸⁸ como condutores de animais – candeeiro ou puxador – ou ajudantes no carregamento de carroças. Sem contar eventuais auxílios a carpinteiros, maquinistas, enfim, a trabalhadores especializados que, muito embora não representassem um percentual significativo, também integravam o cotidiano da fazenda enquanto unidade produtiva. Irineu e Luigi, vale acrescentar, eram sobrinhos e netos de ferreiros. Logo, não parece descabido imaginar que os garotos podiam minimamente ostentar alguma noção sobre como manipular ferro, aço, metal, etc. Conforme observa Truzzi,⁶⁸⁹ os jovens tendiam a assimilar técnicas e ofícios como aprendizes dos mais experientes.

⁶⁸⁷ Ibidem, p. 98-99.

⁶⁸⁸ De acordo com Dean (1977, p. 35), os camaradas consistiam em trabalhadores de posição precária, contratados para determinada tarefa ou para ajudar na colheita.

⁶⁸⁹ TRUZZI, Oswaldo. (2016). *Op. cit.*, p. 62.

Da vida simples na península, onde provavelmente já contavam com os ensinamentos da mãe referentes à fiação de tecidos ou com instruções de parentes sobre o tratamento artesanal de materiais naturais, à inserção inicial no meio rural de Campinas, Irineu e Luigi adquiriram ao longo de suas trajetórias determinadas habilidades, como o manuseio de ferramentas e objetos, a prática de dobrar, cortar e moldar matérias-primas, bem como o fabrico de artigos. Em outras palavras, conhecimentos e competências que os permitiram migrar para o núcleo urbano e se instalar em definitivo como alfaiate e marceneiro respectivamente. Aclimatados à nova terra, com seus próprios negócios montados, providos de informações e laços sociais, os Checchia recepcionavam na sequência dois de seus irmãos mais novos: Maximino e Giuseppe. O primeiro recebeu de Luigi uma oportunidade de emprego em sua marcenaria, localizada na Avenida Francisco Glicério, ao passo que o segundo foi recrutado por Irineu para ajudá-lo no ateliê que mantinha em funcionamento na Avenida Campos Salles, próximo ao Largo do Rosário (figura 63).

Figura 63 - Recibo da alfaiataria de Irineu Checchia



Fonte: Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo da Comarca de Campinas⁶⁹⁰

Fruto das experiências, dificuldades, desafios e triunfos compartilhados desde o instante em embarcaram no porto de Nápoles, passando pelo desembarque no Rio de Janeiro ao estabelecimento em Campinas, a afinidade acumulada entre Irineu e Luigi se fazia presente até mesmo na vida íntima de ambos. A esposa de Irineu, a vêneta Augusta Balzani, natural de Rovigo, com quem contraiu primeiras núpcias em 17 de dezembro de 1909, era irmã de Luigia Balzani, a qual se casou quatro anos depois justamente com Luigi, em 14 de dezembro

⁶⁹⁰ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Inventário de João de Luca e Elisabeth Gagliardi de Luca, 3º Ofício, nº 8025*. Campinas, 1918, n.p.

de 1913. Dessa relação com Augusta, Irineu tivera sete filhos. O alfaiate veio a óbito em 11 de janeiro de 1965, aos 93 anos de idade.

Retornando à análise das origens sociais dos presidentes do *Circolo* conforme a ordem dos mandatos, nota-se que, imediatamente após a gestão de Vítor Zaccara, a associação passava a contar pela primeira vez com um industrial em sua direção. Tratava-se do lucano Ângelo Franceschini, proprietário de uma reconhecida fábrica de bebidas localizada à época na Rua Antônio Cesarino (figura 64). O empresário, tal qual ilustrado anteriormente pela tabela 9, esteve no comando da entidade por duas vezes, porém, de modo intermitente. Isso significa que, depois de uma primeira experiência, ele voltou a suceder outro compatriota no principal cargo hierárquico do sodalício, exatamente o senhor Domenico Barsotti, cuja trajetória será detalhada adiante. Por ora, o que convém destacar é que, ademais da cerveja, iguaria mais popular de sua firma, Franceschini apostava na fabricação de licores, xaropes, vinhos e vinagres (figura 65). Os mais de vinte anos de dedicação à indústria alimentícia local propiciaram ao respectivo italiano acumular um *know-how* suficiente para diversificar a produção de líquidos. É bem verdade que a sua entrada no ramo não se deu de maneira instantânea. Ao chegar à Campinas em meados de 1876, Franceschini foi mais um *oriundi* a fazer parte inicialmente do contingente de trabalhadores encarregados da edificação da nova *Igreja Matriz*. Nesta, exerceu as funções de servente, amassador e ainda prestou serviços de transporte, provavelmente utilizando animais para tração em guindastes. Ocupações que parecem sugerir alguma vivência urbana prévia, bem como certa intimidade com a construção civil.

Figura 64 - Ângelo Franceschini



Fonte: FamilySearch⁶⁹¹

⁶⁹¹ FAMILYSEARCH. Recordações de Teresa Gava. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/tree/person/memories/9J9W-68C>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

Figura 65 - Recibo da fábrica de bebidas de Ângelo Franceschini, 1890



Fonte: Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo da Comarca de Campinas⁶⁹²

A esses atributos aparentemente trazidos da pátria-mãe, Franceschini somava em meio à sociedade receptora um apurado senso de oportunidade que se entrelaçava com o próprio desejo de investir em um negócio particular. Afinal, à medida que a divisão social do trabalho e o desenvolvimento do mercado urbano eram estimulados em fina sintonia com as exigências e necessidades da economia cafeeira, imigrantes europeus valiam-se do desdém da oligarquia rural – essencialmente preocupada com a capacidade de produção de suas terras –, bem como da escassa habilidade dos demais nacionais no tocante ao comércio ou à indústria para assumir o protagonismo em qualquer ofício que estivesse vinculado ao fornecimento de artigos para o consumo popular ou de produtos utilizados nas propriedades agrícolas. É justamente diante dessa conjuntura, quer com alguma poupança amealhada *a priori* e importada da península, quer com um capital obtido já no local de destino, que Franceschini decidira ingressar no segmento de fabricação de bebidas. Em sociedade com o patrício Ângelo Belluomini, fundava, em 1880, na Rua General Osório, a *Cervejaria Guarany*.

Graças à inédita variedade de bebidas disponibilizadas para a população e, por conseguinte, aos rendimentos gerados pela companhia – cuja unidade fora transferida em 1885 para a Rua Conceição –, Franceschini conseguia gradualmente viabilizar o sustento da família que começava a constituir em Campinas, além de costurar uma teia de relações que ensejavam a sua entrada em espaços até então fundamentalmente ocupados por representantes da elite campineira, como, por exemplo, o quadro diretivo da Sociedade Artística Beneficente, instituição presidida, em 1886, pelo jurista e empresário Antônio Carlos de Moraes Salles.⁶⁹³ Casado em primeiras núpcias com a também lucana Teresa Gava, Franceschini tivera com ela cinco filhos (Amélia, Dante, Carolina, Ida e Elvira) até 1888, ano em que a parceria com

⁶⁹² TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Justificação de contas, 4º Ofício, nº 5246*. Campinas, 1890, p.1918, n.p.

⁶⁹³ SECKLER, Jorge. *Almanach da Província de São Paulo, Administrativo, Commercial e Industrial para 1887*. São Paulo: Jorge Seckler & Comp., 1886, p. 308.

Belluomini chegava ao fim.⁶⁹⁴ Entretanto, logo na sequência, em 1889, Franceschini já se encontrava devidamente instalado na Rua Antônio Cesarino com sua própria cervejaria.⁶⁹⁵ Paralelamente, ainda investiu em uma pequena olaria na Vila de Valinhos, a qual manteve em funcionamento até meados de 1892, mediante associação com o compatriota Nicola Frattari.⁶⁹⁶

De modo arguto, Franceschini identificou na manufatura de produtos alimentícios – bebidas, em particular – uma via praticamente desobstruída para a ascensão econômica. À medida que acumulava prédios e terrenos em Campinas, o lucano observava detidamente os arredores, à procura de oportunidades vantajosas para expandir os negócios e seguir extraindo dividendos. A escolhida para receber uma segunda unidade de sua cervejaria foi a então Vila Americana, dotada à época de um potencial mercado de consumo engrossado pelos operários da fábrica têxtil Carioba. Mas essas conquistas profissionais também vieram acompanhadas por dissabores no círculo familiar. Ainda que o nascimento de Orestes, seu sexto filho com Teresa, possa ter representado um momento de celebração, as repentinas mortes de outros três filhos (Amélia, Dante e Elvira), bem como da própria esposa imprimiram dolorosas marcas na trajetória do industrial italiano.⁶⁹⁷

Viúvo aos 44 anos de idade, proprietário de duas fábricas e com um trio de menores para cuidar, Franceschini desdobrava-se para conciliar trabalho e vida doméstica. É provável que, ao iniciar um novo relacionamento com outra conterrânea de província, a lucana Ângela Grazia, o empresário tenha conseguido organizar sua agenda e lidar melhor com suas obrigações, seja dentro ou fora de casa. À semelhança de Franceschini, Ângela havia sido casada anteriormente com o compatriota Aurélio Frediani, com quem administrava um armazém de secos e molhados na antiga estação ferroviária da Rocinha, atual região de Vinhedo.⁶⁹⁸ Franceschini e Ângela oficializaram o enlace em 10 de julho de 1900, do qual resultaram quatro descendentes diretos (Duílio, Ítalo, Guido e Amélia).⁶⁹⁹

Casado novamente, pai de sete filhos e dono de uma apreciável fortuna, Franceschini estabelecia os primeiros contatos com o jovem patricio Afonso Massarotto, um habilidoso

⁶⁹⁴ CAMILLO, Ema Elisabete Rodrigues. (1998). *Op. cit.*, p. 135.

⁶⁹⁵ SECKLER, Jorge. (1889). *Op. cit.*, p. 408.

⁶⁹⁶ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Ação de depósito, 1º Ofício, nº 5880*. Campinas, 1892, p. 2-3.

⁶⁹⁷ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Inventário de Teresa Franceschini, 1º Ofício, nº 6474*. Campinas, 1900, p. 35.

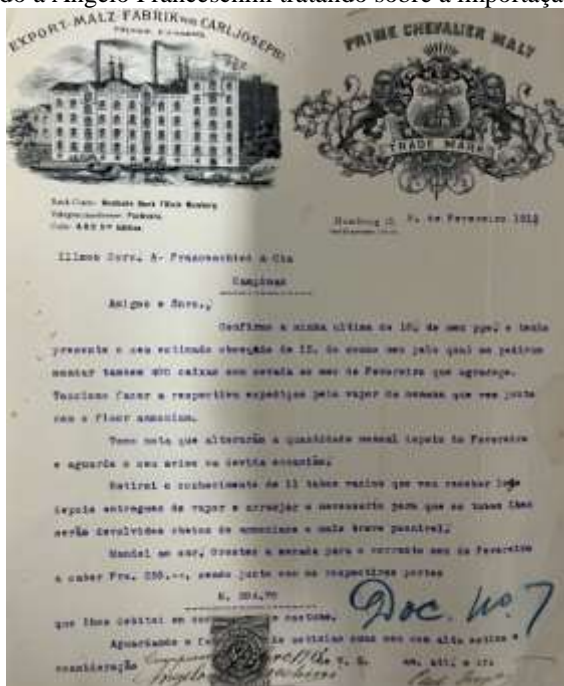
⁶⁹⁸ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Escritura de quitação, 1º Ofício, nº 7604*. Campinas, 1913, p. 1-2.

⁶⁹⁹ CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DO 1º SUBDISTRITO DE CAMPINAS. *Registro civil de casamento de Ângelo Franceschini e Ângela De Grazia*. Campinas, 10 jul. 1900.

pedreiro nascido em Treviso e radicado em Campinas desde a infância, com o propósito de projetar a construção daquele que viria a ser o seu principal empreendimento na cidade: a *Fábrica de Cerveja e Gelo Columbia*. Inaugurada em 1906 na Avenida Andrade Neves, a firma rapidamente notabilizou-se pela diversidade de bebidas lançadas no mercado: cervejas Columbia, Franciscana, Duqueza, Negrita, Guaraná Cristal, águas minerais, gasosas, entre outras. Produtos, em geral, elaborados com matérias-primas importadas da Alemanha (figura 66). Nas palavras de Truzzi,⁷⁰⁰ essas conexões com a Europa tendiam a funcionar como trunfos para o sucesso do negócio.

[...] grande parte dos imigrantes que se tornaram industriais conseguiram-no por usufruírem de posição privilegiada na estrutura do comércio importador. Seja porque a estes empresários imigrantes era mais fácil o relacionamento com fornecedores da Europa, seja pelo fato de conhecerem melhor as preferências de consumo e os hábitos da população, é comum que, ao mesmo tempo em que exercessem alguma manufatura, fossem também comerciantes – neste caso, importadores – em alguma medida.

Figura 66 - Telegrama remetido a Ângelo Franceschini tratando sobre a importação de cevada da Alemanha



Fonte: Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo da Comarca de Campinas⁷⁰¹

Dividindo o tempo entre a direção de uma cervejaria com notável capacidade de produção e o segundo mandato como presidente do *Círculo*, Franceschini não tinha dúvidas em incorporar no cotidiano da empresa o trabalho familiar, “um expediente administrativo de plena confiança e lealdade”,⁷⁰² orientado a conferir estabilidade inicial e lastro ao

⁷⁰⁰ TRUZZI, Oswaldo. (2007). *Op. cit.*, p. 171.

⁷⁰¹ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Inventário de Teresa Franceschini, 1º Ofício, nº 6474*. Campinas, 1912, n.p.

⁷⁰² *Ibidem*, p. 181.

empreendimento, de forma a garantir que, em uma eventual ausência, algum dos seus representantes seria capaz de solucionar problemas pontuais e manter uma cerrada supervisão das atividades. Enquanto financiava os estudos do filho Orestes em Gante, na Bélgica, e aguardava os netos atingirem no mínimo a pré-adolescência, o industrial recorria à colaboração dos genros. Casados respectivamente com Carolina e Ida, filhas de Franceschini, Artur Santucci, natural de Lucca, e Giuseppe Strazzacappa, oriundo de Pádua, foram recrutados para ocupar posições-chave na estrutura hierárquica da companhia. Por mais que suas experiências e habilidades como negociantes desde a época de solteiros pudessem contribuir para a prosperidade da fábrica, o fato de Artur e Giuseppe também pertencerem à comunidade italiana e, acima de tudo, integrarem o próprio clã Franceschini mediante os laços matrimoniais firmados com as herdeiras do dono da *Columbia* constituiu um elemento decisivo na escolha de Ângelo.

Em 1912, com o empreendimento já consolidado e dedicando-se exclusivamente a ele, Franceschini decidia transformar a fábrica de bebidas em sociedade anônima. Um indício do sucesso econômico e da credibilidade alcançados é que, ademais de atrair acionistas que não se limitavam necessariamente às suas tradicionais redes de solidariedade étnica, parte deles era procedente de parentelas de base fundiária (Souza Aranha, Queiroz Telles, Arruda Botelho etc.), as quais, não raramente, ignoravam os investimentos em manufaturas de bens de consumo popular.⁷⁰³

Antes de partir para a trajetória de Giovanni Moscardi, responsável por substituir Franceschini tão logo este deixou a presidência do *Circolo* em definitivo, convém lembrar que entre o primeiro e segundo mandatos do industrial italiano houve outro lucano à frente da entidade. Tratava-se do já mencionado negociante Domenico Barsotti, padrinho, inclusive, do segundo matrimônio de Franceschini com Ângela Grazia (figura 67).

⁷⁰³ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Notificação*, 3º Ofício, nº 231. Campinas, 1912, p. 6-8.

Figura 67 - Domenico Barsotti



Fonte: FamilySearch⁷⁰⁴

Esposo de Elvira Massai, sua conterrânea de província, e pai de cinco filhos (Virgínia, Aida, Maria Thereza, Armando e José Frederico), todos nascidos em Campinas, Barsotti mantinha na Rua 13 de Maio um depósito que, além de satisfazer os hábitos de consumo de seus compatriotas mediante a comercialização de vinhos, oferecia a eles paralelamente serviços de câmbio.⁷⁰⁵ Foi através dos ganhos obtidos com este estabelecimento, conhecido como *Banco Popular*, que Barsotti logrou adquirir alguns imóveis pela cidade, um sítio na antiga região da Rocinha, bem como ações de empresas encarregadas da infraestrutura local, quer do fornecimento de água e esgoto (*Companhia Campineira de Águas e Esgotos*), quer do sistema elétrico de bondes (*Companhia Campineira de Tração, Luz e Força*).⁷⁰⁶

Após duas gestões consecutivas de lucanos, a presidência do *Circolo* voltava às mãos de um setentrional, mais precisamente às do vêneto Giovanni Moscardi. Natural da comuna de Stanghella, província de Pádua, Moscardi valera-se da instrução previamente obtida na terra de origem para conseguir boas ocupações profissionais na sociedade de destino. Casado com Rosina Scavelan, sua compatriota, foi professor de italiano na *Escola do Comércio*, membro diretivo do *Colégio Bento Quirino* e ainda prestou serviços como guarda-livros para o comércio em geral. Com a eloquência típica de um educador, aliada ao traquejo em lidar com o público, acabou nomeado pelo governo da península como vice-cônsul na cidade.

⁷⁰⁴ FAMILYSEARCH. *Recordações de Domenico Barsotti*. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/tree/person/memories/G9MY-M1N>>. Acesso em: 26 ago. 2022.

⁷⁰⁵ AMARAL, Leopoldo. (1900). *Op. cit.*, p. 322; 338.

⁷⁰⁶ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Executivo hipotecário, 1º Ofício, nº 12928*. Campinas, 1923, p. 5.

O substituto de Moscardi à frente do sodalício também provinha do norte da Itália. Tratava-se do mecânico veneziano Bellino Ongaro, filho do negociante Giovanni Ongaro com Teresa Monticelli (figura 68). Casado, na própria comuna de Veneza, em 13 de abril de 1895, aos 22 anos de idade, com a conterrânea Madalena Valier, então com 19 anos, segunda filha do açougueiro Horácio Valier com Amália Pizziutta, Bellino partiu com a respectiva companheira em direção ao Brasil pouco depois de oficializar o enlace. É provável que a experiência como simples empregado em uma fábrica de torpedos no país natal, associada à sua juventude e, conseqüentemente, às expectativas de lograr uma ascensão socioeconômica em um lugar onde profissionais talhados ao desempenho de atividades industriais passavam a ser cada vez mais requisitados tenham sido elementos decisivos para a emigração do aludido mecânico. Como bem observa Truzzi,⁷⁰⁷

[...] emigra-se ainda jovem, quando os entusiasmos (e provavelmente também as ilusões) são maiores e, sobretudo, quando se avalia que os potenciais benefícios advindos da emigração poderão ainda ser usufruídos, justamente porque se estima ter ainda muitos anos de vida pela frente.

Figura 68 - Bellino Ongaro



Fonte: FamilySearch⁷⁰⁸

Posteriormente à gestão de Ongaro, o *Circolo* contara com dois presidentes em seqüência cujos mandatos foram bastante breves. O primeiro deles, o construtor Enrico Fortini, era um velho conhecido dos associados. Quando eleito para o cargo na assembleia de 29 de janeiro de 1911, o lucano pertencia à entidade há cerca de seis anos. Antes de

⁷⁰⁷ TRUZZI, Oswaldo. (2011). *Op. cit.*, p. 24.

⁷⁰⁸ FAMILYSEARCH. *Recordações de Bellino Ongaro*. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/tree/person/memories/LYTW-JK5>>. Acesso em: 29 ago. 2022.

encarregar-se propriamente da elaboração da planta do tão aguardado hospital da associação italiana, tal qual descrito no capítulo anterior, Fortini já havia adquirido razoável notoriedade em meio ao cotidiano urbano graças à sua atuação profissional no ramo da construção civil. Casado na cidade de Campinas, em 11 de fevereiro de 1908, com Henriqueta Donatti, conterrânea de província e mãe dos seus dois filhos (Gina e Henrique), Fortini mantinha, à época, uma sociedade com os empreiteiros Benvenuto Zanin e Federico Agosta.⁷⁰⁹ Desfeita em fins de 1908, a parceria deu lugar a outro negócio costurado por Fortini: uma associação com o experiente patrício Giulio Macchi. Com uma oficina estabelecida na Rua Barão de Jaguará, Fortini (e o sócio) prestava serviços como marmorista, letreiro e de edificação.⁷¹⁰ Reconhecido por suas habilidades manuais, o lucano acumulara importantes trabalhos ao longo de sua trajetória, inclusive quando não fazia mais parte da direção do *Circolo*. A título de exemplo, coube a ele o projeto de construção do *Colégio Progresso Campineiro* (1915), a idealização da fachada da *Creche Bento Quirino* (1916), bem como as reformas do *Cine Rink* (1916 e 1917).⁷¹¹

Escolhido pelos filiados para ocupar o lugar de Fortini, Giuseppe Bottari era mais um lucano ligado à indústria de bebidas a presidir o sodalício. Filho de Constantina Selini e Giovanni Bottati, um talentoso artesão que trabalhara em Campinas nos anos 1880 como ferreiro e sapateiro, Giuseppe viu inicialmente na ferrovia uma profícua oportunidade profissional para constituir um pecúlio que lhe abriria o caminho para tornar-se um empresário no futuro. Ao contrair primeiras núpcias, em 30 de julho de 1896, aos 23 anos de idade, com a também imigrante Rosa de Lima Monteiro, então com 20 anos, natural do norte de Portugal, mais precisamente de Viana do Castelo, Giuseppe tinha uma colocação estável como funcionário da Companhia Paulista.⁷¹² No início do século XX, já com um capital amealhado, o lucano decidia abrir uma fábrica de cerveja, licores e xaropes na Rua Antônio Cesarino, provavelmente um estabelecimento de pequeno porte que, inclusive, lhe permitia conciliar a função de guarda-livros desempenhada em outra cervejaria, a *Columbia*, do seu conterrâneo de província Ângelo Franceschini.⁷¹³ Paralelamente à trajetória profissional,

⁷⁰⁹ CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DO 1º SUBSTRITTO DE CAMPINAS. *Registro civil de casamento de Enrico Fortini e Henriqueta Donatti*. Campinas, 11 fev. 1908.

⁷¹⁰ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Executivo Fiscal, 2º Ofício, nº 3138*. Campinas, 1909, p. 2-3.

⁷¹¹ FRANCISCO, Rita de Cássia. *Costrutores anônimos em Campinas (1892-1933): fortuna crítica de suas obras na historiografia e nas políticas de preservação da cidade*. 2013. 181f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 2013, p. 84-85.

⁷¹² CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DO 1º SUBDISTRITO DE CAMPINAS. *Registro civil de casamento de Giuseppe Bottari e Rosa de Lima Monteiro*. Campinas, 30 jul. 1896.

⁷¹³ OCTAVIO, Benedicto; MELILO, Vicente. (1911). *Op. cit.*, p. 175.

chama a atenção na vida privada de Giuseppe que, ao contrário de seus compatriotas, que tendiam a priorizar a endogamia, ele casava-se pela segunda vez, exatamente em 23 de outubro de 1910, com outra lusitana, a jovem Idalina Santos, vinte e um anos mais nova.⁷¹⁴

Dado o recorte temporal da pesquisa, os meridionais, minoritários em se tratando do principal posto hierárquico do *Circolo*, tiveram como seu último representante na presidência o funileiro Antônio Finelli, proprietário de uma oficina situada à época na Avenida Francisco Glicério.⁷¹⁵ A exemplo de Ângelo Franceschini, outro ex-mandatário da agremiação abordado anteriormente, Finelli exerceu dois mandatos de modo intervalado, tendo se filiado à entidade em 6 de fevereiro de 1902.⁷¹⁶ Nascido na comuna de Colle Sanitta, província de Benevento, Antônio era filho do casal de artesãos Nicola Finella e Teresa de Francesco.⁷¹⁷ De origem urbana, emigrara sozinho, provavelmente apostando na juventude e em suas habilidades manuais como trunfos para inserir-se em uma localidade cuja economia demandava progressivamente uma série de funções industriais.

Expectativas, emoções e turbulências não faltaram no início de sua jornada na América. Ao desembarcar em Campinas, Finelli empregou-se em uma funilaria localizada na Rua Dr. Costa Aguiar, de propriedade do calabrês Giuseppe Magurno, radicado na cidade desde meados de 1885.⁷¹⁸ Como o estabelecimento funcionava na própria residência do patrão, Finelli convivia diariamente com a sua família. Foi graças a essa relação cotidiana que o jovem funcionário acabou justamente se envolvendo com a primogênita de Magurno, a adolescente Angelina, também natural da Calábria.

O romance resultou em matrimônio, oficializado em 1º de julho de 1899.⁷¹⁹ Finelli mudou-se em definitivo para a casa do sogro, onde passou a dividir as atenções entre a esposa e os afazeres da oficina. Se por um lado, a incorporação de parentes no negócio era comumente vista pelos imigrantes como um elemento de estabilidade, por outro lado fomentava-se o risco de contatos extremamente pessoais contaminarem um ambiente em que os atores deveriam se relacionar prezando pela formalidade de suas posições, isto é, como

⁷¹⁴ CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DO 1º SUBSTRITTO DE CAMPINAS. *Registro civil de casamento de Giuseppe Bottari e Idalina Santos*. Campinas, 23 out. 1913.

⁷¹⁵ OCTAVIO, Benedicto; MELILO, Vicente. (1911). *Op. cit.*, p. 174.

⁷¹⁶ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 14 ago. 1901 a 24 ago. 1903*. Campinas, 6 fev. 1902, p. 41.

⁷¹⁷ CARTÓRIO DE COLLE SANNITA. Registro civil de nascimento de Nicola Finella e Teresa de Francesco. Borgo a Mozzano, 15 set. 1878. Disponível em: <https://www.antenati.san.beniculturali.it/ark:/12657/an_ud1856452/>. Acesso em: 2 set. 2022.

⁷¹⁸ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Apelação Crime, 1º Ofício, nº 6641*. Campinas, 1900, p. 5.

⁷¹⁹ CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DO 1º SUBSTRITTO DE CAMPINAS. *Registro civil de casamento de Antônio Finelli e Angelina Magurno*. Campinas, 1 jul. 1899.

empregados e patrões. É ilustrativo do quão temerário podia ser esse empreendedorismo carregado de informalização e conteúdos emocionais o conflito ocorrido entre Finelli e Magurno em janeiro de 1900. O calabrês acusara o genro de atacá-lo com tiros de revólver nos dias 21 e 22 do respectivo mês. Ao delegado, Magurno relatava que tudo começou quando Finelli lhe pediu “quatro ou cinco contos de réis para estabelecer-se por conta própria ou empregá-lo da forma que entendesse”.⁷²⁰ Diante da negativa, Finelli teria então disparado a arma dentro da funilaria, acertando um “baú que se achava na prateleira”.⁷²¹ No dia subsequente, o clima de tensão entre ambos repetia-se. Ao sair de casa para ir ao açougue, Magurno fora supostamente surpreendido por Finelli no meio da rua, o qual teria novamente desfechado um tiro na direção do sogro, fazendo com que este último procurasse abrigo no interior de uma padaria.⁷²²

Ainda que as minúcias do referido conflito não constituam o foco desta tese, é oportuno ponderar como “os inquéritos policiais geralmente servem melhor que os processos judiciais”.⁷²³ Nas palavras de Monsma,⁷²⁴ “os inquéritos são mais próximos do conflito no tempo, muitas vezes começando no mesmo dia ou no dia seguinte, e não sofrem a influência do promotor nem do advogado de defesa”.

Nessa fase, o amadorismo característico da justiça da época fica particularmente evidente [...], o que traz certas vantagens para a pesquisa. Embora os escrivães da polícia deformassem os sobrenomes de imigrantes e fossem pouco consistentes na coleta de dados sobre naturalidade, muitas vezes anotando apenas a nacionalidade, eles, mais que os escrivães do fórum, tendiam a reproduzir literalmente a linguagem dos depoentes, com gírias e xingamentos. Às vezes, esqueciam do formalismo legal e transcreviam grande parte do depoimento na primeira pessoa [...].⁷²⁵

Acusado por tentativa de homicídio, Finelli foi mantido em prisão preventiva até ser inocentado pela justiça em 14 de março de 1900, a qual acolheu a tese da defesa de que o jovem, insatisfeito por não ter recebido de Magurno o dote prometido após o casamento com Angelina, efetuou os disparos não para matar o sogro, mas sim para assustá-lo. De toda forma, é bem provável que a confusão desencadeada tenha estremecido o relacionamento entre ambos. Com o nascimento de Nicolino, seu primeiro filho com Angelina, Finelli arriscou-se no segmento de confecção e conserto de sapatos. Sua predileção, no entanto, era mesmo lidar com materiais como folha de flandres, lata, ferro e metal. Assim, Finelli não demorou a abrir

⁷²⁰ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Apelação Crime, 1º Ofício, nº 6641*. Campinas, 1900, p. 5.

⁷²¹ *Ibidem*.

⁷²² *Ibidem*, p. 19.

⁷²³ MONSMA, Karl. (2005). *Op. cit.*, p. 169.

⁷²⁴ *Idem*.

⁷²⁵ *Idem*.

sua própria funilaria, localizada em princípio na Rua General Osório (figura 69). Graças à experiência prévia acumulada na oficina de Magurno, Finelli especializara-se na instalação de calhas e encanamentos, atendendo clientes nas áreas urbana e rural. Paralelamente, sua esposa complementava o orçamento da família executando trabalhos de costura na própria residência, atividade que lhe permitia conciliar os encargos de mãe (o casal tivera seis filhos no total) e de dona de casa (figura 70).

Figura 69 - Rebido da primeira funilaria de Antônio Finelli, 1903



Fonte: Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo da Comarca de Campinas⁷²⁶

Figura 70 - Ateliê de costura de Angelina Finelli, 1915



Fonte: Commercio de Campinas⁷²⁷

⁷²⁶ TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO DA COMARCA DE CAMPINAS. *Ação ordinária, 3º Ofício, nº 1083*. Campinas, 1903, p. 3.

⁷²⁷ ATTELIER DE COSTURA DE MLLE. LINA FINELLI. *Commercio de Campinas*, Campinas, p. 4, 19 mar. 1915.

Encerrando o fio de análises relativas às trajetórias dos imigrantes italianos que constituíram o rol de presidentes do *Circolo* durante as quatro primeiras décadas de vida da instituição, cumpre mencionar o caldeireiro Francisco Tadini, proveniente de Lucca e sócio desde 6 de outubro de 1902.⁷²⁸ Casado na cidade de Campinas, em 9 de julho de 1897, aos 37 anos de idade, com a compatriota Giudita Graciano, à época com 26, oriunda da província de Avelino e mãe dos seus três filhos (Rafael, Antônio e Adelina), Tadini aproveitou a demanda da ferrovia por “um grande aparato em termos de construção e reparos mecânicos”⁷²⁹ e resolveu investir em uma caldeiraria na Avenida Campos Salles.⁷³⁰ Como bem observou Truzzi,⁷³¹ a estrada de ferro serviu, direta ou indiretamente, como um “passaporte” de ascensão social de muitos imigrantes.

O mérito desses indivíduos na consolidação de estabelecimentos comerciais e industriais em Campinas, bem como na constituição de um mercado de prestação de serviços urbanos é indubitável. Em diversos segmentos havia pelo menos um italiano ou algum descendente exercendo profissões amiúde trazidas da terra natal. E não raramente contavam com a colaboração, diligência e o dinamismo das esposas. Ainda que nem sempre explícito nos documentos escritos, o fato de os homens comumente executarem o trabalho anexo ao lar propiciava às mulheres engajar-se nos negócios, atuando como um elemento de estabilização e conservação “sem abdicar de seu papel de grande custódio da tradição doméstica”.⁷³² À exceção da parcela de presidentes do *Circolo* que já saíram da península naturalmente casados com compatriotas, esse habitual envolvimento das mulheres italianas com as atividades laborais, muitas vezes omitido ou silenciado pela literatura especializada na história social das migrações, talvez seja um dos fatores a explicar o predomínio da prática endogâmica também entre aqueles dirigentes que contraíram núpcias no país de destino. Conforme discutido no capítulo anterior, as próprias perspectivas de prosperar economicamente através do trabalho tendiam a estimular os *oriundi* a preferir o estabelecimento de enlaces com gente conhecida, de mesma origem e teoricamente dotada de predisposições similares. A tabela 14 apresenta sinteticamente as opções conjugais de todos os indivíduos que ocuparam o mais alto posto hierárquico do sodalício dado o recorte temporal aqui estipulado.

⁷²⁸ CIRCOLO ITALIANI UNITI. *Livro de Atas das Reuniões de Diretoria, 1º ago. 1901 a 24 ago. 1903*. Campinas, 16 out. 1902, p. 140.

⁷²⁹ CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981, p. 53.

⁷³⁰ OCTAVIO, Benedicto; MELILO, Vicente. (1911). *Op. cit.*, p. 174.

⁷³¹ TRUZZI, Oswaldo. (2007). *Op. cit.*, p. 134.

⁷³² *Ibidem*, p. 182.

Tabela 14 - Laços matrimoniais dos presidentes do *Circolo Italiani Uniti* (1881-1920)

Presidentes	Esposas	Nacionalidade
Ernesto Lancia	Antônia de Arruda Botelho	Brasileira
Emílio Giorgetti	Augusta Florence	Brasileira
Samuel Malfatti	Eleonora Elisabeth Krug	Norte-americana
Maurício Malfatti	Carlota Malfatti	Italiana
Horácio Scrosoppi	Adelaide Condé	Brasileira
Rocco de Marco	Theodora da Cruz	Brasileira
Enrico Bolongaro	-	-
Giuseppe Breviglieri	Teresa Nizzolli	Italiana
Pascoal Alberti	Luiza Romano (1ª)	Italiana
	Mariana Augusta (2ª)	Brasileira
Vincenzo de Lucca	Acácia Moreira	Brasileira
Giuseppe Grosso	Clotilde Augustinha Barraquet	Francesa
Vitor Zaccara	Ana Maria Zaccara	Italiana
Ângelo Franceschini	Teresa Gava	Italiana
	Ângela Grazia	Italiana
Domenico Barsotti	Elvira Massai	Italiana
Giovanni Moscardi	Rosina Scavelan	Italiana
Bellino Ongaro	Madalena Valier	Italiana
Enrico Fortini	Henriquetta Donatti	Italiana
Giuseppe Bottari	Rosa de Lima Monteiro (1ª)	Portuguesa
	Idalina Santos (2ª)	Portuguesa
Ântonio Finelli Magurno	Angelina Magurno	Italiana
Francesco Tadini	Giudita Graciano	Italiana
Irineu Checchia	Augusta Balzani	Italiana

Fonte: Elaborado pelo autor

Entre os presidentes que optaram por uniões exogâmicas, isto é, pelo relacionamento com parceiras de outras nacionalidades, reitera-se que alguns deles lograram, inclusive, inserções em parentelas reconhecidas e endinheiradas, as quais, evidentemente, não se enquadravam no rol de estereótipos negativos eventualmente mobilizados pelos italianos para se diferenciar dos demais brasileiros. O meio urbano, ao contrário da sociabilidade restrita das fazendas, oferecia um mercado matrimonial mais diverso que, ademais da capacidade de reforçar o prestígio do imigrante junto à colônia, podia também servir como trampolim na sociedade mais ampla, favorecendo até mesmo interlocuções com a camada dominante.

A análise sobre os perfis dos presidentes do *Circolo* apresentada ao longo deste capítulo constitui um meio não apenas para acercar-se de suas vivências individuais, mas, sobretudo, para captar a diversidade de trajetórias sociais que acabou influenciando no processo de institucionalização de uma elite italiana a nível local que se engajou previamente em uma luta político-simbólica pautada no forjamento de uma identidade étnica que se consorciava fundamentalmente com as experiências e os propósitos atinentes à sua posição singular no lugar de destino. Ao examinar detidamente a estrutura formal e o funcionamento da entidade em questão em sintonia com os contextos em que ela esteve inserida, foi possível observar que os imigrantes eleitos para o seu principal posto hierárquico, percebidos amiúde pelos pares como compatriotas bem-sucedidos, dotados de conhecimento e com capacidade de

transitar para além dos limites da colônia, eram justamente aqueles a quem os filiados mais delegavam poder para representar a agremiação e agir em prol da mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese de que o *Circolo Italiani Uniti*, a primeira associação italiana de mútuo socorro fundada em Campinas, nascera com uma feição já elitizada foi confirmada ao longo desses anos de pesquisa. Comerciantes, profissionais liberais, artífices e pequenos industriais originários da península foram se reconhecendo iterativamente como “semelhantes” e percebendo na medida em que despontavam perante o emergente cotidiano urbano que, caso estivessem articulados ao redor de uma instituição, poderiam acumular força para reivindicar ou viabilizar benefícios materiais e, principalmente, lutar por visibilidade e reconhecimento. Procedentes de um país cuja unidade havia sido recém-conquistada, portanto, onde o senso de nacionalidade era algo ainda difuso e fragmentário, comumente tensionado por ligações mais estreitas com as respectivas vilas, províncias ou regiões de origem, tais indivíduos dedicaram-se a manipular e conciliar memórias e interpretações acerca de uma pretensa italianidade a fim de delimitar as fronteiras do grupo e garantir a sua coesão. Logo, a conformação de uma elite étnica em torno do aludido sodalício foi um processo simultaneamente cognitivo, social e econômico.⁷³³ Uma vez incorporada a categoria “italianos” em meio ao *continuum* de relações estabelecidas com “nativos” e outros grupos imigrados, os peninsulares aqui discutidos passaram a organizar as referências e os fundamentos do *Circolo* a partir de um ponto de vista político. Os critérios de filiação, as representações alusivas à pátria-mãe, as datas celebradas, as personalidades cultuadas e os símbolos mobilizados eram definidos por uma fração específica de *oriundi* que usufruía de contatos com membros das elites locais e autoridades do governo da terra natal. Operava-se, assim, a construção de uma visão da italianidade que não contemplava a arraia-miúda da colônia, composta majoritariamente por trabalhadores rurais que sequer dispunham de recursos para arcar com as mensalidades e acessar os serviços ofertados pela mútua.

Ao contribuir com a reintegração do Brasil no circuito das trocas internacionais, seja por sua notável capacidade de produzir uma *commodity* tão valorizada como o café, seja pela estratégica localização como entreposto entre o interior, São Paulo e o porto de Santos, Campinas logrou catalisar uma hierarquia de proporção nacional. Favorecida, sobretudo, pela chegada das ferrovias, a “capital agrícola” da província consolidou-se como um verdadeiro

⁷³³ DI LEONARDO, Micaela. *The varieties of ethnic experience: kinship, class, and gender among California Italian-Americans*. Ithaca: Cornell University Press, 1999, p. 23.

polo regional, comunicando-se, inclusive, com municípios pertencentes à porção sul de Minas Gerais.⁷³⁴ Da mesma forma que careciam diretamente de mão-de-obra, as recentes estradas de ferro demandavam (e estimulavam) uma série de outras funções industriais, tais como fundições, serralherias, olarias, forjarias, serrarias, etc. Sem contar as crescentes demandas dos fazendeiros por maquinários e produtos que os auxiliassem em suas valiosas lavouras. Como se nota, a cidade já oferecia aos forasteiros um mercado consumidor em expansão e auspiciosas oportunidades profissionais antes mesmo dos inúmeros contratos de trabalho destinados a suprir as necessidades do meio rural a partir de fins dos anos de 1880. Isso conflui, pois, com o argumento sustentado nesta tese de que, ao contrário da generalidade dos municípios do interior paulista (São Carlos, Ribeirão Preto, Araraquara, entre outros), o mutualismo italiano em Campinas emergiu circunscrito a uma elite imigrante, isto é, sem atravessar uma etapa preliminar de prestação mais ampla de auxílios aos compatriotas. Os *oriundi* que deram origem ao *Circolo* radicaram-se ali em meados das décadas de 1860 e 1870. Trazendo habilidades adquiridas ainda no Velho Mundo ou simplesmente demonstrando uma sensibilidade empreendedora, valeram-se precocemente das novas lides urbanas que florescia na esteira de uma pujante economia cafeeira. As trajetórias dos fundadores e presidentes do sodalício aqui descritas indicam também que as cercanias da estação da Companhia Paulista, a exemplo das ruas 13 de Maio, General Osório e Dr. Costa Aguiar ou mesmo das avenidas Campos Salles e Francisco Glicério, transformaram-se em pontos de concentração de italianos. No comando de estabelecimentos situados nas imediações da linha férrea, anunciavam a execução de serviços especializados e vendiam suas mercadorias em meio à intensa circulação de passageiros, viajantes e populares, conheciam e tornavam-se íntimos dos fregueses, dentre os quais representantes das elites locais, além de conviver com patricios que provinham dos mais variados cantos da península.

Aliás, essa diversidade de procedências pautou diretamente a criação do *Circolo*. A designação *Italiani Uniti* testemunha uma instituição comprometida em acomodar indivíduos com origens regionais e credos ideológicos distintos. De toda maneira, um olhar mais atento e refinado sobre os perfis de integrantes da entidade aqui examinados, principalmente no que diz respeito aos presidentes, sugere uma proeminência de lucanos no meio urbano de Campinas. A região da Toscana e, de modo muito particular, a província de Lucca aparenta ter sido um núcleo importante no fornecimento de contingentes de italianos para a respectiva cidade. Afora as suas próprias proveniências, nota-se que alguns desses imigrantes, mesmo

⁷³⁴ ABRAHÃO, Eliane Morelli. *Morar e viver na cidade. Campinas (1850-1900) - mobiliário e utensílios domésticos*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 47.

quando já estabelecidos na sociedade de destino, optaram por se casar e/ou firmar laços profissionais com quem igualmente advinha de Lucca.

Na prática, a fim de garantir aderência e regularidade a uma associação de imigrantes cujos partícipes estavam implicados em um incipiente e embaralhado processo de transição de memórias e identidades várias para o compartilhamento de consciência de pertencimento a uma nação recém-unificada, seus condutores investiam em uma complexa rede de sociabilidades. Junto à solidariedade étnica e aos poucos subsídios remetidos pelo próprio governo da Itália, os principais projetos do grupo dependiam do reconhecimento ou até de contribuições das oligarquias que controlavam o poder na sociedade de destino. A sede, a escola e o hospital do sodalício foram também erigidos mediante interlocuções com elementos vinculados aos estratos mais privilegiados, ora conduzidas pelos presidentes que concentravam formalmente uma autoridade delegada pelo grupo, ora proporcionadas por filiados que, em função de um bom casamento, do sucesso econômico através do trabalho ou da posse de um diploma, reuniam individualmente condições de mobilizar as próprias redes em favor da coletividade.

Em última análise, a italianidade era interpretada e performada no bojo da agremiação na esteira dos alinhamentos de classe estabelecidos por seus dirigentes. Estes correspondiam a indivíduos que, majoritariamente e precocemente, se dispuseram a desbravar a vida no meio urbano campineiro, “em geral pelo motivo de já possuir algum trunfo ou experiência profissional”,⁷³⁵ que os levou a se destacar tanto no comércio e na indústria, como na prestação de serviços especializados. Sendo assim, a instituição funcionava como uma configuração social, isto é, como uma instância formal para a construção de relações singulares, negociação de interesses e obtenção de prestígio.

⁷³⁵ TRUZZI, Oswaldo. (2007). *Op. cit.*, p. 196.

FONTES

Livros

AMARAL, Joaquim Bonifácio. Introdução do trabalho livre em Campinas. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (org.). **Monografia histórica do município de Campinas**. Rio de Janeiro: IBGE, 1952.

AMARAL, Leopoldo. **A cidade de Campinas em 1901**. Campinas: Typographia da Casa Livro Azul, 1900.

_____. **Campinas Recordações**. São Paulo: Seção de obras do Estado de São Paulo, 1927.

BRITO, Jolumá. **História da cidade de Campinas**. v. 26. São Paulo: Indústria Gráfica Saraiva, 1969.

DUTRA, José Hypolito da Silva. **Almanach Popular para o anno de 1878**. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1877.

LADEIRA, Jorge M.; OCTAVIO, Benedicto. **Almanach de Campinas para 1908**. Campinas: Casa Mascotte, 1907.

LISBOA, José Maria. **Almanak de Campinas para 1871**. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1870.

_____. **Almanak de Campinas para 1872**. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1871.

_____. **Almanak de Campinas para 1873**. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1872.

MENDES, José de Castro. Retratos da Velha Campinas. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, v. 139, p. 117-279, abr./mai. 1951.

_____. **Efemérides Campineiras (1739-1960)**. Campinas: Editora Gráfica Palmeiras, 1963.

MONTE-NEGRO, João Elisário de Carvalho. **Opúsculo sobre a colônia Nova-Louzã, fundada por João Elisário de Carvalho Monte-Negro em 1867**. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1872.

_____. **Colônias Nova-Louzã e Nova Colombia**: relatório apresentado ao exmo. sr. dr. presidente da Província de São Paulo, em 6 de fevereiro de 1875. São Paulo: Typographia de São Paulo, 1875.

MOURA, Francisco Inácio Xavier de Assis. **Almanach Administrativo, Commercial e Industrial da Província de São Paulo para o ano bissexto de 1884**. São Paulo: Jorge Seckler & C., 1883.

OCTAVIO, Benedicto; MELILO, Vicente. **Almanach Histórico e Estatístico de Campinas (1912)**. Campinas: Casa Macotte, 1912, p. 182.

PASSOS, Benedito da Cruz. **Registro histórico da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência, 1873-1960**. Campinas: Saraiva, 1966.

_____. **Almanach da Província de São Paulo, Administrativo, Commercial e Industrial para 1887**. São Paulo: Jorge Seckler & Comp., 1886.

SECKLER, Jorge. **Almanach da Província de São Paulo, Administrativo, Commercial e Industrial para 1888**. São Paulo: Jorge Seckler & Comp., 1887.

VON TSCHUDI, João Tiago. **Viagens às Províncias do Rio de Janeiro e S. Paulo**. São Paulo: Livraria Martins, 1953.

Manuscritos

Apostilas escolares do *Circolo Italiani Uniti*. Hospital Vera Cruz Casa de Saúde Campinas.

Livros de atas. Câmara Municipal de Campinas.

Livros de atas do *Circolo Italiani Uniti*. Hospital Vera Cruz Casa de Saúde Campinas.

Livros de cartas do *Circolo Italiani Uniti*. Hospital Vera Cruz Casa de Saúde Campinas.

Livro de presença dos funerais de Rocco de Marco. Centro de Memória da Unicamp.

Processos judiciais e inquéritos. Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo da Comarca de Campinas.

Registro civil de casamento. Cartório de Borgo a Mozzano.

Registro civil de casamento. Cartório de Schivenoglia.

Registro civil de nascimento. Cartório de Bonemerse.

Registro civil de nascimento. Cartório de Colle Sannita.

Registro civil de nascimento. Cartório de Lanciano.

Registro civil de nascimento. Cartório de Toro.

Registros civis de casamento. Cartório de Registro Civil do 1º Subdistrito de Campinas.

Registro civil de nascimento. Cartório de Rivello.

Registros paroquiais de batismo. Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

Registros paroquiais de casamento. Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

Registros paroquiais de casamento. Paróquia da Santa Cruz.

Registro paroquial de casamento. Paróquia São Carlos Borromeu.

Registro civil de óbito. Cartório das Amoreiras.

Periódicos

A DIRECTORIA DO CIRCOLO ITALIANI UNITI AO PÚBLICO. **Diário de Campinas**, Campinas, 30 ago. 1885, p. 2-3.

ALOJAMENTO DE IMMIGRANTES EM CAMPINAS. **Revista de Engenharia**, Rio de Janeiro, s.d., p. 348.

- AO CHAPÉO VERMELHO. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 24 abr. 1873, p. 3.
- AO COMMERCIO. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 3 mai. 1891, p. 2.
- AO NOVO GANGANELLI: SALÃO DE BARBEIRO E CABELLEIREIRO. **Diário de Campinas**, Campinas, 29 ago. 1877, p. 3.
- ATELIER DE COSTURA DE MLE. LINA FINELLI. **Commercio de Campinas**, Campinas, 19 mar. 1915, p. 4.
- BRILHANTE VICTORIA DA LABORIOSA COLÔNIA ITALIANA. **Diário do Povo**, Campinas, 30 ago. 1920, p. 1.
- DR. ERNESTO LANCIA. **A Província de São Paulo**, São Paulo, 31 dez. 1880, p. 2.
- A PRAÇA. **Diário de Campinas**, Campinas, 5 mar. 1892, p. 3.
- A PRAÇA. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 25 jan. 1898, p. 2.
- A PRAÇA. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 8 jul. 1904, p. 3.
- AS CORRIDAS. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 20 ago. 1871, p. 1.
- ASSASSINATO CATTANI. **Correio Paulistano**, São Paulo, 11 ago. 1885, p. 2.
- ASSASSINATO DE UM MOÇO. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 4 ago. 1885, p. 1-2.
- A TUTTA LA COLONIA ITALIANA DI CAMPINAS. **Diário de Campinas**, Campinas, 2 nov. 1884, p. 3.
- AVVISO DI CONCORSO. **Diário de Campinas**, Campinas, 22 abr. 1886, p. 3.
- BANCO ITALIANO. **L'Unione**, Campinas, p. 5, 12 ago. 1894, p. 5.
- CAMPINAS. **A Província de São Paulo**, São Paulo, 24 out. 1883, p. 2.
- CAMPINAS. **Correio Paulistano**, São Paulo, 8 jul. 1888, p. 2.
- CAMPINAS. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 17 out. 1899, p. 1.
- CAMPINAS. **Fanfulla**, São Paulo, 21 nov. 1918, p. 3.
- CAMPINAS: ESAMI - LAVORO - OPERAZIONE CHIRURGICA - BALLO. **Fanfulla**, São Paulo, 13 jul. 1902, p. 1.
- CASA DO SOL. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 17 mar. 1872, p. 4.
- CAV. RICARDO BORGHETTI. **O Pharol**, Juiz de Fora, 22 abr. 1902, p. 1.
- CHEGADA. **Gazeta de Campinas**. Campinas, 17 mai. 1879, p. 2.

- CIRCOLO ITALIANI UNITI. **Diário de Campinas**, Campinas, 5 ago. 1881, p. 4.
- CIRCOLO ITALIANI UNITI. **Diário de Campinas**, Campinas, 12 ago. 1881, p. 3.
- CIRCOLO ITALIANI UNITI. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 24 jun. 1883, p. 2.
- CIRCOLO ITALIANI UNITI. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 3 set. 1884, p. 3.
- CIRCOLO ITALIANI UNITI. **Diário de Campinas**, Campinas, 6 set. 1884, p. 3.
- CIRCOLO ITALIANI UNITI. **Diário de Campinas**, Campinas, 4 abr. 1889, p. 3.
- CIRCOLO ITALIANI UNITI IN CAMPINAS. **Diário de Campinas**, Campinas, 10 mar. 1892, p. 3.
- CIRCOLO ITALIANI UNITI. **Cidade de Campinas**, Campinas, 30 mar. 1904, p. 3.
- COMICIO ITALIANO. **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 set. 1884, p. 2.
- COMPANHIA MELHORAMENTOS DE S. CARLOS DO PINHAL. **Correio Paulistano**, São Paulo, 31 mar. 1891, p. 2.
- CORRIDAS. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 31 ago. 1871, p. 1-2.
- COSE COLONIALI. **O Pharol**, Juiz de Fora, 25 ago. 1910, p. 1.
- DIÁRIO OFICIAL. **Contractos e subvenções**. 29 jul. 1894, p. 10939.
- _____. **Auxílios e subvenções**. 1 jan. 1920, p. 20.
- DR. ATALIBA FLORENCE. **Diário de Campinas**, Campinas, 6 dez. 1879, p. 4.
- DR. ERNESTO LANCIA. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 12 fev. 1878, p. 2.
- ECOS E FACTOS. **Diário de Campinas**, Campinas, 13 ago. 1885, p. 2.
- ELIHU ROOT. **Cidade de Campinas**, Campinas, 7 ago. 1906, p. 1.
- EMPRESA TELEPHONICA CAMPINEIRA: INAUGURAÇÃO DO ESCRITORIO CENTRAL. **Diário de Campinas**, Campinas, 4 abr. 1884, p. 3.
- EM CAMPINAS. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 20 nov. 1918, p. 4.
- EXÉQUIAS A VICTOR MANOEL. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 12 fev. 1878, p. 2.
- EXPEDIENTE. **Correio Paulistano**, São Paulo, 1 jul. 1892, p. 2.
- EXPEDIENTE DA PRESIDÊNCIA. **Correio Paulistano**, São Paulo, 29 dez. 1885, p. 1.
- FALLECIMENTOS. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 11 nov. 1918, p. 8.

- GRANDE NOVIDADE. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 1 abr. 1879, p. 3.
- HIPPODROMO CAMPINEIRO. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 1 out. 1878, p. 2.
- HOMENAGEM A GARIBALDI. **A Província de São Paulo**, São Paulo, 13 jul. 1882, p. 2.
- HOMMAGE À VICTOR HUGO. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 21 jun. 1885, p. 3.
- HORÁCIO SCROSOPPI. **Correio Paulistano**, São Paulo, 27 mar. 1928, p. 8.
- HUMBERTO I: HOMENAGENS DE HONTEM. **Diário de Campinas**, Campinas, 30 ago. 1900, p. 1.
- IMMIGRAÇÃO. **Diário de Campinas**, Campinas, 18 abr. 1885, p. 2.
- IMMIGRAÇÃO. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 30 jul. 1897, p. 1.
- INAUGURAÇÃO. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 6 abr. 1884, p. 2.
- INQUÉRITO POLICIAL. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 6 ago. 1885, p. 2.
- INSTITUTO SCROSOPPI. **Correio Paulistano**, São Paulo, 6 jun. 1906, p. 5.
- I SOLLENNI FUNERALI DEL DECANO DELLA COLONIA DI CAMPINAS ROCCO DI MARCO. **Fanfulla**, São Paulo, 1 jul. 1919, p. 4.
- ITALIA VICTOR MANUEL II. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 15 jan. 1878, p. 2.
- ITALIANA CONFEDERATA. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 7 jun. 1885, p. 1.
- ITATIBA. **A Província de São Paulo**, São Paulo, 10 dez. 1882, p. 1.
- JUNDIAHY. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 9 dez. 1895, p. 1.
- JUNDIAHY - AO COMMERCIO. **A Província de São Paulo**, São Paulo, 11 jul. 1883, p. 2.
- L'ENTUSIASMO PER LA SOTTOSCRIZIONE PRO PATRIA. **Fanfulla**, São Paulo, 31 mai. 1915, p. 2.
- L'ITALIA. **L'Italia**, Rio de Janeiro, 3-4 nov. 1886, p. 1.
- MANIFESTAÇÃO. **Diário de Campinas**, Campinas, 26 abr. 1881, p. 3.
- MANIFESTAÇÃO DOS ITALIANOS EM CAMPINAS. **Correio Paulistano**, São Paulo, 29 abr. 1881, p. 2.
- MÉDICO OPERADOR E PARTEIRO. **Diário de Campinas**, Campinas, 25 fev. 1896, p. 2.
- MOVIMENTO DO PORTO. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 jun. 1875, p. 1.

- NOTAS E INFORMAÇÕES. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 30 out. 1896, p. 1.
- NOTAS E INFORMAÇÕES. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 3 jul. 1904, p. 2.
- NOTAS QUOTIDIANAS. **Diário de Campinas**, Campinas, 2 abr. 1879, p. 1.
- NOVA ENFERMARIA. **Diário de Campinas**. Campinas, 5 abr. 1889, p. 1.
- NOVO MERCADO DE CAMPINAS. **Correio Paulistano**, São Paulo, 18 dez. 1886, p. 3.
- O DR. CLEMENTE DE TOFFOLI. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 16 out. 1894, p. 3.
- O RELATÓRIO. **Diário de Campinas**, Campinas, 20 jun. 1896, p. 1.
- O SR. LEON RODDE. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 24 ago. 1878, p. 2.
- O TELEPHONO: AO GRANDE MAGICO. **A Província de São Paulo**, São Paulo, 18 ago. 1878, p. 3.
- O TELEPHONO: AO GRANDE MAGICO. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 22 ago. 1878, p. 2.
- PASSAMENTO. **A Província de São Paulo**, São Paulo, p. 2, 17 jul. 1884, p. 2.
- PIRACICABA. **Correio Paulistano**, São Paulo, 10 jan. 1877, p.3.
- PROFESSOR. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 6 ago. 1874, p. 4.
- REUNIÃO DE ITALIANOS. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 19 jan. 1878, p. 2.
- ROCCO DI MARCO. **Fanfulla**, São Paulo, 30 jun. 1919, p. 4.
- ROQUE DE MARCO & COMP. **Cidade de Campinas**, Campinas, 6 mar. 1901, p. 3.
- SAUDADES: À memória de Victor Manoel. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 16 jan. 1878, p. 2.
- SOCIEDADE ITALIANA DE CANTO. **Diário de Campinas**, Campinas, 12 fev. 1880, p. 3.
- SOCIETÀ ITALIANA DI M. S. E BENEFICENZA UMBERTO I. **O Pharol**, Juiz de Fora, 9 mar. 1902, p. 2.
- SUBSCRIÇÃO PARA OS FUNERAES DO REI VICTOR MANOEL, AGENCIADA ENTRE OS ITALIANOS D'ESTA CIDADE. **Gazeta de Campinas**, Campinas, 17 jan. 1878, p. 2.
- SUICÍDIO DE UMA SENHORA. **Correio Paulistano**, São Paulo, 21 nov. 1920, p. 3.
- SUSSIDI MINISTERIALI ALLE SCUOLE ITALIANE. **Fanfulla**, São Paulo, 19 fev. 1904, p. 2.

THEATRO S. CARLOS. **Cidade de Campinas**, Campinas, 3 out. 1897, p. 3.

TOME NOTA. **Diário do Povo**, Campinas, 25 out. 1918, p. 1.

XX DE SETEMBRO. **Cidade de Campinas**, Campinas, 16 set. 1910, p. 1.

BIBLIOGRAFIA

ABRAHÃO, Eliane Morelli. **Morar e viver na cidade. Campinas (1850-1900) - mobiliário e utensílios domésticos.** São Paulo: Alameda, 2010.

ABRAHÃO, Fernando Antônio. **Padrões de riqueza e mobilidade social na economia cafeeira:** Campinas, 1870-1940. 2015. 234f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2015.

ALMEIDA, Mateus Fernandes de Oliveira. **Associativismo, proteção social e poder público no Segundo Reinado:** mutuais e beneficentes na pluralização do espaço público da corte (1860-1882). 2014. 341f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2014.

ALONSO, Ângela Maria. **Positivismo:** uso tópico, o projeto civilizatório de Luís Pereira Barreto. 1995. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1995.

ALVIM, Zuleika. **Brava gente! Os italianos em São Paulo, 1870-1920.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

AMOROSO, Maria Rita Silveira de Paula. **Arquitetura campestre na obra de Ramos de Azevedo. A arquitetura rural campineira:** a Fazenda São Vicente em Campinas. 2009. 295f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, PUC, Campinas, 2009.

ANGELINI, Sylvia. **Sob o céu da cidade sustentável:** formação e expansão do espaço urbano em Poços de Caldas. 2001. 331f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, USP, São Carlos, 2001.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ATIQUE, Fernando. **Arquitetando a “boa vizinhança”:** a sociedade urbana no Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945. 2007. 467f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 2007.

AVELLA, Aniello Angelo. Teresa Cristina Bourbon, uma imperatriz silenciada. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 20, 2010, Franca. **Anais...** Franca: Unesp, 2010, p. 1-14.

BAENINGER, Rosana. **Espaço e tempo em Campinas:** migrantes e expansão do polo industrial paulista. 1992. 214f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1992.

_____; BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. São Paulo: transição demográfica e migrações. In: ODALIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. (orgs.). **História do Estado de São Paulo:** a formação da unidade paulista. v. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BAILY, Samuel L. **Immigrants in the lands of promise:** Italians in Buenos Aires and New York City, 1870 to 1914. Ithaca: Cornell University Press, 1999.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFFENART, Jocelyne (orgs.). **Teorias da etnicidade**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. **São Paulo do passado: dados demográficos, 1872**. Campinas: NEPO, 1998.

_____. **São Paulo do passado: dados demográficos, 1890**. Campinas: NEPO, 1998.

_____. **São Paulo do passado: dados demográficos, 1920**. Campinas: NEPO, 1999.

_____; CUNHA, Maisa Faleiros. Um espaço, dois momentos epidêmicos: surtos de febre amarela (1896-1897) e de gripe (1918-1919) em Campinas, estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 36, p. 1-29, 2019.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. Memória que educa. Epidemias do final do século XIX e início do XX. **Educar**, Curitiba, n. 25, p. 75-89, 2005.

_____. Aprendendo com o passado. Campinas e a gripe de 1918. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. **Anais...** Londrina: Associação Nacional de História, 2005. p. 1-8.

BIONDI, Luigi. **Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: RICHARDSON, John G. (org.). **Handbook of theory and research for the Sociology of Education**. Westport: Greenwood, 1986.

_____. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. **Meditações pascalianas**. Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.

_____. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 5, p. 193-216, jan./jul. 2011

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 11 ed. Campinas: Papyrus, 2011.

BRANDES, Stanley. Peaceful protest: Spanish Political Humor in a Time of Crisis. **Western Folklore**, Berkeley, v. 36, n. 4, p. 331-346, 1977.

_____. Jewish-American Dialect Jokes and Jewish-American Identity. **Jewish Social Studies**, Bloomington, v. 45, n. 3/4, p. 233-240, 1983.

CAMILLO, Ema Elisabete Rodrigues. **Guia histórico da indústria nascente em Campinas (1850-1887)**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 50-51.

CAMPOS, Eudes. **Arquitetura paulistana sob o Império**: aspectos da formação da cultura burguesa em São Paulo. 1997. 814f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 1997.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**: andiamo in Merica. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2011.

CERVO, Amado Luiz. **As relações históricas entre o Brasil e a Itália**: o papel da diplomacia. Brasília: Editora UnB, 1992.

CHARLE, Christophe. **Homo historicus**: reflexões sobre a história, os historiadores e as ciências sociais. Tradução de Ângela Xavier de Brito. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Rio de Janeiro: FGV, 2018.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 7-30, 2010.

CODATO, Adriano. Metodologias para a identificação de elites: três exemplos clássicos. In: PERISSINOTTO, Renato; CODATO, Adriano (orgs.). **Como estudar elites**. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

COHN, Gabriel. **Crítica e resignação**: fundamentos da sociologia de Max Weber. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, p. 47.

_____. As diferenças finas: de Simmel a Luhmann. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 1-10, 1998.

CONCEIÇÃO, Carla Fernandes da. **A Società Dante Alighieri**: um estudo de caso sobre o associativismo étnico italiano em São Carlos/SP – 1902 a 1938. 2020. 261f. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia, UFSCar, São Carlos, 2020.

CORBIN, Alain. **Saberes e odores**: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DAVATZ, Thomas. **Memórias de um colono no Brasil (1850)**. São Paulo: Livraria Martins, 1941.

DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo**. São Paulo: DIFEL, 1971.

_____. **Rio Claro**: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DI GIANNI, Tercio. **Italianos em Franca**. Franca: Editora Unesp, 1997.

DI LEONARDO, Micaela. **The varieties of ethnic experience: kinship, class, and gender among California Italian-Americans**. Ithaca: Cornell University Press, 1999.

DULCI, Tereza Maria Spyer. **As Conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889 a 1928)**. 2008. 133f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Da divisão do trabalho social**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUTRA, José Hypolito da Silva. **Almanach Popular para o ano de 1878**. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1877.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FAUSTO, Boris. Imigração e participação política na Primeira República. In: Encontro da ANPOCS, 17, 1993, Caxambu. **Anais...** Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1993. p. 1-22.

FONSECA, Vitor Manoel Marques. **No gozo dos direitos civis: associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

FRANCISCO, Rita de Cássia. **Costrutores anônimos em Campinas (1892-1933): fortuna crítica de suas obras na historiografia e nas políticas de preservação da cidade**. 2013. 181f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo.

FREHSE, Fraya. **Ô da rua!:** o transeunte e o advento da modernidade em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2011.

FREITAS, Sônia Maria de. **Presença portuguesa em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

FURLANETTO, Patrícia Gomes. **O associativismo como estratégia de inserção social: as práticas sócio-culturais do mutualismo imigrante italiano em Ribeirão Preto (1895-1920)**. 2007. 305f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2007.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GABACCIA, Donna R. **Italy's many diásporas**. Seattle: University of Washington Press, 2000.

GALDINO, Antonio Carlos. **Campinas, uma cidade republicana: política e eleições no Oeste Paulista (1870-1889)**. 2006. 335f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2006.

GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol 1895-1916**. São Paulo: SESI-SP, 2015.

GONÇALVES, Marcos Augusto. **1922: A semana que não terminou**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Michael. Trabalhadores imigrantes. **Revista Trabalhadores**, Campinas, n. 3, Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, 1989, p. 5.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A Editora, 2006.

HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: HEINZ, Flávio M. (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios, 1875-1914**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **J. A era do capital, 1848-1875**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LADEIRA, Jorge M.; OCTAVIO, Benedicto. **Almanach de Campinas para 1908**. Campinas: Casa Mascotte, 1907.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A cidade: os cantos e os antros, Campinas 1850-1900**. São Paulo: Edusp, 1996.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne**. Paris: L'Arche, 1981.

_____. **La presencia y la ausência: contribución a la teoria de las representaciones**. Cidade do México: Fondo de Cultura Econômica, 1983.

LEMOES, Carlos A. C. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo: Pini, 1993.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LIEBEL, Vinícius. **Os alemães**. São Paulo: Contexto, 2018.

LISBOA, José Maria. **Almanak de Campinas para 1871**. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1870.

LUSTOSA, Marcelo Florence. Hercule Florence. Um francês no Brasil. **Revista da ABRASP**, Belo Horizonte, 15, p. 9-48, 2009.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2014.

MARQUESE, Rafael de Bivar. Exílio escravista: Hercule Florence e as fronteiras do açúcar e do café no Oeste paulista (1860-1879). **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 11-51, mai./aug. 2016.

MARTINS, Antonio Marco Ventura. **Escravidão e Estado: entre princípios e necessidades, São Paulo (1835-1871)**. 2019. 282f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, UNESP, Franca, 2019.

MARTINS, Joana. A emigração do Norte de Portugal para o Brasil. In: ARRUDA, José Jobson de Andrade. et al. (orgs.). **De colonos a imigrantes: i(e)migração para o Brasil**. São Paulo: Alameda, 2013.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história da modernidade anômala**. São Paulo: Contexto, 2020.

MATOS, Maria Izilda Santos de; TRUZZI, Oswaldo; CONCEIÇÃO, Carla Fernandes. Experiências e cotidiano de mulheres imigrantes no interior paulista (1880-1950). In: TRUZZI, Oswaldo. (org.). **Migrações internacionais no interior paulista: contextos, trajetórias e associativismo**. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

MELO, Victor Andrade de Melo. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MENDONÇA, Thaís Carneiro de. **Técnica e construção em Ramos de Azevedo – a construção civil em Campinas**. 281f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos, USP, São Carlos, 2010.

MENEZES, Lená Medeiros de; MATOS, Maria Izilda Santos de. **Gênero e imigração: mulheres portuguesas em foco (Rio de Janeiro e São Paulo - XIX e XX)**. São Paulo: e-Manuscrito, 2017, posição 106-120.

MINA, Renan Vidal; LIMA, José Rodolfo Tenório. A “cordialidade” do povo brasileiro frente à imigração de venezuelanos em Roraima: uma discussão sobre a xenofobia. **Revista del CESLA**, Varsóvia, v. 22, p. 327-346, 2018.

MONSMA, Karl. Histórias de violência: inquéritos policiais e processos criminais como fontes para o estudo de relação interétnicas. In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TRUZZI,

Oswaldo. (orgs.). **Estudos migratórios: perspectivas metodológicas**. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

_____. Identidades, desigualdade e conflito: imigrantes e negros em um município do interior paulista, 1888-1914. Notas de pesquisa. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 1, p. 111-116, jan./abr. 2007.

_____. **A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914**. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

_____. **Colônias Nova-Louzã e Nova Colômbia: relatório apresentado ao exmo. sr. dr. presidente da Província de São Paulo, em 6 de fevereiro de 1875**. São Paulo: Typographia de São Paulo, 1875.

MONTENEGRO, Nara Romero; SOARES, Carmen Lúcia. Corridas de cavalos em Campinas: das ruas e dos quilombos ao hipódromo (1870-1898). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 424, abr./jun. 2018.

MOREIRA, Kênia Hilda. História do Brasil para o ensino secundário: legislação e programas (1889-1950). **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 8, n. 23, 2017, p. 107-133.

MOYA, José. Migração e formação histórica da América Latina em perspectiva global. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 20, n. 49, p. 24-68, 2005.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 1-22, jul./dez. 1993.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. **Impasses no novo mundo: imigrantes italianos na conquista de um espaço social na cidade de Jaú (1870-1914)**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade: a França no século XIX**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: jogos de poder no Médio Vale do Itajaí-Açu e no sul de Santa Catarina**. 2005. 270f. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2005.

_____. Escolas étnicas italianas no sul do Brasil: entre tensões e conciliações. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Nacional de História, 2011. p. 1-17.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

PRADO, Eliane Mimesse. Acondicionamento das escolas de primeiras letras paulistas no período que compreende os anos de 1877 e 1910. In: **História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras**. LUCHESE, Terciane Ângela (org.). Caxias do Sul: Educus, 2014.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Escolas de samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 1, p. 7-35, 1986.

RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula. (org.). **História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954**. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. A educação das mulheres no século XIX: o colégio de Carolina e Hércules Florence de Campinas (1863-1889). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, p. 1-24, 2006.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **História sem fim: um inventário da saúde pública, São Paulo (1880 - 1930)**. 1991. 406f. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia, Unicamp, Campinas, 1991.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado; BONI, Marcela. **Pontes da memória: história da nossa gente**. São Paulo: Museu Histórico e Cultural de Jundiaí, 2013.

ROCHA, Leila Alves. **Caridade e poder: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Campinas (1871-1889)**. 2005. 162f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Economia, Unicamp, Campinas, 2005.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. Os médicos italianos em São Paulo (1890-1930) - um projeto de ascensão social. **Revista Brasileira de Estudos da População**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 43-65, 1996.

_____. **Médicos italianos em São Paulo (1890-1930): um projeto de ascensão social**. São Paulo: Editora Sumaré, 1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro; NOVAES, José Nogueira. **A febre amarela em Campinas, 1889-1900**. Campinas: CMU/Unicamp, 1996.

SAYAD, Abdelmalek. **The suffering of the immigrant**. Cambridge: Polity Press, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A insurreição do uso. In: MARTINS, José de Souza. (org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SEGAWA, Hugo. Arquiteturas de hospedarias de imigrantes. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v. 30, 1989, p. 31.

SEMEGHINI, Ulysses Cidade. **Do café à indústria: uma cidade e seu tempo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SEYFERTH, Giralda. Socialização e etnicidade: a questão escolar teuto-brasileira (1850-1937), **Mana**, v. 23, n. 3, p. 579-607, 2017.

SILVA, Jeane Medeiros. **A bibliografia didática de Geografia: história e pensamento do ensino geográfico no Brasil (1814-1930)**. 2012. 413f. Tese (Doutorado) – Instituto de Geografia, UFU, Uberlândia, 2012.

SIMMEL, Georg. **Filosofia del dinero**. Berlin: Duncker & Humblot, 1958.

_____. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. (org.). **O fenômeno urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

_____. A determinação quantitativa dos grupos sociais. In: FILHO, Evaristo de Moraes Filho. (org.). **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. O estrangeiro. In: FILHO, Evaristo de Moraes Filho. (org.). **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. O problema da sociologia. In: FILHO, Evaristo de Moraes Filho. (org.). **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. La trascendencia de la vida. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, Madri, v. 89, p. 297-313, 2000.

_____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **Sociología: estudios sobre las formas de socialización**. Cidade do México: FCE, 2014.

SOARES, Maria Angélica Lau Pereira. **Visão da modernidade: a presença britânica no gabinete de leitura (1837-1838)**. 2006. 208f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2006.

SOUZA, Jessé. A crítica do mundo moderno em Georg Simmel. In: SOUZA, Jessé; OELZE, Berthold. (orgs.). **Simmel e a modernidade**. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2005.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Metrópole e paisagem: caminhos e descaminhos da urbanização. In: PORTA, Paula. (org.). **História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954**. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

TARRIUS, Alain. Territoires circulatoires et espaces urbains: différenciation des groupes migrants. **Les Annales de la Recherche Urbaine**, Paris, n. 59-60, 1996.

TEIXEIRA, Mariana Eliane. Literatura e nacionalismo italiano nas escolas de imigrantes em Juiz de Fora-MG. In: Semana da História da UNESP, 21, 2017, Franca, **Anais...** Franca: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2017. p. 233-250.

TEIXEIRA-PETRATTI, Palmira. Trilhos e sonhos: o desenho do interior paulista. In: ODALIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. (orgs.). **História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista**. v. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

TEIXEIRA, Paulo Eduardo. Hospedaria de Imigrantes de Campinas: descontinuidade de um projeto na transição do Império para a República. In: TRUZZI, Oswaldo. (org.). **Migrações internacionais no interior paulista: contextos, trajetórias e associativismo**. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

TEIXEIRA, Rosane Siqueira. **Associações italianas no interior paulista num espaço partilhado. Nacionalismo e identidade sob a perspectiva da história local**. 2011. 266f. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia, UFSCar, São Carlos, 2011.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

_____. Le associazioni italiane a Sao Paulo, 1878-1960. In: DEVOTO, Fernando; MIGUEZ, Eduardo. (orgs.). **Asociacionismo, trabajo e identidade étnica: los italianos en América Latina en una perspectiva comparada**. Buenos Aires: CEMLA-CSER-IEHS, 1992.

_____. A Itália em guerra: coletividade imigrada e o Fanfulla de São Paulo durante o primeiro conflito mundial. **Escritos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 9, 2015.

TRUZZI, Oswaldo. **Café e indústria: São Carlos, 1850-1950**. 3. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

_____. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

_____. **Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

_____; Volante, João Pedro. Percursos migratórios intergeracionais e dinâmicas de implantação de imigrantes estrangeiros no Oeste Paulista (1880-1950). In: TRUZZI,

Oswaldo. (org.). **Migrações internacionais no interior paulista**: contextos, trajetórias e associativismo. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

VANDENBERGHE, Frédéric. **As sociologias de Georg Simmel**. Bauru: Edusc, 2005.

VIGARELLO, Georges. O tempo do desporto. In: CORBIN, Alain (org.). **História dos tempos livres**: o advento do lazer. Lisboa: Teorema, 1995.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. v. 1. 4. ed. Brasília: Editora UnB, 2015.

WEIRD, Elisabeth von der. **O bonde como elemento de expansão urbana no Rio de Janeiro**. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro. s.d. Disponível em: <<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/890/1/WEID%2c%20E.%20-%20O%20bonde%20como%20elemento%20de%20expans%3a3o%20urbana.pdf>>. Acesso em 5 mai. 2020.

ZALUAR, Augusto Emílio. **Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)**. São Paulo: Livraria Martins, 1976.